

Coleção Práticas Pedagógicas

organizadoras

Márcia Ambrósio

Viviane Raposo Pimenta

coordenadora

Márcia Ambrósio

Escre (vidas) docentes

as rochas do conhecimento



Universidade Federal
de Ouro Preto



DEETE
Departamento de
Educação e Tecnologias



PREFEITURA MUNICIPAL DE
SANTA CRUZ DO ESCALVADO
"RETOMANDO O PROGRESSO"
1964-2014



pimenta
cultural

Coleção Práticas Pedagógicas

organizadoras

Márcia Ambrósio

Viviane Raposo Pimenta

coordenadora

Márcia Ambrósio

Escre (vidas) docentes

as rochas do conhecimento



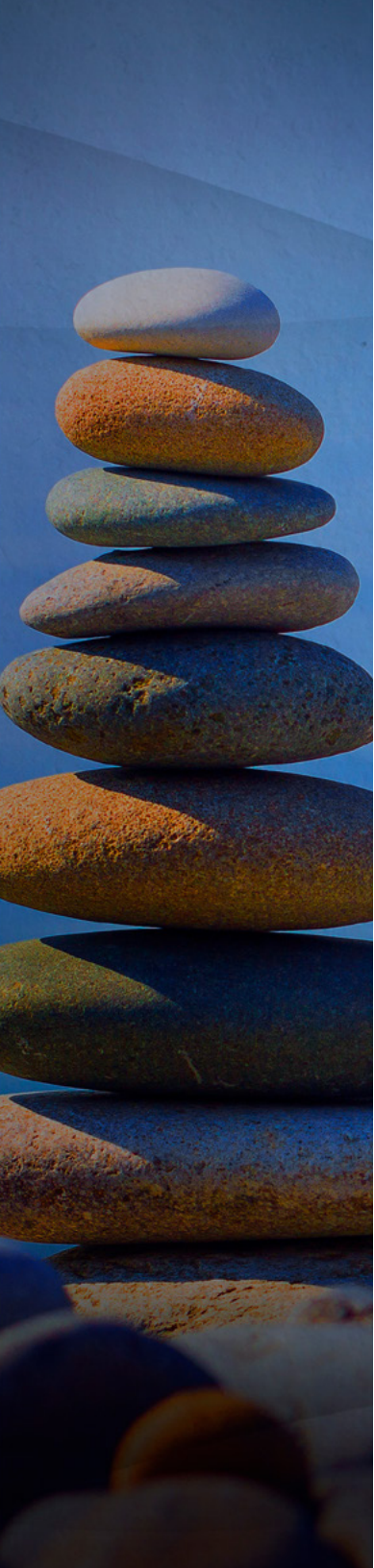
Universidade Federal
de Ouro Preto



DEETE
Departamento de
Educação e Tecnologias



2023
São Paulo



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

ES74

Escre(vidas) docentes: as rochas do conhecimento/ Organizadoras Márcia Ambrósio, Viviane Raposo Pimenta. Coordenadora: Márcia Ambrósio. – São Paulo: Pimenta Cultural, 2023.

Livro em PDF

ISBN 978-65-5939-729-7

DOI 10.31560/pimentacultural/2023.97297

1. Educação. 2. Práticas pedagógicas. 3. Narrativas docentes.
4. Memorial docente. I. Ambrósio, Márcia (Organizadora).
II. Pimenta, Viviane Raposo (Organizadora). III. Título.

CDD 370

Índice para catálogo sistemático:

I. Educação.

Jéssica Oliveira – Bibliotecária – CRB-034/2023

ISBN da versão brochura: 978-65-5939-682-5

Copyright © Pimenta Cultural, alguns direitos reservados.

Copyright do texto © 2023 os autores e as autoras.

Copyright da edição © 2023 Pimenta Cultural.

Esta obra é licenciada por uma Licença Creative Commons: Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional - (CC BY-NC-ND 4.0). Os termos desta licença estão disponíveis em: <<https://creativecommons.org/licenses/>>. Direitos para esta edição cedidos à Pimenta Cultural. O conteúdo publicado não representa a posição oficial da Pimenta Cultural.

Direção editorial	Patricia Bieging Raul Inácio Busarello
Editora executiva	Patricia Bieging
Coordenadora editorial	Landressa Rita Schiefelbein
Diretor de criação	Raul Inácio Busarello
Assistente de arte	Naiara Von Groll
Editoração eletrônica	Peter Valmorbida Potira Manoela de Moraes
Bibliotecária	Jéssica Castro Alves de Oliveira
Imagens da capa	Evanezhina, Kues1, Freepik - Freepik.com
Tipografias	Swiss 721, Hustle Bright, Bebas Neue Pro
Revisão	Jacqueline Diniz Oliveira Souki
Organizadoras	Márcia Ambrósio Viviane Raposo Pimenta

PIMENTA CULTURAL
São Paulo · SP
Telefone: +55 (11) 96766 2200
livro@pimentacultural.com
www.pimentacultural.com

 **pimenta
cultural**
2 0 2 3

CONSELHO EDITORIAL CIENTÍFICO

Doutores e Doutoradas

Adilson Cristiano Habowski
Universidade La Salle, Brasil

Adriana Flávia Neu
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Adriana Regina Vettorazzi Schmitt
Instituto Federal de Santa Catarina, Brasil

Aguimario Pimentel Silva
Instituto Federal de Alagoas, Brasil

Alaim Passos Bispo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Alaim Souza Neto
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Alessandra Knoll
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Alessandra Regina Müller Germani
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Aline Corso
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Aline Wendpap Nunes de Siqueira
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Ana Rosângela Colares Lavand
Universidade Federal do Pará, Brasil

André Gobbo
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Andressa Wiebusch
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Andreza Regina Lopes da Silva
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Angela Maria Farah
Universidade de São Paulo, Brasil

Anísio Batista Pereira
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Antonio Edson Alves da Silva
Universidade Estadual do Ceará, Brasil

Antonio Henrique Coutelo de Moraes
Universidade Federal de Rondonópolis, Brasil

Arthur Vianna Ferreira
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Ary Albuquerque Cavalcanti Junior
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Asterlindo Bandeira de Oliveira Júnior
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Bárbara Amaral da Silva
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Bernadette Beber
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Bruna Carolina de Lima Siqueira dos Santos
Universidade do Vale do Itajaí, Brasil

Bruno Rafael Silva Nogueira Barbosa
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Caio Cesar Portella Santos
Instituto Municipal de Ensino Superior de São Manuel, Brasil

Carla Wanessa do Amaral Caffagni
Universidade de São Paulo, Brasil

Carlos Adriano Martins
Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil

Carlos Jordan Lapa Alves
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Caroline Chioquetta Lorenset
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Cássio Michel dos Santos Camargo
Universidade Federal do Rio Grande do Sul-Faced, Brasil

Christiano Martino Otero Avila
Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Cláudia Samuel Kessler
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Cristiana Barcelos da Silva
Universidade do Estado de Minas Gerais, Brasil

Cristiane Silva Fontes
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Daniela Susana Segre Guertzenstein
Universidade de São Paulo, Brasil

Daniele Cristine Rodrigues
Universidade de São Paulo, Brasil

Dayse Centurion da Silva
Universidade Anhanguera, Brasil

Dayse Sampaio Lopes Borges
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Diego Pizarro
Instituto Federal de Brasília, Brasil

- Dorama de Miranda Carvalho
Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil
- Edson da Silva
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Brasil
- Elena Maria Mallmann
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil
- Eleonora das Neves Simões
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil
- Eliane Silva Souza
Universidade do Estado da Bahia, Brasil
- Elvira Rodrigues de Santana
Universidade Federal da Bahia, Brasil
- Éverly Pegoraro
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
- Fábio Santos de Andrade
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil
- Fabírcia Lopes Pinheiro
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
- Felipe Henrique Monteiro Oliveira
Universidade Federal da Bahia, Brasil
- Fernando Vieira da Cruz
Universidade Estadual de Campinas, Brasil
- Gabriella Eldereti Machado
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil
- Germano Ehler Pollnow
Universidade Federal de Pelotas, Brasil
- Geymeesson Brito da Silva
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil
- Giovanna Ofretorio de Oliveira Martin Franchi
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
- Handherson Leylton Costa Damasceno
Universidade Federal da Bahia, Brasil
- Hebert Elias Lobo Sosa
Universidad de Los Andes, Venezuela
- Helciclever Barros da Silva Sales
Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, Brasil
- Helena Azevedo Paulo de Almeida
Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil
- Hendy Barbosa Santos
Faculdade de Artes do Paraná, Brasil
- Humberto Costa
Universidade Federal do Paraná, Brasil
- Igor Alexandre Barcelos Graciano Borges
Universidade de Brasília, Brasil
- Inara Antunes Vieira Willerding
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil
- Ivan Farias Barreto
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil
- Jaziel Vasconcelos Dorneles
Universidade de Coimbra, Portugal
- Jean Carlos Gonçalves
Universidade Federal do Paraná, Brasil
- Jocimara Rodrigues de Sousa
Universidade de São Paulo, Brasil
- Joelson Alves Onofre
Universidade Estadual de Santa Cruz, Brasil
- Jónata Ferreira de Moura
Universidade São Francisco, Brasil
- Jorge Eschriqui Vieira Pinto
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil
- Jorge Luís de Oliveira Pinto Filho
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil
- Juliana de Oliveira Vicentini
Universidade de São Paulo, Brasil
- Julierme Sebastião Moraes Souza
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil
- Junior César Ferreira de Castro
Universidade de Brasília, Brasil
- Katia Bruginski Mulik
Universidade de São Paulo, Brasil
- Laionel Vieira da Silva
Universidade Federal da Paraíba, Brasil
- Leonardo Pinheiro Mozdzenski
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil
- Lucila Romano Tragtenberg
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil
- Lucimara Rett
Universidade Metodista de São Paulo, Brasil
- Manoel Augusto Polastreli Barbosa
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil
- Marcelo Nicomedes dos Reis Silva Filho
Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil
- Marcio Bernardino Sirino
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
- Marcos Pereira dos Santos
Universidad Internacional Iberoamericana del Mexico, México



Marcos Uzel Pereira da Silva
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Maria Aparecida da Silva Santandel
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Maria Cristina Giorgi
Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, Brasil

Maria Edith Maroca de Avelar
Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Marina Bezerra da Silva
Instituto Federal do Piauí, Brasil

Michele Marcelo Silva Bortolai
Universidade de São Paulo, Brasil

Mônica Tavares Orsini
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Nara Oliveira Salles
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Neli Maria Mengalli
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Patricia Biegging
Universidade de São Paulo, Brasil

Patricia Flavia Mota
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Raul Inácio Busarello
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Raymundo Carlos Machado Ferreira Filho
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Roberta Rodrigues Ponciano
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Robson Teles Gomes
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Rodiney Marcelo Braga dos Santos
Universidade Federal de Roraima, Brasil

Rodrigo Amancio de Assis
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Rodrigo Sarruge Molina
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Rogério Rauber
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Rosane de Fatima Antunes Obregon
Universidade Federal do Maranhão, Brasil

Samuel André Pompeo
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Sebastião Silva Soares
Universidade Federal do Tocantins, Brasil

Silmar José Spinardi Franchi
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Simone Alves de Carvalho
Universidade de São Paulo, Brasil

Simoni Urnau Bonfiglio
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Stela Maris Vaucher Farias
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Tadeu João Ribeiro Baptista
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno
Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Taíza da Silva Gama
Universidade de São Paulo, Brasil

Tania Micheline Miorando
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Tarcísio Vanzin
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Tascieli Feltrin
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Tayson Ribeiro Teles
Universidade Federal do Acre, Brasil

Thiago Barbosa Soares
Universidade Federal de São Carlos, Brasil

Thiago Camargo Iwamoto
Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Brasil

Thiago Medeiros Barros
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Tiago Mendes de Oliveira
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Brasil

Vanessa Elisabete Raue Rodrigues
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Vania Ribas Ulbricht
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Wellington Furtado Ramos
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Wellton da Silva de Fatima
Instituto Federal de Alagoas, Brasil

Yan Masetto Nicolai
Universidade Federal de São Carlos, Brasil

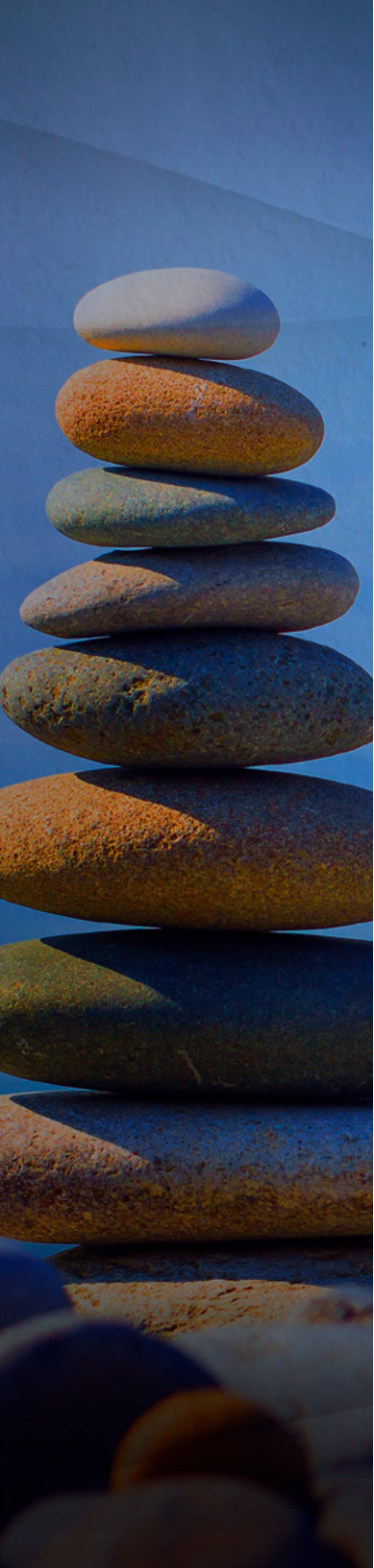
PARECERISTAS E REVISORES(AS) POR PARES

Avaliadores e avaliadoras Ad-Hoc

Alessandra Figueiró Thornton <i>Universidade Luterana do Brasil, Brasil</i>	Jacqueline de Castro Rimá <i>Universidade Federal da Paraíba, Brasil</i>
Alexandre João Appio <i>Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil</i>	Lucimar Romeu Fernandes <i>Instituto Politécnico de Bragança, Brasil</i>
Bianka de Abreu Severo <i>Universidade Federal de Santa Maria, Brasil</i>	Marcos de Souza Machado <i>Universidade Federal da Bahia, Brasil</i>
Carlos Eduardo Damian Leite <i>Universidade de São Paulo, Brasil</i>	Michele de Oliveira Sampaio <i>Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil</i>
Catarina Prestes de Carvalho <i>Instituto Federal Sul-Rio-Grandense, Brasil</i>	Pedro Augusto Paula do Carmo <i>Universidade Paulista, Brasil</i>
Elisiene Borges Leal <i>Universidade Federal do Piauí, Brasil</i>	Samara Castro da Silva <i>Universidade de Caxias do Sul, Brasil</i>
Elizabeth de Paula Pacheco <i>Universidade Federal de Uberlândia, Brasil</i>	Thais Karina Souza do Nascimento <i>Instituto de Ciências das Artes, Brasil</i>
Elton Simomukay <i>Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil</i>	Viviane Gil da Silva Oliveira <i>Universidade Federal do Amazonas, Brasil</i>
Francisco Geová Goveia Silva Júnior <i>Universidade Potiguar, Brasil</i>	Weyber Rodrigues de Souza <i>Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Brasil</i>
Indiamaris Pereira <i>Universidade do Vale do Itajaí, Brasil</i>	William Roslindo Paranhos <i>Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil</i>

PARECER E REVISÃO POR PARES

Os textos que compõem esta obra foram submetidos para avaliação do Conselho Editorial da Pimenta Cultural, bem como revisados por pares, sendo indicados para a publicação.



INFORMAÇÕES SOBRE O CONVÊNIO

Contrato de prestação de serviços educacionais técnicos especializados de nº 4600003290, celebrado entre a Samarco Mineração S.A., a Universidade Federal de Ouro Preto, a Fundação Gorceix e os Municípios de Rio Doce (MG) e Santa Cruz do Escalvado (MG), processo SEI/UFOP nº 23109.003913/2020-27, publicado no Diário Oficial do Município, no dia 27 de janeiro de 2022.

Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP)
Centro de Educação Aberta e a Distância (CEAD)
Departamento de Educação e Tecnologias (DEETE)
Curso de Especialização em Práticas Pedagógicas
Financiamento: Mineradora Samarco S.A.
Gestão Financeira: Fundação Gorceix

Reitora:

Profa. Dra. Cláudia Aparecida Marliére de Lima

Vice-reitor:

Prof. Dr. Hermínio Arias Nalini Júnior

Pró-reitora de Pesquisa, Pós-graduação e Inovação:

Profa. Dra. Renata Guerra de Sá Cota

Pró-reitor Adjunto de Pesquisa e Pós-Graduação:

Prof. Dr. Thiago Cazati

Diretora do CEAD:

Profa. Dra. Kátia Gardênia Henrique da Rocha

Vice-direção do CEAD:

Prof. Dr. Luciano Batista de Oliveira

Coordenação da UAB:

Profa. Dra. Kátia Gardênia Henrique da Rocha

Chefe do Departamento de Educação e Tecnologias:

Profa. Dra. Cláudia Raquel Martins Corrêa

Coordenação do Curso de Especialização em Práticas Pedagógicas:

Profa. Dra. Márcia Ambrósio

Coordenação de tutores(as):

Profa. Dra. Viviane Raposo Pimenta

CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

Coordenação geral

Márcia Ambrósio Rodrigues Rezende
(Presidente do Colegiado e Coordenadora do Curso)

Viviane Raposo Pimenta
(Coordenação da Tutoria)

Equipe polidocente – Docentes

Profa. Dra. Márcia Ambrósio Rodrigues Rezende - Tendências da Pesquisa em Educação
Prof. Dr. Adriano Lopes da Gama Cerqueira - Sociologia e Cotidiano Escolar
Profa. Dra. Janete Flor de Maio Fonseca - História e Historiografia da Educação
Prof. Dr. Adilson Pereira dos Santos - Práticas Educativas e Inclusão Escolar
Profa. Dra. Inajara de Salles Viana Neves - Organização do Trabalho Escolar
Profa. Dra. Márcia Ambrósio - Profissão e Formação Docente
Prof. Dr. Hércules Tolêdo Corrêa - Letramento Acadêmico
Profa. Dra. Gláucia Maria dos Santos Jorge e Profa. Dra. Viviane Raposo – Seminário de Pesquisa

Tutores(as)

Profa. Dra. Angelita Aparecida Azevedo Freitas
Prof. Dr. Clayton Jose Ferreira
Profa. Dra. Fernanda Mara Fonseca da Silva
Profa. Dra. Helena Azevedo Paulo de Almeida
Profa. Karla Daniely Marques Raimundo
Profa. Ma. Vivian Walter dos Reis

Equipe Técnica e Administrativa

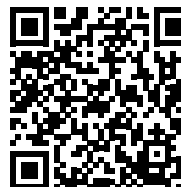
Gilberto Correa Mota - Suporte tecnológico - vídeo e webconferência
Roger Davison Bonoto - Suporte tecnológico - vídeo e webconferência
Guilherme José Anselmo Moreira - Suporte tecnológico/informático e ambiente Moodle
Meire de Castro - Suporte tecnológico/informático e ambiente Moodle
Luciana Regina Pereira de Souza Alves –Secretária acadêmica
Fernanda Camargo Guimarães Pereira – Design gráfico/programação
Profa. Dra. Jacqueline Diniz Oliveira Souki - Revisora Linguística
Professora Maria Alice Duarte de Matos – Revisora Linguística (voluntária)
Marco Antônio Ferreira Pedrosa – Coordenador Administrativo
Henrique Chiapini Pereira – Monitor de comunicação

Redes sociais

YouTube: Pedagogia Diferenciada e Professora Márcia Ambrósio DEETE



Instagram: @e.pedagogiadiferenciadaufop



E-mails:

praticaspedagogicas@ufop.edu.br

ped.diferenciada@ufop.edu.br (para as atividades de extensão).

Podcasts

Spotify Pedagogia Diferenciada

Disponível em:

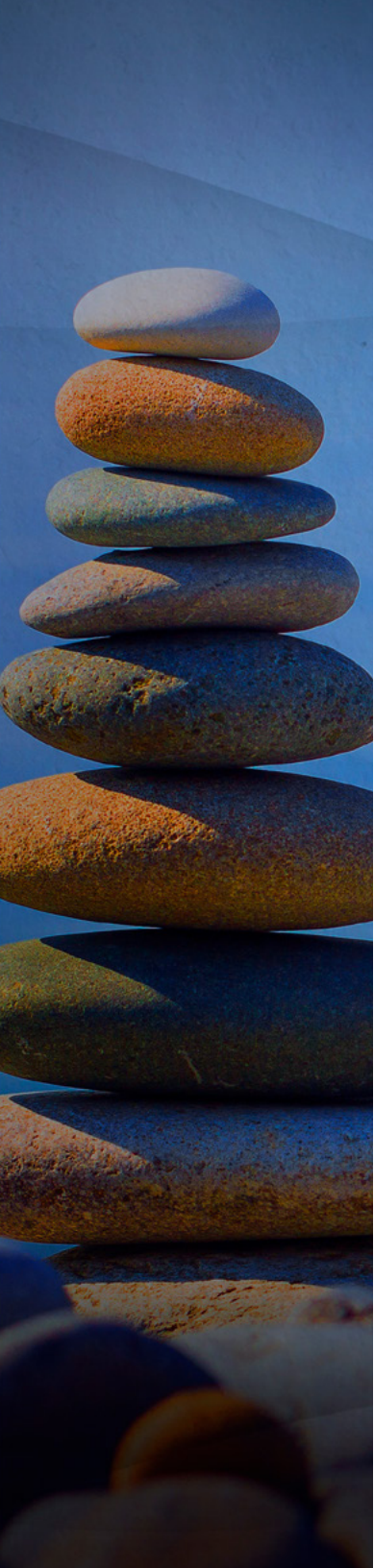
<https://open.spotify.com/show/0JXvqZd6wk1MtVQzEcPQYZ?si=BftkgdcrRJaz1Van9-eEQA>



Para informações gerais, indica-se o site do CEAD www.cead.ufop.br.

Secretaria do Curso de Pós-Graduação em Práticas Pedagógicas

E-mail: praticaspedagogicas@ufop.edu.br



REALIZAÇÃO

Curso de Especialização em Práticas Pedagógicas
Departamento de Educação e Tecnologias
Universidade Federal de Ouro Preto

Coordenação do Curso:

Profa. Dra. Márcia Ambrósio (UFOP)

Coordenação de tutores(as):

Profa. Dra. Viviane Raposo Pimenta (UFOP)

Sumário

Dedicatória.....	21
Agradecimentos	22
Apresentação da Obra	25
<i>Márcia Ambrósio</i>	
<i>Viviane Raposo Pimenta</i>	
Capítulo 1	
Cartas de pedras e seus diferentes usos na humanidade:	
breve contextualização.....	31
<i>Márcia Ambrósio</i>	
Pausas poéticas... ..	48
<i>Viviane Raposo Pimenta</i>	
1ª pausa poética.....	50
Capítulo 2	
Memoriais: escrituras de orientação na disciplina tendências e pesquisa em educação	52
<i>Márcia Ambrósio</i>	
2ª pausa poética.....	66
Capítulo 3	
as bonitezas da docência:	
o professor, seu saber e sua pesquisa	67
<i>Márcia Ambrósio</i>	



As bonitezas e <i>sabedezas</i> docentes	70
<i>Hércules Tolêdo Corrêa</i>	
4ª pausa poética.....	75

Memoriais dos(as) professores(as) do município de Santa Cruz do Escalvado

Capítulo 4

Prefácio dos memoriais docentes de santa cruz do escalvado	78
<i>Viviane Raposo Pimenta</i>	

Agrupamento Ágata: Santa Cruz do Escalvado

Prefácio do Agrupamento Ágata: narrar a vida e ressignificar a experiência	86
<i>Angelita A. Azevedo Freitas</i>	

Memoriais do Agrupamento Ágata	90
Ágata 1	90
<i>Juliana Celestina de Sá Lacerda</i>	
Ágata 2	92
<i>Sabrina da Silva Cândido</i>	
Ágata 3	93
<i>Sirley Nicácio da Silva Girardi</i>	
Ágata 4	96
<i>Valdinéia Júlia Xavier</i>	
Ágata 5	97
<i>Wellington Cardoso de Paula</i>	
Ágata 6	101
<i>Ana Maria Pereira Sette</i>	

Ágata 7	104
<i>Renata Aparecida da Silva de Paula</i>	
Ágata 8	106
<i>Paloma de Oliveira Ferraz</i>	
Ágata 9	107
<i>Simone de Oliveira Ferraz</i>	

Agrupamento Esmeralda: Santa Cruz do Escalvado

Prefácio do Agrupamento Esmeralda:

a gema da redescoberta	109
<i>Helena Azevedo Paulo de Almeida</i>	

Memoriais do Agrupamento Esmeralda

Esmeralda 1	113
<i>Elisângela Venceslau de Melo Rosa</i>	
Esmeralda 2	115
<i>Fátima Aparecida da Silva</i>	
Esmeralda 3	117
<i>Joyce Evangelista Souza</i>	
Esmeralda 4	120
<i>Laiz Imaculada de Lana Silva Vieira</i>	
Esmeralda 5	122
<i>Lúcia Helena da Silva</i>	
Esmeralda 6	124
<i>Marciane dos Santos Carneiro</i>	
Esmeralda 7	127
<i>Maria Aparecida Lacerda de Miranda</i>	
Esmeralda 8	131
<i>Renato Rodrigues de Souza</i>	
Esmeralda 9	134
<i>Karina de Souza Rezende</i>	

Esmeralda 10	135
<i>Tatiana Rachel Lourenço Caetano Gomes Nazareno</i>	
Esmeralda 11	137
<i>Valeria Marcia Sette</i>	

Agrupamento Ametista: Santa Cruz do Escalvado

Prefácio do Agrupamento Ametista:

a sábia ametista e sua busca por agrupar	141
<i>Clayton José Ferreira</i>	

Memoriais do Agrupamento Ametista

Ametista 1	145
<i>Ana Carla Martins da Cruz</i>	
Ametista 2	148
<i>Ana Paula Miguel da Silva Mariano</i>	
Ametista 3	152
<i>Andréia de Souza pereira Braz</i>	
Ametista 4	154
<i>Aureny Vicente Rezende da Silva</i>	
Ametista 5	156
<i>Áureo de Paula Silva</i>	
Ametista 6	158
<i>Beatriz Monteiro Corcini</i>	
Ametista 7	159
<i>Cristiana Pires Vieira de Souza</i>	
5ª pausa poética	168

Memoriais dos(as) Professores(as) do Município do Rio Doce

Capítulo 5

Prefácio dos memoriais dos(as) professores(as) do município de Rio Doce(MG)	170
--	------------

Viviane Raposo Pimenta

Agrupamento Turquesa: Rio Doce

Prefácio do Agrupamento Turquesa: de amuleto para proteção à formação de protetores do saber	175
---	------------

Vívian Walter dos Reis

Memoriais do Agrupamento Turquesa	177
--	------------

Turquesa 1	177
------------------	-----

Maria José Ângelo

Turquesa 2	178
------------------	-----

Marlene Aleixo de Castro Martins

Turquesa 3	180
------------------	-----

Marlene da Silva

Turquesa 4	182
------------------	-----

Marli Albuquerque Ferreira Moreira

Turquesa 5	187
------------------	-----

Renata Isabel Gomes Dias

Turquesa 6	190
------------------	-----

Rosane Guimarães Fonseca de Oliveira

Turquesa 7	192
------------------	-----

Rosângela Moreira de Oliveira

Turquesa 8	193
------------------	-----

Tereza Cristina Teixeira Marotta

Turquesa 9	195
<i>Thaynara Pires da Cruz</i>	
Turquesa 10	196
<i>Yara Kirya Brum</i>	

Agrupamento Safira: Rio Doce

Prefácio do Agrupamento Safira:

a safira e o despertar da consciência e da sabedoria	201
<i>Karla Daniely Marques Raimundo</i>	

Memoriais Docentes

do Agrupamento Safira	204
Safira 1	204
<i>Gislane Aparecida Pena</i>	
Safira 2	206
<i>Jumara Angélica dos Santos Delazari</i>	
Safira 3	207
<i>Karina dos Santos Martins</i>	
Safira 4	209
<i>Laurinda de Souza Neves</i>	
Safira 5	209
<i>Luana Ferreira Mol Baião</i>	
Safira 6	212
<i>Maria das Graças de Souza Bicalho</i>	
Safira 7	218
<i>Márcia Soares Gomes</i>	
Safira 8	220
<i>Maria Cristina Eduardo Souto</i>	
Safira 9	222
<i>Maria do Rosário Luz</i>	

Safira 10	223
<i>Maria Luíza de Freitas Santos</i>	

Agrupamento Turmalina: Rio Doce

Prefácio do Agrupamento Turmalina:

a gema dos múltiplos	227
<i>Fernanda Mara Fonseca Silva</i>	

Memoriais do Agrupamento Turmalina

231	
Turmalina 1	231
<i>Ana Maria de Sousa Dias</i>	
Turmalina 2	231
<i>Ana Rita Laino</i>	
Turmalina 3	232
<i>Carlos Eduardo Tenório</i>	
Turmalina 4	233
<i>Carola Lopes Moreira</i>	
Turmalina 5	236
<i>Célia Aparecida Leandro</i>	
Turmalina 6	239
<i>Cynthia Virginia Gomes</i>	
Turmalina 7	239
<i>Cláudia Lopes Pereira Ângelo</i>	
Turmalina 8	240
<i>Danielle Taynara Rosa Costa</i>	
Turmalina 9	240
<i>Eloisa Helena da Silva Ângelo</i>	

Conclusões provisórias:

pegadas da vida, das palavras que voam, poetizam e encantam	242
<i>Márcia Ambrósio</i>	



Palavras que mobilizam o fazer docente:

releituras de Rubem Alves 244

Alexandre Gomes Soares

Apêndice 1 247

Sobre as Autoras e as Organizadoras 251

Sobre os Autores e as Autoras 253

Índice Remissivo 262



Dedicatória

Às professoras, aos professores e às secretárias dos municípios de Rio Doce, Sra. Rosângela Moreira de Oliveira e à Professora Márcia Soares Gomes, e de Santa Cruz do Escalvado, Sra. Juliana Lacerda (2021 e 2022), e Sra. Kyssila Clara Gomes Lopes¹, dedico este trabalho.

Os lutos vividos nestas comunidades ensinaram a Oferta 6 do Curso de Práticas Pedagógicas, um trabalho de formação docente que vai, aos poucos, ganhando vida, formas, movimentos, como uma parte irrisória de reparação dos danos sofridos, mas extremamente relevante e significativa para a formação dos (as) professores(as) dessas localidades, e que está sendo estendida aos(às) docentes do Brasil, por meio de ações extensionistas amplas e abertas aos(às) interessados(as).

Às professoras que amam, esperam, parem, mas que também tombam e se levantam, ao verem suas imagens sendo destruídas/quebradas, e mesmo assim, não sucumbem.

A todos(as) os(as) pesquisadores(as) do Brasil que viveram, nos últimos anos, momentos de muitas incertezas, sofrimentos, isolamentos, negações, mas que não perderam a coragem de esperar.

E em face de uma extensa rede de almas sintonizadas por suas lutas em busca de dias melhores, seguiremos com o trabalho de formação docente – por uma educação socialmente justa, com respeito e consideração à diversidade cultural, na qual a ciência, a cultura e os valores educacionais sejam edificados de forma sólida, com elos duradouros e abrangentes.

1 Em 2023, no cargo de Secretária Municipal de Santa Cruz do Escalvado, tomou posse a Sra. Kyssila.

Agradecimentos

Ao Prefeito do município do Rio Doce, o Sr. Mauro Pereira Martins.

Ao Prefeito do município de Santa Cruz do Escalvado, o Sr. Gilmar de Paula Lima.

Ao Sr. Rodrigo Alvarenga Vilela, *Chief Executive Officer* da Mineradora Samarco S.A. pelo financiamento do Curso.

Ao Sr. Alan Augusto Ribeiro Resende por colaborar nas tratativas administrativas entre CECON, DEETE, GORCEIX (UFOP) e Samarco S.A. para o desenvolvimento do curso.

Aos docentes do Curso e membros do Colegiado do Curso: Dra. Márcia Ambrósio Rodrigues Rezende (Tendências da Pesquisa em Educação); Dr. Adriano Lopes da Gama Cerqueira – (Sociologia e Cotidiano Escolar); Dra. Janete Flor de Maio Fonseca (História e Historiografia da Educação); Dr. Adilson Pereira dos Santos (Práticas Educativas e Inclusão Escolar); Dra. Inajara de Salles Viana Neves (Organização do Trabalho Escolar); Dra. Márcia Ambrósio (Profissão e Formação Docente); Hércules Tolêdo Corrêa (Letramento Acadêmico); Gláucia Maria dos Santos Jorge (Seminário de Pesquisa).

À Professora Viviane Raposo Pimenta, que segura na nossa mão nas atividades administrativas, pedagógicas e de pesquisa do Curso, para que estas não saiam do foco.

Às tutoras do Curso de Práticas Pedagógicas: Professoras Angelita A. Azevedo Freitas, Fernanda Mara Fonseca da Silva, Helena Azevedo Paulo de Almeida, Vívian Walter dos Reis, Karla Daniely Marques Raimundo e também ao tutor, Professor Clayton José Ferreira, docentes que compõem nossa equipe de trabalho e são responsáveis

pelo monitoramento do ensino-aprendizagem nas plataformas virtuais, com os(as) professores(as) das disciplinas e a coordenação do Curso.

Ao Professor Clayton José Ferreira, à Professora Helena Azevedo Paulo de Almeida e ao estudante de Jornalismo da UFOP, Henrique Chiapini Pereira, que têm nos ajudado na montagem e publicação dos *Podcasts* do programa de extensão/especialização *Pedagogia Diferenciada*.

Ao Engenheiro Ambiental Marco Antônio Ferreira Pedrosa, Coordenador Administrativo do Curso, pelo papel relevante colaborar desde as tratativas iniciais nos ajudando a elaborar o plano de gestão econômica, nos acompanhando desde a idealização da oferta aos municípios de Rio Doce e Santa Cruz do Escalvado, nas inúmeras reuniões, na criação e nas revisões das planilhas de custos de nossas atividades de formação, administração e logística com a Samarco S.A. etc..

Ao Sr. Ricardo P. Silveira, da Coordenadoria de Contratos e Convênios - CECON (UFOP), que esteve sempre disponível para nos ajudar nas demandas jurídicas e administrativas do Curso.

À EQUIPE TÉCNICA E ADMINISTRATIVA DO CEAD.

À Luciana Regina Pereira de Souza Alves, Secretária Acadêmica do Curso, pela organização dos registros e eficiência na produção dos documentos administrativos.

Ao Gilberto Correa Mota e Roger Davison Bonoto, pelo suporte tecnológico e audiovisual - vídeo e Webconferência - , e também, pela prontidão e organização eficiente dos Webinários e Seminários etc..

À Meire de Castro e ao Guilherme José Anselmo Moreira pelo excelente trabalho de suporte tecnológico, informático do ambiente Moodle.

À Fernanda Camargo Guimarães Pereira, pela criação do *design* das nossas salas virtuais e de outros materiais visuais do Curso.

À Professora Jacqueline Diniz de Oliveira Souki, que faz, pacientemente, a revisão linguística dos textos produzidos para o Curso, com a colaboração voluntária da Professora Maria Alice Duarte de Matos.

Aos(Às) funcionários(as) da Fundação Gorceix que nos apoiam na gestão financeira do Curso.

Apresentação da Obra

Márcia Ambrósio

*Doutora em Educação pela UFMG
Professora Associada no DEETE (UFOP)*

Viviane Raposo Pimenta

*Doutora em Letras pela PUC-MINAS
Professora Adjunta do DELET(UFOP)*

Iniciamos este livro com uma pausa poética, um poema escrito por uma de nossas cursistas dedicado à sua cidade amada, Rio Doce. Dessa maneira, assim será ao longo desta obra. Entre um capítulo e outro, uma seção e outra, o leitor será surpreendido com algumas pausas poéticas.

Acreditamos que a poesia tem uma importância fundamental para a formação crítico-reflexiva do leitor. Isso porque ela pode possibilitar ao homem um encontro com a cultura humanística como espaço de revelação e reconhecimento do prazer, da fantasia e da realidade circundante. Além disso, pode propiciar-lhe ampla crítica dos valores vigentes na sociedade.

Tal escolha deve-se ao fato de que acreditamos que todo e qualquer fazer docente deve ter como base a sua própria prática. O educador, como nos ensina Freire (1998), é aquele que também é transformado no processo da ação educativa e aprende ao tempo em que ensina.

Ademais, foi assim, aprendendo e sendo transformados(as) no processo educativo do Curso de Pós-Graduação em Práticas Pedagógicas, tocadas e inspiradas pelas palavras da querida cursista Célia Leandro que nos propusemos a refletir sobre os saberes construídos

com e como professoras(es). Também, possuindo o reconhecimento dos contextos e histórias de vida neste diálogo como desdobramentos de ações emancipadoras.

Com isso, a proposta de materialização discursiva das histórias de vida dos professores cursistas do Curso de Especialização em Práticas Pedagógicas do CEAD-UFOF, por meio dos memoriais reflexivos, está intimamente ligada ao trabalho reflexivo da Profa. Dra. Márcia Ambrósio sobre “O Uso do Portfólio no Ensino Superior”. Tal fato intitula um de seus livros e, também, o Webfólio como instrumento de registro de vivências acadêmicas criativas que podem nortear ações dialógicas e a apropriação de múltiplas linguagens ao tempo em que produzem oportunidades formativas cíclicas do aprender, ensinar e avaliar.

Dessa maneira, o sujeito aluno-professor, como ensina Bakhtin (2003) e tantos outros teóricos e filósofos da educação e da linguagem, não pode ser considerado uma “tábula rasa”. Eles são sujeitos que trazem consigo suas experiências e tudo o que constitui a sua subjetividade para o interior de suas práticas e vivências docentes. Assim, compreendemos que o registro docente de suas memórias é um instrumento didático-investigativo interdisciplinar importante para a (des)construção do sujeito professor em constante processo de letramento docente.

Nesse sentido, propusemos como atividade inicial de inscrição para este curso de especialização o seguinte: apresentação de uma pequena narrativa de suas histórias de vida, por parte das professoras e dos professores, com o intuito de lançar luz ao pensamento para além do conhecimento fragmentado. Em vista disso, compreendemos que a fragmentação do conhecimento, que desconsidera o todo, invisibiliza as interações entre o todo e suas partes e entre as partes e o todo.

Além disso, pode ocultar questões essenciais relativas ao particular, ao concreto e ao singular dos indivíduos. Ademais, são muito necessárias à construção dialógica do conhecimento e, tudo isso pode ser combatido por meio de ações que resgatam as histórias dos sujeitos do conhecimento. Por essa razão, a partir disso, podemos,

conforme Morin (2008), promover o ressurgimento das grandes finalidades dos processos educativos e remediar “a funesta desunião entre o pensamento científico – que desassocia os conhecimentos e não reflete sobre a condição humana” (MORIN, 2008, p. 65).

Por conseguinte, ao deparar-se com a liberdade de expor suas vivências por meio da informalidade das narrativas, o docente-cursista experencia o ato de escre(viver) sua própria história. Isso porque como nos ensina Tardif (2000, p. 216), boa parte do que sabemos sobre o ensino e a aprendizagem provém de nossas histórias de vida, pois é a partir delas que nossas identidades docentes são (in)formadas. Não raras as vezes que buscamos fundamentar nossas ações e comportamentos em fatos e pessoas que possuem certa representatividade em nossas vidas.

Além de tudo, se regressamos no tempo, toda forma de conhecimento e saber humano era antes, naturalmente, transmitida entre as diferentes gerações por meio das histórias contadas, ou seja, por meio das narrativas de vida, das vivências e experiências compartilhadas pelos sujeitos. No entanto, na modernidade, como afirma Benjamin (1987), essa forma de socialização dos conhecimentos construídos ao longo da história foi, ao longo do tempo, perdendo a aceitação. Desse modo, na atualidade, o homem sofre o peso do saber da tradição, recusando-se a reconhecer e dar continuidade a essa experiência.

Ainda com o surgimento da tecnologia da escrita, os textos orais, inicialmente utilizados nas interações das esferas escolar e acadêmica (era assim que Sócrates praticava a atividade que hoje conhecemos como ensino/aprendizagem), foram gradativamente cedendo lugar para o grafocentrismo. A verdade começa a ser compreendida como algo da ordem do texto escrito. Porém, um olhar mais atento pode nos revelar a relevância das narrativas. Como relatamos um experimento científico? Como apresentamos os procedimentos metodológicos de uma pesquisa? Como nos reportamos aos construtos teórico-epistemológicos que utilizamos como pressupostos teóricos?

Como afirma Pimenta (2018), com a escrita já popularizada, as trocas entre pares na esfera acadêmica eram inicialmente realizadas por meio de cartas. Essas cartas, durante muito tempo, mantiveram a estrutura composicional e o estilo próprios da carta pessoal, com saudações e referências pessoais e subjetivas dos pesquisadores. Assim, a correspondência pessoal foi, inicialmente, o meio utilizado pelos cientistas para produzirem conhecimento.

Não é difícil compreender que a figura do narrador da experiência vivida revela-se intimamente ligada a um estilo de transmissão. O narrador, na maioria das vezes, narra o que antes lhe foi “passado” por outro narrador, que, por sua vez, ouviu de outro. Compreendemos o sujeito sempre na sua constituição discursiva polifônica.

Assim, as vivências trazidas pelos sujeitos autores dos memoriais que compõem e “dão vida” a este livro, são por nós compreendidas como concebeu o filósofo russo Vigotsky (1999) o termo “Perejivâni” como “experiência”, “vivência”, “emoção”, “sentimento”, “estado de espírito” “alma”, “expressão da existência”, “forte e poderoso sentimento”, “impressão”. Para nós, as memórias aqui narradas são “Escre(Vidas)” constituídas e marcadas nas “rochas do conhecimento”.

Também, é importante mencionar o seguinte: possuindo como instrumento carvão, sangue e fragmentos de rochas, foi nas pedras/rochas que na Pré-história, no Período Paleolítico, os homens daquela época registraram suas primeiras produções por meio da arte rupestre. Em suas inscrições feitas nas rochas/pedras das paredes das cavernas, eles relataram e registraram em pinturas rupestres o seu cotidiano, suas descobertas, suas crenças e rituais. Esses registros nos possibilitaram conhecer um pouco sobre a cultura, as lutas diárias e as descobertas daquele tempo.

Logo, fazendo um paralelo com os dias atuais, acreditamos que os memoriais reflexivos, aqueles mais simples e menos programáticos, podem nos dar conta e registrar o que “se passa” com os sujeitos

do nosso tempo. Essas informações “singulares”, na sua forma mais singela e pura, podem instruir e informar as gerações futuras sobre as vidas, e vidas, dos sujeitos do conhecimento. Portanto, trazemos para este texto sobre as “Escre(Vidas)” docentes as palavras de Descartes ao iniciar o discurso filosófico da modernidade: “não proponho este escrito senão como uma história, ou, se preferirdes, como uma fábula” (DESCARTES, 1985, P. 321).

Sendo assim, neste livro há relatos que se apresentam em meio à pluralidade de narrativas contemporâneas. Porém, não pretendemos estabelecer critérios de exercício de autocompreensão ou de “verdades absolutas”, porque reconhecemos a existência de múltiplos discursos e produções de efeitos de sentidos.

Acreditamos que a multiplicidade de efeitos de sentidos, presente nos memoriais reflexivos das professoras e professores cursistas, coloca em discussão as segmentações classificatórias do campo das disciplinas, visto que trazem para o campo de visão, ou para zonas de iluminação, o conhecimento construído nas práticas sociais rotineiras por meio da língua(gem) e sua intrínseca relação com o fazer docente.

As gravações do Webinário de Pesquisa em Educação estão disponíveis em uma *playlist*, no canal do *You Tube da Professora Márcia Ambrósio* e no *podcast Pedagogia diferenciada*, e sumarizadas na obra de *Tendências da Pesquisa em Educação* no último capítulo do referido livro (AMBRÓSIO, 2013). Nas últimas páginas desta obra o(a) leitor(a) poderá fazer a leitura dos QR codes para acessar as Webconferências de diferentes temáticas.

Inauguramos, deste modo, quanto à forma e conteúdo, materiais em diversos formatos – intermodais e hipertextuais –, alinhados à cibercultura. Destarte, nossas oferendas educativas e afetivas foram registradas coletivamente, formando uma Comunidade Virtual de Aprendizagem, que compôs diferentes possibilidades de pesquisas em educação, com novas didáticas, ao estimularem movimentos de luta e de esperança.

REFERÊNCIAS

AMBRÓSIO, Márcia (Org.). **Tendência de Pesquisa em Educação**: São Paulo: Pimenta Cultural, 2023.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BENJAMIN, Walter. Experiência e Pobreza. *In*: **Mágia e Técnica, Arte e Política**. Traduzido por Paulo Sérgio Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987.

DESCARTES, Renée. **Discurso do método**. Brasília: UnB, 1985.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Tradução Eloá Jacobina. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

PIMENTA, Viviane Raposo. **Letramento acadêmico e uso das tecnologias digitais**: a construção discursiva de sujeitos autônomos e autonomizados nos/pelos processos dialógicos de produção acadêmico-científica. Tese (Doutorado em Letras: Linguística e Língua Portuguesa – Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

TARDIF, Maurice. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários: elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas consequências em relação à formação para o magistério. **Rev. Bras. Educ.** [on-line]. 2000, n.13, pp.05-24.



Márcia Ambrósio

*Doutora em Educação pela UFMG
Professora Associada no Departamento
de Educação e Tecnologias (UFOP)*

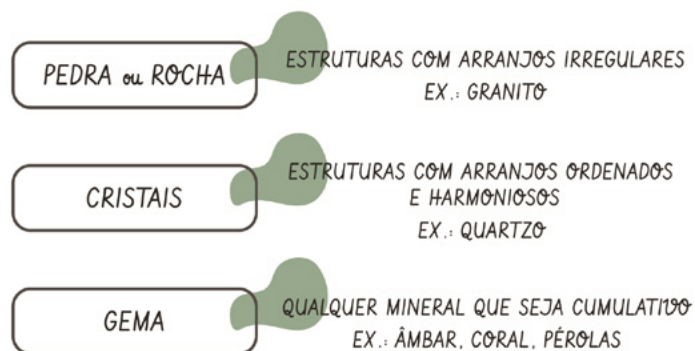
**Cartas de pedras
e seus diferentes usos
na humanidade:
breve contextualização**

DOI: 10.31560/pimentacultural/2023.972971

Os minerais tiveram vários propósitos ao longo da humanidade. O uso das rochas ou pedras é, portanto, um hábito presente na vida do homem desde a antiguidade. A partir desse hábito, foram criados diversos tipos de monumentos com as mais variadas simbologias, rituais e usos esotéricos, conforme trataremos nesta parte da obra.

Lotumolo (2020) define que os minerais são formados por moléculas com diferentes padrões estruturais e intitulados pedras ou rochas, cristais e gema, conforme Figura 1.

Figura 1 - Organograma elaborado pela autora deste capítulo com o conceito de minerais.



Fonte: Pedras de Cristais (LOTUMULO, 2020).

Segundo Lotumolo (2020), as pedras e os cristais representam o estágio maior de evolução do reino mineral e têm vibrações energéticas capazes de interagir com nossos chacras, nossos centros e nossos centros energéticos. Sendo assim, são utilizados em trabalhos terapêuticos para melhorar a função energética de órgãos e vísceras e em processos de limpeza e purificação de ambientes. Para a referida autora, o Baralho de Pedras tem a função de tornar conscientes as vibrações energéticas humanas, buscando o equilíbrio e as transformações necessárias para viver melhor.

[...] o Baralho de Pedras e cristais pode tornar consciente qual a vibração energética que nossos diversos corpos, físico, mental, psicológico e espiritual estão necessitando entrar em contato. Para assim, sintonizados com esta vibração energética, possam harmonizar, equilibrar, ou até mesmo efetuar ações e mudanças em determinados momentos da vida (LOTUMOLO, 2020, p.5).

Outros usos que destacamos é seu papel para comunicação, geolocalização, desenhos, habitação, templos, túmulos, pontes, portais, muralhas, palácios, igrejas, pias batismais etc.. Isso remonta à pré-história (desde 3 milhões de anos atrás até 3.500 a.C.).

Destaca-se o uso do totem - que são pilhas de pedras umas sobre as outras, que foram usadas como práticas de sinalização - atualmente muito importante em esportes como *hiking* e *trekking*, ciclismo etc. Essas práticas são usadas para uma ampla variedade de propósitos, desde a pré-história até o presente (FERNANDES, 2021). Segundo o referido autor, tal prática pode estar em extinção.

Seja na Cordilheira dos Andes pelos Incas, seja nas atividades dos colonizadores – europeus e/ou norte-americanos – os homens e as mulheres foram deixando seus próprios marcos com mensagens escritas ou escondidas nas pedras. Além disso, completa Fernandes (2021, p. 1):

[...] os primeiros marinheiros nórdicos os usavam para marcar a terra, muito antes de os faróis entrarem em uso. Outros grupos os usaram para marcar túmulos, para fins cerimoniais, ou mesmo para esconder esconderijos de suprimentos de comida”. Segundo o referido autor, os cientistas e arqueólogos não têm como saber quando as primeiras pilhas de pedras (totem) começaram a ser usadas como “pedras carta”, mas podemos dizer que foram usadas para marcar, informar, deixar *pistas* de caminhos a seguir, conduzir a locais secretos, fixar símbolos religiosos, cultos etc..

Todos nós já vimos, seja no Instagram ou nas trilhas e leitões de riachos, fotos e imagens de totens de pedras (Figura 2).

Figura 2 – Imagem de um totem de pedras.



Fonte: Fernandes (2021).

A imagem anterior é bonita e nos chama a atenção, mas Fernandes (2021) faz um alerta, seguido por muitos parques nacionais e internacionais, qual seja: “não retirar pedras e/ou plantas do ambiente visitado, pois quando uma pedra é tirada do seu lugar, o meio ambiente pode ser danificado, matando o *habitat* de diversas criaturas como lagartos, caranguejos e insetos”. Esses e outros bichos precisam das rochas para reter água, reproduzir e se abrigar contra a ação de predadores ou das intempéries do clima.

VIAJAR, EXPLORAR, OBSERVAR E CONHECER

Em viagem recente ao Peru e à Bolívia, em agosto de 2022, pude conhecer de perto vários monumentos talhados em minerais e/ou com misturas de outros materiais, para diferentes finalidades. Em Cusco, conheci um dos templos mais importantes dos complexos arqueológicos sagrados da arquitetura Inca - o Templo a *Korikancha* ou *Qurikancha* (em quéchua, *Quri Kancha*, *recinto de ouro* ou “templo dourado”, originalmente *Inti Kancha*, *templo do sol*, feito em pedras polidas e de encaixes harmoniosos).

Outra visita importante foi à fortaleza Inca, intitulada de *Sacsayhuaman* ou *Sacsahuamán*. O trono do Inca, localizado junto à fortaleza, consistia de uma grande rocha talhada e polida em vários níveis, de onde o soberano presidia as festas, celebrações, desfiles e dava ordens. Na atualidade, restam vestígios das três muralhas escalonadas edificadas de pedras de origem sedimentar, com objetivos militares para se defender de tribos invasoras que ameaçavam o Império Inca.

A cidade perdida dos Incas, a magnífica *Machu Picchu*, foi construída também de pedras de vários tamanhos com incríveis terraços, escadarias, recintos cerimoniais e áreas urbanas, canteiros em vários níveis para experiências da agricultura etc..

As pedras/rochas edificaram sítios arqueológicos de excelência arquitetônica, considerados pilares da cosmovisão andina. Construções essas feitas de pedras de vários tamanhos que se encaixavam perfeitamente sem necessitar de nenhum tipo de argamassa para se sustentar, dando forma a setores como o *Intipunku* ou Porta do Sol, à entrada para a cidadela da Trilha Inca, as grandes paredes, terraços e escadas, bem como a aquedutos, praças, quartos e outras estruturas, todas feitas em pedras de vários tamanhos,

Na Bolívia, conheci o Parque Arqueológico de *Tiauanaco* ou *Tiwanaku*, que já foi *taypiqala*, que, em aimará, significa *pedra no centro*, aludindo à crença de que ela ficava no centro do mundo[4]. Segundo historiadores, esse nome pode ter sido perdido porque sua população originária não tinha acesso à linguagem escrita. *Tiauanaco* é considerado um dos maiores sítios arqueológicos da América do Sul, cobrindo cerca de quatro quilômetros quadrados, incluindo cerâmicas decoradas, estruturas monumentais e blocos megalíticos.

Romero (2018) apresenta em sua obra intitulada *Apresentando o Peru e Machupicchu* amostras dos diferentes estilos construtivos, feitas com pedras naturais, desbastadas, talhadas e lavadas com formas e tamanhos variados, que mostram, juntas, perfis, texturas e assentados

de mais de vinte tipos distintos. A variedade de aspectos e as qualidades dos estilos construtivos que revelam a riqueza da imaginação que os arquitetos Incas colocavam em suas obras de engenharia.

Os povos contemporâneos ainda têm muito a aprender com os povos originários de diferentes partes do mundo, tendo em vista a exuberância da Cidade Sagrada de Caral-Supe (3000 a.C. -1800 a.C.)², considerada berço e base de civilização andina; a Mesopotâmia, o Egito, a Índia e a América Central, que foram focos originários da cultura do mundo (ROMERO, 2018). Podemos citar também as construções dos castelos, catedrais e mosteiros da Catalunha (COLÀS et al., 2005), museus temáticos (TORRENT *et al.* 2005) que são locais declarados como patrimônio da humanidade. Tais pesquisas, entrecruzadas com os relatos da autora deste capítulo sobre sua viagem ao Peru e à Bolívia, exemplificam como a sabedoria milenar dos Incas revelou suas técnicas avançadas de arquiteturas talhadas em rochas/pedras.

O Brasil é reconhecido por suas belezas naturais, formando lindas e extensas grutas, picos, montanhas com suas nascentes formando belos rios e cachoeiras, que serpenteiam pelos vales, matas e cidades, fazendo diferentes composições de minerais, como, por exemplo, a Chapada de Diamantina, situada na Bahia:

A Chapada Diamantina é uma chapada limitada por penhascos de 41.751 quilômetros quadrados localizada na Bahia central. As rochas da Chapada Diamantina fazem parte da unidade geológica conhecida como Supergrupo Espinhaço, que tomou este nome por ocorrer na serra do Espinhaço, no estado de Minas Gerais. Apresenta-se em geral como um altiplano extenso, com altitude média entre 800 e 1.200m acima do nível do mar. As montanhas mais altas do Nordeste brasileiro estão na Chapada Diamantina: o Pico do Barbado com 2.033 metros, o Pico do Itobira com 1.970 metros e o Pico das Almas com 1.958 metros. As serras que compõem a Chapada Diamantina são as divisoras de águas entre a bacia do Rio São Francisco (Rios S. Onofre, Paramirim) e os rios que deságuam diretamente no

2 Cidade declarada patrimônio cultural pela Unesco (2009) por seu excepcional valor Universal. (ROMERO, 2018).

oceano Atlântico, como o Rio de Contas e o Rio Paraguaçu. O parque nacional situa-se na Serra do Sincorá, no leste do planalto, uma área de estruturas fortemente erodidas. A cordilheira é alongada na direção norte-sul e tem uma largura média de 25 quilômetros. Ouro e diamantes foram encontrados na cordilheira. As correntes de ar úmido que se movem a oeste do mar para cima fazem com que os níveis de precipitação fiquem mais elevados, especialmente no leste. Existem muitos sistemas de cavernas formadas pelos rios da região, A Gruta da Lapa Doce, por exemplo, tem 24 quilômetros de extensão. Alguns locais apresentam um grande número de pinturas rupestres, como a área abrangida pela Formação Morro do Chapéu (CHAPADA DIAMANTINA..., 2023).

A beleza extraordinária da Chapada de Diamantina fez dela um lugar muito procurado pelos turistas nacionais e estrangeiros no intuito de conhecer e desfrutar de sua beleza natural e se distanciar do *stress* e da correria diária das grandes cidades. Veja a descrição da caminhada para chegar à intitulada cachoeira do Buracão, na Chapada Diamantina, disponível do Site de Férias Brasil:

A caminhada fácil passa por belos cenários como Rio Manso, “Espalhado” - conjunto de pequenos poços formados pelo rio -, Buracãozinho (piscina em meio a um cânion) e cachoeiras das Orquídeas e do Recanto Verde. Cerca de uma hora depois, chega-se a um cânion de três metros de largura e 90 de altura (por onde corre um rio de águas escuras), que leva ao Buracão. Nesse ponto, há duas opções: colocar um colete salva-vidas e nadar (mais segura) ou atravessar uma pinguela em meio aos paredões, além de caminhar agarrado às pedras (deixe essa tarefa para o guia, que levará sua máquina fotográfica com segurança). Quem enfrenta os desafios é recompensando com uma grande aventura - nadar próximo a uma queda de 85 metros e até entrar atrás da cortina de água, dependendo do volume. No caminho de volta, dois mirantes naturais descortinam a queda e o “buracão” de cima - a vontade é de voltar e sentir a emoção toda de novo! A cachoeira fica em Ibicoara, a 93 quilômetros de Mucugê”. (FÉRIAS BRASIL...,2023)

Em relação a outros exemplos de uma mistura de diferentes rochas, fontes e vegetações, podemos apontar os nossos parques Itatiaia, Ibitipoca, Lençóis Maranhenses, Canastra etc. e em nossas Chapadas - das Mesas (Maranhão), de Diamantina (Bahia), dos Veadeiros (Goiás) etc..

Nas cidades de Rio Doce e de Santa Cruz do Escalvado, onde estamos fazemos a sexta oferta do Curso de Práticas Pedagógicas (2022/2023), citamos como referência de belezas naturais a Cachoeira do Brumado (Rio Doce) e a Cachoeira Alta (Santa Cruz do Escalvado). A Pedra do Escalvado, Conjunto Paisagístico da Pedra do Escalvado, foi um bem material tombado pelo Decreto nº 516/2004, inscrição nº 001/2004 no Livro de Tombo de Santa Cruz do Escalvado.

Bem tombado pelo município, o Conjunto Paisagístico Pedra do Escalvado é um lugar ideal para escaladas, trilhas, rapel. Tem sua fauna e flora preservadas. Sua localização permite que seja avistado a quilômetros de distância. Do seu cume, são avistadas várias cidades da região (SANTA CRUZ..., 2023).

A população dessas duas cidades vem, desde novembro de 2015, tentando sobreviver às consequências do rompimento da Barragem do Fundão, Mariana, que atingiu a – UHE - Usina Hidrelétrica Risoleta Neves, localizada entre Rio Doce e Santa Cruz do Escalvado.

[...] No trecho entre a barragem de Fundão e a Usina Hidrelétrica Risoleta Neves (também conhecida como UHE Candonga), a passagem da onda de rejeitos ocorreu de forma mais violenta, acarretando o transbordamento de um grande volume de rejeitos para as faixas marginais do Rio Gualaxo do Norte e Rio do Carmo, em enorme desproporção à capacidade normal de drenagem da calha desses corpos hídricos, ocasionando a destruição da cobertura vegetal de vastas áreas ribeirinhas pelo arrancamento da vegetação por arraste, inclusive com a remoção da camada superficial do solo. Observou-se, também, nessa área, deposição de rejeitos sobre o leito dos rios e em vastas áreas marginais, soterrando a vegetação aquática e terrestre, destruindo habitats e matando animais.[...]. O maior desastre ambiental do Brasil – e um dos maiores do mundo – provocou danos

econômicos, sociais e ambientais graves e tirou a vida de 19 pessoas. Os prejuízos vistos nas primeiras horas e que aumentaram com o passar do tempo projetam-se mesmo hoje como um dever que não tem tempo certo para findar. Danos contínuos e, em sua maioria, perenes (CASO SAMARCO..., 2023).

Além das medidas relativas à recuperação socioambiental e à retomada da operação da Usina Hidrelétrica Risoleta Neves, outras ações foram determinadas pela Justiça Federal em Minas Gerais, atendendo aos pedidos do Ministério Público Federal (MPF), do Ministério Público de Minas Gerais (MPMG) e da Advocacia Geral da União (AGU), incluindo formação docente (Cursos de Pós-Graduação), atendimentos à saúde da população, cursos técnicos, atendimentos psicológicos e assistência social às famílias atingidas.

Assim, o Curso de Especialização em Práticas Pedagógicas da UFOP foi escolhido como umas das ações de reparação como uma demanda de formação continuada dos(as) educadores(as) dos municípios de Rio Doce e de Santa Cruz do Escalvado – Oferta 06. O primeiro contato com a Fundação Gorceix foi feito pela Prefeitura Municipal de Rio Doce.

Na reunião realizada no dia 12 de agosto de 2019, a Prefeitura Municipal de Rio Doce apresentou o encaminhamento de contatar a Fundação Gorceix para verificar a possibilidade da oferta do referido curso de especialização. Posteriormente, o município de Santa Cruz do Escalvado foi também incorporado à demanda. Ao contatar com a Universidade Federal de Ouro Preto, as Prefeituras buscaram uma IES que pudesse ofertar uma formação consolidada e reconhecida pelo MEC.

Após as tratativas e as reuniões realizadas com representantes da UFOP, da Gorceix, da GECON, da Samarco S.A e, também, docentes das prefeituras envolvidas, iniciamos o curso em abril de 2022.

As rochas do conhecimento

Ágata

Ametista

Esmeralda

Turquesa

Turmalina e

Safira

O tópico acima foi escrito para justificar nossa motivação em nomear os agrupamentos das cursistas com nomes de minerais, fazendo uma metáfora à perspectiva milenar dos diferentes usos das rochas, pedras, pelo homem ao se relacionar com a natureza. Vale ressaltar que, ao explorar os minerais disponíveis no ambiente, as empresas devem fazê-lo de forma sustentável, com autorização e monitoramento dos órgãos públicos de forma a não trazer danos ao meio ambiente e ao homem. Vamos dar outro exemplo muito rico de “Carta de pedra”, que, segundo uma lenda japonesa, significa:

[...] antes de os humanos inventarem a escrita, eles buscavam uma pedra que representasse seus sentimentos, e a davam a outra pessoa. Por exemplo, a textura lisa significava uma índole pacífica, e a rugosa, uma preocupação com os outros (TAKITA, 2008, s/p).

Essa é a descrição de umas das cenas do filme *A partida* (2008)³, do diretor japonês Yojiro Takita, que trata com simplicidade o tema da dor

- 3 Sinopse do filme: “Daigo Kobayashi (Masahiro Motoki) tem o sonho de tocar violoncelo profissionalmente. Para tanto se endivida e compra um instrumento, conseguindo emprego em uma orquestra. O pequeno público que comparece às apresentações faz com que a orquestra seja dissolvida. Sem ter como pagar, ele devolve o instrumento e decide morar, com sua esposa Mika (Ryoko Yoshiyuki), em sua cidade natal. Em busca de emprego, ele se candidata a uma vaga bem remunerada sem saber qual será sua função. Após ser contratado, descobre que será assistente de um agente funerário, o que significa que terá que manipular pessoas mortas. De início, Daigo tem nojo da situação, mas a aceita devido ao dinheiro. Apesar disto, esconde o novo trabalho da esposa. Aos poucos, ele passa a compreender melhor a tarefa de preparar o corpo de uma pessoa morta para que tenha uma despedida digna” (MILANI..., 2023).

psíquica e da morte, além de ensejar valiosas reflexões sobre o trabalho dos lutos humanos. No caso dessa obra, trazemos também para debate a relação das pedras com os sentimentos humanos, que podem ser ambivalentes. De lado a raiva, a tristeza, a dor, simultaneamente, a desvelarem o amor, a paixão, o afeto, a harmonia, o cuidado etc..

Figura 3 – Imagem da última cena do filme *A partida*, em que o protagonista entrega uma pedra rugosa a sua mulher, ao mesmo tempo em que explica a lenda japonesa



Fonte: (A CASA FRIDA ..., 2023)

Neste contexto, o filme *A Partida* releva como é difícil, em qualquer fase da vida de um sujeito, a dor psíquica, seja por uma separação em vida ou por uma separação física em razão da morte ou do abandono parental, havendo momentos-chave no desenvolvimento humano em que rupturas e a morte de um ente querido(a) podem ser devastadoras à construção da subjetividade.

Outrossim, desnuda a importância de abertura simbólica necessária à aceitação de novas relações objetais e sentimentos que sejam capazes de minimizar ressentimentos como culpa, raiva e ambivalência dos sentimentos, pois, quanto maior a ambivalência, mais complicado o processo de sofrimento e de vivência do luto – “seja uma dor

psíquica provocada pela ruptura de um laço com o outro, perda de um trabalho, perdas relacionadas ao processo vital, ou seja, as etapas da existência, entre outros” (A CASA FRIDA..., 2023).

O termo *carta de pedra* é usado também de forma esotérica/mística no Tarô. Sendo assim, segundo essa concepção, as cartas dos cristais trazem mais conhecimento, energia de cura, força e equilíbrio. Nesse sentido, intitulamos os grupos de estudos das cursistas com nomes de diferentes rochas, pedras e gemas.

Na primeira aula presencial da disciplina do Curso de Tendências, as cursistas receberam uma pequena pedra, simbolizando “nossa preocupação com elas, mas também o compromisso delas com o autoconhecimento, o curso e as aprendizagens. Acordamos nesta reunião que faríamos uma cerimônia no final do curso, trazendo as pedras recebidas para exposição e celebração dos saberes adquiridos, formando uma ciranda dos conhecimentos, dando relevância aos seguintes pontos:

- a diversidade das práticas pedagógicas e das problemáticas que emergiram no cotidiano da sala de aula e foram debatidas durante o curso e na tessitura deste Memorial e dos Trabalhos de Conclusão do Curso.
- as discussões da formação em educação inclusiva, letramentos, sujeitos, escola e sociedade, diversidades, entre outros temas que são estruturais para atuar de forma transformadora com novos desafios da realidade socioeducacional do Município de Rio Doce e de Santa Cruz do Escalvado.

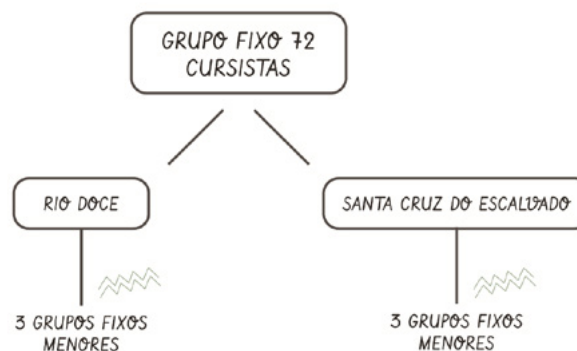
Destarte, com as pedras em exposição durante o ato pedagógico celebratório, instigar-se-ão novas perspectivas da atuação profissional por meio de uma melhoria das práticas educacionais, ações que estão conectadas com as diferentes demandas de formação dos referidos municípios.

AGRUPAMENTOS FIXOS DAS CURSISTAS E MÓVEIS E O MONITORAMENTO DAS APRENDIZAGENS

Segundo Zabala(1998) e Rezende (2003), estabelecer tempos e espaços flexíveis de aprendizagem é uma excelente tentativa de construir alternativas pedagógicas à organização tradicional da sala de aula. No capítulo *A organização social da classe*, do livro *A Prática Educativa*, Zabala (1998), propõe diferentes tipos de organizações móveis⁴, denominados por ele de agrupamentos.

Com o intuito de um adequado monitoramento das aprendizagens das setenta e duas cursistas, a coordenação fez diferentes tipos de organização, conforme Figura 4, do organograma a seguir.

Figura 4 – Organograma de organização das cursistas de Rio Doce de Santa Cruz do Escalvado



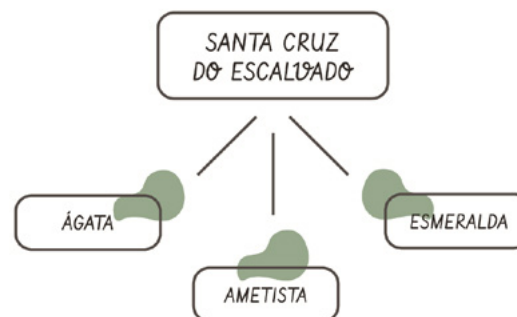
Fonte: Curso de Especialização em Práticas Pedagógicas, UFOP (2022).

As cursistas foram divididas em 6 grupos menores: três de Santa Cruz do Escalvado e três do Rio Doce. Cada grupo recebeu o nome de uma rocha após debates com os(as) tutores(as) que acompanhariam

4 Ver Zabala (1998, 111-137): A organização social da classe.

cada grupo. Cada tutor(a) escolheu o nome de uma rocha. Os pequenos agrupamentos das cursistas de Santa Cruz do Escalvado foram intitulados de Ágata, Ametista e Esmeralda, conforme Figura 5.

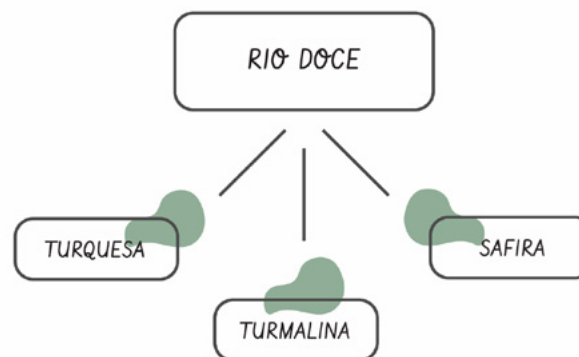
Figura 5 – Agrupamentos das cursistas de Santa Cruz do Escalvado



Fonte: Gestão do Curso de Especialização em Práticas Pedagógicas, UFOP (2022).

Os pequenos agrupamentos do município do Rio Doce foram compostos pelas rochas Turquesa, Turmalina e Safira (Figura 6).

Figura 6 - Agrupamentos das cursistas de Santa Cruz do Escalvado



Fonte: Gestão do Curso de Especialização em Práticas Pedagógicas, UFOP (2022).

CARTAS DE PEDRAS E OS AGRUPAMENTOS DAS APRENDIZAGENS

Nessa reorganização espaço-temporal-virtual e/ou presencial, pode-se ter um tempo dedicado aos conteúdos (sala virtual) e outro aos agrupamentos por meio de diferentes possibilidades de orientações, incluindo videochamada, mensagem no WhatsApp etc. Segundo Rezende (2004, p. 258):

O tempo dos agrupamentos, como já situado acima, concretiza-se como uma oportunidade de o professor desenvolver as situações pedagógicas dando relevância à aplicação de exercícios de “conteúdos de caráter procedimental (ler, desenhar, observar, calcular, classificar, traduzir, recortar, saltar, inferir, espetar) e atitudinais (agrupam valores, atitudes e normas)”⁵

Podemos dizer que a pedra de toque dessa reorganização temporal está em desenvolver uma metodologia capaz de vincular os conteúdos à realidade dos(as) estudantes, característica de uma educação cujo enfoque é globalizador, que, segundo Zabala (2002, p.216), significa:

estabelecer vínculos com o mundo real e, a partir dos problemas extraídos da realidade, tentar prover as crianças de meios e instrumentos de maneira que, em determinado momento, possam realizar a difícil tarefa de aplicá-los nas complexas situações que a vida em sociedade lhes colocará.

Os(as) autores(as) supracitados (as) mostram de forma diferente a importância de realizar agrupamentos fixos e flexíveis no processo educativo. Rezende (2004) apresenta os resultados da pesquisa feita na E.M. P.M.C e destaca a importância desta forma de organização com respaldo nas experiências que observou, enumeradas a seguir.

Os agrupamentos como uma nova possibilidade para organizar tempos e espaços e permitir a diversidade de registros;

5 Zabala(1998, p. 43 a 46 *passim*).

Por meio dos agrupamentos os docentes conseguiram mostrar de maneira irreverente o que é possível ser feito de forma diferenciada e chegar mais perto das angústias que os jovens remetem para escola.

O agrupamento permitiu trabalhar a partir dos registros que os alunos iam produzindo e ao longo do percurso filmava os trabalhos dos alunos.

Tentativas importantes como alternativas pouco experienciadas no cotidiano das aulas e a escola passavam a reinventar uma experiência diferente dos dias comuns (REZENDE, 2004, p. 260)

Os resultados formatados dos agrupamentos apontados pela autora mostram-nos a possibilidade de o professor sair de sua rotina pedagógica naturalizada em tempos fixos, organização de tempos/ espaços padronizadas em séries, ano, bimestres etc. para a incorporação de tempos/espaços flexíveis. Tudo isso, com uma nova relação ensino-aprendizagem e com a possibilidade do exercício crítico diante da multimodalidade da linguagem, podendo ser produzidos tanto em espaços presenciais, como em espaços virtuais – novas formas de agrupamentos, como exemplificamos acima, novos modelos de reuniões pedagógicas e/ou outras ações pedagógicas da escola. Uma pedagogia diferenciada colocada em prática pode ajudar ao cursista, o saber ser:

[...] da sociabilidade, da troca, da capacidade de argumentação e de expressão de suas próprias ideias. Falamos ainda de autoestima e de auto valoração de cada aluno como indivíduo, que permitirão, ao longo do tempo, uma relação com a comunidade de modo mais adaptativo. (ROSADO e ROMANO, 1994, p.48)

Nessa perspectiva, os(as) cursistas podem expor os próprios conhecimentos, submetê-los à apreciação de outros(as) (docentes, colegas, tutores(as) etc.) e compartilhar junto à comunidade escolar e/ou acadêmica para troca de ideias, conhecimentos e conquistas com outras pessoas etc. Sendo assim, tal formato contribui não somente para acumulação de conhecimentos, mas também para outros universos nem sempre focalizados pela universidade e/ou escola.

REFERÊNCIAS

A CASA FRIDA(2020). **Comentários sobre o filme a partida**. Disponível em: <https://www.acasafrida.com.br/single-post/2020/10/02/a-carta-de-pedra-luto-e-transmiss%C3%A3o-coment%C3%A1rios-sobre-o-filme-a-partida>. Acesso em 15 de fevereiro de 2023.

MILANI, Robledo. A partida. **Papo de cinema**. 2023. Disponível em: <https://www.papodecinema.com.br/filmes/a-partida/>. Acesso em 01 de fevereiro de 2023.

REZENDE, Márcia Ambrósio Rodrigues. **A relação registro/avaliação no ciclo da juventude**: possibilidades e limites na construção de uma prática educativa inovadora.2004. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da UFMG. Belo Horizonte.

REZENDE, Márcia Ambrósio Rodrigues. **A relação registro/avaliação no ciclo da juventude**: possibilidades e limites na construção de uma prática educativa inovadora.2004. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da UFMG. Belo Horizonte.

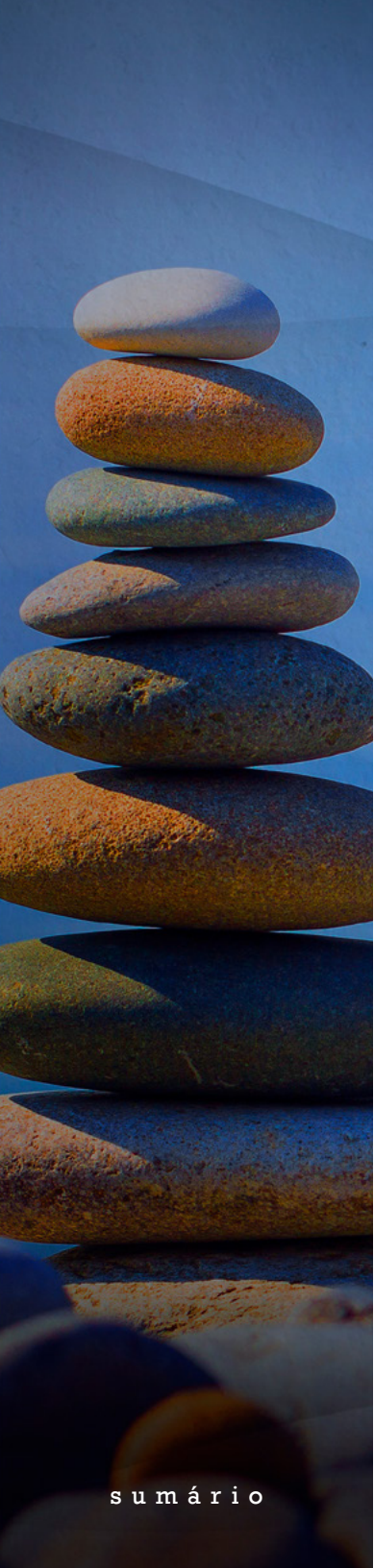
ROSADO, Eliana Martins da Silva e ROMANO, Maria Carmem Jacob de Souza. **O vídeo no campo da Educação**, Ijuí: UNIHUÍ, 1993.

TAKITA, Yôjirô. **A partida. Japão**: Paris Filmes (Brasil), 2008.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO, **Curso de Especialização em Práticas Pedagógicas**. Departamento de Educação e Tecnologias. Centro de Educação Aberta e a Distância. AMBRÓSIO, Márcia (Coord.), 2022.

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar** / Antoni Zaba- la; tradução Ernani F. da F. Rosa. Porto Alegre: Artmed,. 1998.

ZABALA, Antoni. **Enfoque Globalizador e Pensamento Complexo**: uma proposta para o currículo escolar. Porto Alegre: Artmed Editora, 2002.



Pausas poéticas...

Viviane Raposo Pimenta

*Doutora em Letras pela PUC-MINAS Professora
Adjunta do Departamento de Letras (UFOP)*

Durante a tessitura do texto, trazemos oito poesias no sentido de promover uma viagem ao mundo imaginário e encantado da escrita, com seus aspectos lúdicos, de descoberta, de prazer e de liberdade.

Nossa tentativa é fazer desta obra uma festa da escrita. Um espaço para revelar a criação, a ação, a confecção e a fabricação textual da arte de poetizar, anunciando a beleza do espírito - *uma poésis* - , definida por Platão como “todo ocasionar para algo que, a partir de uma não presença, sempre transborda, se antecipa numa presença e é produzido” (Platão, em o Banquete). Nesse sentido, iniciamos esta obra com uma poesia e, no entremeio de um capítulo e outro, serão inseridas novas pausas poéticas. Sete poesias são da nossa aluna Célia Leandro e uma, de Ritchele Katarine Cunha da Silva, moradora da cidade de Rio Doce. Igualmente, é com mais poesias que encerramos as considerações não concludentes desta obra.

Por conseguinte, convidamos nosso(a) leitor(a) a viajar na partida e na chegada. Também, a olhar pelo retrovisor as belezas de suas histórias, de suas narrativas, que são SUAS, únicas e irrepetíveis.

Desse modo, que tal uma olhada pelo retrovisor de sua vida para rever quanta beleza e quanta *sabedoria* há em suas vivências?! Porque você é único/única, incompleto(a), múltiplo(a) e cheio de peculiaridades. Porque aqui você não está só participando, você está usufruindo também, como revela o texto de Ewaldo (2015).

Aproveite, viva suas escre(Vidas) intensamente!

1ª pausa poética

Rio Doce - A minha cidade amada

*Seus montes, sua beleza.
As árvores, seu encanto.
As casas, seus olhos.
As pessoas, sua vida...
Pareces sair do livro
das Mil e uma noites,*

*Por ser fantástica e aconchegante.
Seus montes, uma eterna imensidão.
Que não cabe apenas aos olhos
Mas também ao coração.
Suas manhãs, partidas
De gente que trabalha,
Que trabalha pra vencer.*

*Gente que faz dessa cidade,
Que luta pelos seus.
À tarde, gente que chega.
Gente cansada de tanto trabalhar.
Gente que se recolhe com o pôr do sol
E juntos a passear pela pequena praça,
Pelo coração da cidade...*

*À noite, estudantes para o colégio,
Homens nos bares a conversar, a beber,
Falando das mesmas coisas;
De moças, dos filhos,
De política, de religião,
De sonhos e de ideais...*

*Nas igrejas, as beatas vivem a rezar
Nas contas a Ave Maria proclamar
E em cada rosário um oferecimento a dar
A jovens, a pais e a tantos mais.*

*Nas casas, as novelas, única atração
Daqueles que durante o dia
Ficaram a trabalhar.*

*E à meia-noite, tudo fica em silêncio,
Tudo para.*

*E aí, pode-se notar a paz,
A tranquilidade do céu estrelado.
Ah! Rio Doce amado!*

(LEANDRO, 1985, p. 21)

REFERÊNCIAS

LEANDRO, Célia Aparecida. A minha cidade amada. *In*: LEANDRO, Célia.
Trilhas: Livro de Poesia, 2000 [mimeo].

2

Márcia Ambrósio

*Doutora em Educação pela UFMG
Professora Associada no Departamento
de Educação e Tecnologias (UFOP)*

Memoriais:
escrituras de orientação
na disciplina tendências
e pesquisa em educação

INSCRIÇÃO NO CURSO – PRIMEIRA ORIENTAÇÃO DO MEMORIAL

A primeira atividade de aprendizagem do Curso de Especialização em Práticas Pedagógicas já aconteceu no momento da inscrição dele, quando os cursistas foram convidados a fazer um memorial docente. Tal ação já foi considerada pela coordenação desse curso como um dos componentes do portfólio reflexivo e, além disso, deveria ser realizado ao longo do período em que ele durasse e, além disso, produzido individualmente.

Portanto, fizemos no Edital de inscrição CEEAD 0003/2022 o seguinte convite: “Conte-me agora um pouco de sua história!”. Tal convite foi uma abertura para a narrativas dos cursistas, ou seja, narrativas do ofício docente.

Cunha (1997), traz uma reflexão a respeito das narrativas como instrumento educativo, tanto na pesquisa quanto no ensino. Recupera-se o sentido das narrativas e parte-se do pressuposto de que trabalhar com elas na pesquisa e/ou no ensino é partir para a construção/desconstrução das experiências dos sujeitos aprendentes. Explora-se a dupla vertente de possibilidades no seguinte campo: a investigação da narrativa usada no ensino e, além disso, na pesquisa que usa a narrativa (AMBRÓSIO, 2013).

Assim, durante nossas atividades do curso - na plataforma Moodle e presencialmente – os cursistas são, permanentemente, instigados a relatar/refletir sobre muitas lembranças de sua vida pessoal e profissional, de sua trajetória escolar, da trajetória de seus professores, suas aprendizagens e experiências como docentes e como discentes.

Convidamos os(as) professores(as) cursistas a relembrar e a retomar seus processos de letramentos – escolares e extraescolares. Foram estimulados(as) a exercer a autonomia e a ser protagonistas de

seu processo de aprendizagem no curso de Práticas – oferta 6. Esse processo foi muito interessante e importante, pois possibilitou uma reflexão mais apurada da prática pedagógica.

Se é verdade que ensinamos também conforme aprendemos, conforme nossos modelos pedagógicos, nossas experiências com antigos professores, nossas crenças e nossos valores, precisamos pensar, de uma forma especial, a respeito de tudo que nos constitui como sujeitos. Durante o curso, refletimos sobre os desafios de escrever sobre a nossa docência e, também, estabelecer relações entre a teórica e a prática. Percebemos que temos enormes desafios. No entanto, todo esforço foi, aos poucos, valendo a pena. Trocando experiências com outros(as) cursistas, tutores(as) e docentes do curso, tivemos a oportunidade de ver que existem experiências semelhantes e, além disso, observamos que algumas experiências foram vividas de forma muito singular.

Torna-se importante destacar que o registro inicial das memórias para a inscrição no curso não tinha um caráter meramente formal, porque a Coordenação Pedagógica o propôs como o início de um processo formativo. Portanto, ele não foi abandonado, mas, sim, retomado, reescrito e aperfeiçoado em cada disciplina do nosso curso. Acreditamos tratar-se de um processo construtivo e colaborativo de uma escrita que poderá ser utilizada para o Trabalho de Conclusão de Curso, ou seja, o TCC.

SEGUNDA ORIENTAÇÃO PARA ESCRITA DO SEU MEMORIAL

Durante a disciplina *Tendências da Pesquisa em Educação*, os(as) cursistas continuaram a ser estimulados à escrita dos seus memoriais, delineando as diferentes tessituras que culminariam nesta obra intitulada

Escre(Vidas) docentes: as rochas do conhecimento, isto é, um livro escrito por várias mãos, uma das nossas publicações, nas quais docentes, cursistas, tutores(as) e docentes convidados(as) são autores(as). Com o objetivo de orientar o processo de escrita, propusemos algumas questões como forma de auxiliar a iniciar/organizar o Memorial.

1. Apresente-se descrevendo, brevemente, um pouco a seu respeito.
2. Também, de forma breve, comente sobre sua trajetória escolar (escola regular e/ou supletivo, escola pública/privada, reprovações, passagens automáticas, com dificuldades, com interrupções etc.).
3. Você tem boas lembranças da escola e dos seus professores? Em que momento decidiu ser professor?
4. Quando e por que escolheu ser professor? Ou será que nem pensava nisso e *foi escolhido pela profissão*, ao invés de escolher?
5. Ao retomar algumas questões sobre sua trajetória e sua experiência escolar, você deve procurar entender como isso influenciou sua decisão pela carreira docente, sua forma de ensinar e suas ações pedagógicas.

Na Figura 7 destacam-se importantes eixos formadores quando se realiza a elaboração de um memorial.

Figura 7 – Organograma dos Eixos formadores do Memorial Reflexivo



Fonte: Ambrósio(2023)

A autora deste capítulo e professora da disciplina TPE (Tendências da Pesquisa em Educação) apresentou aos cursistas o organograma anterior com os eixos formadores para desenvolvimento de diferentes saberes docentes ao tecer um memorial de vida e profissional.

Desta vez, com base nos estudos realizados ao longo da referida disciplina, foram tomados como ponto de partida três eixos teóricos relativos à Pesquisa em Educação. Elas tratam de temas sensíveis à área da educação, ou seja, narrativas docentes, saberes docentes e portfólios/webfólios, relacionados a seguir:

- a. a compreensão sobre como *aprendemos a aprender*⁶; a diferença entre *saber, conhecer e avaliar* (AMBRÓSIO, 2015/2017);
- b. a relação entre a observação e a pesquisa (MATURA & VARELLA, 2001);
- c. a relação entre Conhecimento Científico, Pesquisa, Formação e Identidade do Professor (GONÇALVES, 2016);

6 Vídeo *Aprender a aprender*. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Pz4vQM_EmzI

- d. saberes profissionais dos professores, epistemologia da prática profissional dos professores e suas relações com a formação para o magistério (TARDIF, 2000/2002).
- e. a pesquisa bibliográfica e a experiência docente como parte da atividade científica (GOMES & JEFFERSON, 2016);
- f. abordagem qualitativa e os instrumentos de pesquisa (XAVIER, 2023);
- g. a monografia e a redação de trabalhos acadêmico-científicos (TEIXEIRA, 2016);
- h. entre inquietações e quietude nas cartas, a pesquisa (TEIXEIRA, 2013);
- i. o uso do portfólio/webfólio na prática docente (AMBRÓSIO, 2013; 2017;2018);
- j. a valorização das narrativas do ensino e da pesquisa em educação (CUNHA, 1998;2023).

Dessa forma, deu-se continuidade ao trabalho iniciado anteriormente, como registrado nas orientações a seguir.

TERCEIRA ORIENTAÇÃO PARA ELABORAÇÃO DO MEMORIAL

Alguns textos da disciplina TPE foram utilizados para suscitar nos cursistas lembranças da sua vida pessoal e profissional, da sua trajetória escolar, de seus professores, das suas aprendizagens e das suas experiências como docente e como discente. Esse processo é muito interessante e importante, pois possibilita uma reflexão mais apurada da prática pedagógica.

Se é verdade que ensinamos também conforme aprendemos, conforme nossos modelos pedagógicos, nossas experiências com antigos professores, nossas crenças e nossos valores, naturalizando a docência, precisamos pensar de uma forma especial em tudo isso. Foram propostas algumas questões⁷ para que os cursistas pudessem ajudar a organizar as ideias do seu Memorial.

- Como foi sua trajetória escolar? (Escola regular, supletivo, escola pública/privada, reprovações, passagens automáticas, com dificuldades, com interrupções etc.)
- Quais são suas boas lembranças da escola e dos professores?
- Como era a organização do tempo escolar? Série? Ciclos?
- Como eram organizados os espaços escolares? Enturmações fixas? Flexíveis? Projeto de trabalho? Oficinas? Centro de interesses?
- Como os estudantes eram tratados em suas diversidades?
- Quais suas recordações ruins?
- Do que você mais gostava na escola? Do que não gostava?
- Que tipo de aluno você era? Tímido? Extrovertido? Estudioso? Participativo? Líder?
- Quais disciplinas gostava e em quais tinha dificuldades?
- Como era a sua escola (rígida, mais aberta, conteudista, preocupada com o bem-estar do aluno, alegre, sisuda)?
- Como era a avaliação?

7 Orientamos aos(às) cursistas que não haveria necessidade de responder a cada questão, pois foram preparadas com objetivo de suscitar ideias.

- Pense também em todas as questões que estão sendo lançadas no início deste curso e nos anteriores. Lance mão dessas reflexões.
- Aproveitando tudo isso, relacione sua trajetória com a sua decisão de ser professor e reflita em seu Memorial sobre a questão.
- Em que momento você decidiu: *vou ser professor?* Quando, por que e como você escolheu ser professor? Ou será que você nem pensava nisso e “foi escolhido pela profissão”, ao invés de escolher?

Tais questões colaboram para uma reflexão bastante pontual. Ao retomar algumas questões sobre sua trajetória e experiência escolar, procurem entender como isso influenciou sua decisão pela carreira docente e na sua forma de ensinar.

FÓRUM - CONTE-ME SUA HISTÓRIA: ESCRE(VIDAS) DAS NARRATIVAS DOCENTES E DE PESQUISA

Dando continuidade à tecitura do Memorial, preparamos um fórum na Plataforma da 1ª, disciplina *Tendências da Pesquisa em Educação - TPE*, intitulado *Conte-me sua história: escre(vidas) das narrativas docentes e de pesquisa*. Solicitamos aos(às) cursistas que se apresentassem, colocassem uma foto e contasse-nos um pouco sobre a sua história a partir de citação de Larrosa (1994, p. 48) a: [...] “o sentido do que somos depende das histórias que contamos e das que contamos a nós mesmos [...], em particular das construções narrativas nas quais cada um de nós é, ao mesmo tempo, o autor, o narrador e o personagem principal”.

À luz da inspiração que nos instiga o referido autor, solicitamos que os estudantes escrevessem sobre sua formação acadêmica, sua experiência profissional, seu interesse e suas expectativas em relação ao curso e à disciplina TDE. Foi estimulado que os(as) cursista assistissem à 12ª Webconferência “Conte-me sua história: escre(vidas) das narrativas docente e de pesquisa” (2021) e lessem um artigo intitulado “Conta-me agora! As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino” (1997). Ademais, estimulamos que todos registrassem quais foram suas maiores dificuldades em relação ao trabalho docente, práticas pedagógicas, didática escolar, relação professor/aluno, em relação à avaliação e aos registros escolares. Além disso, questionamos se já haviam desenvolvido algum projeto de trabalho relevante ou memorável; se já haviam usado o portfólio e/ou webfólio ou se já haviam sugerimos comentar brevemente a experiência.

O compartilhamento dos memoriais no fórum foi muito importante para as trocas de experiências, visto que apreciamos e nos emocionamos com a história de vida e profissional de cada cursista. Além disso, tecemos nossos comentários, elogios, considerações, com ricos *feedbacks* mútuos, entrecruzando as narrativas da equipe polidocente com as narrativas dos discentes.

PEGADAS PARA O MEMORIAL, REFLEXÕES E LEMBRETES

O exercício de construção dialógica de saberes teve continuidade com o envio de mais uma carta da Profa. Márcia Ambrósio aos cursistas, assim intitulada:

pegadasparamemorial
@marciaambrosio.ufopinovação
@OuroPreto5deoutubrode2022.

O título da carta, grafado de forma irreverente, misturando símbolos *arroba*, nome do usuário, nome do provedor, simulando uma conta de e-mail e, ainda, ponto, siglas, data, teve o propósito de instigar o(a) interlocutor(a) à inovação do ato de escrever, sem doer e com prazer como nos ensina Claver (1994;1999), abrindo espaço para a descoberta do lúdico, da liberdade no processo de criação. Outrossim, foram buscados o diálogo por meio de outras formas de comunicação em forma de chamadas breves, incluindo pense e reflita e, também, lembretes importantes.

Carta da professora: Pegadas para o memorial

Querides cursistas!

Sei que estão ficando descabelados.

Meus fios de cabelos brancos aumentam dia após dia.

É normal!!!

E a emoção da vida está nela mesma.

Em viver e não ter vergonha de ser feliz...

Consiste em viver e romper os desafios da vida.

Agora o desafio é descortinar um pouco de você, revelando-se no papel.

Parafraseando Ronald Claver (1999), convido-os(as): “Vamos tornar o branco do papel impuro”?

Aceite o convite e mostre-me sua fotografia.

Não tenha medo...

Juntos, amaremos o óbvio e obtuso que trazem em si...

Quero conhecer parte de você...

Vou viajar no seu mundo...

Escreva com prazer e, se doer, pare...

Leia para alguém...

Se achar bonito o que escreveu, vibre e diga eu sou demais!!!

Mas se achar feio, brega, ridículo, pode amassar o papel, mas não pode deletar do computador (acho que pode deixar na lixeira por um tempo), mas não pode jogar fora...

Alguém poderá adorar...

Noutro dia você mesmo pode achar interessante....

Portanto, a escrita é uma caixinha de surpresas!!!

Confie em mim! Abra essa caixinha.

Viveremos momentos espetaculares...

Ei, cadê você? Já escreveu alguma coisa para mim? Estou esperando ansiosa!!!

Agora é com você.

Beijoscalorosos@escritoresdavid

marciaambrósio.ufop/emoções.

Nas marcas dessas pegadas, foi dado início às orientações em termos de estilo e estrutura composicional do gênero textual memorial. Dessa forma, poesia, técnica e estética caminham juntas em torno da formação em pesquisa em educação.

PENSE E REFLITA:

- Quais memórias da vida pessoal/profissional/experiência quer narrar?
- Quais quer enfatizar? Quais memórias quer guardar no fundo do baú e quais prefere não publicizar)?

- Para que escrever? Quem lerá as memórias? Como narrar sua história?
- *Durante o processo da escrita, releia sua narrativa várias vezes e refaça-a, se julgar necessário;*
- Pense em fatos que merecem ser explicitados/desenvolvidos;
- Analise as questões que são anunciadas no texto e abandonadas *a posteriori*, por exemplo:
 - Se criam expectativa no leitor;
 - Se não respondem a problematizações/ questões anunciadas;
 - Se não há conclusão de pensamento;
 - Quais questões podem ser resumidas que não acrescentam muito ao texto.
- Fundamental: evite juízos de valor (se está bom ou ruim). Isso pode paralisar você!

LEMBRETES IMPORTANTES:

- sobre a natureza do texto (se for um relato de experiências deve ser um texto narrativo, permeado de reflexões e análises);
- ser sujeito do texto;
- relacionar os fatos narrados com o contexto em que estão inseridos;
- buscar discutir outras ideias, de diferentes interlocutores, referenciais teóricos da prática;

- lembrar que um texto tem sempre um caráter provisório e que “a finalização” acontecerá em função do prazo acordado;
- rascunhe, escreva, erre, reescreva, tente escrever mais, experimente mais e faça da sua caneta, do seu lápis ou das teclas do computador uma extensão do seu corpo, da sua alma e expresse sua história, suas emoções.

REFERÊNCIAS

AMBRÓSIO, Márcia (Org.). **Tendência de Pesquisa em Educação**. São Paulo: Editora Pimenta Cultural, 2023.

AMBROSIO, Márcia. **Avaliação da aprendizagem e o uso do portfólio/webfólio na prática educativa**. 1. ed. Ouro Preto: Editora UFOP, 2017.

AMBROSIO, Márcia. **O uso do portfólio no ensino superior**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

AMBRÓSIO, Márcia. **A avaliação, os registros escolares**: ressignificando os espaços educativos no ciclo das juventudes. Petrópolis: Vozes, 2015.

AMBRÓSIO, Márcia. Webfólio/Portfólio de aprendizagens no ensino superior. *In*: MILL, Danile (Org.). **Dicionário crítico de educação e tecnologias e de educação a distância**. Campinas/SP: Papirus, 2018.

CLAVER, Ronald (Org.). **Escrever com prazer**: Belo Horizonte, Editora Dimensão Eirel. 1999.

CUNHA, Maria Isabel. Conte-me sua história: “escre(vidas)” das narrativas docentes e de pesquisa. AMBRÓSIO, Márcia (Org.). **Tendência de Pesquisa em Educação**. São Paulo: Editora Pimenta Cultural, 2023.

CUNHA, Maria Isabel. *In*: AMBRÓSIO, M (Org.). **Conte-me sua história: “escre(vidas)” das narrativas docente e de pesquisa** [Ouro Preto]: UFOP, 2021, 1 vídeo (01:53:03h). Publicado pelo canal Professora Márcia Ambrósio - DEETE UFOP. YouTube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=XGQwMm5VshY>. Acesso em: 03 de março de 2023.

CUNHA, Maria Isabel da. **Conta-me agora!**: as narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. *Rev. Fac. Educ.* 23 (1-2) Jan. 1997. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rfe/a/ZjJLFw9jhWp6WNhZcgQpwJn/?lang=pt> . Acesso em 20 de nov. 2022.

GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira. **Pesquisa, Formulação de problemas e saber docente** (2016). Disponível em: http://crv.educacao.mg.gov.br/SISTEMA_CRV/index.aspx?id_projeto=27&ID_OBJETO=30814&tipo=ob&cp=000000&cb=. Acesso em 15 de maio de 2017

LARROSA, Jorge. Tecnologias do eu e educação. In: Silva, Tomaz Tadeu. **O sujeito da educação**. Petrópolis: Vozes, 1994, p.35-86. 3.

LEANDRO, Célia. **Chegada**. Rio Doce: Além dos Sonhos. Livro de Poesia, 1985[mimeo].

MATURANA, R. Humberto; VARELA, Francisco. **A Árvore do conhecimento: as bases biológicas da compreensão humana**. Tradução: Humberto Mariotti e Lia Diskin; ilustração: Carolina Vial, Eduardo Osório, Francisco Olivares e Marcelo Maturana Montañez: São Paulo: Palas Athenas,2001.

SILVA, Ritchele katarine Cunha da. **Estação**. Rio Doce: Poema [mimeo].

TARDIF, Maurice. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários: elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas consequências em relação à formação para o magistério. **Rev. Bras. Educ.** [on-line]. 2000, n.13, pp.05-24.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2002.

TEIXEIRA, Inês Assunção de Castro. Entre inquietações e quietude: nas cartas, a pesquisa. In: BEGNAMI, J. B. B., BURGHGRAVE, T. (Org.). **Pedagogia da alternância e sustentabilidade**. Orizona: UNEFAB, 2013.

TEIXEIRA, Inês A. Castro (2016). **A monografia e a redação de trabalhos acadêmico-científicos**. Disponível em:http://crv.educacao.mg.gov.br/sistema_crv/index.aspx?ID_PROJETO=27&ID_OBJETO=32514&tipo=ob&cp=000000&cb=. Acesso em 15 de agosto de 2016.

XAVIER, Giseli Pereli de Moura. Instrumentos de pesquisa qualitativa – observação de campo e entrevista, fotografia e grupo focal. AMBRÓSIO, Márcia (Org.). **Tendência de Pesquisa em Educação**: Editora Pimenta Cultural, 2023.

2ª pausa poética...

Rio Doce, um outro olhar

*Andando pelas calçadas de suas ruas,
Percebo o passar dos anos em meus passos,
Já não vejo aquelas janelas tão vivas!
Não há mais o que ocultar...*

*O tempo não a modificou, apenas transformou
O que era antigo em algo moderno
Sem destruir a sua simplicidade.
Continuas bela e ainda mais aconchegante.*

*Outras belezas vieram de longe
E aqui pousaram para enriquecer,
Fazer-te mais bela e glamorosa.
Trazendo-te um novo visual.*

*Suas tardes são de pássaros em grupos
Que voam unidos para os seus ninhos.
De pessoas que seguiram em frente
Preservando o suor de seus pais.*

*E para aqueles que foram pra longe,
Há sempre um cantinho a retornar.
Percorrem milhas e milhas para aqui estar
E aos teus e a ti encontrar.*

*Expandiu para o mundo seus encantos
Capturados por todos que por aqui passam.
Se expõe sob olhares sábios e perspicazes
Ao registro de belos e singelos momentos.*

(LEANDRO, 1989, p.15)

REFERÊNCIAS:

LEANDRO, Célia Aparecida. Rio Doce, um olho olhar. In: LEANDRO, Célia. **Caçadores de ilusões**. Livro de Poesia, 2000 [mimeo].

3

Márcia Ambrósio

*Doutora em Educação pela UFMG
Professora Associada no Departamento
de Educação e Tecnologias (UFOP)*

As bonitezas da docência:

**o professor, seu saber
e sua pesquisa**

A aula inaugural, ou seja, a Aula Magna do Curso de Pós-Graduação Especialização em Práticas Docentes, intitulada *As bonitezas da docência: o professor, seu saber e sua pesquisa* teve como finalidade introduzir alguns pilares de sustentação das atividades do curso, assim sintetizadas: a relação pedagógica de interestruturação do conhecimento, as novas relações com os tempos e espaços escolares, a autonomia docente, o reconhecimento de que se pode pensar na formulação de problemas de pesquisa, possuindo assim, como objetos e instrumentos, simultaneamente, a prática docente e os saberes profissionais do professor.

Os processos e produtos do Curso de Práticas Pedagógicas (UFOP) se concretizam na valorização da relação pedagógica entre professor e cursistas, com o intuito de revelar novos conhecimentos, tendo como base evidências disponíveis, adequadas não só à realidade da turma, como também à realidade de cada estudante, considerando-os(as) como sujeitos, à luz do que diz Gonçalves (2014).

Vamos incentivar as mudanças no paradigma da ciência, levando ao reconhecimento da importância dos saberes práticos, que resultaram na modificação das relações entre a prática pedagógica e a pesquisa educacional. Nesse quadro, a relevância da pesquisa educacional vem de sua relação com a prática, tanto no sentido de originar-se quase sempre nela, como no de voltar a ela, como um elemento para consolidar e sistematizar os saberes docentes construídos na ação. Dessa forma, a relação entre pesquisa educacional e prática pedagógica dá sustentação ao modelo de formação docente baseado na espiral aberta da ação/reflexão/ação. (GONÇALVES, 2014, s/p).

Durante a aula inaugural, experimentamos uma explosão de saberes singulares e plurais. Na cidade cidade de Rio Doce, foi feita uma apresentação do Projeto Dança do Rio Doce⁸, com as alunas do 5º ano da Escola Municipal Coronel João José, com coreografia de Zara Bueno. Houve, também, recitação de uma bela poesia por uma estudante, intitulada *Estação*, registrada como a nossa 3ª *pausa poética*:

8 O objetivo do Projeto é dar aulas de balé para a Rede Municipal de Ensino.

Estação

*Oh que saudade do trem de ferro!
como queria voltar no tempo
apreciar suas riquezas
e contemplar suas belezas
Naquele tempo em que as pessoas iam admirar as locomotivas
e com isso davam vida ao pequeno Rio Doce,
aproveitavam o tempo para pescar e também namorar
Todos pensavam que, desativando o trem,
nossa querida cidade fosse acabar,
mas tudo ficou na memória
para hoje recordar
Hoje em nossa estação acontecem vários eventos,
crianças, jovens e idosos vêm participar
relembrando nossa história,
o que nos faz emocionar.*

*(Poesia de Ritchele Katarine Cunha da Silva -
Aula Inaugural do Curso, em 2022)*

Na aula inaugural da cidade de Santa Cruz do Escalvado, o maestro José Geraldo (Jakareh), a maestrina Denise Nascimento e os estudantes da Escola Municipal Antônio Leôncio Carneiro fizeram uma belíssima apresentação de diferentes músicas, transmitindo, simultaneamente, *slides-show* dos principais pontos turísticos da cidade e, também, dos patrimônios tombados do município.

Entre as apresentações da aula inaugural, o Professor Hércules presenteou-nos com uma leitura comentada de um texto intitulado “As *bonitezas e sabedezas docentes*”, descrito, na íntegra, a seguir.



As bonitezas e sabedezas docentes

Hércules Tolêdo Corrêa

*Professor Associado no Departamento
de Educação e Tecnologias (UFOP) Rio Doce e Santa Cruz
do Escalvado – Minas Gerais 25 e 26 de maio de 2022*

Quando a professora Márcia me falou que a aula inaugural do nosso tão esperado e tão acalentado curso de especialização em Práticas Pedagógicas recebeu o título de “As bonitezas da docência: o professor, seu saber e sua pesquisa”, eu, que desde muito novo, ainda criança, sempre gostei de palavras, logo me lembrei de uma pergunta que meu pai me fez quando eu disse que havia feito vestibular para o curso de Letras e havia sido aprovado, mas que não iria me inscrever:

**UAI, VOCÊ FEZ ESSA PROVA SÓ
PRA MOSTRAR SABEDEZA?**

Ao que eu expliquei para ele que não era bem assim. Eu queria estudar numa universidade pública, de qualidade, que me capacitasse melhor para a profissão que eu escolhera: ser professor. Portanto, eu queria estudar numa universidade pública, que desde sempre foi a mais prestigiada aqui no Brasil. Naquela instituição em que eu me

inscrevera, eu só estudaria se ganhasse uma bolsa de estudos. Não queria nem tinha condições de pagar pelo curso.

Conto essa história porque boniteza e *sabedeza* rimam e se parecem. Ambas são palavras que não fazem parte da chamada norma culta do português, mas são palavras ditas por pessoas simples, que podem até não ter a cultura valorizada pela sociedade, mas que têm, em seu cerne, a boniteza da *sabedeza* popular, que também precisa e deve ser valorizada.

Na *sabedeza* do povo tem muita boniteza! Não é por acaso que um dos maiores escritores da língua portuguesa, aclamado pela crítica, foi buscar no meio do povo, no convívio com tropeiros e vaqueiros, a matéria-prima para sua literatura, ou seja, a boniteza das palavras das gentes do sertão das Minas Gerais. Guimarães Rosa tem uma frase que também traz essa palavra que a professora Márcia escolheu para batizar nossa aula. Guimarães Rosa diz que “o sapo não pula por boniteza, mas por *percisão* e, por *percisão*, nós procuramos também a *sabedeza*, para escapar das atrocidades do mundo, para aprender o que são os nossos direitos, para ninguém nos passar a perna, para ganharmos o mundo.

Por falar em ganhar o mundo, cito aqui o famoso aforisma do filósofo austríaco Wittgenstein (2010): “Os limites da minha linguagem são os limites do meu mundo”. Sei que existem textos e mais textos de interpretação dessa citação, relacionando-a com seu contexto de produção e com o pensamento wittgensteiniano, mas fico aqui apenas com uma interpretação que serve ao contexto daquele que viu e fez da linguagem o seu mundo.

Assim entendo a frase se eu amplio a minha linguagem, se eu amplio minha *sabedeza*, eu amplio o meu mundo. Não é por acaso que a frase “ler é viajar” foi tão bem acolhida, porque todos nós sabemos que os livros, a *sabedeza* contida neles nos leva a muitos e variados lugares. Por meio da *sabedeza* dos livros, eu conheço lugares diferentes, modos de vida diversos do meu, amplio meus horizontes, aprendo a

respeitar a diversidade do mundo, passo a ter mais respeito pelo outro e até aprendo a admirar o diferente, por ver outras possibilidades de vivências, por aprender com a experiência alheia.

Mas, também, posso entender que os limites do meu mundo são os limites da minha linguagem. Meu mundo se limita ao que eu consigo expressar, ao que eu consigo concatenar, portanto, quanto mais eu consigo dizer, um mundo mais vasto eu terei para explorar.

Retomo mais uma vez Guimarães Rosa e sua conhecida frase “Mestre não é quem sempre ensina, mas quem de repente aprende” e a complemento com outra frase do mesmo prosador: “O mais importante e bonito (olha aí a boniteza!) é isso: que as pessoas não estão sempre iguais, mas que elas vão sempre mudando.” E como cantava aquele roqueiro baiano, o Maluco Beleza: “Eu prefiro ser essa metamorfose ambulante do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo”.

Portanto, nessas mudanças da vida, nessas voltas que o mundo dá, nós, que escolhemos a mais nobre das profissões, a de professor, estamos sempre aprendendo um pouco mais, reinventando nossas ações e nossos mundos, ampliando nossa linguagem e nosso mundo.

Nessa busca da *sabedeza*, hoje eu diria para o meu pai, naquele momento eu não sabia de quase nada, apenas desconfiava de muita coisa (olha aí o Guimarães Rosa de novo), aprendi esses dias uma nova palavra, de origem espanhola, *corazonar*. Um verbo derivado da palavra *corazón*, que, como vocês sabem, é coração em espanhol. A palavra tem sua origem em grupos indígenas do México e foi apropriada pelo antropólogo Patrício Guerrero Arias e tem a ver com os neologismos *sentipensar* e *sentipensante*, ou seja, uma forma de pensar a partir também do coração, do sentimento. *Corazonar* é, portanto, uma forma de conhecimento que alia o coração à razão.

Trata-se, portanto, de um paradigma científico-epistemológico que procura abandonar uma visão de ciência centrada unicamente no objeto para pensá-la também a partir do sujeito. E esse sujeito

sentipensante é aquele que combina a razão e o amor, a mente e o coração. Só se conhece, objetivamente, quando se assume a perspectiva do outro, o que inclui sentimentos e emoções. Daí a importância que adquiriu nos últimos anos a palavra empatia, que significa colocar-se no lugar do outro, calçar os sapatos do outro, como foi feito numa exposição de arte que tanto impactou público e crítica.

E o que tudo isso tem a ver com boniteza, *sabedeza* e com a profissão de professor?

O professor é aquele que procura a *sabedeza* e hoje sabemos que a *sabedeza* e o conhecimento estão nos produtos culturais, que hoje não são apenas impressos, mas se configuram também como digitais e que não se restringem ao verbal, mas a uma multiplicidade de linguagens. Estão, também, nas pessoas, nos indivíduos, nas comunidades e, principalmente, nas interações que se estabelecem entre os indivíduos, não sendo por acaso que o pensamento bakhtiniano de que a linguagem é uma ponte entre mim e o outro ganhou tanta importância no meio acadêmico.

Essa *sabedeza* que oscila entre informação e conhecimento ou que, muitas vezes amalgama esses conceitos, leva às bonitezas da docência, dos saberes docentes, como batizou Maurice Tardif, e do seu papel de professor-pesquisador, aquele sujeito *sentipensante* que, no meio de seus alunos, “de repente aprende” e reaprende, constrói e desconstrói saberes cristalizados, aquele sujeito que tem uma profissão tão nobre, embora tão desvalorizada, eu sei bem disso, mas não me vitimizo, e que age *corazonando*: raciocina sentindo e sente raciocinando. Professores são seres especiais por alguns motivos. Cito aqui apenas dois deles. O primeiro, do ponto de vista das relações do trabalho e do modo capitalista. Nós não trabalhamos para enriquecer pessoas. Nós trabalhamos para formar pessoas. Nossa mais-valia não vai para o patrão, ainda que ele seja o dono de uma grande rede de ensino particular. Nossa mais-valia vai para o sujeito que formamos, que ajudamos na construção de um sujeito-cidadão. O segundo motivo

de nos considerarmos especiais é que desde sempre somos sujeitos *corazonantes*, *sentipensantes*, ainda que nem conhecêssemos essas palavras, ainda que elas ainda não nos tivessem sido apresentadas, porque o ato de ensinar envolve razão e emoção, indissociavelmente.

Vou ficar por aqui, mas não sem antes trazer o pensamento de um velho conhecido nosso. Alguém que fez tanto pela educação brasileira, influenciou e influencia a educação em várias partes do mundo, como já tive oportunidade de perceber por vários países pelos quais passei - o educador Paulo Freire.

Freire nos fala do verbo “esperançar”: “É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperançar; porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. E esperança do verbo esperar não é esperançar, é espera. Esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir! Esperançar é levar adiante, esperançar é juntar-se com outros para fazer de outro modo...”, *corazonando*, *sentipensando*, *enbonitando* o mundo com *sabedezas*, no plural!

REFERÊNCIAS

ARIAS, Patrício Guerreiro. **La cultura: estrategias conceptuales para comprender la identidad, la diversidad, la alteridad y la diferencia**. Quito: Ediciones Abya Yala, 2002.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 1987.

GUIMARÃES ROSA, J. **Grande sertão: veredas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

TARDIF, Maurice. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários: elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas consequências em relação à formação para o magistério. **Rev. Bras. Educ.** [on-line]. 2000, n.13, pp.05-24.

WITTGENSTEIN, Ludwig. **Tractatus Logico Philosophicus**. 3.ed. 2.reimp. São Paulo: EDUSP, 2010

4ª pausa poética...

Beleza única

Não vale

a pena

viver chorando

por coisas

que talvez

sejam pequeninas

perante a

beleza incansável

que bate

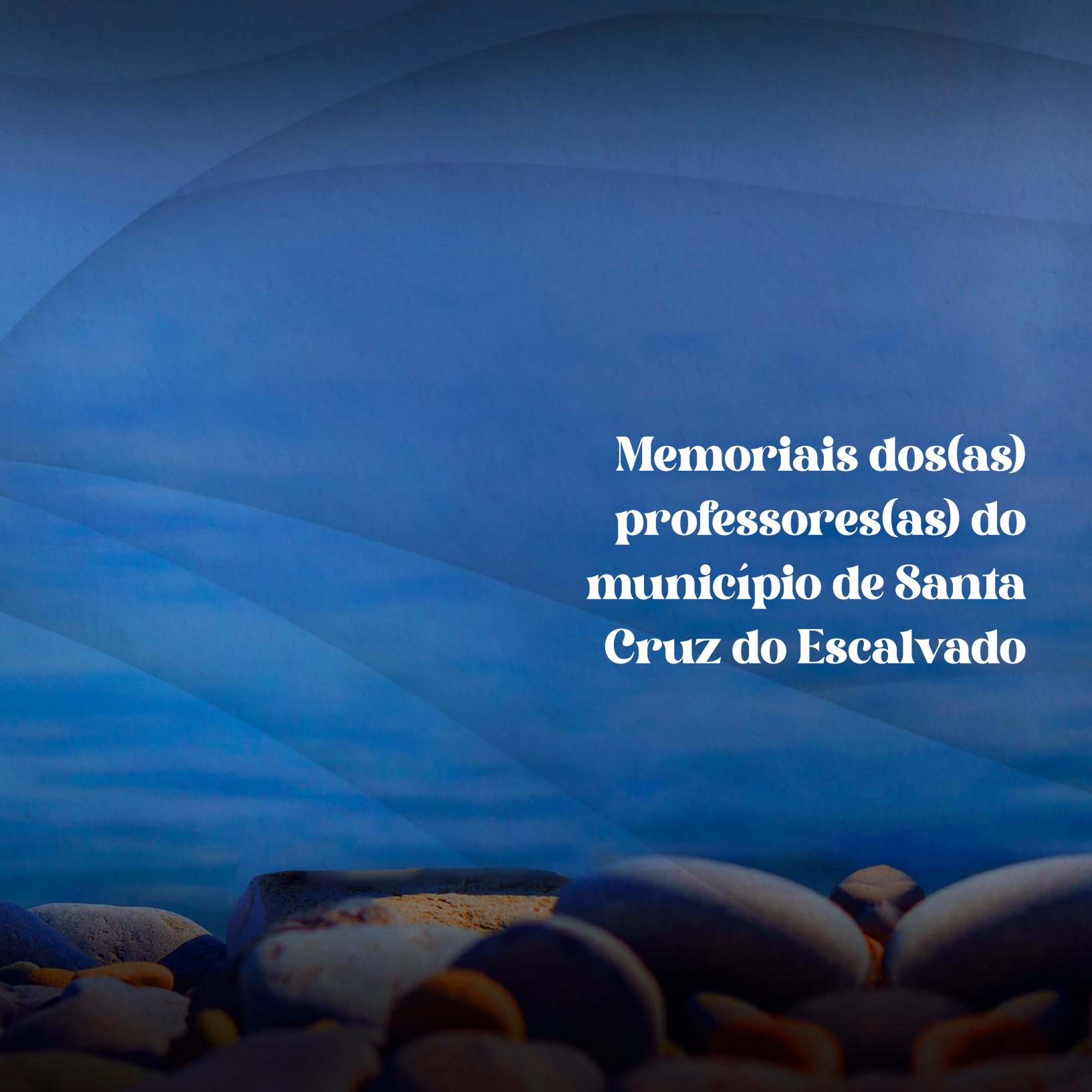
a todo

instante na

tela de

nossos olhos.

(LEANDRO, 1985, p.8)

The background features a series of overlapping, wavy, semi-transparent blue bands that create a sense of depth and movement. At the bottom of the image, there is a dark, out-of-focus foreground of smooth, rounded rocks in various shades of grey, blue, and brown.

**Memoriais dos(as)
professores(as) do
município de Santa
Cruz do Escalvado**

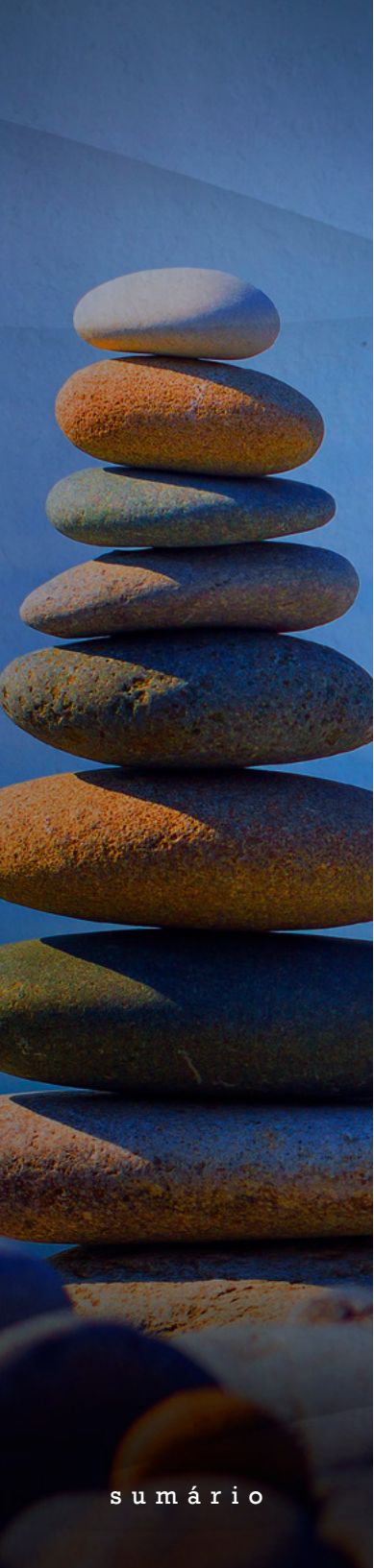


Figura 8 – Imagem de fundo do Morro Escalvado em Santa Cruz do Escalvado.



Fonte: Poesia de Leandro (1985).

REFERÊNCIA:

LEANDRO, Célia Aparecida. Beleza única. In: LEANDRO, Célia. **Além dos Sonhos**: Livro de Poesia, 1985 [mimeo].

4

Viviane Raposo Pimenta

*Doutora em Letras pela PUC-MINAS
Professora Adjunta do Departamento
de Letras [UFOP]*

Prefácio dos memoriais docentes de Santa Cruz do Escalvado

DOI: 10.31560/pimentacultural/2023.97297.4

Iniciamos este capítulo com mais uma pausa poética, outro poema escrito pela cursista Célia Leandro. Aqui a autora remete-nos à beleza incansável do exuberante Morro Escalvado. Trata-se de bem tombado pelo município, cuja vista os moradores de Santa Cruz do Escalvado têm em tela sobre/sob seus olhos. O Conjunto Paisagístico Pedra do Escalvado pode ser avistado a quilômetros de distância.

A beleza da natureza estimula a criação poética. A poesia tem o dom de nos enriquecer com palavras ao mesmo tempo em que brincamos com elas. Dessa forma, a poesia pode prevalecer em nosso cotidiano como uma importante ferramenta de ensino, proporcionando-nos um equilíbrio em uma sociedade que se apoia em conhecimentos científicos.

Neste capítulo, apresentamos as narrativas cheias de vida das cursistas de Santa Cruz do Escalvado. Na seção 1 deste capítulo, a professora Dra. Angelita Azevedo apresenta e dialoga com os textos dos/das cursistas da turma Ágata sob o título de Ágata: Narrar a vida, ressignificar a experiência.

Na seção 2, Esmeralda: a gema da redescoberta é o título atribuído pela profa. Dra. Helena Azevedo Paulo de Almeida para trazer as escre(vidas) do grupo, que recebeu o nome de Esmeralda e, para fechar o capítulo, o prof. Dr. Clayton José Ferreira dialoga, magistralmente, com seu grupo ametista sob o título de A Sábria Ametista.

Embora não haja comprovação científica de acordo com os padrões da ciência ocidental, para conhecermos um pouco sobre as pedras Ágata, Ametista e Esmeralda, desta vez, deixamos os conceitos relativos à mineração e recorreremos aos ditos populares. De acordo com dizeres que têm se mantido ao longo da história, a ametista vem da palavra grega *amethystos*, que significa *não intoxicar*.

A pedra é relacionada aos símbolos da sabedoria. Assim, está diretamente ligada à mente e à consciência. Na Idade Média, a ametista foi muito utilizada na fabricação de talismãs e amuletos mágicos. Havia

a crença de que o cristal era sinônimo de riqueza. Também relacionada à serenidade, essa pedra favorece a meditação, transmuta energia negativa em amor, acalma os temores, reforça a esperança e anima o espírito.

Quanto à esmeralda, ela remete à jovialidade e à beleza, também sendo associada à calma e ao bom humor. Portanto, proporciona equilíbrio físico, mental e emocional, abrindo caminhos e fazendo a conexão com o fluxo da alegria e do amor. Seu nome é derivado da palavra *Smaragdus*, que em grego significa pedra verde ou apenas verde.

Na antiguidade, qualquer pedra esverdeada era denominada dessa forma, no entanto, o tom profundo da gema fez com que a esmeralda fosse conhecida como a *deusa verde de todas as pedras* na Grécia Antiga. Em termos bíblicos, a esmeralda pode representar a “fidelidade de Deus”.

A pedra ágata, uma das pedras com maior variedade de cores, se apresenta com o poder da cura. Ligada a terra, essa pedra está relacionada à harmonização, ao equilíbrio, à calma e à tolerância. Esse cristal garante a manutenção da paz, promove felicidade e repele energias negativas, trazendo mais qualidade de vida.

A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar de um diálogo: interrogar, escutar, responder, concordar etc. Neste diálogo, o homem participa todo e com toda a sua vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, com o corpo todo, com as suas ações. Ele se põe todo na palavra, e esta palavra entra no tecido dialógico da existência humana, no simpósio universal (BAKHTIN, 2003, p. 348).

É com as palavras de Bakhtin sobre a força do dialogismo, constitutivo de todo ato de fala, que inicio este breve prefácio sobre as Escre(Vidas) docentes de Santa Cruz do Escalvado, visto que as vozes das professoras e dos professores que ecoam em minha mente refletem em meu espírito, na minha alma e no meu coração o caráter revolucionário e emancipatório da educação. Percebo que embora possa, numa leitura não atenta, parecer tratar-se de um texto dirigido a um auditório não

determinado, trata-se de enunciados dialógicos que demandam uma réplica responsiva ativa. São narrativas vivas, prenes de resposta, que geram um ouvinte que, obrigatoriamente, torna falante.

Apresentadas essas elucubrações em torno das rochas que intitulam os agrupamentos das cursistas, e entrecruzamos, a seguir, suas Escre(vidas) docentes, revelando nesse ato a natureza dialógica de todo e qualquer texto como defende Bakhtin, colocando-nos a aprender e dialogar com a apresentação de cada tutora e tutor dos microgrupos Ágata (Dra. Angelita A. Azevedo Freitas), Ametista (Dra. Helena Azevedo Paulo de Almeida) e Esmeralda (Dr. Clayton José Ferreira) e as narrativas trazidas pelas professoras da cidade de Santa Cruz do Escalvado. Pego-me, então, refletindo sobre minhas próprias práticas pedagógicas, sobre o meu fazer profissional como professora. As narrativas se entrecruzam com as minhas.

A força das palavras da professora e secretária de educação de Santa Cruz do Escalvado, Juliana Celestina de Sá Lacerda, sua trajetória de um barraquinho de sapê, a labuta diária de seus pais para sustentar os filhos, a memória da mãe que atuava como servente na escola em que estudava e a alegria de ter sido diretora e supervisora dessa mesma escola são visadas discursivas da autonomia, como defendido por Paulo Freire. Tudo isso revela um caminho de energia e equilíbrio que a pedra ágata simboliza.

O percurso entre a graduação no Normal Superior, a complementação em Pedagogia e quatro Pós-graduações. Em suas palavras: *Tenho ótimas lembranças dos meus professores, foram minha inspiração, sempre me perguntava: como fazer para formar na área, pois naquele tempo somente quem era rico tinha condições para se formar.*

Ora, “quem elegeu a busca não pode recusar a travessia” (BOS-SI, 2003), e é no processo de travessia que somos (des)(cons)truídos. Sabrina da Silva Cândido, também aluna de escola pública, não por coincidência, também se constitui no fazer pedagógico. Como foi árdua a tarefa de trabalhar o dia todo e dar continuidade aos seus estudos!

As boas lembranças de seus professores, certamente, contribuíram para o seu retorno depois de cinco anos sem estudar. Sua determinação, “energia da Ágata”, a levou à conclusão da graduação em Pedagogia e a trouxe ao curso de pós-graduação. A constituição de subjetividades inteligentes, capazes de reunir recursos para resolver situações-limite e criar condições para efetivar o inédito viável. Por isso, voltamos a Paulo Freire que diz que “ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago”. (FREIRE, 1998, p. 32).

“Tenho 35 anos. Solteira. Negra. Sempre morei em Santa Cruz do Escalvado. Estudei na Escola Estadual D.O.S desde as séries iniciais até o ensino médio.”

Assim começam as memórias da professora Simone⁹, isto é, o seu posicionamento como pessoa negra, e o reconhecimento do trabalho como monitora de creche. Tudo isso como sendo o de uma professora que produz efeitos sentidos é a performatividade do ato de fala (AUSTIN, 1962), já que todo e qualquer ato de fala realiza ações.

Com isso não são “apenas palavras”, pois são fortes, mas, sim, você não vai desistir. Professora, você vai fazer o seu mestrado, porque uma professora teimosa não desiste, como afirmou Lída Vasconcelos, por essa razão a educação ainda resiste.

E lá vem a Síntia, outra teimosa que diz que *foi muito difícil chegar até aonde cheguei. Tudo que conquistei foi com muito sacrifício...* Sua história nos ensina sobre os valores que construímos a partir de discursos outros e da educação familiar. São as sabedezas de uma família sem muitas trajetórias na educação formal que chegam até nós e que a faz pensar em seus irmãos, que, segundo ela, *deveriam continuar os estudos e concluir uma graduação.*

Sirley, eu também estudei em escola rural, e depois voltei como professora. Mais uma história de superação, e como as vidas de pro-

9 Memória não autorizada pela Cursista, usamos o material para nossas análises.

fessoras se entrecruzam, hein? “*Meninas que estudavam à noite eram mal vistas pela sociedade*” é o que você nos traz. Sabe por quê? Porque o acesso ao conhecimento empodera as meninas!

Foi assim, na luta, na labuta que você conquistou seus 10 títulos e cinco diplomas. Seu relato nos faz refletir sobre a grandeza de Guimarães Rosa, que sempre esteve certo: “o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia” (GUIMARÃES ROSA, 1994, p. 85).

Valdinéia, imagino como deve ter sido difícil para os seus pais criar 13 filhos! Ter pouco ou quase nada para comer. Ter que encaminhar os filhos mais velhos ainda pequenos para o trabalho, porque as necessidades de casa não podiam esperar. E foi aos *trancos e barrancos* que você conseguiu estudar. Que valor cultural é esse “o tal estudo”? Sim, você também é teimosa e vai lecionar para crianças da Educação Infantil e contribuir para que as histórias dessas crianças possam ser narradas cheias de orgulho da professora.

Wellington, quando uma família de agricultores cultiva a educação e os estudos, é assim mesmo, eles *realizam um esforço sobre-humano para que seus filhos desenvolvam o apreço pelos estudos*. Sua trajetória é linda e os capítulos que se apresentam hoje o farão continuar duvidando do que está posto, afinal, o questionamento assim como a ágata desassossegam nossas emoções e irradiam energias. É, eu quase que nada sei, mas desconfio de muita coisa (GUIMARÃES ROSA, 1994, p. 8).

Renata, às vezes chegamos aonde temos que chegar por caminhos desconhecidos. E foi assim que você descobriu *que ser professora é muito valoroso, é uma profissão que tem que ser muito valorizada e admirada*. Então, você, que não queria ser professora, aprendeu que *ser professor era legal e gratificante por poder passar seus conhecimentos aos outros?* “Ensinar inexistente sem aprender e foi aprendendo socialmente que, historicamente, homens e mulheres descobriram que era possível ensinar” (FREIRE, 2008, p. 56).

Ana Maria, então, toda família cultivava a terra? E foi cultivando que seus avós e pais cultivavam o valor “escola”. Você tem noção do valor histórico e social dessa sua frase: “*Nasci em plena Ditadura Militar no Brasil, tudo muito difícil, caro e quase inacessível para o pobre*”? E ainda há quem conteste os horrores da ditadura militar. Lá no futuro, alguém lerá esta frase neste livro e não vai poder negar a sua história e suas vivências!

A leitura desses relatos e dessas memórias tocou a professora Angelita. E não podia ser diferente. Como professora comprometida com uma educação libertadora e com a formação de professoras e professores críticos, a Dra. Angelita A. Azevedo Freitas se depara com as narrativas do Grupo Ágata e percebe no ato de narrar a vida, formas de resignificar a experiência e se emociona. Emoção que tem o poder de cura, como a Ágata, que ligada a terra, nos ajuda na obtenção de equilíbrio físico e mental.

REFERÊNCIAS

AUSTIN, John Langslaw. **How to do things with words**. New York: Oxford University Press, 1962.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BOSI, Alfredo. **Céu e inferno** – ensaios de crítica literária e ideológica. São Paulo: Editora 34/Duas Cidades, 2003.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

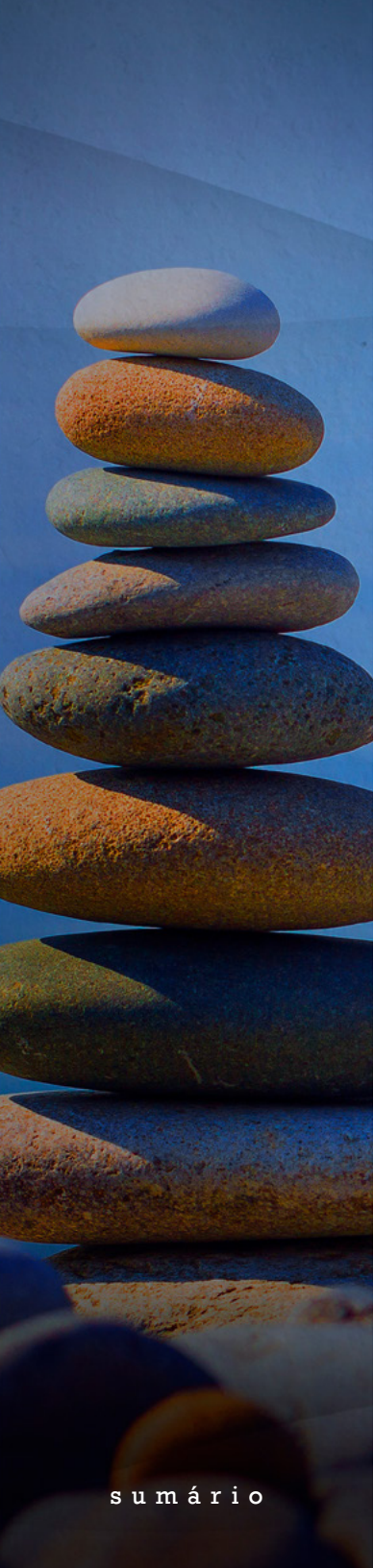
GUIMARÃES ROSA, João. **Grande sertão**: veredas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.



Agrupamento

Ágata:

Santa Cruz do Escalvado



Prefácio do Agrupamento Água : narrar a vida e ressignificar a experiência

Angelita A. Azevedo Freitas

Doutora em Educação (UFMG)

Ouvir histórias... quantas histórias recheadas de vida, de encantamento, de dores, desafios e superação. Deliciar-me com as histórias de educadoras(es) que, assim como eu, acreditam na força transformadora da Educação e, por ela, fizeram uma escolha profissional e, mais que isso, uma escolha de vida.

Ao ler e me deliciar com as memórias dessas(es) educadoras(es), sou instigada a pensar na minha própria história e a ressignificar a minha experiência. Como é interessante perceber que narrar e ouvir narrativas tem um potencial formativo. Eu me formo ao narrar a minha vivência, me formo ao ouvir narrativas de outros sujeitos.

E é nesse delicioso exercício que me empreendi, com muita curiosidade e atenção, na leitura de cada linha, de cada narrativa com as quais seremos presenteadas(os) a seguir. Aprendo a cada leitura que me faz refletir, que me tira do meu cômodo lugar e me impulsiona a adentrar outros mundos e outras memórias que, muitas vezes, se

misturam às minhas, atravessam o meu pensar, o meu sentir, o meu ser. Narrar é ontológico, é visceral.

Com a Juliana reaprendo a viver a paixão pela Educação e a compreender que os nossos sonhos precisam habitar a nossa existência. Assim como ela, também sonhei em ser educadora.

A Sabrina me mostra que é possível encontrar um novo caminho, diferente daquele que desejávamos e sermos felizes com a nova escolha.

Ao relatar o início de sua vida profissional na Educação como monitora de creche, a professora me ajuda a pensar sobre a importância de vivermos o “chão da escola” para podermos pensar sobre a Escola e construir conhecimento profissional e acadêmico a partir de bases sólidas.

A Simone, ao iniciar a sua vida profissional na Educação como monitora de creche, ajudou-me a pensar sobre a importância de vivermos o *chão da escola* para podermos melhor refletir sobre a Escola e construir conhecimento profissional e acadêmico a partir de bases sólidas.

Lendo a narrativa da Sirley vemos também os desafios da vida no campo, da sobrevivência de uma família grande, de muitos filhos e da necessidade que ela e os irmãos tiveram em dar continuidade aos estudos. Mas ela conseguiu superar as situações limites que a vida lhe impunha cotidianamente.

A história da Valdinéia também nos mostra uma trajetória difícil, de vida no campo e de luta pela sobrevivência e, ainda, que o sonho de ser educadora na Educação Infantil a move.

Wellington nos encanta com sua trajetória de aproximação daquilo que faz sentido em sua vida: a arte. O estudo, a dedicação e a constância fazem dele um estudante e um profissional que acredita naquilo que faz e que se entrega por inteiro.

Renata destaca a importância da profissão do educador, merecendo ser valorizada pela sociedade, algo que se distancia de nossa atual realidade. Mesmo não atuando na área, ela percebe o quanto a formação acadêmica na área da Educação a favorece em diferentes aspectos de sua vida cotidiana.

Emociona-nos ler a narrativa da Ana Maria, que, tendo aprendido a ler, se tornou a escriba da família. Lia bilhetinhos para ajudar o avô, respondia cartas para a família do pai e, nas suas brincadeiras de criança, era sempre a professorinha. Que encanto!

Paloma não tem ainda a vivência na docência, mas já se apaixonou pela área, a partir das suas experiências com os estágios realizados durante o curso de Pedagogia. Em breve será mais uma colega da nossa profissão.

Essas narrativas mostram-nos trajetórias diversas, mas que se encontram, que se perpassam, sobretudo nas situações limite da vida. As dificuldades, os sofrimentos, os desafios cotidianos transformam-nos em inéditos viáveis (FREIRE, 1998), promovendo a transformação e a emancipação dos sujeitos.

Essas(es) educadoras(es) que compõem o grupo Ágata, assim como essa rocha, mostram-nos a singularidade de suas histórias, as diferentes e variadas cores e, além disso, nuances que emanam de suas trajetórias. Uma outra característica da Ágata é ser esponjosa e, assim, como ela, esse grupo se faz esponja ao deixar penetrar em seus poros o gosto pela vida, a perseverança frente às adversidades e a alegria pela descoberta.

Sigamos sendo únicas(os), singulares e na busca permanente para sermos mais a cada dia.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

Memoriais do Agrupamento Ágata

ÁGATA 1

Juliana Celestina de Sá Lacerda

Sou Secretária de Educação das Escolas do Município de Santa Cruz do Escalvado, mas já tive a honra de ser professora, supervisora e diretora escolar. Sou Juliana, carinhosamente conhecida por alunos e ex-alunos por tia Ju. Nasci no distrito de Zito Soares, aqui mesmo em Santa Cruz do Escalvado, num povoado de mais ou menos 150 habitantes.

Nasci e vivi num barraquinho de sapê até os cinco anos de idade, sempre com muita dificuldade, meus pais trabalhavam na roça para sustentar os seus três filhos. Estudei até o 7º ano do ensino fundamental na escola Municipal desse mesmo distrito e onde minha mãe trabalhou anos como servente escolar. Posteriormente, fui diretora e supervisora dessa mesma escola.

Vim para a cidade estudar o ensino médio, aqui me casei aos 19 anos de idade, quatro meses depois comecei meu primeiro emprego. Foi como monitora de educação infantil na creche, despertando ainda mais o meu sonho de criança de ser professora.

Depois de tanto sonhar com uma faculdade na área da Educação, tive a oportunidade de iniciar a graduação no Normal Superior em 2003 na cidade de Ponte Nova. Formei-me em dezembro de 2005. No pique, me aperfeiçoei fazendo uma complementação em Pedagogia e quatro pós-graduações na área.

Tenho ótimas lembranças dos meus professores! Eles foram minha inspiração e eu sempre me perguntava como poderia me formar na área, pois naquele tempo somente quem era rico tinha condições de se formar. Desde a 2ª série perguntava para todas como faria para me formar na área.

Vivia sonhando em estar à frente de uma sala de aula escrevendo no quadro. Foi com muita luta e apenas com um salário mínimo que paguei meus estudos e ajudei meu marido nas despesas, pois nessa altura já tínhamos duas princesas em nossas vidas.

Sou minha fã número um, apaixonada pela minha trajetória. Um ano depois de me formar, fui promovida a coordenadora da mesma creche onde trabalhava. Seis anos depois fui convidada para ser diretora da escola onde estudei os primeiros sete anos da minha vida. Por lá permaneci cinco anos consecutivos e, após dois anos, passei à profissão de supervisora.

Em 2018, alcei novos voos indo lecionar no Curso Normal de nível médio na escola estadual da minha cidade e, naquele mesmo ano, ministrei aulas em oficinas de artesanato, dança e teatro, no programa da rede estadual

Educação Integral e Integrada. Foi um grande desafio, tive que me aperfeiçoar muito, assistindo a vídeos, fazendo pesquisas para tornar as aulas mais prazerosas. Tornei-me exemplo para os alunos do Programa e os cativei, gerando bons frutos naquela escola.

Em 2020, durante todo o desafio causado pela pandemia da Covid 19, fui convidada pela administração atual a atuar como Secretária de Educação do Município, um desafio sem igual na minha concepção, mas o assumi com garra e compromisso, visando a mais aprendizagem e à garantia dos direitos dos nossos alunos.

A profissão que Deus escolheu pra mim é a mais linda das profissões, não a trocaria por nenhuma outra, mesmo com a polêmica

dos direitos salariais que ronda a todo momento a nossa classe. Amo ser professora e me desdubro sempre, gerando o meu melhor, mesmo sem o reconhecimento, pois para mim o amor e a dedicação de um profissional devem permanecer acima de tudo.

ÁGATA 2

Sabrina da Silva Cândido

Meu nome é Sabrina da Silva Cândido, tenho 27 anos, sou casada e trabalho na Secretaria Municipal de Educação do Município de Santa Cruz do Escalvado, atuando diretamente com os professores, atendendo pais e alunos. Amo fazer parte dessa equipe.

Nasci em Ponte Nova, cidade vizinha de Santa Cruz do Escalvado/MG. Sempre morei aqui, fui aluna de escola pública na rede estadual, sempre estudiosa e esforçada, contando com o apoio dos meus pais. Amo ensinar as crianças que estão no meu convívio, até mesmo com brincadeiras produtivas e acabo aprendendo junto com elas.

Nos dois anos de pandemia e com os estudos escolares remotos, tive o prazer de ensinar a meus sobrinhos as tarefas. Eles alcançaram bons resultados, aprenderam a traçar letra cursiva, melhoraram na leitura, na produção de texto, na adição. As aulas de educação física eram todas gravadas e enviadas para o professor. Tivemos também a oportunidade de produzir maquetes.

Confesso que não foi fácil, chegava do trabalho cansada, mas tirava um tempo para as tarefas, participava dos grupos escolares e, no horário da aula em que eles estavam em casa, fazia a leitura das atividades do dia.

Quanto à minha vida escolar, tenho boas lembranças do ambiente, dos professores, dos colegas, que foram momentos marcantes

na minha infância. Construí uma bagagem que carrego comigo e que me ajudou a ser uma pessoa do bem que sabe respeitar o próximo, de boa família, verdadeira, amada por aqueles com os quais eu convivo.

Sonhava em ser modelo, nunca imaginava fazer pedagogia. Depois que me formei no ensino fundamental, fiquei 5 anos sem estudar, depois o meu ponto decisivo foi me matricular no curso de Pedagogia, no ano de 2017.

Estudei na Universidade de Uberaba (UNIUBE), em sistema de EAD. Não foi fácil, mas com foco e determinação, venci essa etapa, e meu entusiasmo aumenta a cada dia. Estou apenas começando a minha vida na docência, a perspectiva é continuar os estudos, vários são os sonhos a serem realizados, quero atuar em sala de aula junto com os alunos a quem irei ensinar e com quem irei aprender.

Esse curso de especialização em práticas pedagógicas oferecido pelo Centro de Educação Aberta Distância (CEAD), da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), é a minha primeira pós-graduação. Quando minha secretária municipal de educação comunicou sobre essa oportunidade fiquei muito feliz. Estou decidida a fazer com determinação e dedicação, pois sei o quanto irá me ajudar no meu currículo profissional.

ÁGATA 3

Sirley Nicácio da Silva Girardi

Eu sou Sirley Nicácio da Silva Girardi, nascida em 12 de agosto de 1969 no Município de Santa Cruz do Escalvado, Estado de Minas Gerais. Estudei durante toda a minha vida em escola pública rural, com turmas multisseriadas, com grande número de estudantes. Sempre tive o sonho de ser professora.

Estudei da primeira à quarta série do Ensino Fundamental e tive que parar os estudos, pois não havia possibilidades de continuar, visto que na minha localidade a escola não oferecia o segmento de quinta e oitava série. Durante esse período fora da escola, cuidei dos meus irmãos mais novos, auxiliando-os nas tarefas de casa.

No ano de 1982, tive a oportunidade de recomeçar meus estudos, ingressando na quinta série. Era muito difícil porque as aulas aconteciam à noite e eu andava em torno de 4 quilômetros de segunda a sexta-feira para chegar à escola. A estrada era e continua sendo de terra. Durante a temporada de estiagem, eu tinha que conviver com muita poeira, já no período de chuva, com muito barro, cheguei a tomar diversos tombos, indo para a escola suja, seja de barro ou poeira.

Além de tudo isso, enfrentei diversos tipos de preconceitos, pois meninas que estudavam à noite eram malvistas pela sociedade. Apesar da grande dificuldade, concluí a oitava série e, como eu era de família pobre e com muitos irmãos (10), mais uma vez fui obrigada a parar os estudos, pois a escola que frequentava não oferecia o Ensino Médio (antigo Magistério), mas, mesmo com todos esses empecilhos, não perdi a esperança.

No ano de 1992, consegui retornar aos estudos. Tinha que enfrentar 19 quilômetros de estrada de terra, agora com o apoio da prefeitura municipal, que ofereceu o transporte. O carro era velho e entrava poeira e, quando chovia, não íamos.

Chegamos a ser discriminadas por alguns colegas de sala. Com muito sacrifício, concluí o Magistério. Considero-me de muita sorte, pois no ano em que estava me formando (1995) consegui começar a trabalhar com uma turma multisseriada (terceira e quarta séries).

No início foi muito difícil, mas como a docência era o meu sonho, com muito empenho e garra, consegui vencer mais esse desafio. Caminhava todos os dias 5 quilômetros para chegar à escola. Mais tarde, em 2002, tive que fazer o curso de Pedagogia para continuar a lecionar.

Durante esse período, eu precepei-me em fazer outros cursos para me aperfeiçoar e poder oferecer uma melhor qualidade de ensino aos meus alunos. Com esse intuito, totalizei 10 títulos e 5 diplomas.

No ano de 2003, me casei e tive dois filhos: a Silliany em 2006 e o Hiury em 2008. Tive a oportunidade de alfabetizar os meus dois filhos, uma tarefa nada fácil: ser mãe e professora ao mesmo tempo. Entretanto, o maior desafio ainda estava por vir - a Pandemia da Covid-19. Nesse período, tive que me reinventar mais uma vez. Como lidar com a internet?

Logo eu que estava iniciando meu processo de aprendizagem digital e, como se isso não bastasse, me deparei com o maior desafio da educação básica: como dar aula on-line? Além do mais, a maioria dos meus alunos não tem acesso a computador e nem à internet. Tive que montar blocos de atividades mensais para poder continuar com seus estudos, ligava para os alunos para explicar-lhes a matéria e tirar possíveis dúvidas.

Meu celular virou meu maior aliado e a Vivo, operadora de telefonia móvel, minha maior inimiga, pois as aulas eram interrompidas com frequência por falta de sinal. Ficava pensando: será que os alunos conseguiram fazer? Será que tiveram dúvidas? Vale destacar que durante esse período contei com a ajuda da minha filha que já nascera na época digital e isso contribuiu muito para a superação desse desafio.

Como se não bastasse tudo isso, ao retornar ao ensino presencial, deparei-me com alto déficit de aprendizagem, alunos de atuais terceiro e quarto anos alunos que não sabiam ler e escrever adequadamente. Por isso, decidi participar da pós-graduação em Práticas Pedagógicas, ofertada pela Universidade Federal de Ouro Preto, buscando, assim, ajuda para enfrentar esse e tantos outros desafios da docência.

ÁGATA 4

Valdinéia Júlia Xavier

Meu nome é Valdinéia Júlia Xavier. Atualmente, trabalho na Escola Municipal Antônio Leônico Carneiro, exercendo o cargo de auxiliar de secretaria escolar. Moro em Zito Soares, município de Santa Cruz do Escalvado, desde que nasci.

Meus pais tiveram muita dificuldade para criar a mim a e a meus 12 irmãos, pois quase não tínhamos o que comer. Assim que os mais velhos pegavam um tamanho, meu pai logo os levava para a roça para ajudar nas despesas da casa. Alguns nem puderam tirar o Ensino Fundamental, pois tinham que trabalhar o dia inteiro, todos os dias. Alguns deles só puderam estudar depois de mais velhos. Como sou uma das mais novas, não tive esse problema, consegui estudar aos trancos e barrancos.

Mas todos nós sabemos que nossos pais não tinham saída, tínhamos que trabalhar para não morrer de fome e somos gratos por terem nos ensinado a trabalhar honestamente. Assim que terminei o Ensino Fundamental, fui estudar em Santa Cruz do Escalvado, na Escola Estadual Doutor Otávio Soares, para cursar o Ensino Médio.

Depois da conclusão, fiquei um bom tempo parada dentro de casa, pois havia oportunidades de trabalho somente na roça, nos plantios, na criação de gado, entre outros. Durante esse tempo, acabei perdendo meu pai em uma cirurgia que resultou morte dele, o que foi muito doloroso para todos nós, principalmente para minha mãe que sempre foi batalhadora e muito sofrida.

Sempre procurei meios para ajudar minha mãe. Depois de 6 anos parada, consegui o tão sonhado emprego, que me trouxe uma alegria imensa, uma vez que foi meu primeiro trabalho - servente escolar. Foi uma experiência muito marcante, tive dificuldades, mas consegui fazer meu trabalho com amor e dedicação.

Ficava encantada com as crianças ao meu redor, foi aí que eu percebi que deveria investir na área da Educação, buscando uma melhor qualificação. Quando saiu uma oportunidade em Santa Cruz do Escalvado de fazer o curso Normal Médio, não pensei duas vezes e resolvi fazer. Foi sensacional! Fiquei ainda mais apaixonada pela educação!

Antes mesmo de terminar o Normal Médio, me matriculei no curso de Pedagogia na UNIUBE, em Ponte Nova. Era um curso on-line com provas presenciais. Outra conquista foi conseguir passar no processo seletivo de auxiliar de secretária. Atualmente, trabalho noutra carreira profissional, na mesma escola em que atuei como servente escolar. Tal experiência me deixou muito feliz e espero crescer ainda mais.

Meu sonho é lecionar para crianças na Educação Infantil e tenho certeza de que ainda vou chegar lá, ainda mais com essa nova oportunidade de fazer uma pós-graduação na área da Educação.

ÁGATA 5

Wellington Cardoso de Paula

Eu cresci em uma comunidade rural, sou filho e neto de agricultores. Meus pais sempre valorizaram muito os estudos e, conseqüentemente, empreenderam um esforço sobre-humano para que eu e minhas irmãs desenvolvêssemos apreço pelos estudos. Dada nossa conjuntura econômica familiar, as possibilidades eram mínimas, porém a vontade e a garra sempre foram maiores. Em casa aprendi desde cedo o valor de nossas conquistas, do trabalho árduo e da valorização de nossa família e o respeito aos demais.

Iniciei meus estudos no ano de 1998, na Escola Municipal Dias Lopes. Como sempre fui dedicado, durante toda minha trajetória escolar, busquei ir além do conteúdo abordado em sala de aula, acre-

dito que o meu interesse pela educação continuada e capacitação tenha surgido daí.

Quando eu cursava a primeira série dos anos iniciais, minha primeira professora, Tia Leda Superbi de Melo, propôs uma atividade de Educação Artística. Eu fiz um desenho bastante elaborado do meu personagem favorito, o Batman, cheio de detalhes, seguindo os gráficos do desenho da época. Naquele momento algo me dizia que eu era realmente bom naquilo.

O tempo passou e com ele minhas habilidades de desenho foram aprimoradas, também cresceu meu interesse por comunicação, escrita, poesia, oratória, teatro e linguagens. A Língua Portuguesa sempre me pareceu fascinante, embora eu sempre tenha enxergado o mundo por de um olhar no mínimo diferenciado, me interessando também pela Língua Inglesa, Espanhola e, curiosamente, até pelo Latim. Passei a me destacar bastante, e minha hiperatividade em comunicação começou a me atrapalhar um pouco, eu falava bastante quando terminava as atividades antes de meus colegas.

Em 2002, fui estudar na Escola Municipal Amaro Ribeiro Gomes, numa comunidade mais distante da minha casa. Foi um período do qual tenho saudades, reafirmei meu gosto por línguas e humanidades e vivi experiências incríveis. Participei de competições escolares regionais, sempre ganhando destaque e sendo reconhecido com mérito em razão das minhas conquistas.

No ano de 2006, iniciei meus estudos na Escola Estadual Dr. Otávio Soares, cursando o ensino médio na sede do município, pela primeira vez estudando no período noturno. As responsabilidades aumentavam a cada dia, e eu via a realização do meu sonho profissional cada vez mais próxima. A essa altura eu já havia pensado em ser professor, advogado, ator e, por último, estava determinado a cursar Comunicação Social, seria jornalista.

Vale lembrar que sempre tive professores maravilhosos, que acreditaram em meu potencial e me incentivaram a nunca desistir dos meus sonhos. Esse impulso e motivação são tão importantes na vida dos(as) estudantes, quanto passar de ano. Fiz o Enem no ano de 2008 e obtive um excelente desempenho, acertando 70% da prova objetiva, tendo recebido 90 pontos pela minha redação. Em duas das competências avaliadas, eu obtive 100% de aproveitamento.

Como nem tudo são flores, fui cursar a faculdade de Farmácia, confiando na promessa de um tio que me prometera uma sociedade assim que eu me formasse. Não durei dois períodos, os cálculos me deram uma rasteira! Porém eu sabia o que queria, e não estava nem perto de parar.

Eu estava determinado a conquistar meus sonhos. Em 2010, fiz o Enem pela terceira vez e no ano seguinte ganhei uma bolsa de estudos integral para o curso de Comunicação Social da Faculdade de Viçosa. A essa altura eu já havia mudado de opção e iniciei o meu bacharelado em Publicidade e Propaganda em agosto de 2011. Eu tinha me encontrado, que aulas incríveis, que experiências!

Eu realmente havia nascido e sido preparado para aquele momento. Durante a faculdade, desenvolvi um projeto de aulas de informática gratuitas para alunos da comunidade em que eu morava. Apesar de não ter durado, alguma coisa mudou a partir daquele projeto. Estagiei em uma importante agência da minha cidade, trabalhei em uma rede de varejo gigantesca e como atendente em um banco internacional.

Tenho muito orgulho em ter sido orador da turma de 2015 da minha faculdade. Ao ler meu discurso, a voz embarga até hoje. A colação de grau é a coroação de um momento único na vida de todo estudante, das festividades é a mais importante. Com o canudo na mão, fui efetivado na instituição em que concluí meu estágio supervisionado. Adivinha qual era o ramo de atuação? Se sua resposta foi educação, bingo! Em meu primeiro emprego como publicitário, eu fui

assessor de Comunicação da Faculdade Dinâmica do Vale do Piranga. A educação ganhou um protagonismo sem precedentes em minha vida nesse período.

Durante os quase 6 anos em que colaborei com a instituição, aprendi bastante sobre educação, no campo profissional e pedagógico. Eu percebi que um dos principais fatores negativos da educação do nosso país está na base. Foi então que iniciei minha licenciatura em Artes Visuais, sonho antigo, que agora fazia todo sentido. Pelo meu destaque como aluno, fui convidado para ser professor do polo educacional em que estudei, cargo que ocupei durante quase dois anos. Essa última experiência foi determinante para minha carreira como docente.

O próximo capítulo dessa história iniciou-se durante a pandemia, ainda em 2021. Assumi a regência de 19 turmas de ensino fundamental e médio na Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais. Em 2022, estou atuando em duas escolas estaduais, em dois municípios diferentes. Para minha felicidade, retornei como professor para a casa que me acolheu durante os anos finais de minha formação básica e hoje tenho muito orgulho de chamar de colegas alguns dos mestres que um dia foram fonte de minha inspiração e amor pela educação.

Hoje, eu trabalho junto da minha irmã mais velha. Ela cursou Pedagogia por meu incentivo e é uma alegria sem precedentes podermos dividir o mesmo sonho. Espero continuar contribuindo para a mudança de vidas e concretização de sonhos através de meu aprimoramento profissional.

Parafraseando Russel, continuo acreditando que o principal objetivo da educação seja encorajar os jovens a duvidar de tudo aquilo que se considera estabelecido. Esse é o nosso papel. Esse é o meu legado!

AGATA 6

Ana Maria Pereira Sette

Sou Ana Maria Pereira Sette, tenho 57 anos, sou professora em Santa Cruz do Escalvado-MG. Atualmente, trabalho no CMEI Menino Jesus na rede municipal como professora do berçário. Também trabalho na rede estadual, na Escola Estadual Doutor Otávio Soares, como PEUB.

Nasci no dia 26 de julho de 1964, no Córrego do Fundão, município de Santa Cruz do Escalvado. Na propriedade do meu avô paterno, convivíamos em família, meus pais, meus irmãos, tios, tias, primos, avós, entre outros agregados.

Trabalhávamos cultivando as terras, comprávamos poucas coisas no comércio local e vendíamos as sobras da agricultura familiar. Frequentávamos a Escola Estadual Doutor Otávio Soares, que ficava a alguns quilômetros da propriedade, mas dava para ir a pé. Meus avós e meus pais valorizavam muito a escola. Nasci em plena ditadura militar no Brasil, tudo muito difícil, caro e quase inacessível ao pobre.

Depois que cursei o ensino fundamental na Escola Estadual Doutor Otávio Soares, fui para a capital do estado de Minas Gerais fazer o tão sonhado segundo grau (ensino médio e o magistério). Morei por um ano em Belo Horizonte, na casa da minha tia, e estudei no colégio Letícia, no Bairro São João Batista, em Venda Nova.

Após esse período, fui para Ponte Nova - MG, onde terminei o ensino médio na Escola Nossa Senhora Auxiliadora (ENSA), cursando o magistério e me tornando professora. Durante o tempo em que estudei na ENSA, trabalhei na casa de um médico, que havia cuidado da minha mãe no hospital, ajudando suas filhas nos deveres da escola, a mesma escola em que eu estudava.

Desde pequena sonhava ser professora, assim que aprendi a ler, lia os bilhetes de encomendas de tijolos para o meu avô materno e ganhava pratinhas. Também lia e respondia cartas para a família do meu pai.

Quando ia para a escola com a turminha (meus irmãos e primos), e eles não queriam ir para a escola, ficávamos em um esconderijo nosso. Brincávamos de escola, onde eu era a professora, mas por sorte sempre me demitia antes de a minha mãe achar o esconderijo.

Formei-me como professora no dia 9 de dezembro de 1983. Houve festa de formatura, missa, entrada com o meu pai, anel de formatura, e tudo isso aconteceu na capela da ENSA. Comecei a trabalhar como professora nas escolas municipais e estaduais do município. Casei-me no final dos anos oitenta.

Alguns meses depois, o meu tio, irmão da minha mãe, faleceu e ganhei uma filha de 11 anos, a Marlene. Trabalhava como professora contratada na Escola Estadual Fazenda da Serra. Era uma escola bem distante da minha casa, às vezes, ia de carro com o meu marido, algumas vezes a cavalo, outras vezes, a pé. Logo em seguida, vieram os concursos públicos para professores e me tornei professora efetiva na mesma escola.

Em 1992, engravidei e fiquei licenciada durante quase todo o período da gravidez. A Ana Beatriz nasceu no dia 15 de fevereiro de 1993. Com uma filha pequena e amamentando, ficou difícil ir trabalhar tão longe e precisei pedir remoção para Escola Estadual Doutor Otávio Soares, onde trabalhei durante muitos anos na sala de aula e como eventual.

Depois de alguns anos de trabalho, houve a promulgação da nova Lei de Diretriz e Bases da Educação, de 1995, que fazia exigência do ensino superior, graduação em Pedagogia, para exercer a profissão de docente. Para me adequar à legislação, corri atrás da melhoria da minha formação.

Na Universidade Federal de Viçosa (UFV), fiz o magistério de nível superior, através do Projeto Veredas. O Projeto Veredas teve início no ano de 2002, tendo a UFV graduado quase mil, dos 14 mil estudantes em todo o Estado.

Nessa oferta do Projeto, éramos mais ou menos quase mil professoras do estado de Minas Gerais. No começo, as(os) professoras(es) recebiam uma ajuda de custo, mas ela não se manteve até o final, sendo retida pela universidade para custear os custos do curso.

Da Escola Estadual Doutor Otávio Soares, foram duas professoras e eu. A festa foi maravilhosa, o centro de vivência da UFV ficou lotado. Sou grata à professora Graça Floresta e à minha tutora Maria da Gloria Vidigal, por todo o conhecimento repassado durante o curso.

Para dar conta deste novo desafio, muitas vezes levei minha filha pequena comigo para a universidade. Apesar de todos os desafios enfrentados, consegui colar grau em setembro de 2005. No mesmo ano, a Prefeitura de Santa Cruz do Escalvado abriu um edital para cargo de professor(a), me inscrevi e fui aprovada em primeiro lugar, me tornando professora efetiva da secretaria municipal de educação.

Passado algum tempo, fiz uma pós-graduação em Psicopedagogia. Depois reunimos um grupo de professoras e cursamos pedagogia em uma faculdade de Betim (MG). Atualmente, faço pequenas capacitações em serviço.

Seguindo o meu caminho, minha filha se graduou em Economia na UFV e tem mestrado e doutorado em Economia Aplicada pela mesma instituição. A ida ao campus da universidade ainda criança influenciou na sua escolha.

Quanta surpresa a vida me reservou! Eu só tenho a agradecer a Deus e à minha família, especialmente à minha mãe, ao meu esposo e à minha filha. Muito obrigada a todos que de alguma forma me ajudaram nesta caminhada! Gratidão é o sentimento que tenho hoje por ter chegado tão longe mesmo com todas as dificuldades!

ÁGATA 7

Renata Aparecida da Silva de Paula

Eu, Renata Aparecida da Silva de Paula, cursei até a 8ª série na Escola Estadual Dr. Otávio Soares, em Santa Cruz do Escalvado, município em que residia naquela ocasião. Para trabalhar e continuar os estudos, que, na ocasião, era 2º Grau, tive que me mudar para outra cidade.

Sempre quis estudar o Curso de Secretariado, mas infelizmente na cidade em que fui residir havia uma única escola que oferecia o referido curso, por isso, sem vagas disponíveis. Para não perder o ano letivo, optei pelo curso de técnico em contabilidade, concluindo-o com êxito. Posso dizer que foi uma experiência incrível!

Após alguns anos, retornei à minha cidade natal, Santa Cruz do Escalvado, trabalhei na prefeitura como recepcionista. Também fiz os cursos oferecidos gratuitamente na área de recepção para atendimento ao público, licitação e outros. Nem imaginava que nessa cidade começaria uma trajetória na docência escolar e apostaria em um curso de Magistério, ocupando meu tempo à noite.

Como eu já tinha uma formação em outra área, eu só cursava as matérias pedagógicas. No decorrer do curso, eram muitos trabalhos ligados à docência, depois os estágios, que para mim não eram fáceis de executar, mas encarava as dificuldades com a ajuda de colegas. Assim me formei, mas nunca pensei em assumir realmente essa profissão, pois eu gosto mesmo é da área financeira.

Trabalhando na prefeitura, tive a oportunidade de me formar em Pedagogia, curso oferecido pela UFOP, me preparando para atuar na Educação Básica nos anos Iniciais do Ensino Fundamental. Em certa ocasião, tive que exercer a função de professora e tive até febre, mas consegui cumprir o meu dever e adorava meus alunos. Após um período, voltei para a área administrativa em uma empresa na cidade de Ponte Nova, onde trabalhei por oito anos.

Retornei para minha cidade e fui trabalhar na Escola Estadual Dr. Otávio Soares, novamente na área financeira da Caixa Escolar e só de estar no ambiente escolar docente entre alunos e professor a gente aprende bastante.

No ano de 2014, fui ser professora. Lembro-me de que eu sempre dizia que não queria ser professora, mas a partir dessa experiência comecei a mudar essa percepção sobre tal profissão e pude perceber quão gratificante é poder compartilhar conhecimento e saber com os outros.

A empolgação levou-me a fazer o curso de Pedagogia. Nesse momento da minha vida, já era mãe, minha filha tinha um ano de idade e requeria muitos cuidados. Diante daquelas circunstâncias, no ano seguinte, retornei para a área financeira para ter mais tempo para cuidar da minha filha.

Destaco que as ações formativas do curso de pedagogia me ajudaram a acompanhar e a orientar a minha filha nos deveres da escola. Atualmente, ela está finalizando a primeira etapa do ensino fundamental.

Quando soube deste curso de Especialização em Práticas Pedagógicas oferecido pela UFOP, me interessei em fazê-lo, apesar de não estar exercendo a função docente no momento. Junto aos conhecimentos da Pedagogia, o curso vem me ensinando a aprender, a me interessar e a gostar da área pedagógica.

Olhando para este momento da minha vida, de forma reflexiva, posso dizer que percebi quão valorosa é a profissão de docente, por isso entendo que nosso ofício deve ser muito valorizado, admirado e respeitado em seus aspectos profissionais, sociais e financeiros.

ÁGATA 8

Paloma de Oliveira Ferraz

Me chamo Paloma de Oliveira Ferraz, tenho 29 anos. Casada e sem filhos. Moro em Santa Cruz do Escalvado. Estudei na Escola Estadual “Dr. Otávio Soares” desde as séries iniciais até o ensino médio.

Depois da conclusão do ensino médio, fiz alguns cursos básicos de informática, participei de projetos municipais, sendo um deles a confecção de um jornal mensal gratuito à comunidade, contendo informações e histórias da cidade. Participei, ainda, de vários teatros.

Em 2012, concluí o curso Normal em Nível Médio. Foi um ano e meio de muita correria, mas também de aprendizado. Confesso que no início fiz este curso por falta de opção e porque estava parada, mas através dos estágios na Educação Infantil me apaixonei pela área. Posso afirmar que com a realização dos estágios pude perceber quão prazeroso é trabalhar na área da educação.

Em 2016, iniciei o curso de Pedagogia e, em 2021, concluí a minha primeira pós-graduação em Gestão Escolar. Ainda não tive a oportunidade de ingressar na carreira docente, mas pretendo fazê-lo assim que possível e, através desse curso de pós-graduação oferecido pela Universidade Federal de Ouro Preto, enriquecer a minha formação e o meu currículo.

ÁGATA 9

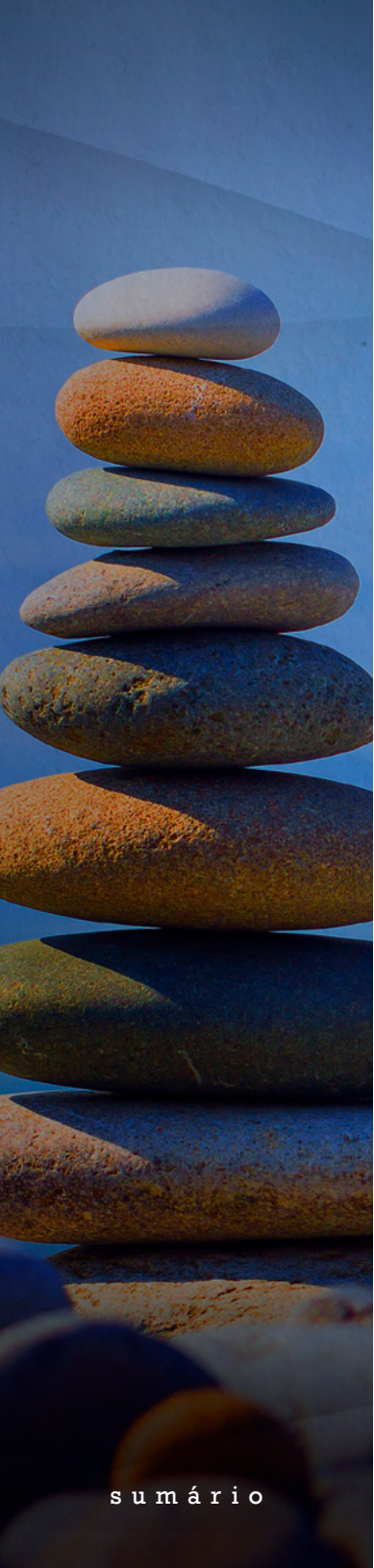
Simone de Oliveira Ferraz

Meu nome é Simone de Oliveira Ferraz. Sempre morei em Santa Cruz do Escalvado. Cursei o Ensino Fundamental e o Ensino Médio na Escola Estadual “Dr. Otávio Soares” e, dessa época, guardo boas recordações.

Em 2016 passei em um concurso público na cidade de Oratórios- MG, como Monitora de Creche e, apesar da nomenclatura do cargo, nossas funções são de um professor de Educação Infantil. Por me apaixonar pela área cursei Pedagogia e fiz algumas pós-graduações e a próxima etapa é me especializar na Educação Infantil.



Agrupamento
Esmeralda:
Santa Cruz do Escalvado



Prefácio do Agrupamento Esmeralda :

a gema da redescoberta

Helena Azevedo Paulo de Almeida

Doutora em História (UFOP)

Como professores, creio que se tornou algo comum ouvir que “damos aula”... como se o ato de trabalhar como professores fosse algo regido exclusivamente por amor, por talento, por alguma espécie de dádiva divina que marcasse um ser com o dom do ensinar. É apenas com o tempo, com persistência e dedicação que percebemos que a educação não se baseia somente nessas características, mas no esforço, na paciência, nas constantes redescobertas de tudo... na alegria, como defendeu amplamente Rubem Alves.

O professor Felipe Figueira, atuante no Instituto Federal do Paraná (IFPR), defende que precisamos modificar o nosso vocabulário e trocar o persistente “dar aula” por “ministrar aulas”, “lecionar”, entre outras formas muito mais apropriadas que defendem nossa profissão no dia a dia. No texto “Você dá aula?”, Figueira(2020), nos mostra como a atuação do professor esteve muito alinhada com a posição de “la-cao” ao longo da história da humanidade. Assim,

É possível polemizar e comparar sem vitimismos a imagem do lacaio com a do professor brasileiro do século XXI: os concursos para docente, em especial os destinados à educação infantil, trazem uma remuneração muito baixa diante da qualificação exigida (magistério, no mínimo). Logo se vê, por incrível que pareça, que a situação que ocorria, por exemplo, entre os gregos em torno do lacaio, bem pode se repetir com o professor do século XXI indicado, pois este pode flertar com a fome também (traduzindo, flertar com condições materiais precárias) (FIGUEIRA, 2020, s/p).

Mas essa situação precária que nos é apresentada pelo autor vai além da própria situação do professor, pois muitas vezes o acompanha desde antes de se formar como tal. A precariedade acompanha a vida de crianças e jovens, que sonham com a sala de aula; sonham em um dia ocupar aquele lugar do ensinar. E junto com a precariedade, vêm as características que mencionei anteriormente: a dedicação, a persistência, o esforço, a paciência e a redescoberta. Essas são características que marcam as trajetórias de nossos cursistas do grupo Esmeralda. Principalmente a redescoberta do saber, do espaço que habitam, enfim, a redescoberta de si mesmos.

Eu, como tutora, fui designada a acompanhar um grupo de cursistas em nosso curso de Especialização em Práticas Pedagógicas, oferecido pelo CEAD/UFOP. Ao ter em mãos os memoriais escritos por cada uma dessas companheiras e companheiros, percebi todas as qualidades que mencionei e acabei por começar a me redescobrir. É por isso que nosso grupo não poderia ser outro, que não o da rocha de coloração esverdeada, gema preciosa que simboliza inspiração, infinita paciência e, evidentemente, a redescoberta, como explica Judy Hall, no livro “A Bíblia dos Cristais”. Além disso, a Esmeralda é considerada uma pedra preciosa de enorme valor, e o mesmo se pode dizer desta nossa equipe.

Esse grupo me inspira a procurar e me esforçar a ser uma professora melhor, porque me ensina, em todos os dias de convívio, a alegria de estar e redescobrir constantemente a sala de aula (no nosso caso, uma sala de aula virtual). Porque o ser professor é um convívio

de dor e alegria, mas também das redescobertas que tais sentimentos podem gerar. Ou como diria Rubem Alves: “acredito que a verdade se encontra no avesso das coisas, quero falar sobre o contrário: a alegria de ser professor, pois o sofrimento de se ser um professor é semelhante ao sofrimento das dores de parto: a mãe o aceita e logo dele se esquece pela alegria de dar à luz um filho” (ALVES, 1994, p. 6).

A alegria de estar com as companheiras e companheiros do grupo Esmeralda se baseia nisso, pois, apesar de as trajetórias trazerem à tona um esforço hercúleo para garantir o acesso à própria educação, esses memoriais também apresentam as alegrias familiares (de famílias consanguíneas ou construídas por amizade), as alegrias das parcerias, o amor pelo trabalho na educação e as redescobertas durante essa caminhada.

O amor é um aspecto importante da Esmeralda (grupo e rocha). Tanto é que Hall indica o uso da gema próximo ao coração, propiciando curas (HALL, 2003). E eu acabei me redescobrendo nessa cura: uma cura pela alegria.

Creio que ao fim, Esmeralda seja muito sobre isso: um grupo de estudos de aprendizado mútuo e de cura para as aventuras e desventuras da vida, pois achamos alegria no ato de ensinar. Ensinar e aprender (sempre essa dupla) é plantar uma semente da eternidade, é viver um pouco mais que a própria vida, pois a alegria se multiplica em uma corrente do bem, que segue mundo af, sem delimitar suas origens. Alegria é uma energia contagiosa, e a alegria de ensinar pode contagiar até os mais pessimistas.

Não quero aqui iludir os leitores sobre as realidades docentes, por isso é importante destacar a dor e os sacrifícios apresentados em cada relato a seguir. Ao mesmo tempo, também é preciso perceber a felicidade do sonho alcançado: o sonho de ser professor. Mesmo para aqueles que não tinham a docência como sonho, mas redescobriram a si mesmos como professores.

É por isso que é preciso ver a educação como a realidade múltipla que é: dor e felicidade. Talvez o que eu escrevo aqui diga respeito muito à minha própria trajetória, vinda de uma família de professores, mas também da professora que não foi, ou seja, minha avó, meu amor, Dona Helena.

Seu sonho foi estudar, sempre foi. Mas, infelizmente, vinda de uma realidade muito dura, não conseguiu realizar seu sonho pessoal, e estudou apenas até a 4ª série primária. Conseguiu realizar seu sonho através dos quatro filhos, todos formados em universidades públicas. Ela se redescobriu assim como uma educadora através dos filhos.

O sentimento que tive ao ler cada um dos memoriais aqui organizados é o de pensar na minha avó. Em como o sonho da minha avó é um sonho compartilhado por milhares de cidadãos e cidadãs brasileiros: o de estudar. Minha avó e as avós e avôs, mães e pais, filhas e filhos que vivem em cada pessoa que persegue o sonho do saber.

Descubro-me e me emociono nas palavras escritas pelo grupo Esmeralda e vejo o exercício da imortalidade que Rubem Alves apresenta: o ensinar. É, afinal, a forma que “continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra. O professor, assim, não morre jamais...”. Eu apenas acrescentaria que o bom professor é aquele que sempre está aprendendo e se redescobrimo, esse sim vive para sempre.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **A alegria de ensinar**. São Paulo: Ars Poetica Editora Ltda, 1994.

FIGUEIRA, Felipe. “Você dá aula?”. Publicado no **Jornal Noroeste**, em 13 de março de 2020. Disponível em: <http://www.jornalnoroeste.com/pagina/colunas/voce-da-aula> . Acesso em: 17 de setembro de 2022.

HALL, Judy. **A Bíblia dos Cristais**: o guia definitivo dos cristais. São Paulo: Editora Pensamento, 2003

Memoriais do Agrupamento Esmeralda

ESMERALDA 1

Elisângela Venceslau de Melo Rosa

Escolhi escrever o Memorial obedecendo à ordem cronológica da minha vida e da minha carreira de docente por considerar que esse processo facilitaria a compreensão, minha própria e a do leitor sobre os fatos. Meu nome é Elisângela Venceslau de Melo Rosa, casada, nascida em quinze de junho de mil novecentos e setenta e oito (15/06/1978), natural de Ponte Nova, Minas Gerais, de nacionalidade brasileira. Sou a mais velha de quatro irmãos, filha de João Martins de Melo e de Lourdes Venceslau Martins de Melo.

Iniciei minha carreira escolar aos 7 anos de idade com minha mãe como professora leiga naquela época, em seguida terminei de ser alfabetizada pela professora formada Maria Jovita Vieira Carneiro. Aos nove anos de idade, em razão da diminuição do número de alunos na área onde residia, fui transferida para a Escola Estadual Doutor Otávio Soares, na sede de Santa Cruz do Escalvado. Estudar se tornou muito difícil, porque naquela época não existia transporte escolar e eu tinha que caminhar 18 quilômetros para ir e voltar da escola todo dia.

Quando começou a haver transporte escolar, já estava no primeiro ano do Ensino Fundamental, isso em 1996, quando fui reprovada nos conteúdos de química e português. Fiquei muito revoltada pela dificuldade para estudar, uma vez que morávamos muito longe da escola. Mas essa reprovação contribuiu muito para os acontecimentos a seguir.

No ano seguinte, voltei ainda mais empolgada em estudar e em 1998 terminei o terceiro ano do Ensino Médio, com Formação em Magistério.

Em agosto de 2000, iniciei minha carreira profissional lecionando na segunda série do Ensino Fundamental, na Escola Municipal Antônio Leôncio Carneiro, no município de Santa Cruz do Escalvado. Foi uma oportunidade gratificante em minha vida, quando comecei a colocar em prática o meu aprendizado.

Mas como em 2006 veio um concurso público na cidade e eu não tinha feito nenhum curso superior, perdi a vaga de professora e fui atuar como Auxiliar de Secretaria Escolar. Esta foi uma oportunidade muito bacana, porque aprendi a fazer e conhecer todo o processo da escrituração escolar.

E ainda no ano de 2006, como nunca imaginei, mas era o meu grande sonho de ter uma formação melhor, veio a grande oportunidade de fazer graduação em Licenciatura em Pedagogia, que foi toda custeada por minha mãe e tias, porque o salário que eu ganhava naquela época não dava para pagar todo o custo da faculdade. Que maravilha esse acontecimento em minha vida, porque mesmo diante de tanta dificuldade, com meu esforço, consegui realizar meu sonho e ter um curso superior!

Com minha formação em Licenciatura em Pedagogia, assumi de janeiro de 2012 a dezembro de 2016, o cargo de Especialista em Educação Básica, atuando da Educação Infantil ao 9º ano do Ensino Fundamental. De janeiro de 2017 a dezembro de 2020, atuei na mesma escola como Diretora Escolar e, em abril de 2021, retornei ao cargo de Especialista em Educação Básica, onde estou até a presente data.

Atualmente, tenho Especialização em Supervisão, Inspeção, Orientação e Gestão Escolar, 685 horas aula cada. Alfabetização e Letramento, com 495 horas. Educação Especial/Educação Inclusiva-Altas Habilidades, totalizando 760 horas. Ainda tenho uma Segunda

Licenciatura em Educação Especial, vários cursos na área da educação de 60, 80, 120, 160 e 240 horas.

Ao longo da minha história escolar, foram consolidados o discurso e práticas pedagógicas inovadoras. Meus tempos trazem boas recordações, tive excelentes professores e estudava muito. Hoje percebo como foi importante concluir o magistério, os cursos superiores na minha vida, com uma formação laica e humanista, preocupação em cultivar os princípios éticos, o compromisso social, o exercício do espírito criativo e crítico. Sem dúvida, foi nesses tempos de escolaridade, aliados à formação familiar, que se deram a formação de meu caráter, o meu modo de ser pessoal e profissional.

A elaboração deste Memorial me deu oportunidade de voltar a olhar para trás no tempo e perceber claramente quantas pessoas foram importantes nessa minha caminhada. Agradeço imensamente primeiramente a Deus, professores, amigos e minha família, e a todos que contribuíram em toda essa minha trajetória.

ESMERALDA 2

Fátima Aparecida da Silva

Eu, Fátima Aparecida da Silva, nasci no dia 7 de agosto de 1961 na cidade de Ponte Nova. Minha família residia no município de Rio Doce, na zona rural, onde cresci e estudei. Caminhava em torno de 4 quilômetros todos os dias para chegar à escola. Depois que terminei o ensino fundamental e comecei o ensino médio, aproveitava os horários vagos para vender verduras, ovos, queijos e requeijão para completar a renda familiar.

Éramos seis irmãs, sendo eu a mais velha. Eu ajudava meus pais porque eles trabalham na roça e não tinham muitas condições.

Quando completei 15 anos, fui morar na cidade de Teixeira com minha tia, fui trabalhar em um bar para ter o meu sustento até terminar o segundo grau.

Um ano depois, retornei e fui morar com meus avós em um sítio no município de Santa Cruz do Escalvado. Depois de dois anos, tive a oportunidade de substituir uma professora que se ausentou por motivo de doença. Nessa época, as exigências não eram tão grandes, mas, com o passar do tempo, as coisas foram se modificando. Quando ela retornou, eu fui dispensada e um ano depois a prefeitura de Santa Cruz me contratou.

Eu fazia uma caminhada de 4 quilômetros até a escola para dar aula. Era uma escola muito humilde, para onde as crianças iam caminhando, pois não havia transporte escolar. A merenda era escassa. Eram tempos difíceis, mas trabalhávamos em equipe tentando proporcionar às crianças o melhor ensino possível. Nesse período, eu me casei em 20 de julho de 1985. Um ano depois tive minha primeira filha a quem dei o nome de Bruna Roberta. Morávamos com minha sogra, que cuidava da minha filha para eu trabalhar, pois ainda não tínhamos condições de construir nossa casa própria.

Minha sogra nos doou um terreno, onde fomos construindo aos poucos. Quando terminamos a construção, minha filha já tinha oito anos, e um ano depois engravidei da minha segunda filha, Ana Bárbara. Minha filha mais velha cuidava dela com a ajuda da avó até eu chegar do trabalho. Nunca pude pagar uma pessoa para cuidar delas, porque o salário não era dos melhores, sempre dependi de ajuda, e como eu tinha que andar muitos quilômetros para trabalhar, perdia muito tempo na estrada, mas sempre dei um jeito. Todos os dias, mesmo cansada, eu ensinava tarefas para minhas filhas e cuidava dos serviços da casa.

Quando completei 21 anos lecionando na escola de Porto Plácido, houve um concurso e eu não fui classificada, fiquei um período de dois anos desempregada. Após esse período, surgiu uma vaga na escola municipal Coronel João José, na cidade de Rio Doce, onde fui contratada por três anos e meio.

Quando terminou meu contrato, voltei para Santa Cruz e fui dar aula em São José da Vargem Alegre, na zona rural. Lá trabalhei somente um ano e meio. Novamente fiquei desempregada por três anos, fui trabalhar em uma casa de família para cuidar de um idoso, pois precisava pagar as despesas de minha filha mais nova, que fazia faculdade. Não foi fácil, mas como eu era bastante conhecida, e sempre dei o melhor de mim na minha profissão, me contrataram para trabalhar na escola da Nova Soberbo.

Voltei a lecionar, mas continuei cuidando do idoso na parte da tarde. Terminando toda essa trajetória, completei o meu tempo de serviço e me aposentei como professora. Após a aposentadoria, fui contratada para trabalhar na direção dessa mesma escola por quatro anos.

Hoje eu não trabalho mais fora, mas cuido do meu pai de 94 anos e da minha casa. Apesar de todas as dificuldades, me dediquei à minha profissão com muito amor e sou muito feliz por saber que contribuí com a educação, tão importante em nossas vidas.

ESMERALDA 3

Joyce Evangelista Souza

Sobre a infância, onde tudo começou

Minha mãe disse que não estava nos seus planos ter mais um filho, porque ela já tinha dois, Taís e Jonathan, meus irmãos mais velhos, aos quais tenho muito orgulho e amor. Certo dia, ela precisou ir ao médico fazer uns exames e foi nesse dia que minha mãe descobriu a sua terceira gravidez, e adivinha quem ela estava esperando? Isso mesmo! Euzinha!

Foi uma grande surpresa para os meus pais, ambos ficaram felizes com a notícia. Quando ela me contou essa história, eu fiquei feliz e ao mesmo tempo emocionada porque acredito que tudo isso, de certa forma, estava nos planos de Deus.

Parece que estava tudo planejado para eu chegar assim de surpresa e habitar esta terra. E de uma coisa tenho certeza: como é lindo o milagre da vida. Como Deus é perfeito!

Assim começa minha história. Meu nome é Joyce Evangelista Souza, tenho 22 anos, nasci em São Bernardo do Campo, São Paulo, no ABC paulista, no dia 30 de Abril de 1999. Sou filha de Ângela Rosária Evangelista e Gil Braz Aparecido Souza e tenho orgulho deles. Sou a filha caçula dos quatro irmãos do primeiro casamento. Atualmente, moro na cidade de Santa Cruz do Escalvado, Minas Gerais.

Sou de origem humilde, minha infância foi bem gostosa, aprontava várias travessuras, era bem sapeca, mas também não diria que foi “doce como mel”, nada disso... sofri muito com a separação dos meus pais. Eles se separaram quando eu tinha três anos de idade. Tempos passaram, cresci, virei uma menina/mulher, passei por várias transformações no meu corpo, uma fase nova, cheia de mudanças e descobertas, em que me tornei uma pessoa que gosta de ver sempre o lado bom das coisas, independentemente de qualquer coisa de ruim que pudesse acontecer.

Sobre a vida escolar e formação acadêmica

Meu primeiro ano letivo foi na Escola Municipal Menino Jesus. Eu chorava muito para não ir, pois era apegada à minha mãe (e até hoje sou). Somos grandes amigas! Por meio da escolinha fiz amizades com Camila, Gilmara, Jonatas (apelidado de Dom), Gustavo e Myllene. Nossa amizade dura até hoje e é da infância para a vida. Em 2004, tivemos nossa formatura, que foi linda e deixou saudades! No ano seguinte, em

2005, com 6 anos, fui estudar na Escola Estadual Doutor Otávio Soares na mesma cidade.

Nesses onze anos de escolaridade, aconteceram muitas coisas, muitas alegrias, decepções, fracassos e vitórias alcançadas. Conheci pessoas maravilhosas que estudaram comigo, que levo no coração, também conheci pessoas que não vale nem a pena serem lembradas. Fui uma aluna de um tudo e de um pouco, estudiosa, brincalhona, bagunceira...

Os anos que passei na escola foram marcantes, mas o destaque vai para o ano de 2016, meu último ano escolar, pelo fato de a minha turma ter ficado mais unida em vários semestres, tanto em trabalhos em grupos quanto em feiras culturais. Nossa sala levava sempre a melhor por fazer trabalhos em equipes: ficávamos com medo e nervosos, mas o final foi satisfatório e também brilhávamos em campeonatos esportivos.

Foi um ano muito significativo e saudoso para mim, aprendi que tudo na vida faz parte, tudo tem a sua hora, seu momento de começar e terminar. Foi o ano em que encerrei ciclos.

No dia 12 de dezembro de 2016, aconteceu a minha formatura do Ensino Médio, mais um passo realizado, foi uma bela formatura, me emocionei bastante. Naquele dia, passou um filme na minha cabeça, lembrei de quando entrei pela primeira vez na escola até a conclusão do Ensino Médio. Foi uma emoção que não consigo dimensionar, saudades eternas vão ficar no meu coração do quanto foi bom enquanto durou. Depois que fomos, cada um seguiu o seu caminho, uns se casaram, outros estão estudando em outra cidade, outros trabalhando. Realmente a vida é feita de ciclos.

Um ano depois, em 2017, ingressei na faculdade de Pedagogia. Foi mais uma conquista alcançada entrar em uma graduação e, em 2020, encerrei mais esse ciclo, terminei a faculdade. Foi um sonho realizado e pretendo avançar mais, especializando-me em um curso de especialização na UFOP. Com fé em Deus eu chego lá! “Nas

grandes batalhas da vida, o primeiro passo para a vitória é o desejo de vencer”. (PENSADOR...,2023)

REFERÊNCIAS

PENSADOR(2023). **GANDHI, Mahatma**.Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/MTYyNTc2/>. Acesso em 20 de fevereiro de 2023.

ESMERALDA 4

Laiz Imaculada de Lana Silva Vieira

Meu nome é Laiz Imaculada de Lana Silva Vieira, tenho 29 anos e vou contar um pouco de minha trajetória acadêmica e profissional em relação à educação.

Comecei meus estudos aos seis anos de idade, frequentei a Creche Municipal Menino Jesus. Posteriormente, passei a estudar na escola Estadual Doutor Otávio Soares no ano 1999. Simultaneamente, participei de um curso de comunicação promovido pela Secretaria de Assistência Social do Município. Aprendi técnicas de teatro e de jornalismo, também participei de algumas oficinas e fiz uma apresentação teatral na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Ponte Nova, Minas Gerais.

No período em que cursei meu ensino médio, a vivência do ensino fundamental despertou-me o interesse em dar continuidade aos estudos das artes cênicas, por isso, a turma convidou a professora de português para nos coordenar em apresentações de peças teatrais para a comunidade local.

Após minha passagem por essa instituição, tive a oportunidade de participar de um projeto nesta mesma escola em que eu minis-

trava oficinas de teatro para os alunos. Os encontros eram realizados uma vez por semana, sempre aos sábados. Atrelado a essa oportunidade de ensinar, durante alguns anos, dava aula de catequese na paróquia da minha cidade.

Sempre tive a certeza de que gostaria de trabalhar com educação, por isso optei por fazer o curso Normal em Nível Médio, na escola Estadual Professor Raymundo Martiniano Ferreira (Polivalente), que me qualificava para dar aulas para educação infantil.

Durante o curso, fiz estágio no Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) Menino Jesus (maternal) e outro na Escola Municipal Dias Lopes (1º e 2º períodos). Para complementar meus estudos na área da educação, iniciei em 2015 minha faculdade de Pedagogia na Universidade de Uberaba (Uniuibe).

Já no ano de 2016, prestei e passei no concurso da Prefeitura Municipal de Oratório/MG para o cargo de monitor de creche. Ao mesmo tempo também participei de um processo seletivo na Prefeitura Municipal de Santa Cruz do Escalvado/MG para o cargo de agente administrativo. Apesar de este último não estar dentro da área que gostaria de seguir, tive que optar pela vaga do processo seletivo, pois não teria condições financeiras de me deslocar todos os dias até a cidade de Oratórios.

Em 2018, fui contratada para trabalhar em um projeto de assessoria técnica como Educadora Social. Em suma, faço intervenções nas comunidades, preparo e conduzo reuniões, dinâmicas e produzo seus memoriais.

Finalizei minha graduação em pedagogia em 2020, logo após, em 2021, iniciei uma pós-graduação em Supervisão Pedagógica, Gestão Educacional e Inspeção Escolar. Atualmente, curso mais uma especialização, agora em Educação Especial. Além disso, fiz alguns cursos virtuais de aperfeiçoamento, a saber: Alfabetização e Letramento, Psicopedagogia, Educação Especial: Autismo, Dificuldade de Comunicação, TEA e Proposta de Intervenção, e EJA–Educação de Jovens e Adultos.

Quanto ao meu interesse em fazer a pós ofertada por esta instituição, conforme definido brilhantemente por Gabriel de Queiroz, “o saber não ocupa espaço”. Ainda mais em se tratando da área que pretendo seguir carreira, acredito que agregaria muito à minha formação profissional.

ESMERALDA 5

Lúcia Helena da Silva

Trago, de forma resumida, neste memorial, algumas situações vividas e inesquecíveis de minha vida. Meu nome é Lúcia Helena da Silva, solteira, nascida em vinte de agosto de mil novecentos e setenta e três (20/08/1973), natural de Guaraciaba, Minas Gerais, nacionalidade brasileira. Somos três irmãos, sou filha de José Joaquim da Silva e de Zulmira de Paula Silva.

Iniciei minha trajetória escolar aos 7 anos de idade na 1ª série do ensino fundamental na Escola Estadual Agostinho Hipólito de Fonseca Freire. Naquela época, não havia transporte escolar, eu andava, a pé, 9 quilômetros da casa dos meus pais até a escola. Estudei até a 4ª série, parei de estudar para trabalhar na roça e ajudar meus pais.

A situação financeira nos anos 1980 era bem difícil, em nossa casa não havia TV. Aos 16 anos de idade, fui trabalhar na cidade de Ponte Nova, Minas Gerais, em casa de família. Voltei a estudar, fiz suplência da 5ª série à 8ª série para concluir o ensino fundamental no CESEC com a professora Vera Parentoni. Em 1996, iniciei a 1ª série do ensino médio, e, em 1998, concluí o Ensino Normal - Magistério de 1º grau.

Em 2006, vim fazer o concurso público na cidade de Santa Cruz do Escalvado, também em Minas Gerais. Fiz o concurso para vaga de auxiliar de secretaria escolar e em 2008 fui convocada. Vim morar na

cidade, e em 2011 fui efetivada no cargo. Passei a atuar como Auxiliar de Secretaria Escolar, que é uma oportunidade muito bacana, porque aprendi a fazer e conhecer todo o processo da escrituração escolar.

No segundo semestre do ano de 2007 (como nunca imaginei, mas era o meu grande sonho de ter uma formação melhor), veio a grande oportunidade de fazer a graduação em Pedagogia. Que maravilha esse acontecimento em minha vida, porque mesmo diante de tanta dificuldade, com meu esforço, consegui realizar meu sonho e ter um curso superior, em 2011! Atualmente tenho Especialização em Inspeção Escolar e Prática de Supervisão, com carga horária de 495 horas, vários cursos na área da educação de 16, 120, e 172 horas.

Ao longo da minha história escolar, foram consolidados o discurso e as práticas pedagógicas inovadoras. Meus tempos trazem boas recordações: tive excelentes professores e estudava muito. Hoje percebo como foi importante concluir o magistério, os cursos superiores na minha vida, com uma formação laica e humanista, preocupação em cultivar os princípios éticos, o compromisso social, o exercício do espírito criativo e crítico. Sem dúvida, foi nesses tempos de escolaridade, aliados à formação familiar, que se deu a formação de meu caráter, o meu modo de ser pessoal e profissional.

A elaboração deste Memorial deu-me oportunidade de voltar a olhar para trás no tempo e perceber, claramente, quantas pessoas foram importantes nessa minha caminhada. Agradeço imensamente e primeiramente a Deus. Agradeço os professores, os amigos e a minha família e, também, a todos que contribuíram em toda essa minha trajetória.

ESMERALDA 6

Marciane dos Santos Carneiro

Entre sonhos e sofrimentos: um relato sobre os desafios da vida acadêmica

Meu nome é Marciane dos Santos Carneiro, tenho 47 anos e vou contar um pouco da minha história. Em 1975 no Sítio Aguiar, em Santa Cruz do Escalvado, Minas Gerais, Maria e Eduardo, meus pais, descobriram que a sétima filha estava a caminho. Nem imaginavam que seria a caçula das meninas, pois, no total, éramos quatorze filhos, hoje somos apenas nove. Em meio a tantas dificuldades, mais uma filha para alegrar a vida deles. O tempo passou, eu cresci e comecei a entender a nossa realidade.

A escolha do meu nome tem por trás uma história muito engraçada. Minha mãe conta que meu pai queria que eu me chamasse Martiliane, e ela, já pensando como seria complicado até para aprender a escrever esse nome, conversou muito com o meu pai e o convenceu do meu nome “Marciane”, que não é tão convencional, mas que eu sinceramente amo.

Venho de uma família muito simples, na qual comecei a aprender, a compartilhar e, até mesmo, a ceder desde muito pequena. Fui crescendo com muito sofrimento, pois éramos muito pobres. Meus pais trabalhavam na roça, muitas vezes não tínhamos o que comer e nem o que vestir. Nossa felicidade eram as doações, muitas vezes recebíamos sacolas grandes de roupas, que, no final se tornavam poucas, afinal éramos muitos. E foi assim que descobri que a minha única saída seriam os estudos.

E não foi nada simples correr atrás dos estudos, pois a escola mais próxima ficava a 3 quilômetros de onde morávamos. Todos os dias fazíamos esse trajeto a pé: uma hora andando até chegar à escola. Meus grandes amigos eram os meus primos, que tornavam o caminho de ida e volta até a escola muito divertido.

Foi assim até chegar à quarta série. Com todas as dificuldades já enfrentadas, as responsabilidades foram aumentando e eu tinha que ajudar minha mãe a cuidar dos meus irmãos mais novos. A escola mais próxima já não ofertava as próximas séries e foi assim que tive que dar um modo “*pause*” nos estudos, o que me deixou bem frustrada.

O tempo foi passando e cheguei à idade adulta. Nesse momento, senti vontade retomar meus estudos. Assim, com 20 anos, matriculei-me em uma escola no município de Rio Doce. As coisas já estavam mais fáceis, mas mesmo assim, depois de formada no ensino médio, não consegui ingressar em uma faculdade. Eu não trabalhava e minha mãe, como sempre, lutando com muita dificuldade, também não tinha condições de custear meus estudos.

Na época, eu namorava um rapaz. O tempo foi passando e eu no auge dos trinta e poucos anos resolvi ser mãe, e o medo de ficar para titia? Eu engravidei e fui mãe aos 33 anos de uma linda menina. A minha mãe e o pai da criança ajudaram-me muito, convivemos juntos por muitos anos, mas ainda assim eu continuava com o meu antigo sonho: continuar os estudos. Que além de sonho se tornou necessidade, já que eu precisava de um serviço digno para que eu pudesse dar um futuro melhor e diferente do meu para minha filha.

Foi assim que a Pedagogia e eu nos encontramos! O desejo de levar ensino de qualidade a outras pessoas me motivou a cada instante e com um intuito maior de tornar a boa formação fácil pra todo mundo! E, assim, obter minha renda através dessa profissão também. Foi o conjunto perfeito que me leva a cada dia à minha realização profissional.

E claro, como tudo na minha vida, tive diversos obstáculos! Não tive tanto incentivo. Usava o dinheiro da pensão para pagar as mensalidades e, graças a Deus, tive a sorte de ter a melhor mãe do mundo, que sonhou junto comigo e me ajudou muito nessa trajetória. Sempre me auxiliando com minha filha, me dando um lar, pois eu morava com ela, sendo mais uma vez crucial para minha formação.

Outra pessoa que me ajudou muito durante minha formação e, também, foi minha grande amiga: Patrícia. Eu a conheci na faculdade e o que era uma parceria de trabalhos e seminários se tornou uma grande amizade. Foi assim que descobri que a nossa história era muito parecida. Tudo que fazíamos na faculdade era junto, era até engraçado! Fomos o apoio uma da outra por um longo tempo. Depois, ela se casou e perdemos o contato, e sinto saudades até hoje das nossas conversas.

Além disso, foi assim que eu consegui me formar, realizando o meu sonho, que, por muitos anos, eu havia deixado de lado! E logo depois consegui meu primeiro emprego na área, na Escola Estadual Maria Amélia, em Rio Doce, Minas Gerais. Encontrei-me com outra realização: ver aquele tanto de crianças sedentas pelo estudo e ver olhinhos brilharem cada dia que eu levava uma informação nova!

Era apaixonante deixá-las surpresas e contentes! E logo depois fui dar aulas na Escola Estadual Doutor Otávio Soares em Santa Cruz do Escalvado, também em Minas Gerais, e o sentimento foi o mesmo.

Atualmente, estou tendo uma oportunidade única: ser Diretora na Creche Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) Menino Jesus, em Santa Cruz do Escalvado. E eu que tanto lutei para chegar até aqui, às vezes, nem acredito que é real. Chegar à gestão de um lugar como esse, as responsabilidades são imensas e não param..., mas, meu coração está grato e muito feliz!

Eu amo pedagogia e com certeza, de todas as profissões, eu sempre optaria por ser pedagoga, pois educar é moldar o ser humano. Ademais, a nossa sociedade precisa de pessoas cada vez mais

preparadas e dispostas a trocas de aprendizagem. Foi sofrido, mas eu conquistei boa parte de tudo que eu queria.

ESMERALDA 7

Maria Aparecida Lacerda de Miranda

Quem sou eu, de onde vim, por onde passei e onde estou

Meu nome é Maria Aparecida Lacerda de Miranda. Para alguns, Aparecida Lacerda. Para muitos, Tia Cida. Nasci em 27 de fevereiro de 1974, uma quarta-feira de cinzas, pesando mais de 4 quilos, no domicílio de minha família, situado na zona rural de Santa Cruz do Escalvado.

Fui a quarta filha de uma remessa de seis nascidos vivos. Vivi a minha primeira infância nesta e em outra zona rural do município, sempre com muita simplicidade, porém com a fartura própria que nos é concedida ao morar em terreno próprio, onde meus pais plantavam e colhiam o básico e, também, criavam animais para o consumo de nossa família.

Quando eu tinha cinco anos, meu pai decidiu sair do município em busca de novas oportunidades e nos mudamos para Coronel Fabriciano, no Vale do Aço. Então, as coisas ficaram bem complicadas. Meu pai não se adaptou ao clima quente do Vale do Aço e vivia tendo crises agudas de bronquite.

Morávamos de aluguel em casas muito pequenas, algumas de apenas dois cômodos e que não comportavam toda a família, mas era o que meus pais podiam pagar. Minha mãe trabalhava como doméstica e os filhos mais velhos cuidavam dos mais novos. Não tínhamos nenhum conforto, mas vivíamos felizes.

Desde muito pequena, acostumei-me a ouvir histórias contadas pelos meus pais sobre os mais velhos e a brincar de roda e com toda sorte de brinquedos artesanais, já que não tínhamos brinquedos industrializados. Aos onze anos retornamos a Santa Cruz do Escalvado e por aqui estou até hoje. Dos vinte aos vinte e três anos, morei em São Paulo, alguns meses com parentes, depois dividindo uma pequena casa com uma amiga baiana.

Retornei em 1997 e me casei em 1998, indo morar novamente na mesma zona rural onde eu nasci. Hoje tenho quarenta e oito anos, sou casada há vinte e três anos, sou mãe de um rapaz de vinte e dois e de uma moça de quinze. Atualmente, moro na sede do município, pois daqui é mais fácil acompanhar a vida acadêmica dos meus filhos e sair para trabalhar.

Um pouco da minha vida acadêmica

Iniciei meus estudos em 1981, então com sete anos, já na primeira série. Naquele tempo, as escolas de Educação Infantil Públicas não existiam. Cursei até a quarta série do Ensino Fundamental na Escola Estadual Professora Celina Machado, localizada no Bairro Caladinho de Baixo, em Coronel Fabriciano. Foi lá que tive a primeira experiência com a leitura e amava os livros, a tal ponto que, aos nove anos, não queria mais ler as literaturas infantis, mas, sim, as infanto-juvenis.

Lá tive ótimos professores, dos quais tenho boas lembranças. Só não gostei muito da professora do terceiro ano, apesar de pouca vivência, eu percebia que ela era muito alheia aos alunos com dificuldades, fossem elas financeiras ou físicas. Tratava os “riquinhos” com carinho e atenção e a nós, humildes, com deboche e desprezo. Graças a Deus que um ano passa rápido!

Em 1985, retornamos a Santa Cruz e então passei a estudar na Escola Estadual Doutor Otávio Soares, onde cursei da quinta até a oitava série, concluindo assim o Ensino Fundamental. Neste ponto dos estudos, não havia cursos para o Ensino Médio no município, então tentei fazer o 2º grau, na modalidade Científico, na cidade vizinha de Ponte Nova. Para estudar, precisei trabalhar como doméstica na casa de uns amigos da família.

O pagamento recebido era para alimentação e lugar para dormir. Tentei até o mês de outubro e percebi que não conseguiria ser promovida, deixei o serviço e os estudos naquele ano. No ano seguinte, 1991, abriu em Santa Cruz a primeira turma do Curso de Magistério, que frequentei, concluindo o Ensino Médio em 1993.

Nesse mesmo ano, comecei a trabalhar na Obra Unida à Associação São Vicente de Paulo, que tinha por instituição a Creche Menino Jesus, na qual eu fui monitora por alguns meses. Desta vez, desisti do trabalho para focar no estágio do Magistério.

Meu sonho era fazer uma faculdade, mas eu não podia investir em estudos. Naquele momento, precisava retribuir à minha mãe todo o esforço que ela fez para ver-me, a primeira dos filhos, concluir o Ensino Médio.

Anos mais tarde, consegui realizar meu sonho de faculdade e mais do que isso... Através de uma parceria entre municípios da Zona da Mata Norte e UFOP, cursei Licenciatura em Educação Básica- Anos Iniciais do Ensino Fundamental, concluindo o curso em 2005, colando grau em 2006.

Sou ainda pós-graduada em Psicopedagogia pela UNESAV e graduada em Letras Português/Inglês pela UNIUBE. Amo estudar, capacitar-me para o meu trabalho como professora e desenvolver os meus projetos para festas personalizadas, ainda que no momento, não esteja dando conta de tudo. Sempre fui muito ligada às letras e às artes em geral.

Um pouco da minha vida profissional

Como já relatado, comecei a trabalhar como monitora na Creche Menino Jesus. Assim que concluí o Magistério, participei de uma seletiva e fui lecionar na Escola Municipal Padre Simões, no povoado de Sagrado Coração de Jesus, vulgo Merengo. No ano seguinte, além da escola municipal, comecei a lecionar para os anos finais do ensino fundamental na Escola Estadual Amaro Ribeiro Gomes, hoje municipalizada.

Fui morar em São Paulo em 1995 e lá trabalhei como operadora de caixa em uma grande rede de supermercados. Retornei em 1997, ampliei meus estudos e sigo trabalhando em escolas municipais. Antes só com a Educação Infantil e anos iniciais, atualmente com Educação Infantil/ Crianças pequenas e anos finais do Ensino Fundamental, com as disciplinas Língua Portuguesa e Língua Inglesa.

Como e por que me tornei professora

Penso que desde sempre queria ser professora. Mas a grande verdade é que aqui em nossa cidade a única opção viável, naquela época, era cursar o magistério e me tornar servidora pública. Ainda hoje, a grande maioria dos empregos formais é proveniente dos serviços públicos. Desde muito cedo, eu tinha em mente que queria e podia mudar a realidade da minha família.

Até os meus 19 anos, convivi com situações de extrema pobreza, doenças na família e muita dificuldade em ter as coisas básicas do dia a dia. Por isso, eu sabia que precisava estudar e trabalhar para proporcionar à minha família um pouco de conforto.

Eu amo a minha profissão, sou consciente das dificuldades que enfrentamos e da desvalorização dos profissionais da educação. Sei bem das barreiras que enfrentamos a cada ano, com alunos cada vez mais alheios às regras de disciplina e à importância dos estudos.

Cada dia está mais difícil lecionar. Estamos à mercê de um sistema que para inovar vem tirando todas as chances de o educador fazer um trabalho de construção do conhecimento efetivo, visto que o sistema nos obriga a promover alunos sem o mínimo de habilidades vencidas para o ano escolar seguinte, tornando as dificuldades uma bola de neve, impossível de ser desmontada.

Sempre fui consciente de minhas obrigações como educadora e busco sempre estar atualizada quanto aos conteúdos e técnicas modernas. Gostaria muito de usar as novas tecnologias a favor da melhoria na educação dos meus alunos, mas isso depende muito mais dos gestores do que de mim.

Apesar dos desafios, sigo em busca de melhores condições de trabalho e melhor qualidade do ensino. Meu principal objetivo é colaborar para a formação global dos meus alunos, incentivando-os a se tornar cidadãos capazes e conscientes de seus direitos e deveres, além de cobrar políticas públicas que assegurem o acesso ao mercado de trabalho e a uma melhor qualidade de vida.

Sei que aos 48 anos, com 25 anos de serviços prestados à educação, não conseguirei mais colher todos os frutos das sementes que espalhei, mas continuo lançando-as ao chão, na esperança de que meus filhos e alunos possam seguir cuidando delas e colham os frutos.

ESMERALDA 8

Renato Rodrigues de Souza

Inicialmente, vou contar um pouco sobre minhas origens e raízes para, então, descrever minha trajetória escolar até me tornar docente.

Sou nascido em uma comunidade rural do município onde trabalho atualmente. Originário de família humilde e simples, meus pais

estudaram até o quarto ano do ensino fundamental, mas sempre nos incentivaram a estudar e concluir pelo menos o ensino médio, então nos mudamos para Ponte Nova, onde passei minha adolescência.

Estudei sempre em escolas públicas, fiz os anos iniciais em uma escola muito boa, da qual tenho ótimas recordações, das professoras que me ensinaram a leitura e escrita, a fazer contas, das brincadeiras pelos pátios, da merenda etc. Lembro-me do primeiro contato com aquele ambiente, cheio de outras crianças, de agitação e alegria, parecia um outro universo que eu estava descobrindo e era muito interessante. Eu gostava muito de estudar.

Aos onze anos fui para o colégio, também estadual, mas muito diferente do grupo escolar anterior. Lá senti certa estranheza e até um pouco de medo, pois ali já era um espaço muito maior, com muito mais alunos, e a primeira lembrança que tenho é de uma sala lotada, com mais de cinquenta alunos, de idades variadas, pois havia muitos repetentes. Os discentes desta escola, em sua maioria, eram oriundos dos bairros mais carentes da cidade, e a escola tinha “fama” na época de ser perigosa, com baixa qualidade de ensino.

Na quinta série, atual sexto ano, fui reprovado, comecei a me perder naquele ambiente e acabei me tornando um “mau aluno” por influência e relaxamento, tanto que na série seguinte tive mais uma reprovação. A partir daí, por cobrança dos pais, eu tive que mudar meu comportamento e melhorar. Mas ainda assim não evoluí muito, terminei o ensino fundamental e parei de estudar. Por questões familiares, voltamos para a zona rural e acabei perdendo mais dois anos. Por esse atraso, me matriculei na Educação de Jovens e Adultos (EJA) e fiz o ensino médio em menor tempo, pois já trabalhava durante o dia.

Aos 22 anos, me mudei para a capital em busca de um emprego e, quem sabe, de uma profissão. Mas fazer faculdade não estava nos

meus planos. Seria um objetivo muito distante para mim naquela época, pois, apesar de ter certa facilidade no aprendizado - sim, me considero inteligente -, não tive uma boa base escolar para concorrer a um vestibular federal, tampouco poderia pagar uma faculdade particular.

Em dois anos consegui passar em concurso público na prefeitura, e lá tive muitos incentivos para crescer profissionalmente, nesta época foram criados o ENEM e o PROUNI. Foi quando surgiu a esperança de fazer um curso superior!

Obtive uma nota razoavelmente boa, que me permitiu ingressar em uma das maiores universidades privadas do país. Inicialmente, não sabia nem o que queria estudar, entrei no curso de Turismo e tive a disciplina “Geografia do Turismo”, que me atraiu para a Geografia e então consegui me transferir de curso. Me apaixonei de cara, parecia que havia me encontrado ali!

Meu curso tinha as duas modalidades, mas no começo me interessei mais pela área de pesquisas do bacharelado, só depois resolvi terminar a licenciatura como uma oportunidade a mais. Foi nas disciplinas de práticas de ensino e nos estágios que comecei a tomar gosto e a pensar em seguir a profissão.

Aos 36 anos, retornei para minha cidade natal, já sabendo que haveria um concurso do estado para professores e havia uma vaga para minha área na escola do meu município. Conquistando com mérito o primeiro lugar, comecei minha carreira na prática docente, na qual pretendo me especializar e crescer cada vez mais.

Hoje, em sala de aula, gosto de contar essa história aos meus alunos, principalmente para que saibam que mesmo sendo de famílias menos favorecidas, estudando em escolas públicas, eles irão ter, sim, mais dificuldades. Mas com esforço e perseverança, podem ir muito mais longe do que imaginam, bastando acreditar em si.

ESMERALDA 9

Karina de Souza Rezende

Meu nome é Karina de Souza Rezende, nascida dia 21 de setembro de 1995, em Ponte Nova (MG). Tenho 26 anos, casada, residente na Zona Rural de Santa Cruz do Escalvado. Desde criança já brincava de escolinha com minhas amigas e bonecas, já era pra ser mesmo uma professora quando crescesse.

Estudei em escola pública desde os 6 anos de idade até o ensino médio. Estudei os anos iniciais até o ensino fundamental na Escola Municipal Amaro Ribeiro Gomes, em São José da Vargem Alegre, e o Ensino Médio na Escola Estadual Doutor Otávio Soares, em Santo Cruz do Escalvado.

A Escola Municipal Amaro Ribeiro Rodrigues sempre me chamou mais atenção, pois foi onde tudo começou, minha vida na escola, as amizades que tenho até hoje, professores que desde a minha infância até hoje estão lá. Durante essa trajetória, tive uma reprovação quando estava no quarto ano, fui reprovada por poucos pontos que faltaram em matemática.

A partir daí, vi que faltavam mais empenho e dedicação minha para com os estudos. Quando comecei a estudar o ensino fundamental, tive uma visão mais ampla sobre “ ser professora”. Percebi também que não era pelo fato de ter condições de estudar em uma escola privada que também eu não teria condições de estudar e fazer uma faculdade. Daí fui amadurecendo os pensamentos e começando a decidir que era em Pedagogia que eu iria me formar.

Fui para o Ensino Médio, estudei e me formei. Quando me formei, logo veio aquela sensação de dever cumprido e concluí o ciclo na escola de estudos. Mas também me veio à mente que não era por ali que iria encerrar minha carreira de estudos, que aquelas brincadeiras desde criança com papéis, canetas, giz e quadro em mãos não seriam por acaso.

Daí fui para a faculdade realizar meu sonho de infância. Fiz minha Licenciatura na Faculdade FUPAC, de Ponte Nova – MG, onde estudei e me formei em 7 de julho de 2020. Durante meu período na faculdade, eu estudava e trabalhava. Não foi nada fácil, mas mesmo assim não desisti. Meu ponto forte sempre foram as crianças, adoro ensinar, brincar e também aprender com elas.

Meu estágio foi muito bom, obtive grandes aprendizados. Quando me formei, já não via a hora de colocar em prática tudo o que aprendi em todos esses anos de estudo. Daí veio a Pandemia, e com ela, jovens e crianças sofreram e ainda sofrem com isso, e o aprendizado foi ficando de lado.

Procurei de uma forma e outra e, para não ficar parada com tantas coisas que tenho para ensinar, comecei a dar aulas particulares para crianças de 5 anos de idade. No período em que dei aulas, trabalhei desenvolvimento, habilidades motoras, estimular linguagens e muito mais. Obtive a total certeza da minha escolha em ser professora!

A área da educação é a área que mais me chama a atenção, que ensina, que educa, que faz com que todas as outras profissões se tornem possíveis, pois é através dessa profissão que são formadas todas as outras profissões!

ESMERALDA 10

Tatiana Rachel Lourenço Caetano Gomes Nazareno

Me chamo Tatiana Rachel Lourenço Caetano Gomes Nazareno, tenho 42 anos. Nasci no dia 29 de maio de 1979, na cidade de Ponte Nova, Minas Gerais, onde morei, com a minha família no Bairro Santo Antônio de Palmeiras, grande parte da minha vida até ficar adulta. Estudei em escolas públicas do Estado, na Escola Estadual Carlos

Trivellato, onde fiz o primário, e na Escola Estadual Antônio Gonçalves Lanna, onde completei o meu segundo grau. Quando me formei, não fui fazer faculdade, fui trabalhar.

Nesse meio tempo, tive perdas na minha família que me doeram muito. Primeiro, minha tia paterna que eu amava demais. Tinha um noivado de 6 anos, que terminou com uma traição da parte dele e que me abalou muito. Isso tudo no ano de 2006. Nesse mesmo ano, tomei a decisão de fazer uma faculdade e decidi fazer o curso Normal Superior.

Fiz o vestibular, passei e comecei a estudar na Universidade Presidente Antônio Carlos. Trabalhava em uma rede de supermercados Bahamas e estudava à noite. Foi a melhor decisão que tomei.

Nesse tempo, meu pai adoeceu e veio a falecer. Não bastando, houve uma enchente que jogou a casa dos meus pais no chão, pois nossa casa ficava na beira do Rio Piranga, no município de Santa Cruz do Escalvado, na comunidade do Porto Plácido. Foram anos difíceis de muita luta e dores. Mas depois, no final de 2009, conheci o meu marido. Me formei em 2010, me casei em 2012 e tive meu único filho em 2014.

Conseguimos refazer uma parte da casa onde, desde 2016, moro com minha família na casa da minha mãe. Depois que me casei, comecei a assinar o nome de Tatiana Rachel Lourenço Caetano Gomes Nazareno. Fui demitida do meu emprego com 13 anos de casa.

Quando estava com dois meses de desemprego, fui chamada para dar aula na escola do município em que moro, na Escola Municipal José Gomes de Sousa, onde tive minha primeira experiência como educadora, onde meu filho também estuda. Trabalhei somente cinco meses, mas descobri que era isso que eu sempre quis.

Hoje não trabalho em escola por vários motivos, como os processos seletivos e a falta de oportunidade, mas é o que eu quero e vou batalhar para isso. Agora estou com essa oportunidade de fazer essa pós-graduação e vou empenhar-me muito para qualificar meu currículo e, também, aprimorar mais meus estudos.

Tenho uma família que amo, meu marido Jean Victor Nazareno, meu filho Arthur Victor Nazareno e minha mãe Maria dos Santos Lourenço Gomes, e cuidamos uma da outra. Mas mesmo com toda dificuldade da vida, eu agradeço a Deus por tudo que ele traçou para que eu me tornasse essa pessoa que sou hoje, porque essa profissão de educador, a meu ver, é a mais importante.

Além disso, quero contribuir muito na formação de pessoas, para construirmos um mundo melhor e justo. Para que todos possam lutar pelos seus direitos, para vivermos em um mundo de igualdade.

ESMERALDA 11

Valeria Marcia Sette

Meu nome é Valeria Marcia Sette, tenho 48 anos, nasci e vivi até os meus 6 anos de idade na zona rural, onde brincava com muitos amigos em uma localidade chamada “Cotas”, dentro da cidade de Santa Cruz do Escalvado.

Mudei-me para a cidade em razão das fortes chuvas dos anos 78 e 79. Sempre morei ao lado da escola. Sonhava em poder fazer parte da escola, ouvia o sino tocar, vai acontecer o recreio e aguardava, ansiosamente, a minha irmã mais velha chegar e logo copiava todas as lições e operações que ela fazia na aula, assim, aprendi a ler e escrever praticamente sozinha. Sempre tive altas habilidades em usar a tesoura, pintar etc.

Estudei na Escola Estadual Dr. Otávio Soares, da 1ª série do Ensino Fundamental até o 8º ano, depois estudei na Escola Nossa Senhora Auxiliadora em Ponte Nova, onde fiz o magistério integrado ao científico. Lá aprendi a forma lúdica de ensinar, através dos jogos. Tive um enorme desejo de ser “Educadora”, mas tinha somente 17 anos e ainda não podia ser contratada.

Fiz um Processo Seletivo na minha cidade e fui aprovada, realizei meu sonho, só que o sonho, na realidade, foi um pesadelo. Tinha que me levantar às 4:00 da manhã, não havia transporte, o jeito era ir a cavalo, mas venci. Enfrentei chuva, sol e até tempestade.

No ano seguinte, comecei a fazer o curso de Letras/Inglês na Faculdade de Ciências Humanas do Vale do Piranga, depois fui fazer complementação pedagógica em Volta Redonda. E assim, continuei fazendo cursos, pós-graduação no Rio de Janeiro na região dos Lagos (Ferlagos).

Apareceu uma oportunidade assim que me formei e consegui trabalhar como Especialista em Educação Básica por muitos anos (aproximadamente 15 anos), e nunca mais deixei de estar inserida na Educação. Tive momentos de decepção de passar em concurso e não ficar dentro das vagas, mas nunca desisti.

Algum tempo depois, passei em um concurso público em uma cidade vizinha, Piedade de Ponte Nova, onde me sinto realizada. Sou professora dos anos iniciais do Ensino Fundamental. Já lecionei no Ensino Fundamental, na EJA e no Ensino Médio, mas descobri que os anos iniciais são onde me realizo.

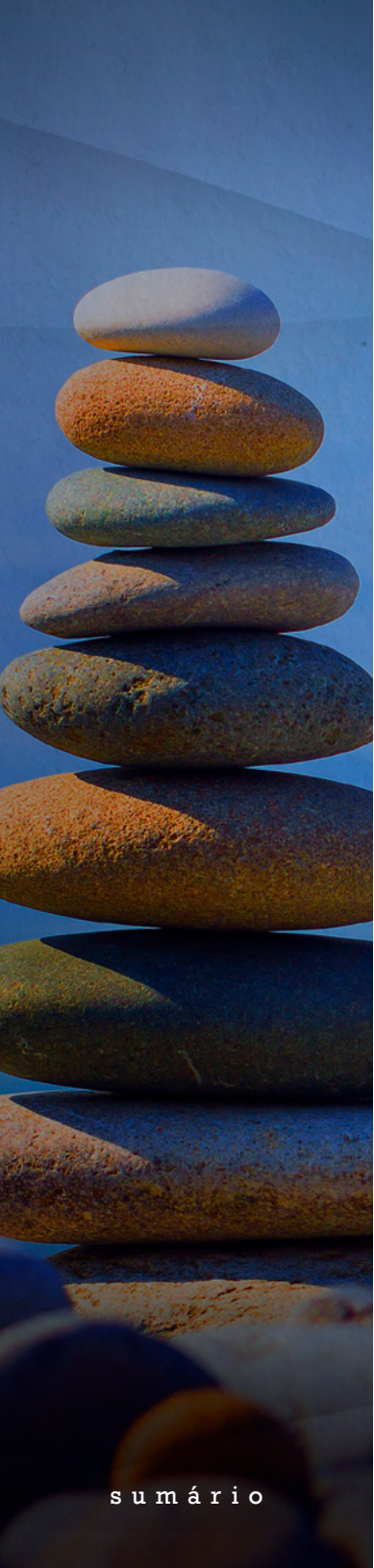
Resolvi mudar de rota, fui fazer um outro curso em uma área bem diferente, “Serviço Social”, que amei descobrir ser um trabalho prazeroso e gratificante, pois entender as mazelas sociais é algo que nos faz mudar nosso olhar. Trabalhei por doze meses no NASF em Santa Cruz do Escalvado, mas novamente outra oportunidade apareceu para trabalhar com Educação Especial, já que havia terminado de cursar minha graduação em Educação Especial.

Como sempre, surgem oportunidades e portas abertas, mais uma se abriu, e acabei me tornando Vice-Diretora da Escola Estadual em Santa Cruz do Escalvado, onde enfrento muitas dificuldades na gestão de pessoas, mas acredito que um dia é sempre melhor que o outro e assim vamos acertando os ponteiros.

Sou casada há 14 anos com o Aloísio, que é um homem compreensivo, incentivador dos meus sonhos. Juntos, vamos construindo os nossos sonhos, sou mãe da Maria Tereza, de 6 anos, que sempre me surpreende com um abraço e beijinhos nos meus momentos difíceis. E aqui estou para um novo desafio, Pós-Graduação”, pois estudar é buscar novos conhecimentos, o que sempre me fascina.



Agrupamento
Ametista:
Santa Cruz do Escalvado



Prefácio do Agrupamento Ametista :

a sábia ametista
e sua busca por agrupar

Clayton José Ferreira

Doutor em História (UFOP)

Trabalhar junto às colegas professoras, que trabalham em espaços rurais, com experiências tão múltiplas, ao mesmo tempo, semelhantes à minha, de alguém que nasceu e cresceu no campo, tem sido uma jornada de esforço em colocar em prática a ideia de transformar experiências em saberes, como nos ensina John Dewey (1859-1952). Eu, em meu trabalho na educação a distância, deste lado da tela, tenho me deparado com os relatos de formação destas professoras, mulheres que lutam, que educam, que se educam, que amam, que sofrem, que estão trabalhando na sala de aula para nutrir saberes juntos aos seus alunos, que estão trabalhando nas roças para nutrir suas famílias e comunidade.

Essas mulheres buscam transformar suas realidades e a daquelas que estão em seu entorno, ainda que com as poucas oportunidades que a vida e os esforços de outros sujeitos possibilitaram para elas, apesar de todo machismo e patriarcalismo que enfrentam diariamente, com suas lutas, mesmo entre muita precariedade. Trazem seu conhecimento escolar e formal como pedagogas, profissionais da educação,

e seus saberes como mulheres, como sujeitos de suas comunidades e famílias, como sábias que se encontram sempre em contato com o solo, com as plantas, com os animais, enfim, com a terra, grande matriarca que nos fornece vida diariamente, apesar de toda a violência de filhos mal-agraçados que, muitas vezes, impomos a elas.

Por isso, para aprendermos e compartilhar e a compartilhar como educadoras e educadores que buscam transformar experiências em saberes, em alguma sabedoria, apesar de toda humilde ignorância que possuímos, não é em vão que nos agrupamos a partir do nome de uma rocha: a ametista. Segundo o *Dicionário de Mineralogia e Gemologia (2008)*, de Pécio Branco, “gema muito apreciada por sua bela cor roxa, a ametista é uma variedade de quartzo transparente semi-transparente. É encontrada em cavidades de rochas vulcânicas e em pegmatitos, outro tipo de rocha ígnea. É muito usada como gema e em objetos ornamentais” (BRANCO, 2008, p. 99).

Fruto da nossa grande matriarca terra, a qual pertencemos e nos presenteia com muitos mimos e nos deu aqui este lindo objeto de cor violeta, e que, junto a terra, ressignificamos como símbolo de sabedoria (ainda que filhos ingratos e insaciáveis, muitas vezes arrancamos tudo à força do seu ventre). Rocha ígnea, símbolo de sabedoria.

Talvez, aqui, isto nos lembre da necessidade de atearmos fogo nas certezas absolutas, nos preconceitos, na desinformação, na indiferença, na falta de transparência, na vaidade que usamos para nos ornar. Em termos místicos, segundo a *Bíblia dos Cristais (2003)*, a ametista é uma pedra protetora, que pode transformar energias em amor (HALL, 2003). Proteção e amor, elementos que acredito serem parte daquela sabedoria que mais precisamos neste momento, já que vivenciamos tanta beligerância, física e simbólica.

Salvo engano, tenho aprendido neste caminho nada linear para tentar me tornar educador e historiador, (do qual a ametista também é símbolo desta atividade que busca conhecer o passado), de mãos

dadas a colegas, que sabedoria significa justamente a compreensão de que sabemos pouco, quase nada.

No entanto, admitir isto não é, ou melhor, não precisa e não deve ser uma autodepreciação, mas um esforço em desenvolver nossa humildade como uma habilidade para o aprendizado. E quando entendemos que pouco sabemos, podemos perceber que teremos sempre muito para aprender, conhecer, experienciar, experimentar, não somente com a nossa mente, mas com nossos sentidos, com nosso corpo. Quem sabe, com alguma humilde sabedoria, possamos juntos tornar nossas existências menos violentas, cada vez mais violetas?

Neste capítulo, poderemos conhecer alguns fragmentos das belíssimas histórias destas educadoras e aprender um pouco com elas. O texto da professora Ana Carla Martins da Cruz nos apresenta seu encontro com a atividade de Educadora Física e de como é trabalhar no mesmo ambiente escolar onde estudou em sua juventude.

A professora Ana Paula Miguel da Silva Mariano compartilha sua trajetória em trabalhar em diversas atividades até poder realizar o sonho de se profissionalizar como pedagoga. Andréia de Souza Pereira Braz nos conta seu percurso de servente escolar até a finalização de sua graduação em pedagogia durante a pandemia do novo coronavírus.

Já Aurenny Vicente Rezende da Silva, generosamente, partilha as dificuldades que enfrentou para escolher sua profissão em razão do patriarcalismo estrutural em que vivemos, e como se apaixonou pelo trabalho como educadora e como estudante, procurando sempre dar continuidade à sua formação, mesmo tendo que encarar a perda de seu filho.

O professor de geografia Áureo de Paula Silva trata dos desafios em se graduar em uma rotina onde precisava trabalhar e estudar. Já a educadora Beatriz Monteiro Corcini aponta os desafios para a sua formação escolar e graduação ao viver na zona rural e, mais ainda, em ter que viver com a perda de familiares neste processo. De forma semelhante, Cristiana Pires Vieira de Sousa tematiza o trabalho que exerceu

no campo e no lar enquanto procurava oportunidades para estudar e poder se graduar como pedagoga e, posteriormente, trabalhar como educadora em vários cargos na escola.

REFERÊNCIAS

BRANCO, Pécio de Moraes. **Dicionário de Mineralogia e Gemologia**. São Paulo: Oficina de Textos, 2008.

DEWEY, John. **Experiência e Educação**. Atualidades Pedagógicas V.131. São Paulo: Editora Nacional, 1976.

HALL, Judy. **A Bíblia dos Cristais**: o guia definitivo dos cristais. São Paulo: Editora Pensamento, 2003

Memoriais do Agrupamento Ametista

AMETISTA 1

Ana Carla Martins da Cruz

Meu nome é Ana Carla, sou professora de Educação Física na Escola Municipal José Gomes de Souza, tenho 24 anos, formada em Licenciatura, bacharela em Educação Física, atuando como professora do Novo Ensino Médio: PCC (Práticas Comunicativas e Criativas) na Escola Estadual Doutor Otávio Soares.

Sempre estudei em escolas públicas de Santa Cruz do Escalvado. E, por incrível que pareça, atuo nessas duas escolas até hoje, com um desenvolvimento bom, sem dificuldades de aprendizagem. Tenho as minhas melhores lembranças da escola, principalmente dos professores, que me incentivaram a estudar e a me aperfeiçoar no ensino superior.

Minha decisão de ser professora foi difícil, pois estava passando por um momento de dúvida e essa escolha demorou um ano após eu ter me formado no ensino médio. Estava sem inspiração, motivação para seguir os estudos, sem emprego e com incentivo apenas da minha mãe para me ajudar a pagar, mas como ela disse que daquele ano eu não passava sem entrar na faculdade, aproveitei o momento em casa, estudei mais para conseguir uma nota melhor no ENEM.

Saindo a nota, joguei no SISU e nada! Pesquisei uns cursos que havia em Ponte Nova, cidade vizinha, onde são ofertados cursos supe-

riores, e me veio a certeza de que eu gostava muito de educação física, sempre era muito ativa nas aulas e também no curso de contábeis, pois gostava muito de matemática. Jogando minha nota pelo FIES nos dois cursos, consegui uma bolsa no curso de Educação Física.

Sempre falo que a Educação Física me escolheu e nela fui me descobrindo e vendo onde me encaixava. Fui fazendo todo estágio que me era oferecido, incluindo anos iniciais que amo de paixão. Nos finais os estudantes começam a desanimar, mas ainda conseguimos convencê-los.

Fiz também estágios em academia, grupos sociais de idosos e um importante estágio de ginástica laboral em um hospital. Tudo me faz aprender que a Educação Física tem um leque muito grande, mas a escola foi onde mais me identifiquei. Mesmo sabendo das dificuldades que é lecionar sendo recém-formada ou cursando, consegui entrar na estadual substituindo uma professora por seis meses.

Mesmo ainda cursando a faculdade no 5º período, sem muita experiência, sempre quis levar o “novo que estávamos aprendendo na faculdade” e assim procurava chamar mais a atenção dos alunos. Acabando o período, arrumei outros estágios remunerados, mas sempre cumprindo os estágios obrigatórios dentro da escola, experiências que me ajudam muito até hoje. Assim que me formei na licenciatura, me via na obrigação de entrar na escola, mas não apareciam oportunidades. Quando veio a pandemia, tudo ficou ainda mais difícil. Entretanto, não desanimei e aproveitando esse tempo em casa, fui me aperfeiçoando, fazendo cursos, pós-graduações, além do bacharelado, pois tinha convicção de que Deus ia preparar algo pra mim. Trabalhei fora da área para conseguir o diploma de bacharel e, assim que terminei, apareceu uma oportunidade de trabalhar em uma academia recém-aberta na cidade.

Foi um desafio muito grande, mas o encarei. Mesmo não sendo um ambiente escolar, as disciplinas da licenciatura me ajudaram muito na aplicação dos exercícios, pois um indivíduo entendia de um jeito,

mas o outro talvez não entendesse dessa forma, e com as técnicas de ensinar visualmente, ou falando, ou demonstrando, já ali percebi a importância de uma ação pedagógica.

Nesse mesmo ano surgiu um processo seletivo e, graças a Deus, conquistei o 1º lugar, ficando à frente de professores que estavam ali havia mais de 15 anos. Ali me senti orgulhosa de mim mesma e entendi que nunca devemos parar de nos aperfeiçoar.

Dentro de uma pandemia com estudos remotos, minhas ações com aqueles alunos foram de mandar atividades explicativas com textos, figuras e vídeos para que eles entendessem melhor as atividades. Mas como nem todos os alunos tinham acesso à internet, às vezes esses vídeos não chegavam ao conhecimento de todos. Com os que tinham acesso, pedia que me enviassem seus vídeos praticando as atividades.

Ao final do ano, retornando o presencial, eles, com muita sede para encontrar os colegas, estavam precisando muito de um contato com a prática juntamente com seus colegas. Foi bom que foi como se fosse um teste para começarmos bem o início do ano. Sempre costumo levar a parte teórica e logo depois a parte prática, pois, associando a teoria com a prática, eles aprendem mais.

Há menos de um mês estou tendo uma das melhores experiências que são as turmas dos anos iniciais que não tinham o especialista em Educação Física. Agora estão tendo um contato esperançoso, onde as crianças ficam apaixonadas com as atividades e desse modo fazemos com que elas acostumem desde cedo a participar, a ficar ativas, para quando avançarem. Dessa forma correta talvez cheguem ao ensino médio mais incentivadas.

Com todas essas experiências, cada dia tenho a certeza de que fiz uma escolha correta, pois, quando trabalhamos com o que gostamos, nos sentimos incentivados. O serviço sai bem melhor do que o esperado. Mesmo com tantas tecnologias, sinto que as crianças sentem sede desse contato com o praticar.

AMETISTA 2

Ana Paula Miguel da Silva Mariano

Meu nome é Ana Paula Miguel da Silva Mariano, tenho 25 anos e vou contar um pouco da minha história. Nasci em junho de 1995 em Santa Cruz do Escalvado, Minas Gerais. Malvina Miguel e Luiz Carneiro, meus pais, descobriram que eu estava a caminho.

Depois de um longo tempo casados, aquela notícia foi algo que alegrou muito a vida deles. Foi uma gestação tranquila e cheia de mimos. No dia 24 de fevereiro de 1996, depois de 9 meses de gestação, conta minha mãe que comecei a dar sinais que queria vir ao mundo, ela sentia fortes dores e a bolsa estourou. Foi levada para Ponte Nova MG, cidade vizinha. Depois do parto normal forçado pelos médicos, nasci.

Como era uma criança muito grande, acabaram quebrando minha clavícula, mas era uma criança saudável e linda. Era hora de escolher o meu nome, e eles optaram por Ana Paula. Ana foi escolha do meu pai que queria homenagear minha avó paterna, que já havia falecido e que se chamava “Ana”, e Paula foi escolha da minha mãe, que nesta época gostava muito de uma atriz de uma novela a que ela assistia e que se chamava “Paula”.

O nome Ana Paula significa “mulher pequena e cheia de graça”, “mulher graciosa de baixa estrutura”. Os anos foram se passando e fui crescendo. Morávamos na fazenda do Senhor Cici, onde meu pai tomava conta dos animais e do gado leiteiro, e minha mãe cuidava de mim, brincava muito comigo.

Quando tinha aproximadamente 2 anos de idade, mudamos para um lugar chamado Sobrado, distrito de Santa Cruz do Escalvado. Ali fui batizada, e meu padrinho foi o senhor Dimas Filho, que era o patrão do meu pai. Como presente de batizado, ele me deu uma bezerinha. Colocamos o nome dela de Estrela.

Lembro-me que brincava muito no curral e adorava estar sempre perto do meu pai e dos animais. Eu sempre fui criança de brincar sozinha, pois onde morávamos não havia outras crianças. O tempo foi passando e quando tinha uns 5 anos nos mudamos para Antônio Joaquim, outro distrito de Santa Cruz do Escalvado.

Era hora de começar a estudar, e por incrível que pareça eu me lembro direitinho daquele meu primeiro dia de aula na escola Municipal Dias Lopes. Lembro que minha mãe me levou de charrete e eu estava toda animada, até que ela me entregou para a tia Verônica, que seria minha primeira professora, e foram só lágrimas, pois estava muito acostumada com a minha mãe e a partir daquele momento ela não poderia ficar comigo o tempo todo.

Foram longos dias de choro, mas fui me acostumando. Fui me tornando uma boa aluna e adorava levar meus trabalhos para casa. Depois de um tempo, minha mãe descobre que estava grávida e eu não aceitei muito bem aquela história, afinal teria que dividir tudo como minha irmã. Foi muito difícil me acostumar com a ideia, mas o convívio com a escola e aquela empolgação de quem estava aprendendo muitas coisas novas me fizeram acostumar com a ideia de ter uma irmã.

Os anos foram se passando, eu fui me desenvolvendo e comecei a dar muito trabalho na escola, eu brigava muito com minha amiga Juliana, só de uma olhar para outra já era briga na certa (coisas de criança). Eu fui me tornando gordinha e isso fazia com que todos implicassem comigo. Era horrível ser tratada com indiferença e ser chamada de “baleia”, além disso, não conseguia ter o mesmo desenvolvimento físico que as crianças “magrinhas”.

Meus finais de semana eram na casa da minha avó Maria (minha avó materna). Adorava ir de charrete para casa dela, me divertia muito. Um dia cheguei à casa dela e a minha vaquinha Estrela, que havia ganhado pequenininha, havia morrido, chorei muito, e isso foi algo que me marcou demais.

Em 2006, me mudei para o Córrego do Facão e iniciei na 5ª série da Escola Estadual Doutor Otávio Soares, onde estudei por 3 anos. Eu gostava muito da escola e mesmo tendo algumas dificuldades em matemática sempre fui boa aluna e meu relacionamento com meus colegas era muito legal, conquistei muitas amizades.

Em janeiro de 2007, nas férias da escola, meu pai, meu herói sofreu um AVC isquêmico que, como seqüela, o deixou praticamente sem movimento do lado esquerdo do corpo. Eu fiquei arrasada, já era uma adolescente e me sentia na necessidade de ajudar a cuidar dele. Ficava o dia todo lembrando-o de ir ao banheiro, pois ele havia se esquecido de tudo.

As aulas retornaram e, devido ao ocorrido, precisei estudar na Escola Municipal Amaro Ribeiro Gomes, pois era mais perto da minha casa. Nessa escola reencontrei a Juliana, a menina com quem tanto briguei na infância, e nos tornamos amigas. Fazíamos os trabalhos juntas e ela ia muito à minha casa. Comecei a frequentar uma igreja evangélica nos fins de semana, que era meu lazer. No final de 2010, me formei no ensino fundamental.

Em fevereiro de 2011, iniciei na Escola Estadual Doutor Otávio Soares juntamente com toda minha turma do nono ano, pois esta escola é a única que oferece ensino médio na minha cidade. Para mim, estudar sempre foi algo importante, que sempre fiz com dedicação, por gostar.

No ensino médio a responsabilidade aumentou, pois queria ingressar na faculdade e sabia que para isso precisava estudar muito, já que meus pais não tinham condições de pagar meus estudos. Esforcei-me, incessantemente, para que meus sonhos se concretizassem.

Em outubro de 2013, fiz o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), uma prova muito difícil, cujo resultado definiu meu destino no próximo ano. Como o resultado demoraria uns meses para sair, a ansiedade era muito grande, mas isso não me impediu de estudar o resto daquele ano e ter excelentes resultados.

Esforcei-me e algo que me marcou muito na formatura foi ter que me despedir dos meus colegas, sabendo que a partir daquele momento nossas vidas tomariam destinos diferentes e nosso sucesso dependia de cada um de nós. Finalmente chegou janeiro de 2014 e os resultados da prova do Enem saíram.

Infelizmente não obtive o que eu esperava, que era uma bolsa integral de administração. Consegui apenas meia bolsa e não tinha condições de pagar o restante, frustração total, meu sonho de continuar os estudos parava por ali.

Como sempre busquei pela minha independência financeira para poder ajudar meus pais, fui à procura de um emprego. Fiz inúmeras entrevistas e me lembro que uma delas foi com o dono de uma renomada faculdade de Ponte Nova, que, conversando comigo, me falava da importância de ter um curso superior para ingressar no mercado de trabalho. Aquilo só me frustrava.

O tempo passou e, depois de muitas tentativas, consegui um emprego fixo como vendedora em uma ótica em Ponte Nova, e tive que me mudar para lá. Fui bem-sucedida no emprego, ganhava bem e cheguei à gerência. O comodismo e muitas vezes a frustração me mantinham sempre distante de meu sonho de estudar.

Em 2015, conheci Wallison, um rapaz da igreja, e começamos a namorar. Até que um belo dia descobri que estava grávida, me assustei muito, pois um filho mudaria toda minha vida. Me casei e alguns meses depois meu filho Ezequiel nasceu. Tive que voltar a morar em Santa Cruz do Escalvado, formando uma família.

Santa Cruz do Escalvado é uma cidade pequena, com poucas oportunidades de emprego. E por não ter melhor formação, fiquei um longo período desempregada, então percebi a importância da formação. Uma das áreas mais fáceis para se trabalhar aqui é a educação. Isso me despertou interesse pela área.

Em janeiro de 2018, consegui um emprego como monitora de educação infantil na Prefeitura Municipal de Santa Cruz do Escalvado, tendo o convívio com crianças me despertado ainda mais a vontade de educar e nascido em mim a vontade de cursar pedagogia. O incentivo do meu esposo foi algo que me ajudou muito, pois com o apoio dele procurei a Universidade de Uberaba, polo de Ponte Nova, onde, por meio do Prouni, consegui um desconto e me matriculei no curso de pedagogia.

Hoje estou formada em Pedagogia, tenho 3 pós-graduações e estou fazendo uma segunda licenciatura em Educação Especial Inclusiva. Sem dúvida, fazer essa pós-graduação na Universidade Federal de Ouro Preto é uma oportunidade única e será de grande valia para minha vida profissional.

Estou muito animada. O tipo de profissional que me inspira é o psicopedagogo, que trabalha o processo de aprendizagem de crianças, adolescentes e adultos, identificando as dificuldades e os transtornos que interferem na assimilação do conteúdo para que possam ser trabalhados, evitando evasão escolar.

Amo pedagogia e, com certeza, de todas as profissões, eu sempre optaria por ser professora, pois educar é moldar o ser humano. Além disso, nossa sociedade precisa de professores cada vez mais preparados e dispostos as trocas de aprendizagem.

AMETISTA 3

Andréia de Souza pereira Braz

Eu sou Andréia de Souza Pereira, nascida em 01 de junho de 1986, em Ponte Nova/ MG, de nacionalidade brasileira. A penúltima de uma família de 7 irmãos, filha de André Gomes Pereira e Vindilina de Souza Pereira.

Iniciei meus estudos aos 8 anos, com a professora Zenilda, na Escola Estadual Fazenda do Córrego Novo onde estudei por pouco tempo por causa do pequeno número de alunos. Meus pais me transferiram para a Escola Estadual Antônio Leônico Carneiro, que, depois de uns anos, foi municipalizada.

Fui alfabetizada pela professora Ana José Fadel nessa mesma escola. Era tudo muito difícil, pois caminhava todos os dias 8 quilômetros para ir e voltar carregando meus objetos nas mãos, pois eu não tinha mochila e, naquela época, não existia transporte escolar.

Assim, estudei até completar o 9º ano do ensino fundamental em 2001. Em 2002, iniciei meus estudos na Escola Dr. Otávio Soares em Santa Cruz do Escalvado, à noite. Nessa época, tive transporte escolar para parte do percurso da Escola, a distância era de 36 quilômetros ida e volta. Mas, eu tinha transporte de somente 26 quilômetros. Nunca fui reprovada, pois morria de medo de perder um ano de estudo já que tudo era muito difícil.

No ano de 2004, formei-me no 3º ano do Ensino médio, tive muita vontade continuar estudando porque sempre gostei, porém não tinha condições de pagar uma faculdade e a distância dificultava ainda mais.

Em 2006, fiz concurso público no meu município, tive o prazer de passar, comecei a trabalhar como servente escolar. Fiz curso de cabeleireira, porque ainda não havia tido a oportunidade de fazer uma faculdade.

Em fevereiro de 2017, surgiu a oportunidade de cursar o Normal Médio, e quando havia 6 meses desse curso, iniciei minha sonhada faculdade a distância na Uniube. Assim encarei meu serviço, o curso Normal Médio e a licenciatura em Pedagogia.

Em 03 de agosto de 2018, terminei o Normal Médio com carga horária de 1866:66 horas e continuei com a Licenciatura em Pedagogia. Em fevereiro de 2021, foi minha colação de grau on-line por causa da pandemia de coronavírus (COVID-19). Na verdade, não foi da forma

como eu sonhava, porque queria festa, vestir a beca, tirar fotos junto com meus amigos, mas foi a melhor forma que podia. Mesmo assim, estava feliz por ter conquistado um sonho.

No ano de 2021, após terminar a faculdade, comecei a fazer três pós-graduações em Psicopedagogia, com ênfase nas práticas inclusivas, Gestão Escolar Integrada (Administração, Inspeção, Orientação, Coordenação e Supervisão) e, também, Educação Especial Inclusiva com ênfase em Deficiências Múltiplas e Intelectuais.

Hoje, depois de 16 anos trabalhando na Escola Municipal Antônio Leôncio Carneiro como Servente Escolar, onde estudei, estou tendo a oportunidade de estar na direção desta escola. Nessa posição, quero lutar e contribuir para que os alunos que, por aqui passarem, possam aproveitar todas as oportunidades que tiverem, assim como eu. Ademais, também quero continuar estudando para adquirir mais conhecimentos e assim poder ajudá-los.

AMETISTA 4

Aureny Vicente Rezende da Silva

Meu nome é Aureny Vicente Rezende da Silva. Sou da cidade de Ouro Preto, mas moro atualmente em Rio Doce. Minha trajetória escolar começa aos 7 anos na Escola Municipal Tomás Antônio Gonzaga, em Saramenha. Lá estudei até a “4ª série”. Da “5ª à 8ª” série, estudei na Escola Estadual de Ouro Preto (ex – polivalente), no Bairro Bauxita.

Terminado o Ensino Fundamental, era chegada a hora da escolha da minha profissão. Naquela época tínhamos três opções de escolha: Científico, Magistério e Escola Técnica, mas essa eu não poderia escolher porque, segundo o meu pai, “Escola Técnica não era lugar de mulher”. Então meu pai escolheu a minha profissão – ser professora.

Fomos juntos fazer a minha matrícula no Colégio Alfredo Baeta. Estudei lá por três anos até me formar. Fiz o meu estágio no Colégio Arquidiocesano, mas ainda não havia me identificado com a minha profissão. Não exerci a minha profissão logo que me formei. Levou alguns anos para isso acontecer.

Depois de já casada e mãe de três filhos, comecei a dar aulas de reforço na minha casa. Um, dois, três alunos, e quando dei por mim, já estava com todas as cadeiras da copa ocupadas por meus alunos cheios de dúvidas, e eu conseguia fazer com que eles aprendessem. Começou assim meu amor por ser professora! Tempos depois, comecei a lecionar na Escola Estadual de Ouro Preto, que ficava perto da minha casa no Bairro Bauxita. Aí não parei mais. Lecionei na E.E Dom Veloso, Horácio Andrade, Marília de Dirceu, todas em Ouro Preto.

Em 2004, nos mudamos para Rio Doce. Em 2005, comecei a lecionar na E. M. Coronel João José, E. M. Lucília Lobo Pereira Martins. Nessa época, eu só tinha Magistério e, já apaixonada por ser professora, queria buscar mais conhecimento. Fui fazer Normal Superior na UNIPAC em Ponte Nova depois de 10 anos sem frequentar uma sala de aula como estudante.

Devido a vários desafios que encontrava com os meus alunos na escola, fui à procura de mais conhecimento. Agora Pedagogia, depois pós-graduação, que, ao todo, somam 12, todas na área da Educação. Em 2012, nos mudamos para a cidade de Ouro Branco, onde morei por três anos. Neste ano, trabalhei no CEMOL (Centro Educacional Monteiro Lobato). Nos anos seguintes, em outras escolas em Ouro Branco, Conselheiro Lafaiete e Congonhas. Nesse período eu fiz dois cursos de LIBRAS e mais alguns na área de Educação Inclusiva.

Em 2014, retornei à Rio Doce após o falecimento do meu filho para cuidar de dois netos deixados por ele. Em 2016, comecei a lecionar na Rede Municipal de Santa Cruz do Escalvado, onde atuo hoje como Supervisora Pedagógica.

Parar de buscar por conhecimento? Não consigo! Estou fazendo mais uma graduação em Educação Especial pela UniFaveni. Enfim, não escolhi minha profissão, mas hoje posso dizer com orgulho que amo ser professora, amo os meus alunos, e meu pai não poderia ter escolhido profissão melhor pra mim. Sou professora com muito orgulho!

AMETISTA 5

Áureo de Paula Silva

Meu nome é Áureo de Paula Silva, brasileiro, casado, com um filho a nascer, residente no município de Santa Cruz do Escalvado. Atualmente, exerço o cargo de Agente de Renovação na empresa FAVE.LA, que atua junto à Fundação Renova.

Sou formado em Geografia pela UFMG, porém não estou atuando na docência no momento. Para conseguir entrar em uma universidade e estudar, enfrentei diversos desafios. Tinha uma rotina bastante exaustiva, comum no dia a dia do brasileiro, que se baseava em trabalho e estudo.

Cursei o ensino médio em uma escola estadual e, após a conclusão, fui buscar novos conhecimentos em uma área com que tenho bastante afetividade: Meio Ambiente. Estudei durante 18 meses para me formar em técnico em meio ambiente e atuei pouco na área, fazendo estágio na empresa Hermes Pardini.

Entretanto, ao trabalhar na empresa Supram Central (Superintendência Regional de Meio Ambiente), adquiri bastante conhecimento na área ambiental por lidar diretamente com os técnicos ambientais. Após cursar técnico em meio ambiente, resolvi me dedicar aos estudos para ingressar em um curso superior.

Depois de um período de insistência, consegui aprovação para ingressar no curso de Geografia, graças ao empenho e também ao local de trabalho (na parte administrativa), que era o mesmo cursinho em que eu estudava – o PRÉ-FEDERAL em Belo Horizonte. A escolha do curso foi motivado por estar na área ambiental e pelo interesse pela educação. Inicialmente, ganhei uma bolsa integral pelo PROUNI, para me matricular na PUCMINAS.

Tempos depois saiu o resultado do ingresso na UFMG, pelo SISU, onde fui aprovado e fui cursar Geografia. Ao ingressar no curso superior, percebi a dimensão de responsabilidade na aprendizagem e formação docente.

Foram várias aulas com diversos professores e em diversos locais. Mas a aproximação e as disciplinas de docência foram realizadas na FAE – Faculdade de Educação, por três anos. Neste período, discutimos vários pontos, além do campo de estágio durante dois anos em que pude absorver e entender bastante a dinâmica de sala de aula. Suas alegrias, planejamento, discussões e pontos de carreira.

Os estágios foram realizados no município de Ribeirão das Neves/MG em escolas municipais e estaduais. Em vários momentos, foram perceptíveis as aprendizagens curriculares com atividades de lecionar, extraclasse, reuniões pedagógicas. Após alguns períodos, recebi algumas propostas de escolas particulares e também busquei aulas em escolas estaduais ou municipais por designação ou processo seletivo.

Em razão do baixo salário ou da falta de uma oferta atrativa, não atuei na área até o momento. Estou atualmente atuando através de contrato em rotinas administrativas, mas assim que terminar irei buscar oportunidade na área.

AMETISTA 6

Beatriz Monteiro Corcini

Nasci, fui criada e moro na zona Rural. Para estudar, eu tinha que caminhar 14 quilômetros por dia. Sempre gostei de estudar e quase não faltava à aula, mesmo nos dias em que estava chovendo.

Eu, meu irmão e mais alguns vizinhos que moravam perto da minha casa, para não chegarmos atrasados à escola, saíamos todos os dias às 5:15. Assim, antes das 7:00 horas estávamos dentro da escola. Nessa época, quase não tínhamos merenda na escola, e quando tínhamos, era de péssima qualidade, por isso precisava levar algo para comer, para aguentar caminhar na volta e almoçar mais ou menos às 13:00 horas. Tenho boas lembranças desta época e dos meus professores com quem aprendi muitas coisas. Em casa sempre tratei a educação com muito respeito.

Um período muito difícil que passei foi quando, com 12 anos, perdi minha mãe e o meu irmão em um acidente. Foi um ano muito difícil sob todos os aspectos, inclusive, nos estudos, mas, com a ajuda de Deus e da minha família, consegui superar e continuar com a minha vida.

Eu me formei para professora. Na época o curso se chamava magistério. Dois anos depois comecei a trabalhar em uma creche num distrito como coordenadora, mas acumulava a função de professora. Foi uma profissão que aconteceu na minha vida e, com o passar dos anos, acabei pegando amor por ela. Trabalhei seis anos nesta creche. Neste período, graças a Deus, consegui fazer a licenciatura em Educação básica pela UFOP, curso na época muito criticado por ser a distância.

Na época quase não existia esta modalidade. Enfrentei algumas dificuldades para concluir o curso, como, por exemplo, o dia em que saí de casa na zona rural sozinha às 3:00 da manhã, caminhei 7 quilômetros até Santa Cruz para pegar o ônibus e participar de um seminário em Ouro Preto. Consegui, com muito esforço e ajuda de Deus,

concluir o curso, depois fiz graduação em pedagogia, mas a licenciatura em Educação Básica foi um marco, pois terminei o curso no tempo exato para prestar concurso no município de Santa Cruz do Escalvado, no qual tive sucesso. Sou professora efetiva e trabalho até hoje.

AMETISTA 7

Cristiana Pires Vieira de Souza

Meu nome é Cristiana Pires Vieira de Sousa, tenho 43 anos, e vou contar um pouco da minha trajetória escolar. Minha infância foi muito divertida. Morava em uma fazenda na zona rural de Santa Cruz do Escalvado. Sou filha de Caetano Vieira Carneiro (já falecido) e Maria das Graças Pires Vieira.

Tenho mais 4 irmãos: 2 homens e 2 mulheres. Desde criança, tinha atividades diárias para cumprir, entre elas tratar e cuidar de 150 galinhas e de 50 suínos, debulhar milho no paiol e raspar o esterco do curral. Nos raros momentos de folga, brincava de pique de esconder, subia em árvores e montava nos bezerros. Era muito divertido!

Aos sete anos de idade, comecei a estudar. Era uma caminhada de quase 01 quilômetro e meio. A escola funcionava em um porão de um casarão em Zito Soares, que era um local provisório. Para alimentação, caminhava 10 minutos em fila até a Escola Municipal Antônio Leôncio Carneiro.

Minha primeira professora se chamava Ana. Estudei duas semanas e fiquei um pouco perdida, sem saber como acompanhar a turma na aprendizagem. Nesse período, meus pais se mudaram para nosso atual terreno no Córrego Vista Alegre. Mudei de escola e comecei a estudar na escola Fazenda da Serra. Ingressei no primeiro ano sem saber nada e meus colegas estavam mais adiantados pelo fato de completarem idade no início do ano.

A professora era minha tia Zinha (Luiza Domingas), que me ensinava muito ao pedir para fazer a leitura dos cartazes dos meus colegas que já sabiam ler. Foi um período muito difícil. Meus pais sempre trabalhavam fora e não tinham tempo e nem conhecimento suficiente para ensinar os deveres que eram repassados pela professora. Muitas vezes, chegava com as atividades na sala de aula apresentando erros. Era muito esforçada, mas diversas vezes me sentia perdida sem saber o que fazer.

Minha irmã mais velha, na época com 9 anos, tinha que estudar e cuidar da casa; meu irmão mais velho começou a trabalhar na roça com oito anos. Minha outra irmã foi morar em Belo Horizonte na casa de uma prima. Quando chegava da escola, eu tinha que encher 200 litros de água para limpar o local onde os porcos e cabritos ficavam, além de fazer outras atividades. O único tempo disponível para estudar era só no período da noite.

Nossa casa não tinha luz elétrica e era através de uma lamparina de querosene, que soltava muita fumaça, que a casa era iluminada. Fui passando de série com muita dificuldade. Minha maior alegria foi na segunda série, quando comecei a ganhar vários livros pela primeira vez. Ficava encantada ao ver tantas figurinhas maravilhosas, não sabia ler corretamente, só soletrar.

Meu sonho era saber ler e contar histórias para minha família. No período da noite, nos finais de semana, eu me sentava com minha família em volta de uma fogueira, assava mandioca, batata doce e contava “causos” de assombração. Meu maior medo na escola era de não saber a tabuada, pois trabalhava na roça junto com minha família que, em várias ocasiões, pegava serviço de empreitadas de longos períodos para roçar pastos, assim se ganhava mais dinheiro.

Nesse período, meu pai tomava tabuada do jeito que sabia fazer, mas não era o suficiente para decorar, já que era exigido saber na “ponta da língua”. No dia marcado para tomar a tabuada, os alunos

que acertavam tudo ganhavam um bombom da professora. Ficava imaginando o gosto daquele bombom, mas o tempo para estudar não era suficiente, pois estava sempre cansada do trabalho.

Na terceira série, havia uma professora chamada Ana Maria Pereira, que, às vezes, pedia para eu fazer a correção dos cadernos dos meus colegas, o que foi um incentivo muito grande para mim. Outra coisa que marcou muito nessa escola foi a cantineira chamada Silvinha, que fazia comidas deliciosas em seu caldeirão chamado de bujão de dona Silvinha.

Assim, finalizei a quarta série nessa escola com a professora Maria do Carmo, que usava uma vara de guanxuma para bater nos alunos que não prestavam atenção. Ela tinha problemas de saúde, enxergava pouco, mas ensinava as dificuldades da vida.

Estudei até a oitava série na Escola Municipal Antônio Leôncio Carneiro, que ficava a 3 quilômetros e meio da minha casa. Primeiro tinha que ir a pé carregando os materiais numa sacola de arroz amarrada com tiras, depois usava o sonhado “embornal” com pernas de calça que minha avó Sinhá havia feito.

Tive muitos professores, mas o que mais me marcou foi Felisbina, a professora de história, pois os meus colegas criticavam a minha letra, já que não sabia escrever com caneta, e Felisbina me elogiava para eu não ficar triste. Tentava imitar a letra dela, que era maravilhosa, e fazia título nos nossos cadernos.

Minhas roupas eram usadas e ganhas de parentes, não tínhamos sapatos. Comecei o ensino médio na escola Estadual Doutor Otávio Soares, que ficava a 10 quilômetros da minha casa. Foi muito difícil no primeiro ano aprender as matérias de Química, Física e Inglês, mas com a ajuda e a persistência dos professores e colegas, consegui aprender um pouco. No período das chuvas, o carro escolar não rodava, ficava sem ir à aula, que era à noite.

Fui convidada a trabalhar em casa de uma família na cidade de Santa Cruz do Escalvado para cuidar de uma criança e fazer todo serviço da casa. Era difícil cuidar da criança e realizar todas as tarefas diárias da casa, não sobrava tempo para revisar os conteúdos. Foi assim até a finalização do segundo ano, já no terceiro ano, não dava para trabalhar, estudar e fazer o estágio, assim fui morar com outra família, na qual fui tratada como filha por Maria Elisa e Geraldo.

Meu pai ajudava com alimentos e eu com o serviço da casa. Nessa época, havia uma professora chamada Penha, que me pedia para passar a matéria no quadro quase todos os dias. Na época do estágio curricular, que era realizado em duplas, uma semana era de observação e a outra de estágio.

Minha companheira foi Miriam, que tinha muita história para contar, passávamos horas e horas planejando nosso estágio para ser o melhor. Entrevistamos os professores em busca de informações do que os alunos mais gostavam, como fazer e o que fazer para buscarmos algo diferente, com inspiração na nossa infância. Os alunos amaram e foi assim que descobri minha missão de transformar educando.

A sensação de alegria de ser bem tratada por todos da escola fez despertar o interesse de pedir à diretora Maria Rita Vieira para ajudar todos os dias no recreio e na educação física, assim poderia me alimentar e realizar minhas pesquisas para conclusão do magistério na escola. A maior parte do tempo ficava na biblioteca, às vezes era convidada para tomar conta da turma, passar algumas atividades na ausência de professores.

Eu me formei em 1998 com louvor e com certeza de ser professora. Comecei minha caminhada, substituindo professores da rede municipal no mês de abril de 1999, quando recebi um convite da secretária de educação, dona Nilce, para trabalhar na educação de jovens e adultos, fiquei um pouco insegura, pois havia alunos de 15 a 80 anos de idade.

Orientada pela professora Amália, que estava afastada para tratamento de saúde, fui conhecendo a realidade de cada um, que passou a me tratar com maior respeito. Aproveitei a oportunidade para matricular minha mãe, que tinha o sonho de aprender a ler e escrever, o que não foi possível na sua infância, que era a realidade da maioria dos alunos adultos.

Foi uma experiência incrível, além de ensinar eu aprendi muito com suas histórias, que faziam parte do nosso cotidiano. Foi assim por dois anos e meio, com a troca do prefeito, parei de atuar por um tempo.

No ano de 2006, foi eleita conselheira tutelar (com 850 votos) para trabalhar na cidade de Santa Cruz, onde eu percorria, de bicicleta, cerca de 20 quilômetros por dia, durante três meses. Nesse período, houve um concurso municipal e passei na terceira colocação. Comecei a trabalhar na Escola Municipal Antônio Leôncio Carneiro com uma turma de quarto ano, com apoio de dona Lili, professora aposentada, que gostava muito de ajudar na escola. Nesse mesmo ano, passei no processo seletivo da UFOP, polo Jequeri. Foi assim que concluí meu sonho de fazer faculdade, pois não tinha condições financeiras para tal.

Sou casada, tenho dois filhos (João Victor de 17 anos e Rafael Vieira de 10 anos), resido no mesmo lugar, desde a infância, no Sítio Córrego Vista Alegre, com meu esposo Givanildo. Continuo atuando na mesma escola, tenho um grande potencial para alfabetizar os alunos, procuro estar sempre reciclando e fazendo o melhor. Já fui diretora, foi uma experiência maravilhosa, mas a sala de aula é o meu lugar, onde tenho uma experiência maravilhosa de realizar e construir sonhos.

No período da pandemia, cheguei até a pedalar 12 quilômetros para ajudar alunos e pais que não sabiam manusear o telefone. Essa história foi tema de uma reportagem da Rádio Band News. Com meu filho Rafael, tive a oportunidade de ser mãe e professora ao mesmo tempo.

O amor pela profissão não terminou, pois sou chamada de tia e elogiada pelos pais dos alunos que já alfabetizei. Tento fazer o melhor sempre, buscando novas formas de ensinar.

Assim, sigo a missão de ser professora na educação inclusiva, na turma do primeiro ano, junto com a professora Aparecida, do aluno Renato, que é um amor de criança. Finalizo meu dia entregando o aluno na sua casa, com a sensação de dever cumprido e a felicidade de ser quem eu sou com as bênçãos do Pai.

PAUSA PARA UMA CONVERSA COM O LEITOR DA OBRA

Prezado leitor, se você chegou até aqui, certamente já deve estar se sentindo conectado com as personagens da vida real e suas histórias, suas escre(vidas) docentes. Deve ter observado que as narrativas aqui trazidas nos ajudam a nos colocar no lugar do outro, a acessar uma realidade que pode, às vezes, estar distante da nossa, mas que reitera fatos e normas sociais e pode nos ensinar a compreender o conjunto de prismas pessoais que, no jogo dialógico, também são nossos.

Acreditamos que os memoriais aqui apresentados devem ser entendidos como a palavra em movimento e algo que torna possível a permanência e a continuidade, mas também a transformação do homem e da realidade em que ele vive (ORLANDI, 2005). Apenas essa informação inicial é suficiente para perceber que, nesta perspectiva, essas narrativas não devem ser vistas como algo momentâneo e simples, mas, sim, como algo complexo e capaz de transformar a própria realidade em que estamos inseridos.

A transmissão de uma mensagem é apenas um dos possíveis resultados desses textos, pois, por meio desses enunciados, sujeitos podem ser constituídos, sentidos podem ser produzidos, como observado por Orlandi (2005). A autora sustenta que os enunciados não

podem ser compreendidos de forma isolada do seu contexto de produção, mas sempre com relação à sua exterioridade.

Essa relação é recíproca e, da mesma forma com que o texto é afetado pela sua exterioridade, ela também é afetada pelo discurso (ORLANDI, 2005). Afirma, também, que, ao falar, não temos controle sobre como somos afetados pela língua e nem mesmo sobre o significado das palavras que dizemos, uma vez que “palavras simples do nosso cotidiano já chegam até nós carregadas de sentidos que não sabemos como se constituíram e que, no entanto, significam em nós e para nós.” (ORLANDI, 2005, p. 20).

Atrair os sentidos de um texto ao contexto não significa apenas que o contexto presente é capaz de influenciar nos sentidos. Pelo contrário, a historicidade, o discurso que foi sendo construído ao longo do tempo também faz parte das condições de produção. Isso é esclarecido por Orlandi, que explicita que:

O dizer não é propriedade particular. As palavras não são só nossas. Elas significam pela história e pela língua. O que é dito em outro lugar também significa nas “nossas” palavras. O sujeito diz, pensa que sabe o que diz, mas não tem acesso ou controle sobre o modo pelo qual os sentidos se constituem nele. (ORLANDI, 2005, p.32)

A afirmação de que os sentidos das palavras que dizemos estão além da nossa intenção se relaciona com as condições de produção. Os efeitos de sentido do que é dito são produzidos em condições específicas que estão presentes na forma como algo é dito. Além do contexto imediato da fala, as condições de produção também são constituídas pela memória, pelos sujeitos e pelo contexto sócio-histórico e ideológico. (ORLANDI, 2005)

Nessa perspectiva, observamos alguns dos efeitos de sentidos que foram construídos na relação dialógica das narrativas entre as professoras e os professores autores de seus memoriais e seus leitores, o professor e as professoras tutores do curso, não podem ser controlados.

Para subsidiar essa reflexão, trazemos aqui alguns diálogos realizados no Fórum de Discussão “Conte-me sua história”. Embora todo enunciado seja único, observamos que os recortes discursivos que apresentamos podem ser observados em outras interações, sendo, portanto, exemplos de algumas regularidades observadas nas discussões.

Oi Fátima, que bom ler seu relato! São trajetórias assim que enriquecem a educação e mostram a importância da nossa profissão, não é verdade? Obrigada por partilhar conosco essa história tão rica e inspiradora! (Excerto do Fórum “Conte-me tua história” comentado por Helena Azevedo Paulo de Almeida - terça, 7 jun. 2022).

Observamos, neste recorte discursivo, um profícuo diálogo entre a narrativa da cursista com a profa. Helena. O memorial de Fátima resgatou em Helena o sentimento de valorização da profissão docente. A interlocutora do texto se reconhece nos dizeres da autora e percebe a riqueza e o valor de inspiração da história contada. Ao trazer suas histórias, a autora não sabia que afetaria desta forma a professora Helena. Essa é uma das riquezas das narrativas espontâneas, pois produzem efeitos de sentidos para além de comunicar uma informação. Em outro recorte discursivo, são observados o envolvimento e o caráter dialógico no processo de construção de saberes, como podemos observar na interação abaixo.

Olá Laiz, bom-dia! Que bacana que você percebeu o seu dom desde menina. Seu memorial descreve seu empenho para formação continuada e desenvolvimento de habilidades para a execução deste dom com excelência. Grande abraço!

(Excerto do Fórum “Conte-me tua história” comentado por Vívian Walter dos Reis, 19 Mai 2022).

Oi Laiz, tudo bem? Que trajetória importante, quem dera se a maioria dos professores tivesse sua preocupação com o próximo. Seja muito bem-vinda e conte comigo e com os demais tutores ao longo do curso! Grande abraço!

(Excerto do Fórum “Conte-me tua história” comentado por Helena Azevedo Paulo de Almeida - quinta, 19 Mai 2022).

Nossa, que trajetória rica, Laiz!! Toda sua experiência com teatro, como educadora, no jornalismo, e assessoria técnica como Educadora Social pode ser um tema a ser abordado no seu projeto de TCC, em um relato de experiência e em uma pesquisa com os alunos. Seria um trabalho muito interessante e importante realizar uma pesquisa acadêmica a partir da sua experiência docente e no teatro.

(Excerto do Fórum “Conta-me tua história”, comentado por Clayton José Ferreira, 19 Mai 2022).

Como se vê, o memorial de Laís é retomado pelas professoras Vívian e Helena e pelo professor Clayton. Chamou a atenção de Vívian a dedicação de Laís em relação à formação continuada, o que, segundo ela, está relacionado ao desenvolvimento de habilidades para o exercício da docência.

Já em Helena, como no poema de Célia Leandro, o memorial provoca emoções que valorizam o trabalho e o empenho de Laís para com o próximo. Revela-se em seu memorial, seu cuidado para com o outro. Esse cuidado toca Helena que também se coloca no lugar de servir, oferecendo-se para auxiliá-la ao longo do curso.

Para Clayton, a experiência em outras áreas contribui para o exercício da docência. Nesse momento, Clayton remete a experiência ao Trabalho de Conclusão de Curso, mostrando-lhe como sua trajetória é rica e tem a contribuir com a pesquisa acadêmica.

Importante notar que os efeitos de sentido produzidos são diversos e variados a depender do interlocutor, daí a relevância e a adequação de um memorial reflexivo para a área da Educação, porque provoca nos outros sentimentos e resgata memórias no continuum da interação dialógica.

Feitas essas considerações e exemplificada a importância do memorial para a pesquisa em educação, no próximo capítulo, apresentamos os Memoriais dos professores e professoras de Rio Doce, mas antes faremos mais uma pausa para a poesia de Célia Leandro.

5ª pausa poética

O canto de um beija-flor

(A meu ídolo Milton Nascimento)

*Cantar a vida, o sonho
de um povo que vive,
que sonha, que espera
a vinda de um “salvador”.*

Cantar, mudança, transformação

Das rochas que se desfazem

Com o doce e melodioso

Cantar de um beija-flor.

Beija-flor de muitas flores

Que eternizam alegrias

Nos corações de pessoas


Provocando-lhes emoções

(LEANDRO, 1985, p. 32)

REFERÊNCIAS

LEANDRO, Célia. O canto de um beija-flor. **Além dos Sonhos**. In: LEANDRO, Célia. Rio Doce: Livro de Poesia, 1985[mimeo].

ORLANDI, Eni Puccineli. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, [1999], 2005.

The background features a series of overlapping, wavy, semi-transparent blue bands that create a sense of depth and movement. At the bottom of the image, there is a close-up view of smooth, rounded stones in various shades of grey, white, and brown, suggesting a riverbank or a rocky shore. The overall color palette is dominated by blues and greys, with a soft, ethereal atmosphere.

**Memoriais
dos(as) Professores(as)
do Município
do Rio Doce**

5

Viviane Raposo Pimenta

*Doutora em Letras pela PUC-MINAS
Professora Adjunta do Departamento
de Letras (UFOP)*

Prefácio dos memoriais dos(as) professores(as) do município de Rio Doce(MG)

DOI: 10.31560/pimentacultural/2023.97297.5

É com a reverência de Célia Leandro ao ídolo Milton Nascimento que iniciamos este capítulo sobre as Escre(Vidas) Docentes de Rio Doce. A autora quer cantar a vida de um povo que vive e que sonha. Mais do que isso, somos convocados a promover mudanças e transformações. Não há como não resgatar o grande educador Paulo Freire, porque mudança e transformação são um solo fértil da Educação.

Como moradora e apreciadora das rochas de Escalvado, Célia Leandro retoma as rochas e, poeticamente, as convoca a se desfazer com o cantar de um beija-flor. Seu cantar atribui-lhe identidade com o bater de suas asas e suas flores eternizam alegrias, nas palavras da autora. Mas e as rochas?

Neste capítulo, apresentamos a Turquesa: de amuleto para o saber, texto elaborado pela professora Vívian Walter para apresentar o seu grupo de professoras e professores.

A Safira: sabedorias docentes em cena é o título dado à apresentação do grupo Safira pela professora Karla, enquanto sob o título de Turmalina, a gema dos múltiplos é a forma encontrada pela professora Dra. Fernanda para trazer as vozes de suas/seus cursistas.

A Turquesa é trazida por Vívian para reverenciar as mulheres do seu grupo. Os turcos a chamavam de “Fayruz”, a pedra da sorte. Para os religiosos, o Livro de Gênesis faz referência ao azul do céu ou turquesa como uma das tonalidades que adornavam o arco-íris, isto é, o significado da cor turquesa na Bíblia seria o pacto de paz entre Deus e o homem.

Sela-se nas escre(Vidas) docentes deste grupo a força da mulher professora brasileira, que verbaliza seus sentimentos e auxilia-nos a lidar com as difíceis situações da vida. As professoras, no dia a dia da escola e do ofício docente, vão se lapidando e se reinventando.

A nobreza, a sinceridade, a pureza e a fé do grupo Safira são apresentadas pela professora Karla. As escre(Vidas) docentes desse grupo atuam como um bálsamo. Histórias de vida e de luta são narradas

e nos fazem refletir sobre quem são os professores e as professoras que ocupam as salas de aula e ocupam-se com o fazer docente em nosso país. É nas mãos desses professores e professoras que estão as nossas esperanças. Esperança do verbo esperar, visto que são agentes que promovem a educação, não ficaram quietos/as a esperar, mas se levantaram e foram adiante, juntaram-se com outros para fazer.

Reza a lenda que a Turmalina verde tem energia curativa e atrai a prosperidade, tendo o poder de aumentar a concentração. Mas ao se referir aos cursistas e a suas vivências, a professora Fernanda trouxe consigo sua história e sua multiplicidade. Optou assim por retomar seus conhecimentos do doutorado em Geociência, resgatou a história dessa rocha, que é a forma científica de nos referirmos às pedras e apresentou-nos uma analogia entre a força necessária para que a rocha se transforme em gema e a energia de se lapidar e o processo de formação docente dos cursistas.

Eles passam horas, finais de semana na plataforma Moodle, fazendo as leituras e as atividades do curso. Cada gesto de superação presente nos memoriais mostra-nos a diversidade e a riqueza de um grupo heterogêneo que, como Paulo Freire, luta em defesa da educação.

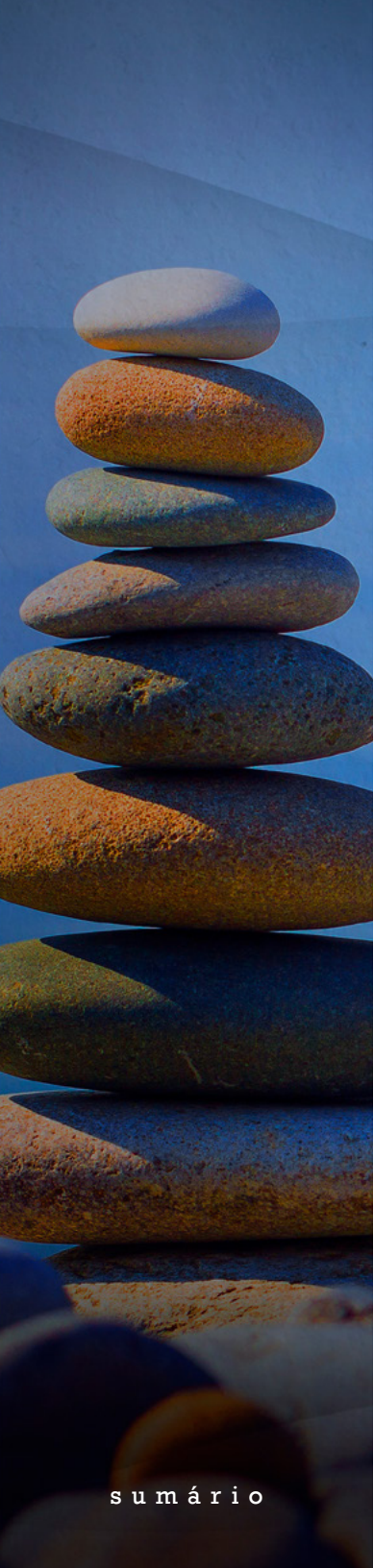
Os grupos de professores e professoras que assinam este livro representam um universo pequeno, porém nos dão uma mostra de quem são os/as educadores/as brasileiros/as que atuam em pequenas cidades do nosso país. Tendo esta pequena amostragem como referência, podemos melhor compreender os sujeitos que promovem a educação para além da transmissão de conhecimento das disciplinas curriculares.

Eles são sujeitos posicionados sócio-histórico e ideologicamente, portanto, são eles e elas próprios sujeitos que se (des)constróem discursivamente. Cada palavra, cada silêncio, cada gesto discursivo produz efeitos de sentidos múltiplos na interação com o outro.

Ao ler e reler as narrativas de vida dos professores e professoras agrupados sob os nomes dessas rochas, nos deparamos com nossas incompletudes e com a não possibilidade de prevermos as adversidades que enfrentamos ao longo da vida. No entanto, isso não deve ser tido como algo negativo, mas como elementos presentes na vida humana, sobre os quais, embora esse seja um desejo do sujeito, não temos controle. No entanto, está tudo bem!

The background of the image shows a wide, scenic view of a river valley. In the foreground, there are several large, smooth, rounded rocks of various shades of brown and grey. The middle ground features a river winding through a valley, with rolling hills on either side. The hills are covered in dense green vegetation. The sky is a clear, bright blue. The overall lighting is bright and natural, suggesting a sunny day.

**Agrupamento
Turquesa:**
Rio Doce



Prefácio do Agrupamento Turquesa:

de amuleto para proteção
à formação de protetores do saber

Vivian Walter dos Reis

*Mestra em Engenharia Ambiental
e Saneamento (UFOP)*

A Educação a Distância é a modalidade educacional na qual professores, alunos e tutores estão distanciados, física e/ou temporalmente e, desse modo, é sempre necessária a utilização de recursos tecnológicos de informação e comunicação. E, com o passar dos anos, esses recursos estão cada vez mais aprimorados, fazendo com que esse distanciamento nos pareça cada vez mais diminuído e, com isso, a afinidade entre os atores desse processo fique mais sólida. É assim que percebo.

Já faz um tempo que venho atuando no ensino a distância e, a cada nova oferta, a cada novo curso sinto que minha afeição com os educandos se aproxima do contato pessoal que a sala de aula física nos oferece. Passamos a construir laços e a conhecer, intimamente, as histórias de vida uns dos outros.

Os memoriais auxiliam muitíssimo nesse processo. Neles estão relatadas histórias de vida, formação, trabalho e lutas de mulheres

incríveis que tive a honra de conhecer. Emocionei-me com as experiências e histórias de vida apresentadas e, no decorrer dessa caminhada, percebi o quanto essas mulheres fortes e corajosas foram se lapidando, se aprimorando, se reinventando e se transformando em joias raras e únicas com a missão de transmitir os conhecimentos e experiências adquiridos para muitas outras gerações. Essas mulheres fantásticas recebem todos os anos nas escolas em que lecionam pequenas “pedrinhas brutas” e, aos poucos também, transforma-as em joias maravilhosas que enriquecem a sociedade.

Para metaforizar essas transformações, nosso grupo de professoras recebeu o nome de uma fascinante gema, a Turquesa, que é uma gema protetora e tem sido utilizada como amuleto. Judy Hall¹ diz que ela é conhecida como a rainha da proteção contra toda energia negativa. Além disso, promove coragem e paz, sendo capaz de nos fortalecer, equilibrar os pensamentos, trazer calma e alegria. Essa gema tem o poder de atrair novas amizades e, como coincidências não existem, construímos ao longo dessa jornada novas e duradouras amizades.

Espero que você, leitor, aproveite toda a energia, a experiência e a vivência dessas docentes fantásticas. Também, espero que a gema que dá nome a esse agrupamento possa fazer com que você encontre com a leitura desses memoriais proteção, coragem, paz, força, equilíbrio, calma e, principalmente, alegria!

Memoriais do Agrupamento Turquesa

TURQUESA 1

Maria José Ângelo

Sou Maria José, caçula de doze filhos. Venho de uma família humilde e honesta. Embora meus pais não tenham concluído o primário, sonhavam em oferecer aos filhos um diploma de curso superior. Estudei em escola pública na minha cidade e, sempre, esforcei-me para não os decepcionar. Como resultado, nunca fui reprovada.

Após concluir o ensino fundamental em Rio Doce, precisei ir para a cidade próxima, Ponte Nova, onde fiz o ensino médio. Foi um período difícil, pois precisei morar em casa de parentes, porque não tínhamos condições de ter casa própria. Porém, continuei dedicando-me e focada nos estudos. Fiz o curso científico e, depois, o magistério, na Escola Municipal José Maria da Fonseca.

Terminando o ensino médio, eu me preocupava em como ingressar em uma faculdade. Graças à minha irmã, que trabalhava em um comércio e pôde pagar para mim. Ingressei na Faculdade de Ciências Humanas do Vale do Piranga no ano de 1987. Sentia que estava no caminho certo, que ser professora era a minha verdadeira vocação.

Em 1990, concluí minha licenciatura no curso de Letras, realizando assim o meu sonho e de meus pais. Foi uma grande vitória. Em 2001, ingressei no curso de Planificação em Letras na Fundação Educacional Rosemar Pimentel, em Volta Redonda.

Novamente recebi influência da minha irmã, que pagou a inscrição para o concurso da prefeitura de Ponte Nova. Fui aprovada e comecei a trabalhar na Escola Municipal Senador Miguel Lana, onde permaneço há 20 anos, trabalhando com o oitavo e os novos anos do ensino fundamental e, também, com a Educação de Jovens e Adultos.

Tenho orgulho de trabalhar nesta escola de periferia, pois sei que os alunos confiam em mim e eu me dedico e contribuo na formação deles, já que vejo-me em cada um e quero que tenham um dia a mesma oportunidade que eu tive, isto é, alcançar um diploma superior.

Felizmente, pude comemorar com alguma essa conquista, outros pararam no caminho, mas não deixo de incentivá-los. Hoje estou muito satisfeita, depois de anos, vejo a chance de complementar minha formação com a pós-graduação – um sonho que espero também realizar.

TURQUESA 2

Marlene Aleixo de Castro Martins

Meu nome é Marlene Aleixo de Castro Martins. Nasci em 29/10/1967 à noite no hospital São Sebastião em Viçosa-MG terra natal do meu pai.

Primeiramente, agradeço a Deus por tudo o que tenho e por tudo o que sou. Eternas saudades de meus pais. Mais da minha mãe, pois com ela convivi mais tempo. Ela morreu em 2018, meu pai em 1978, mas a saudade é eterna. Um dia tenho certeza de que nos encontraremos, porque essa é a promessa de Deus para com seus filhos.

Quando eu tinha 8 anos, voltamos para Dom Silvério, terra natal da minha mãe. Aqui estou até hoje e sempre estarei, se Deus quiser. Meus pais tiveram seis filhos e eu sou a caçula.

Sou casada há 10 anos e não temos filhos. Meu marido se chama José Sérgio Martins Maria, nascido e criado em Santa Cruz do Escalvado-MG. Ele é muito bom e prestativo, um presente de Deus em minha vida. Às vezes dou pouca atenção a ele, mas ele é compreensivo, ajuda-me muito nos afazeres de casa. Não permitiu que eu fizesse tratamento para engravidar e deixamos essa missão nas mãos de Deus.

Estudei sempre em escolas públicas em Dom Silvério-MG. Naquela época, havia reprovação, e eu fui reprovada em um ano. Bons tempos, havia notas para passar. Tinha mesmo que aprender e também havia sempre a prova oral lá na frente ao lado dos professores. A gente chegava a tremer de medo.

Sempre tivemos no passado, quando crianças, dificuldades financeiras. Minha mãe contava com os olhos marejados que íamos sem café da manhã para a escola. Tenho ótimas lembranças da escola. Fazíamos passeios pelas cidades vizinhas. Chegando lá havia sempre pão com salame e suco nas recepções das escolas a que íamos.

Eu gostava muito das cartilhas enormes, das músicas que as professoras cantavam, das atividades manuais com argila, terra, areia e tudo mais. Também amava aula de Geografia, tirar cópia do gráfico do Brasil com papel carbono.

Escolhi ser professora por amor e pelo fato de minha mãe ter dado aulas por um tempo, abandonando a docência quando teve filhos. Era difícil para ela, naquele momento, conciliar a maternidade com a docência. Acho que ser professora está no sangue, é hereditário. Quando criança, adorava dar certo nos cadernos, imitava também as professoras em casa.

Fiz faculdade de Pedagogia em Belo Horizonte, UNI-BH, depois fiz Pós-Graduação pela PUC-MG PREPES, presencial em Psicopedagogia – Ênfase em Educação. Participei de vários cursos e palestras em Belo Horizonte/MG. Em 2002, fiz o curso PROCAP, 180 horas. Em

2012, fiz o PACTO NACIONAL pela Alfabetização na Idade Certa – Língua Portuguesa e, em 2022, fiz o curso Microlins, 130 horas.

Adoro assistir a palestras que têm tudo a ver com o desenvolvimento humano. Não gosto de novelas (perda de tempo), de filmes que têm a ver com exemplos de vidas, adoro ler biografia dos grandes homens que deixaram seus legados.

No princípio de minha carreira acadêmica, trabalhei em várias favelas em Belo Horizonte para ganhar tempo. Trabalhei em João Monlevade, Alvinópolis, Fonseca (arraial), escola agrícola Sem Peixe, ligada às irmãs de Mariana.

Em Ponte Nova, trabalhei 8 anos de carona para ir e voltar. Sem saber com quem ir e com quem voltar. Às vezes ia assentada no chão da ambulância, porque não havia banco para eu me sentar. Achei pelo meu caminho, ótimas pessoas que me socorreram para que eu pudesse ganhar honestamente o meu pão de cada dia. Passei no concurso de Rio Doce para professora e sairei quando a aposentadoria chegar. A Deus, agradeço!

TURQUESA 3

Marlene da Silva

Sou de uma família de classe média, somos seis filhas. Meus pais casaram-se muito cedo e sempre moramos na zona rural. Sem condições financeiras para seguir os estudos, foi muito complicada minha vida de estudante. Foi muito difícil essa trajetória. Devo a minha mãe que lutou muito para que eu e minhas irmãs conseguíssemos concluir os estudos.

Nos anos iniciais, estudei na minha cidade em escola pública, tempo de que tenho muitas saudades. Como naquela época era

tudo mais difícil, foi necessário continuar os estudos fora da cidade. Daí iniciei o 2º grau em Ouro Preto, mas não consegui concluir, pois não me adaptei.

Em seguida, dei continuidade em Ponte Nova (MG), trabalhando em casa de família e terminando em Dom Silvério-MG, onde me formei como professora. Para conseguir estudar, trabalhava em casa de parentes para pagar o colégio, mas finalizei em escola pública.

Minha trajetória como profissional foi iniciada em março de 1988 quando ingressei na Prefeitura Municipal de Rio Doce como auxiliar de educação. No ano seguinte, em 1989, ingressei na carreira de Professora, começando na zona Rural em salas de aulas multisseriadas. Experiência muito rica.

Como era distante da cidade, morava na escola durante a semana e aos finais de semana voltava para casa. Após 5 anos, fui transferida para outra localidade, também na Zona Rural. Nessa localidade, andava 6 quilômetros ida e volta. Outra experiência que me fez crescer muito na minha carreira.

Realizei-me quando comecei a trabalhar como professora, amava ensinar e aprender com meus alunos. Foi muito gratificante.

Trabalhei muitos anos na zona rural até que um dia consegui ser transferida para a cidade. Mais uma vitória na minha vida. Trabalhar na cidade perto de casa e com crianças pequenas. Foi maravilhosa essa etapa da minha vida.

Meu sonho era continuar estudando, mas naquela época fazer faculdade era muito difícil, visto que eu não tinha condições financeiras. Engravidei, tive um filho, dificultando um pouco realizar esse sonho. Mas após alguns anos, a Prefeitura ofertou para todas aquelas que tivessem interesse uma graduação em Pedagogia. Não pensei duas vezes e me candidatei ao curso.

Como tinha um filho pequeno, não foi fácil, porém consegui realizar meu sonho. Fui convidada a trabalhar na secretaria da escola e como sempre quis fazer algo novo aceitei a proposta.

Fiquei alguns anos e, como sempre, me dedicava muito, sempre disposta a ajudar a escola crescer. Com isso tudo, para minha surpresa, fui convidada a assumir o cargo de Secretária de Educação e direção da escola. Tive muito medo, no entanto, como sempre, aceitei o desafio, foi uma experiência inesquecível. Fiquei nove anos nesse cargo e depois fui convidada a trabalhar na prefeitura onde estou até hoje.

Deus foi muito misericordioso na minha vida, deu-me forças para lutar e vencer em todos os sentidos! Sempre corri atrás e consegui vencer. E agora mais uma oportunidade bateu à minha porta e espero conseguir vencer mais essa etapa da minha vida.

TURQUESA 4

Marli Albuquerque Ferreira Moreira

Eu sou Marli Albuquerque Ferreira Moreira, tenho 49 anos, sou a caçula de oito irmãos. Nasci e morei em uma comunidade rural pertencente à cidade de Dom Silvério, Minas Gerais, até completar sete anos de idade.

Meus pais não tinham estudo. Meu pai frequentou somente um ano de escolaridade, mas era bem esclarecido, sabia e gostava de ler, interpretar e fazer cálculos muito bem. Serviu exército ainda solteiro, época da Segunda Guerra Mundial, mas não chegou a participar, pois a guerra acabou antes de ser convocado. Contava muitos casos e experiências vivenciadas, principalmente sobre a disciplina e os treinamentos.

Minha mãe nunca frequentou nenhuma escola, de família muito pobre, aprendeu a ler com uma madrinha com quem morou para trabalhar por alguns anos e aprendeu a escrever somente o nome dela. Segundo ela, a madrinha dizia ser importante saber assinar o nome. Ainda hoje, aos noventa e um anos, gosta de ler receitas e livros de orações e sente não ter tido oportunidade de estudar.

Os irmãos mais velhos sempre estudaram em escola rural, até que, em um trágico acidente no caminho para a escola, (comunidade do Bonfim), um motorista bêbado em um jipe atropelou dois irmãos. Um deles, com oito anos, ficou gravemente ferido e internado e outro, de nove anos, faleceu na hora.

Não me lembro, pois tinha apenas um ano na época, mas convivi com a dor da perda de um membro da família e com a revolta do meu pai por muitos anos. Por esse motivo, meu pai, mesmo com poucas condições, resolveu comprar uma pequena casa na cidade para que pudessemos estudar. Não queria ver seus filhos passando naquela mesma estrada, marcada por uma cruz, que ainda se faz presente na atualidade.

Ingressei no pré-escolar aos sete anos, na Escola Estadual Nossa Senhora da Saúde. Recordo-me bem da minha primeira professora, Maria Lídia, sempre carinhosa e atenciosa com todos os alunos. Tempos depois, eu e meu marido, a tivemos como professora de História no Ensino Fundamental, e ela também lecionou para meus filhos.

Confesso que não fui uma aluna exemplar, digo, com boas notas, mas fui sempre assídua. Entregava as tarefas do dia a dia, tinha grande respeito e bom relacionamento com todos na escola. Cheguei a ser reprovada em matemática na sétima série.

Era muito tímida, tinha vergonha de perguntar ao professor quando não entendia a matéria e não contava em casa como estavam as notas por medo de castigo. Concluída a oitava série, como era na época, passei para a Escola Estadual Tancredo Neves para fazer o Ensino Médio, momento de escolher o curso profissionalizante.

Na minha cidade, havia apenas duas opções, ou seja, o curso Técnico em Contabilidade e o Médio-Magistério. Como não era tão boa em cálculos, optei pelo Magistério, não que idealizasse ser professora, mas como não tinha condições de ir para outra cidade para fazer uma faculdade e já tinha planos para me casar, seria a melhor escolha no momento.

Fiz somente o primeiro ano, interrompi os estudos, me casei e fui morar em zona rural, um pouco mais distante da cidade. Nunca me arrependi de parar os estudos, pois construí uma linda família. Mas me lembro de uma fala de meu pai quando anunciamos o casamento nos dizendo: “Saber não ocupa lugar”, completando ainda que assim que tivesse oportunidade de adquirir algum veículo, que eu pudesse me formar.

Ainda na roça, tive uma filha e quando completou três anos resolvemos voltar para a cidade. Pude então retomar os estudos. Meu marido conseguiu emprego de Auxiliar de Serviços Gerais no turno da noite na mesma escola. Minha mãe, já viúva, também morava em Dom Silvério, ficava à noite com minha filha para que eu concluísse os estudos.

Comecei a gostar do curso. Fiz estágio de observação na Escola Especializada Criança Esperança, “APAE”, no turno da manhã, onde comecei a me identificar com a carreira. Posteriormente, fiz estágio remunerado na segunda série na Escola Estadual Nossa Senhora da Saúde. Lá adquiri bastante experiência. Não atuei como professora, fiz concurso público, fui classificada, mas não com pontuação suficiente para atender as vagas.

Engravidei do meu segundo filho, resolvi não trabalhar fora de casa e deixar dois filhos pequenos, já que pagar para cuidar deles era inviável. Além de cuidar da casa e das crianças, ajudava nas despesas através de bordado de ponto cruz.

Trabalhei também bordando pontos livres em biquínis para uma estilista da cidade. Além de bordar, coordenava produções de

alguns modelos em casa. Quando o negócio prosperou, meus filhos maiores, a menina com doze anos e o menino com seis, fui chamada para trabalhar na empresa, ainda como coordenadora e no controle de qualidade dos bordados.

Anos após, surgiu a oportunidade de fazer o curso de Pedagogia semipresencial, a cidade Polo seria Dom Silvério. Financeiramente não podia na época, mas por insistência de uma de minhas cunhadas, pensei melhor, fiz uns cálculos, participei do vestibular, consegui a vaga e agarrei a chance, justamente por ser em minha cidade.

Contei com a colaboração dos meus patrões para que eu pudesse sair alguns minutos antes do trabalho em caso de provas e estágios. Já no final do curso, apaixonei-me por uma das disciplinas, Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Inclusão.

Não me via atuando em escola regular. Concluí a graduação e, ainda trabalhando no mesmo ateliê de bordados, busquei uma especialização. Fiz uma pós-graduação em Educação Especial. Novamente, pude contar com os donos da empresa para fazer meus estágios. Atualmente são meus grandes amigos.

O bordado sempre fez parte da minha vida. Hoje não como fonte de renda, mas por terapia e por prazer de transformar ainda mantendo o bordado como parte da minha vida.

Havia na época muitas vagas nas escolas estaduais das cidades vizinhas para professor de apoio. Resolvi então pedir demissão e tentar a sorte de conseguir uma vaga de contratação. Nem precisei sair da cidade, no mesmo ano surgiu uma vaga na APAE da minha cidade, onde já havia estagiado duas vezes.

Atuei na APAE por cinco anos. Como aprendi e como foi gratificante! Durante esse tempo, fiz um curso básico de “LIBRAS”, Língua Brasileira de Sinais, tive alunos surdos, e aprendi a grafia braille por ter aluna que a utilizava, além de alunos com deficiência intelectual, autismo, síndrome de Down.

Via sempre a necessidade de me inovar. Cheguei a fazer alguns cursos à distância pelo Centro Educacional de Desenvolvimento Profissional (CEDEP). Juntamente com algumas professoras e colegas de trabalho, fiz Licenciatura em Educação Especial.

Em 2022, devido à diminuição de turmas, não pude ser contratada para atuar na APAE. Mas, por obra de Deus, em fevereiro de 2022, fui indicada para trabalhar como professora de apoio na cidade vizinha, Rio Doce.

Atualmente, acompanho diariamente um aluno com TEA, portador do espectro autista, nível 3, não verbal. E dou suporte às monitoras de outros alunos também autistas quando necessário de acordo com o que posso ajudar. Digo quando posso e sei porque o que aprendi ainda é muito vago e teórico para o que eu vejo na prática.

Tive aluno autista quando atuei na APAE, mas como foi durante a Pandemia, enviava os Planos de Estudos Tutorados (PETs) e aluno realizava as atividades com ajuda parcial da mãe. No retorno das aulas presenciais, o aluno não frequentou por decisão da família, pois ainda não havia sido vacinado. Portanto, não tive grande experiência na prática com o autismo.

Vendo agora a necessidade de me capacitar melhor para realizar as intervenções necessárias com essas crianças, resolvi me matricular em um curso a distância, Terapia para pais e aplicadores em ABA (Análise do Comportamento Aplicada).

Sei que a vida é um desafio constante, nunca sabemos o suficiente e nunca vamos parar de ensinar e de aprender. Espero com a Pós-Graduação de Práticas Pedagógicas adquirir ainda mais conhecimentos para poder passar um pouco do que conseguir aprender para meus alunos e para minha própria realização. Como dizia meu pai, (*in memoriam*), “Saber não ocupa lugar”.

TURQUESA 5

Renata Isabel Gomes Dias

Memorial é uma obra literária na qual o autor evoca fatos a que tenha assistido ou em que tenha tomado parte, de acordo com o dicionário da Língua Portuguesa. Ao ser desafiada a escrever sobre minha vida escolar, muitas lembranças foram aos poucos povoando meus pensamentos. De diferentes maneiras, imaginei minha narrativa, mas em todas elas, não poderia deixar de falar primeiro sobre minha mãe, Maria Helena, pois ela é o início de tudo em mim e a maior incentivadora dos meus estudos.

Sou a filha caçula de 8 irmãos, os mais velhos, 3 homens e uma sequência de cinco mulheres. Quando eu nasci, eles eram todos rapazes e moças, e isso contribuiu para que eu fosse uma criança mimada. Meu pai era açougueiro e minha mãe cuidava da casa e de nós, em uma época em que a independência financeira da mulher era luxo para poucas.

Éramos uma família pobre, e meu pai trabalhava duro para manter a casa com o básico. Nunca faltou amor e o que comer, mas faltavam muitas coisas, que meu pai chamava de supérfluo e minha mãe sabia que eram necessidades.

Para comprar material escolar, uniformes, calçados e meias, minha mãe lavava roupas para as mulheres de posses da cidade, no tanque, com sabão caseiro e escova. E assim, conseguia mandar meus irmãos “arrumadinhos” para a escola.

Tive uma infância regrada das coisas materiais, mas de muita vivência boa. As dificuldades que meus irmãos vivenciaram já estavam amenizadas quando eu nasci, porque os mais velhos já trabalhavam na roça, na padaria e no mercado para ajudar em casa.

Minha irmã mais velha foi morar na casa de parentes para fazer magistério, pois na nossa cidade a oportunidade de estudar se encerrava na antiga 8ª série. E depois da mais velha, uma a uma, foi seguindo o mesmo caminho. Minha mãe sempre falou, e desde muito pequena eu escutei o conselho: “Mulher tem que ganhar seu dinheiro para não ter que depender de marido para tudo”. E pensando assim, trabalhou muito como lavadeira para ajudar a formar todas as filhas professoras. Tenho muitas histórias sobre essa época, mas vou contar as passagens em que eu tomei parte.

Como relatei, eu era a caçula, e quando chegou a minha vez de ir para o pré-escolar, eu não estava emocionalmente preparada para me separar da minha mãe. Por muitas vezes uma de minhas irmãs precisou ficar comigo na escola durante todo o tempo de aula. Eu precisava vê-la sentada em frente à escola e para isso a professora me deixava ficar em uma carteira próxima à janela. Se eu percebesse que ela tinha ido embora, eu chorava muito, muito mesmo. Chorava tanto que a professora não conseguia me acalmar. Então, ela mandava recado para alguém ir me buscar.

O espaço em que aconteciam as aulas da Educação Infantil daquela época, 1985, era improvisado em uma casa velha, numa sala grande com um banheiro e um filtro de barro. Não havia um ambiente acolhedor para a iniciação escolar de uma criança de 7 anos, como são as escolas e creches da Educação Infantil atualmente.

Entre faltas e choros, acabei fazendo, obrigada, um ano de pré-escolar. Minha hora preferida era quando a professora cantava: “Pega na pasta, na merendeira, já terminou nossa brincadeira! Eu vou embora, vou embora! Sou do papai, da mamãe agora”.

Do pré-escolar cursado em apenas um ano letivo, passei para a escola primária, primeira à quarta série, tempo em que fui uma aluna de boas notas em todas as disciplinas, porém fingi saber a tabuada. Se consegui enganar as professoras, não sei.

Nessa escola, tive uma professora que me marcou negativamente. Eu tinha muito medo dela. E todos os meus colegas também. O fato é que tive cinco professoras, mas quando penso nesse tempo, é justamente essa de quem me lembro mais, infelizmente.

Na escola primária, continuei dando muito trabalho para minha mãe e minhas irmãs pelo motivo do choro associado a um medo apavorante de minha mãe morrer enquanto eu estava na escola e o medo de chuva. Eu até ia razoavelmente bem em dias de sol a pino, sem nenhuma nuvem no céu. Mas em dias nublados, eu passava mal.

Sentia cólicas, dores de cabeça, palpitações e enjoos. Os colegas depois que descobriram isso ficaram provocando meu choro, dizendo que naquele dia choveria. Era só falarem e eu começar a chorar.

Minha mãezinha, de tanto pelear comigo, perdeu a paciência e, na terceira série, desistiu de me mandar para a escola logo nos primeiros meses. Naquele ano, acabei ficando sem estudar, uma vez que não havia a obrigatoriedade que existe hoje. Quando minha mãe era questionada sobre essa decisão, respondia que tinha me deixado “descansar da escola” naquele ano, para que ela também pudesse descansar. Por mais que ela fosse a maior incentivadora dos nossos estudos, ela estava realmente cansada dos meus choros ao meio-dia.

Quando terminei a quarta série na escola primária, passei para o colégio, onde cursei da quinta à oitava série. Na sétima série, acabei evadindo no primeiro bimestre por ser muito insegura e pensar que era incapaz de aprender equações. Voltei no ano seguinte e segui com notas altas em todas as disciplinas, com exceção da Matemática, com notas medianas. Mas venci!

Após concluir a oitava série, fui estudar em Ponte Nova. Havia três opções para o segundo grau: Científico, Processamento de Dados e Magistério. Claro que escolhi o Magistério para a alegria da minha mãe. Nesse curso, me senti familiarizada com tudo, pois minhas irmãs professoras só falavam sobre esses temas em casa.

Eu já fui para curso com conhecimentos prévios. Sabia para onde estava indo. E queria ir. A docência não foi minha primeira experiência profissional. Atuei, na oportunidade que tive, como agente de saúde e, após três anos, fiz um concurso, passei, fui nomeada e comecei a lecionar. Estava feliz e logo comecei a faculdade de Normal Superior. Meu salário inicial de professora mal dava para pagar transporte e faculdade. Meu pai me ajudou completando o meu orçamento durante esse tempo.

Desde então, com o diploma em mãos, fiz três pós-graduações, uma segunda graduação em Pedagogia, passei em cinco concursos públicos, sendo nomeada em todos eles. Atualmente sou professora efetiva dos anos iniciais na Rede Municipal de Ensino de Rio Doce e na Escola Estadual Doutor Otávio Soares em Santa Cruz do Escalvado.

Poderia mudar de área de atuação se desejasse, mas estou atuando justamente onde devo e amo estar. Sou professora! Formada por tudo que vivi e aprendi. A Educação faz parte de mim. Eu faço parte da Educação.

O meu maior medo, que era perder minha mãezinha, tornou-se realidade em 2020. E eu estava justamente na escola, como temi na infância. Até hoje tenho medo de chuva!

TURQUESA 6

Rosane Guimarães Fonseca de Oliveira

Nasci, cresci e ainda vivo em uma comunidade rural. Sou filha de pequenos agricultores, os chamados meeiros, que, por não terem terras para cultivar, necessitavam das terras dos fazendeiros da região para plantar e daí sustentar seus doze filhos. Desde muito nova, eu e meus irmãos ajudávamos meus pais na roça.

Em 1972, iniciei meus estudos na Escola Municipal de 1º grau José Caetano Aleixo, na comunidade local. Uma escola multisseriada. Nessa época, às vezes, me faltava até o caderno. Lembro com gratidão de uma colega que arrancava folhas para que eu pudesse escrever.

Sempre fui muito dedicada aos estudos e tinha o sonho de cursar uma faculdade. Concluí a quarta série em 1975 e fiquei em casa ajudando meus pais, pois era impossível prosseguir meus estudos por vários motivos.

Em 1979, fui morar com minha irmã mais velha na cidade de Barão de Cocais para ajudá-la nos serviços da casa. E eis que surge uma oportunidade de fazer de quinta à oitava série na Escola Estadual Odilon Behrens e, apesar da minha responsabilidade com os afazeres domésticos, consegui ser aluna destaque. Afinal, estava caminhando para a realização de um sonho.

Passado esse tempo, retornei para a casa de meus pais pelo fato da minha irmã já não necessitar tanto de ajuda e, também, pelo fato de o segundo grau ser somente particular. Um pouco decepcionada, decidi que me casaria.

Em 1986, me casei. Mas ainda cultivava esperanças dentro de mim. Continuei e ainda continuo morando na mesma comunidade. E, em 1993, já com um casal de filhos, de novo a chama reacende.

A prefeitura colocou um ônibus para transportar os estudantes e, com apoio do meu marido, tive a oportunidade de cursar o Magistério na Escola Estadual Presidente Tancredo Neves em Dom Silvério MG. Meu estágio foi na escola em que estudei e foi aí que vi que estava no caminho certo. Terminei o curso de Magistério e fiz o curso de Técnico em Contabilidade na mesma instituição.

Em 1988, fui chamada para trabalhar na Escola Família Agrícola de Camões em Sem Peixe. Escola que trabalha com o sistema de alternância. Apesar de ter formação somente no curso de Magistério,

lecionava História e Geografia. E foi aí que me interessei pelo curso de Pedagogia. Procurei uma faculdade que pudesse conciliar estudo e trabalho na Escola. A opção foi cursar pela UNOPAR com polo em Viçosa. Íamos uma vez por semana e assim foi de 2006 a 2009.

Agorasim! Sonho realizado! Atualmente trabalho em dois municípios com alfabetização. Amo ser professora alfabetizadora. Ver o desenvolvimento da criança lendo e escrevendo não tem preço.

TURQUESA 7

Rosângela Moreira de Oliveira

A construção de um Memorial é uma forma de rememorar e relembra toda nossa trajetória. É um encontro do presente referenciando nosso passado. Aqui inicio meu encantamento pelo magistério resumidamente.

Nasci no dia 17 de abril de 1974, na cidade de Ponte Nova, Minas Gerais. Fui criada no seio de uma família de mulheres: minha mãe, minha avó e minhas duas irmãs. Minha mãe sempre nos ensinou que o mais importante na vida era o amor ao próximo.

Aos seis anos de idade, ingressei no pré-escolar, numa sala perto do jardim na cidade de Rio Doce. Escola pública, precária, onde me encantei com a minha primeira professora. Ali fui capaz de perceber minha paixão pelo magistério.

Minha família é de origem muito pobre. Minha mãe trabalhava na lavoura de cana e de café. Não tinha condições de comprar material escolar, muito menos roupas para frequentar a escola. No entanto, nunca desisti de estudar. Segui minha vida escolar com muita dificuldade, mas com muita persistência.

Ao terminar o colégio, optei pelo curso normal (magistério), também numa escola pública. Ser professora foi um sonho que se iniciou quando eu ainda era criança e se consolidou no presente...

TURQUESA 8

Tereza Cristina Teixeira Marotta

Meu nome é Tereza Cristina Teixeira Marotta, tenho 45 anos. Nasci e fui criada em Belo Horizonte até os 6 anos de idade. No ano de 1982, me mudei para Dom Silvério, pois meus pais se separaram. Por isso vim morar com minha tia, irmã da minha mãe, por quem fui educada. Nessa época minha mãe se encontrava no hospital em Belo Horizonte, cuidando da minha avó, que tinha acabado de adoecer.

Nos primeiros anos escolares, eu frequentei uma escola particular por dois anos, ainda em Belo Horizonte. Depois que me mudei para o interior, passei a estudar em escola pública, onde permaneci até o nono ano. Logo depois, com a ideia de cumprir o ensino médio, retornei à escola particular em Ponte Nova, onde permaneci por 3 anos. Após esse período, retornei para a minha cidade a fim de concluir a minha formação.

Ainda criança já era visível o quanto eu gostava de brincar de ser professora. Em meio às brincadeiras da infância, amava dar aula para minhas bonecas, quando mal sabia que aquilo se tornaria a minha profissão no futuro. Ainda antes de me formar no ensino médio, cursei o antigo magistério, em nível de segundo grau, o qual me abria portas para o futuro, mesmo com pretensões diferentes naquele momento.

Após dois anos de luta em cursinhos pré-vestibulares, acabei ingressando na universidade no ano de 1998, quando comecei a cursar Psicologia na FUNEDI em Divinópolis. Porém aquele meu sonho de

me formar e exercer a profissão teria que ficar para depois, pois acabei engravidando e, nesse momento, eu só queria curtir o momento mais desejado, ser mãe, uma dádiva divina.

Não me arrependo das minhas decisões, elas foram feitas de maneira consciente e feliz, por este motivo ainda grávida decidi me mudar para São João Del Rei, onde viveria todo o momento que precedia o nascimento de meu primeiro filho, vivendo dois anos muito bons ao lado do pai de meus filhos.

Logo em sequência ao nascimento do meu primeiro filho, engravidei novamente e no ano de 2000 tomei a decisão de retornar a Dom Silvério, minha terra de coração, para ganhar meu segundo filho, mais uma dádiva divina.

Os primeiros anos da maternidade não foram fáceis. Lidar com duas crianças de colo exige muito tempo, carinho, amor e dedicação. Anos depois, comecei a trabalhar como agente de saúde, profissão que exerci por cinco anos.

Foi nesse período que fiz o primeiro concurso para professora, o qual me dava oportunidade de trabalhar lecionando até o quinto ano de escolaridade. Passei no concurso para trabalhar como professora ainda em 2006 e somente no ano de 2009 fui efetivada no cargo como professora.

Logo após essa mudança de ares, fiz o vestibular para pedagogia em uma faculdade na cidade vizinha de forma semipresencial, ingressei na escola e logo depois na universidade e não parei por aí, fiz uma pós-graduação em Psicopedagogia Clínica e Institucional assim que concluí a graduação.

Os anos se passaram e eu acabei fazendo outros concursos, quando tive a felicidade de passar no concurso no ano de 2015 para professora na cidade de Rio Doce, onde trabalho desde 2017. Atualmente trabalho nos dois horários, manhã e tarde, na educação infantil, com

crianças pequenas, o que considero uma tarefa delicada, mas muito gratificante. Receber o sorriso e o carinho das crianças todos os dias é o que me motiva a continuar trabalhando e sonhando com voos maiores.

Posso dizer que hoje em dia sou eternamente grata pela educação recebida tanto pela família materna quanto pela família paterna, e que diante de tudo isso eu me tornei uma pessoa realizada, porém continuo em busca de novos sonhos, que, com meus esforços, ainda irei realizá-los.

TURQUESA 9

Thaynara Pires da Cruz

Minha trajetória estudantil foi trilhada totalmente no ensino público. Passei por algumas dificuldades de compreensão na infância-juventude, algo que me afastou por um breve período da educação. Posteriormente, retomando as disciplinas estudantis, concluí meu ensino médio no método supletivo.

Após a conclusão, tendo como espelho minhas tias, que já trabalhavam como professoras e/ou cuidadoras de crianças, logo me matriculei para um curso normal médio, contudo, tendo em vista o tempo de estudo e a classe gradual, optei pela troca de ensino, ingressando assim no nível superior em Pedagogia.

Foram anos maravilhosos e muito sacrificados em minha vida! Sempre optei pela qualidade de vida, sendo sempre muito ativa de corpo, mente e socialmente. Acordava sempre às 5h da manhã para malhar, trabalhava das 8h30 às 17h30, no intervalo de almoço arrumava a casa e fazia almoço para meus familiares.

No período noturno, estava na faculdade. Foi assim todos os dias de segunda a sexta para realizar o sonho de ser uma educadora.

Aos finais de semana me dedicava aos projetos sociais e espirituais da igreja, como uma boa católica praticante, prezando sempre por viver em sociedade, algo que ajudou muito a influenciar esse amor pela educação infantil.

No período de realização de estágios, concluí todos sacrificando meu horário de almoço. Não foi fácil, mas todas as dificuldades pelas quais passei só contribuíram para formar o caráter pessoal que tenho hodiernamente.

Lembro-me bem que não houve muita colaboração da parte dos meus familiares com relação aos meus horários apertados e dificuldades durante todo esse período, mas não me deixei abalar por nada e, no fim, venci. Hoje graduada, sinto-me apta para conquistar mais e aprender a cada dia com meus alunos e minhas experiências.

TURQUESA 10

Yara Kirya Brum

Meu nome é Kirya, sou casada e tenho 2 filhos. Resido em Ponte Nova, interior de Minas Gerais, situada na Zona da Mata. Eu me formei em Letras (Português\Inglês), Pedagogia e Licenciatura em Educação Especial.

Em seguida, fiz pós-graduação em Gestão, Inspeção, Orientação e Supervisão Escolar, Metodologia em Língua Portuguesa e Língua Inglesa, Neuropsicopedagogia Clínica e Institucional e Educação Especial e Inclusiva. Em doze anos atuando como docente e especialista em escolas públicas estaduais e municipais, venho observando as transformações tecnológicas e sociais em que a exigência de um indivíduo crítico e reflexivo no setor educacional requer profundas modificações de formação e preparação por parte dos professores.

No ano de 2004, prestei vestibular na faculdade de letras e contabilidade de Ponte Nova. Como passei nos dois cursos, precisava escolher apenas um. Então o eleito foi Letras porque trabalhava como secretária em um curso de inglês e também era aluna há 5 anos.

Nunca imaginei lecionar, pois achava que não tinha aptidão. Lembro-me como se fosse hoje da primeira vez que entrei em uma sala de aula em substituição de inglês no turno da noite, ano de 2007. Apenas trabalhei em um dia e no outro não voltei mais e nem satisfação dei à escola. Quanta falta de experiência e insegurança, fiquei com medo, não dominava o conteúdo.

Entre 2008 e 2009, iniciei a carreira de professora de inglês e português em Ponte Nova no ensino fundamental anos finais e ensino médio, apenas contratos em substituição de licenças de saúde e férias. Logo trabalhei na cidade de Diogo de Vasconcelos (2010-2013) porque não conseguia contrato de um ano na minha cidade.

Trabalhei como especialista pedagógica, professora de inglês, física e regente de turma anos iniciais (rede municipal), atuando no ensino fundamental anos finais, médio e EJA - Educação de Jovens e Adultos (rede estadual). Entre 2014 e 2016, trabalhei em Ponte Nova, atuando como professora de inglês, filosofia, português e especialista pedagógica.

Em 2014, surgiu a oportunidade de trabalhar com alunos com necessidades especiais. Não foi nada fácil, pois havia vários obstáculos e despreparo. Entre 2017 e 2020, trabalhei pela primeira vez na rede municipal de ensino de Ponte Nova como especialista pedagógica, professora de inglês e português. Contudo, continuei a trabalhar no estado também como professora no ensino médio, com inglês.

Em seguida, na cidade de Oratórios, com inglês (ensino médio), permanecendo lá até 2018. Nesse ano resolvi retornar aos estudos com a segunda Licenciatura em Pedagogia. Em 2019, trabalhei somente na rede municipal como professora de inglês e novamente tive

outra oportunidade de trabalhar com alunos portadores de necessidades especiais. Essa situação despertou o interesse de pesquisar sobre capacitações voltadas para educação especial que agregassem um suporte e entendimento pedagógico para que as aulas pudessem atingir a todos com equidade.

Em 2020, lecionei inglês no CESEC (Centro Estadual de Educação Continuada) e atuei novamente como especialista na rede municipal de Ponte Nova. Nesse ano, novamente resolvi fazer outra graduação, agora em Educação Especial, e outra pós-graduação em Neuropsicopedagogia e Educação Especial e Inclusiva.

Foi um ano de ressignificação profissional, ampliação da zona de conforto e reinvenção do meu trabalho de forma home office devido à pandemia. Posso afirmar que aprendi muito sobre o uso das tecnologias no processo educativo.

No ano de 2021, ministrei inglês no ensino médio e, pela primeira vez, surgiu a oportunidade que tanto esperei – trabalhar como professora de apoio na rede estadual e colocar em prática o que aprendi com meus estudos acadêmicos. Em um contexto pandêmico e home office, me surpreendi com minha capacidade, criatividade e esforço no acompanhamento on-line, no auxílio do desenvolvimento do aprendizado do aluno.

Pela primeira vez em 2022, trabalhei na cidade de Rio Doce na Rede Estadual, na Escola Estadual Maria Amélia, atuando como professora de apoio no ensino fundamental anos finais. Meus interesses são capacitações que possam agregar conhecimento a meu trabalho pedagógico e acadêmico, gosto de redesenhar minhas práticas educacionais em prol da melhoria do processo de ensino-aprendizagem dos alunos.

Adoro ouvir música, assistir a seriados e a filmes, viajar e estudar. Durante toda essa trajetória profissional, questioneei e revi minhas concepções sobre educação, pois achei que dominava tudo referente

à Pedagogia. Olhando essa perspectiva pelo ditado popular, diria que passei por poucas e boas, achei que sabia e dominava tudo e caí do cavalo, pois aprendi muito com os alunos.

Já pensei várias vezes em deixar o ofício de professor, mas alguma coisa me faz permanecer e continuar nessa jornada. Finalizo meu memorial com as palavras de Mário Sérgio Cortella:

fazer o meu melhor na condição que eu tenho enquanto eu não tenho condições melhores para fazer melhor ainda. A necessidade de ter humildade pedagógica de que eu não sei tudo de todos os modos e ninguém sabe, que minha vida não seja fútil, vazia e inútil (CORTELLA. 2018.).

REFERÊNCIAS

CORTELLA, Canal Oficial do Mário Sérgio Cortella. Faça o seu melhor nas condições que você tem. Youtube, 3 de out. de 2018.



Agrupamento

Safira:

Rio Doce



Prefácio do Agrupamento Safira:

a safira e o despertar da consciência
e da sabedoria

Karla Daniely Marques Raimundo

*Especialista em Práticas de Letramento
e Alfabetização pela UFSJ*

Ao iniciar os trabalhos de tutoria do curso de Práticas Pedagógicas pelo CEAD/UFOP com um grupo de alunos da cidade Rio Doce, percebi que aquela turma era diferenciada, pois dela faziam parte professoras e professores. A maioria dos estudantes lecionava em escolas públicas e particulares.

Cada grupo de estudos recebeu o nome de uma gema e o nosso foi chamado de Safira. Depois da escolha, pesquisei sobre a pedra e, ao saber o seu significado, tive certeza de que Safira era o nome perfeito para o nosso grupo.

Somos uma equipe de professores em constante movimento, buscando de forma incessante pela sabedoria e pelo despertar da nossa consciência crítica. Safira nos convida a uma reflexão. A gema é bela, poderosa e forte, exatamente como a educação.

A beleza da educação nos oferece a oportunidade de transformarmos o mundo e sermos pessoas melhores. A educação é

poderosa, pois permite mudar situações desfavoráveis através do conhecimento e da reflexão, ela também pode nos ajudar a nos tornarmos mais fortes para alcançarmos nossos planos e a lutar pelos nossos direitos, que, devido ao sistema, estão cada vez mais escassos.

Se a safira pode nos ajudar a elevar nossa consciência e a nos conectar com a realidade, ela também nos permitirá um olhar mais atento perante a situação educacional caótica em que estamos vivendo. O brilho da gema é representado em nosso grupo pela história de cada aluna, que percorre o caminho, nem sempre fácil, pela busca incessante por uma educação de qualidade.

Durante o percurso, conhecemos a Gislane. Ela teve em seus pais o incentivo necessário para continuar a estudar, apesar de todas as dificuldades. A Jumara, menina tímida, descobriu na educação infantil uma profissão pela qual se apaixonou. A Karina era a professora das bonecas e a sua vocação permitiu que ela trilhasse este caminho.

A Laurinda corre atrás dos seus sonhos e vê no curso uma possibilidade de crescimento, tanto no lado profissional quanto pessoal. Luana, uma mulher que já percorreu diversos caminhos e hoje atua também na área da saúde. Márcia teve como aluno o seu avô, que aprendeu a escrever o nome com a sua neta, que até hoje continua ensinando por aí.

A Maria Cristina viveu outras experiências de trabalho, mas encontrou na educação a profissão que a realizou. A Maria do Rosário teve uma trajetória nem sempre fácil, mas não deixou que as pedras no caminho a impedissem de caminhar. A Maria das Graças passou por muitas dificuldades e nunca desanimou. Ama os alunos que por ela passaram, principalmente os especiais.

A Maria Luíza vem de uma família de professores e decidiu trilhar o mesmo caminho. Quantas histórias de vida diversificadas que em determinado momento tem um objetivo em comum – o de aprender

para ensinar. Essa junção de histórias nos permite ter um olhar mais humano perante a vida de cada integrante do grupo.

Atrás dos notebooks e da plataforma educacional, existem várias pessoas que lutam por melhores condições de vida e que acreditam que a mudança só será real se a educação for a base. Sendo assim, como uma colcha de retalhos, vamos tecendo as nossas histórias e deixando nossos registros pela vida. E que esses registros sejam sempre do bem, tendo como base a educação, a ética e o respeito pelo próximo.

Memoriais Docentes do Agrupamento Safira

SAFIRA 1

Gislane Aparecida Pena

Meu nome é Gislane Pena. O ano era 1986, quando tudo começou. Como muitas das pessoas que conheço, minha história começa com muita luta e dificuldade para vencer na vida. Minha origem é uma família pobre, onde poucos conseguiram fazer uma graduação ou concluir o Ensino Fundamental. No entanto, sempre valorizaram a educação e nos estimularam a estudar.

Minha infância até os 5 anos se passou numa casa na zona rural desprovida de recursos básicos como banheiro, energia elétrica, piso, entre outros. Morávamos meu pai, minha mãe e minha irmã mais nova.

Logo ao iniciar meus estudos, tive que me mudar para casa de uma tia que morava em Sem Peixe, pois não havia transporte escolar naquela época. Eu passava a semana na casa dos meus tios e os finais de semana na casa dos meus pais. Ao longo do Ensino Fundamental I, morei em 4 cidades diferentes para conseguir estudar, visto que meu tio se mudava em função do seu trabalho e eu precisava acompanhá-los para conseguir dar continuidade aos estudos.

Ao concluir o Ensino Fundamental I, meus pais se mudaram para Rio Doce, foi então que pude concluir o Ensino Fundamental II e o Ensino Médio na mesma escola e cidade. Nessa fase, meus pais já haviam se separado. Assim os desafios continuaram, pois meu pai não oferecia nenhum tipo de apoio e minha mãe passou por muitas dificuldades para educar sozinha duas filhas.

Assim que concluí o Ensino Médio, ingressei na faculdade, no curso de Letras. A escolha do curso não foi algo almejado ou um sonho de infância como em alguns casos. Talvez tenha sido a única opção, no momento, que estava ao meu alcance na área pela qual eu tinha mais afinidade. Eu nunca me arrependi pela minha escolha de ser professora.

Para financiar meus estudos, eu contava com o salário do meu primeiro emprego, que consegui aos 17 anos, e com 50% do valor pago com auxílio financeiro de uma “Bolsa de Estudo”, oferecido pela Prefeitura de Rio Doce. Foram tempos difíceis!

No último período da faculdade, minha mãe sofreu um acidente automobilístico e ficou uma semana internada, ficando debilitada por alguns meses. Nesse momento tive que dar um tempo em minha trajetória para dar suporte a ela. Apesar do atraso, concluí meu curso e comecei a trabalhar como professora de inglês na Escola Municipal de Rio Doce, onde permaneci por 5 anos. Nesse período, fiz algumas pós-graduações - Gestão escolar/Inclusão social/Supervisão e inspeção escolar -, que mudariam o meu percurso futuramente.

Em 2015 decidi me desafiar. Deixei de trabalhar na prefeitura para assumir um cargo de Inspeção Escolar no Estado. Foi uma experiência única e maravilhosa e talvez uma das melhores decisões da minha vida. Infelizmente meu contrato durou apenas 5 meses devido às nomeações que ocorreram. Por que não me arrependo de ter arriscado? Porque a partir desta experiência, foram abertas inúmeras portas na minha vida.

O que aconteceu depois? Fiquei alguns meses com um contrato de 4 aulas que só serviam para manter meu vínculo com o Estado. Em seguida peguei um contrato para trabalhar no setor administrativo de uma empresa, mas não estava satisfeita. Não era para ser, pois nas contratações de janeiro, consegui um contrato melhor no Estado novamente, desta vez na Escola Estadual de Rio Doce, onde estou até hoje.

Fiz concurso, me dediquei e consegui. Hoje sou efetiva no cargo de Professora de Inglês que ocupo no Estado. E além de Professora de Inglês, tenho a satisfação de trabalhar na Rede Municipal como Professora na Intervenção Pedagógica e procuro sempre descobrir métodos que ajudem aqueles que mais precisam.

São muitas as necessidades dos nossos alunos. Me sinto muito realizada quando bons resultados são alcançados.

Suponho que minha história esteja na metade. Acredito que ainda tenha muito por vir. Gosto de desafios. Eles dão emoção à vida. Fazer esta pós-graduação é um desafio, visto que minha jornada de trabalho é extensa. Eu decidi encarar este desafio. Que Deus me ajude!

SAFIRA 2

Jumara Angélica dos Santos Delazari

Meu nome é Jumara, atualmente moro em Rio Doce. Sou professora e atuo na Rede Municipal de Ensino de Rio Doce. Nasci na cidade de Ponte Nova, mas desde pequena morei no antigo Soberbo, comunidade de Santa Cruz do Escalvado.

Nas minhas lembranças de quando era pequena, nas brincadeiras de criança, brincava de escolinha com minha prima. Gostava de levar para casa pedacinhos de giz que sobravam para brincar. Eu era uma boa aluna, inteligente, mas muito tímida e até hoje sou. Sempre estudei em escola pública.

Estudava na escola da comunidade, e da quarta série em diante, fui estudar na escola municipal de Rio Doce. Depois, com a construção da Usina Hidrelétrica Risoleta Neves, me mudei para Novo Soberbo. Da antiga quinta série até o ensino médio, estudei na escola estadual da cidade.

Quando concluí o ensino médio, não havia decidido qual seria a minha graduação. Eu queria terminar o ensino médio e fazer uma faculdade. Eu gostava de crianças, tinha paciência, mas não tinha pensado em ser professora. Quando estava terminando o ensino médio, me lembro de que os alunos que obtiveram as melhores notas poderiam escolher um curso na Unipac, sem passar pelo vestibular.

Fiz um curso de Pedagogia em uma faculdade particular. Sempre tive boas notas. Quando me formei, pensei em fazer uma pós-graduação, mas ainda não tinha um emprego para conseguir arcar com os custos. Depois, fiz um processo seletivo da cidade de Santa Cruz do Escalvado e, em 2015, fiz um concurso na cidade de Rio Doce. Comecei a trabalhar na cidade de Santa Cruz do Escalvado.

Trabalhei com uma turma de educação infantil. No ano seguinte, trabalhei em outra escola do município, também na educação infantil. Trabalhei no município por dois anos.

Em 2018, fui chamada para trabalhar na escola municipal em Rio Doce. Eu havia sido classificada no concurso, mas fui trabalhar de contrato, pois, de início, havia uma vaga no concurso. Fui trabalhar na escola municipal com uma turma do segundo ano.

No ano seguinte, fui trabalhar com uma turma do maternal na creche e, neste mesmo ano, em 2019, eu fui efetivada no concurso e continuei na educação infantil, me descobri lá, as crianças são carinhosas, e o carinho delas é gratificante.

SAFIRA 3

Karina dos Santos Martins

Apresento neste Memorial uma descrição dos fatos mais relevantes que procurei selecionar da minha trajetória acadêmica, vida

particular e profissional. Tudo se iniciou no ano de 1994 no dia 07 de fevereiro quando nasci, rio-docense da gema, filha única.

Minha mãe se chama Aparecida e é trabalhadora rural (aposentada). Meu pai se chama Nelson e é servidor público. Tenho muito orgulho dos meus dois amores e sem eles jamais teria conseguido chegar até aqui.

Minha vida escolar foi iniciada aos 3 anos de idade quando ingressei na escolinha. Completei o ensino básico aos 17 anos em uma Escola Estadual. Dando continuidade aos estudos, fiz alguns cursos técnicos, sendo um deles o Normal Médio.

Durante o referido curso, fiz por alguns períodos estágio na área da Educação Infantil, quando foi despertando em mim o desejo de seguir na carreira educacional. Um dos aspectos que destaco foi o carinho depositado pelas crianças e as diferentes experiências reveladas a cada dia do estágio.

Movida por essa emoção vivida na docência, resolvi ingressar, no ano de 2019, no curso de Licenciatura em Pedagogia, da Faculdade Presidente Antônio Carlos de Ponte Nova-MG. Concluí o curso em dezembro de 2022 e, ainda, no ano de 2022, apareceu a oportunidade de fazer pós-graduação na UFOP em Práticas Pedagógicas. Confesso que estou muito empolgada, buscando me aprimorar cada vez mais.

No momento, trabalho como servidora pública na Prefeitura Municipal de Rio Doce e não estou atuando na educação, mas pretendo futuramente exercer a docência. Peço a Deus todos os dias que abençoe meu caminho - pessoal e profissional - para ser uma boa pessoa e uma excelente profissional.

SAFIRA 4

Laurinda de Souza Neves

Meu nome é Laurinda de Souza Neves. Iniciei a minha carreira docente nos anos 90 como professora substituta. Durante o estágio, ministrar aulas me parecia tranquilo, até que um dia surgiu um contrato como professora regente e percebi que lecionar era desafiador. Eu aceitei o trabalho, pois sou uma pessoa que persiste diante de novos desafios. Foram anos de lutas, que permitiram o meu crescimento pessoal e profissional.

As lágrimas dos meus alunos também eram minhas, assim como suas vitórias. Passei por alguns períodos desafiadores, mas continuei firme em meu propósito de ensinar. Fui me aperfeiçoando através de cursos educacionais que me possibilitaram uma visão mais ampla de como trabalhar com os meus alunos e como ajudá-los em suas dificuldades. Houve uma época em que abandonei o meu cargo de professora regente, por amar demais as crianças e não estar preparada para ver e ouvir coisas que aconteceram e me aborreciam.

Quero ser uma professora diferenciada, na qual as crianças possam ter o suporte escolar e emocional se necessário. Hoje, ao analisar minha trajetória, penso que tudo seria bem diferente em determinadas situações vivenciadas por mim, pois me sinto mais preparada para trabalhar e lidar com os desafios que surgem em uma sala de aula.

SAFIRA 5

Luana Ferreira Mol Baião

Meu nome é Luana Ferreira Mol Baião, mais conhecida por Luana Baião. Minha terra natal é Jequeri- MG. Sou filha de pais adolescentes

que, no início dos anos 80, tiveram um filho, e em 04 de abril de 1983 concretizaram a paternidade e deram início à formação da nova família, ela, com 19 anos e ele, com 23.

Muitas dúvidas e novas descobertas estão associadas a uma responsabilidade permanente. Uma pausa nos sonhos de vida que ainda não haviam acontecido foi necessária. Ele aprendeu o ofício do comércio e padaria com seu pai, meu avô e, ao longo dos anos, foi amadurecendo. Ela, professora, interrompeu a carreira em processo de iniciação por alguns anos e depois voltou a fazer o que ama, ou seja, atuar em sala de aula alfabetizando e orientando crianças e adultos.

Minha mãe é uma professora que tem disponibilidade e busca conhecimento para atuar em diversas áreas da educação, mas sua alma é *apaiana*. Tive o privilégio de ser criada em meio a mulheres fortes, em sua maioria, professoras. Mãe, tias e primas.

Nas reuniões de família, muitas vezes, me sentia e às vezes ainda acontecia, numa verdadeira reunião escolar. Sempre um aprendiz. Mas nunca pensei em ser professora tradicional como elas, eu sempre quis educar pessoas de outras formas e, aos 15 anos de idade, influenciada por uma professora de história, comecei a pensar em atuar como enfermeira e, dessa forma aplicar práticas pedagógicas que auxiliam as pessoas em suas necessidades humanas básicas, contribuindo para busca de harmonia e equilíbrio.

Inicialmente, não foi possível ingressar direto nos estudos de enfermagem. Minha trajetória escolar foi iniciada em Jequeri, desde a alfabetização até a oitava série em escolas públicas estaduais, localizadas na sede da cidade. Minhas lembranças na trajetória escolar não são muito doces... Lembro-me de estar sempre em conflitos e não estudava como as minhas colegas. Eu sempre deixava as coisas para a última hora, acredito que pelas dificuldades do ambiente familiar naquele tempo.

Das cinco professoras que tive desde a alfabetização até a quarta série primária, só tenho lembrança carinhosa da minha professora da segunda série primária, que hoje atua como secretária de educação em Jequeri. Ela foi professora, depois diretora e eu sempre a amei e eu queria crescer e ser uma profissional como ela: ter conhecimento, ser pontual e chamar atenção das pessoas sem levantar o tom de voz.

Até hoje, tia Dora é uma forte inspiração nas minhas atuações profissionais. Das demais, sinto como se eu não fosse agradável a elas e não tenho saudade nenhuma.

A adolescência foi um processo de amadurecimento e desejo de ir além e comecei a querer estudar mais e ser diferente. Foi quando meus pais me enviaram para estudar na cidade de Ponte Nova, na escola salesiana Dom Helvécio. Lugar em que fui feliz e tenho amigos até hoje. Foi lá que eu decidi ser enfermeira. Mas, inicialmente fui pra Caratinga fazer faculdade de História aos 17 anos após terminar o terceiro ano porque é uma matéria que sempre amei.

Foi no ano de 2001 e ao chegar lá não me identifiquei com o curso e com as pessoas que eram muito mais velhas do que eu, e as aulas aconteciam apenas três vezes por semana. E eu só ouvia reclamações da profissão porque muitos ali já tinham carreira e estavam apenas em busca de um título.

Fiquei frustrada porque eu acreditava e ainda acredito que a gente tem que ter paixão pelo que faz, não frustração e reclamações infinitas. Eu só pensava na enfermagem e no ano de 2002 consegui ingressar na faculdade de Barra Mansa- RJ. Ali eu comecei a entender que a enfermagem, a educação e a assistência social são primas irmãs e almas gêmeas e que práticas pedagógicas fazem parte do processo de construção da vida.

Formei-me enfermeira no ano de 2005 e desde então venho tentando atuar de modo a contribuir para amenizar o sofrimento das pessoas e, ao mesmo tempo, levar conhecimento, contribuindo para o processo de autocuidado e de independência do ser humano.

SAFIRA 6

Maria das Graças de Souza Bicalho

Confesso que nunca havia parado para analisar minha trajetória de vida, as coisas foram acontecendo e eu vivendo cada momento da maneira como deveria. Ao final deste memorial, emocionei-me ao perceber o quanto minha vida foi e é maravilhosa.

No início achei que tinha nascido para ser mãe, mas percebi que nasci para ser mãe e que tudo veio no tempo certo. Espero que apreciem.

Eu, Maria das Graças de Souza Bicalho, nasci em 01/06/1976 na cidade de Uruçânia, Minas Gerais, filha de Sebastião de Souza e Maria Teresa Roberto de Souza, ambos trabalhadores simples da zona rural. Tenho 5 irmãos: 4 homens e 1 mulher.

Meu pai era aposentado, então vivíamos de fazenda em fazenda, de escola em escola e na maioria das vezes estudava em turmas multisseriadas. Cheguei a estudar junto com meus irmãos mais velhos e ainda por cima no turno da noite. Eu tinha 8 anos, não sabia nem por onde começar, lembro-me nitidamente de um ditado que a professora deu, quando ela ditava vírgula eu literalmente escrevia a palavra ao invés do sinal. Na hora da correção, ela me xingou demais, me deu beliscões e escreveu o sinal no quadro várias vezes para que eu aprendesse.

Quando tinha 9 anos, meu pai faleceu aos 42 anos, deixando minha mãe com 6 filhos, o mais novo com apenas 6 meses de vida. Ainda ficamos um bom tempo indo de uma fazenda para outra, até que em 1988, quando eu tinha 12 anos, nos mudamos para Santa Cruz do Escalvado, onde minha mãe tinha irmãos.

Finalmente fui matriculada em uma escola de verdade, a escola Estadual Doutor Otávio Soares, ela era grande, linda, várias salas,

muitos alunos e professores. Eu era a mais velha da turma, pois com 12 anos, estava na 3º série, a vida era muito sofrida, íamos para escola para comer feijão, mingau e um arroz quebradinho quando havia, o que para mim parecia um manjar, visto que lá em casa às vezes não havia nem um fubá.

Depois de algum tempo, minha mãe conseguiu se aposentar e começamos a melhorar de vida um pouquinho. Assim segui meus estudos, até que eu era boa aluna, muito calada, mas sempre atenta a tudo, porque, por ser a mais velha da turma, não queria ser chamada a atenção de forma nenhuma.

E assim foi por um bom tempo, escola, brincadeiras com as primas e vizinhos, missas aos finais de semana, ano após ano fui me transformando, passaram-se a terceira, a quarta e a quinta séries e, na sexta série, o já esperado acontece, a puberdade, a adolescência e a falta de informação, tudo junto para o meu desespero.

Com 16 anos, conheci um rapaz, minha mãe me deixou namorar, mas naquela época pouco se falava do que precisava ser dito e o óbvio que no ano seguinte na sétima série parei de estudar – estava grávida.

Lembro-me até hoje de que no dia 30 de outubro de 1992 fui embora para Belo Horizonte com meu namorado Matias Bicalho, graças a Deus, até hoje meu marido. Naquele dia um misto de emoções, medo de ficar longe da minha mãe e irmãos, alegria de estar indo para uma cidade grande, tristeza por parar de estudar e saudades de todos que iam ficar. Mas o choro se tornou forma quando vi que não havia mudado muita coisa, que a dificuldade só ia aumentar. Aí pensei: acabou de vez, não vou mais estudar, meu destino é ser mãe e dona de casa. Dito e feito, aos 21 anos já tinha 3 filhos, e nem pensava em voltar para a escola.

Vivi 10 anos em Belo Horizonte, só meu marido trabalhava, tinha que dar conta de tudo sozinho, aluguel, água, luz e alimentação. Foi então que resolvemos voltar para Santa Cruz do Escalvado, a vida me-

lhorou um pouco, não pagávamos aluguel, estávamos junto de nossas famílias e se precisássemos sempre nos ajudavam.

Em 2003, minha sogra faleceu e passamos a cuidar de 2 irmãos dele, ambos solteirões que dependiam totalmente da mãe para viver. Em 2004, tive meu 4º e último filho e continuei com minha rotina de mãe, dona de casa e com praticamente 2 idosos para cuidar. Em 2006, resolvi trabalhar para ajudar nas despesas de casa, prestei concurso na prefeitura de Santa Cruz do Escalvado e passei em 5º lugar para cantineira, fui efetivada, minha mãe e meu irmão cuidavam das crianças para mim.

Em fevereiro de 2010, com o falecimento da minha querida mãe, fiquei muito desolada e comecei a me entregar a uma tristeza profunda, que nada nem ninguém tirava de mim, tinha que haver alguma coisa que iria me libertar dessa tristeza para eu seguir com a minha vida.

Foi então que, por um acaso, conversando com uma amiga, ela me chamou para voltar a estudar e concluir o Ensino Médio. Meu marido no início foi contra, disse que eu não iria dar conta de tantos afazeres, mas eu insisti e comecei a fazer o ensino fundamental no CESEC (Centro Estadual de Educação Continuada), que funcionava na escola Estadual Professora Vera Parentone em Ponte Nova.

Era uma verdadeira correria, trabalhava de 11h às 17h na cantina da Escola Municipal José Gomes de Souza, chegava às 17:45 em casa, pegava o material e o ônibus para ir para Ponte Nova. Chegava às 23:00 para fazer a comida para o outro dia, tomar banho e descansar. Na maioria das vezes, não via meus filhos, pois já estavam dormindo, só conseguia vê-los no outro dia de manhã, não posso esquecer que meu irmão continuou cuidando deles para mim. Era tão dedicada aos estudos que em 2 anos concluí o ensino fundamental e médio.

E quando acabou? O que fazer? Não queria parar de estudar porque meus filhos estavam crescendo e o futuro deles dependeria do que o pai deles e eu pudéssemos oferecer para que tivessem uma boa

formação. Foi então que, observando a rotina da escola onde trabalhava, resolvi fazer Pedagogia, mas o dinheiro onde iria tirar?

Prestei vestibular para Pedagogia na UNIUB (Universidade de Uberaba), onde as aulas seriam semipresenciais, e também fiz inscrição para o curso do Normal Médio no Polivalente (Escola Estadual Professor Raymundo Martiniano Ferreira) também em Ponte Nova. E pensei o que sair a vaga primeiro eu faço.

Quase que na mesma semana veio a resposta, tinha passado no vestibular, e o curso do Normal Médio ia começar porque dependia do número de inscrições. Outro dilema, e agora? Qual dos 2? Opinião do marido e das pessoas com as quais conversei na época foi que fizesse os 2, pois você conseguiria e assim foi.

Em 2012, comecei minha tão sonhada vida acadêmica, primeira coisa foi financiar um computador e uma impressora. Minha rotina havia mudado mais uma vez, de segunda a sexta, Normal Médio, finais de semana, atividades on-line da faculdade e, de 15 em 15 dias, aulas presenciais na Uniub das 8:00hs às 17:00hs em Ponte Nova.

Em 2014 terminei o Normal Médio. Foi um alívio! Minha família ficou orgulhosa, não cabia em mim tanta felicidade. Pronto, agora só a faculdade, dedicação total! Mantive meu foco, faltava 1 ano e meio.

Em abril de 2015, prestei concurso para professora na cidade de Rio Doce e passei em 3º lugar, porém ainda não tinha colado grau, imediatamente me matriculei em pós-graduações na Universidade Cruzeiro do Sul. Finalmente, em julho de 2015, graças a Deus, terminei a faculdade.

Foi maravilhoso, agora oficialmente tinha me tornado professora e minha família estava lá junto comigo. Em setembro, em uma vigília na igreja católica, pedi a Deus que abrisse as portas para eu começar minha jornada como professora, e Ele abriu várias portas. Em dezembro, terminei a pós.

Em janeiro de 2016, fiz processo seletivo para professora em Santa Cruz, passei em 5º lugar, tinha que decidir se continuava como cantineira efetiva ou corria o risco de um contrato. Eu me exonerei do meu cargo e peguei minha primeira turminha de 1º período, na mesma escola onde trabalhava como cantineira. Mais desafios, a primeira sala de aula e o preconceito de algumas pessoas quanto à minha ida da cozinha para a sala.

Em fevereiro, comecei a lecionar e, em maio, mais uma porta se abriu na Escola Estadual Doutor Otávio Soares. Eu iria atender um aluno de 16 anos com paralisia cerebral e usar os conhecimentos adquiridos em minha pós-graduação na área de Educação Especial.

Através do incentivo de uma amiga professora, consegui pegar a vaga no turno da tarde. Quando conheci o aluno, não sabia nem por onde começar, lidar com uma pessoa que não falava, não andava, só mexia a cabeça. O tempo e os estudos foram dando conta de me ajudar. Nossa convivência era muito boa, o carinho era mútuo e eu arrancava dele sorrisos maravilhosos e olhares de muito amor e ternura. O aprendizado aconteceu para nós dois, infelizmente ele faleceu em 2020 durante a pandemia.

Em 2017, no dia 10 de maio, fui efetivada em Rio Doce, abri mão do meu contrato com a prefeitura de Santa Cruz e continuei trabalhando em uma escola estadual com um aluno que necessitava de cuidados especiais. Durante esse período, fiz vários cursos e capacitações principalmente na área da educação especial.

Durante a pandemia, tive que me aperfeiçoar em novas tecnologias para lecionar, confesso que foi muito difícil principalmente com o meu aluno especial, visto que a nossa aula era mais no contato físico, no ouvir, no sentir, por várias vezes fui visitá-lo às escondidas para matar a saudade.

Atualmente, estou trabalhando com a turma do 3º ano em Rio Doce e com um aluno com baixa visão na escola do Estado. Graças

a Deus, estamos caminhando em busca do aprendizado, revendo alguns conteúdos para sanar algumas pendências que não foram absorvidas durante a pandemia.

Não tive nenhuma professora que tenha marcado a minha vida positivamente, tudo que conquistei foi graças ao meu esforço e à busca pelo conhecimento. Uma amiga da escola sempre me dizia que se eu não tivesse parado de estudar, teria o mesmo tempo de professora que ela, eu sempre concordava, agora percebi que tudo tem o tempo certo, primeiro tinha que ser mãe e cuidar da família, depois ser professora.

Valeu a pena o esforço para estudar e trabalhar, consegui que meus filhos tivessem uma boa formação. David é formado em Direito, Danielle é formada em Fisioterapia, Daiane é formada em Ciências Contábeis, ambos pela FADIP (Faculdade Dinâmica de Ponte Nova). Todos trabalham em suas respectivas áreas. Darlan, o mais novo, ainda não decidiu o que irá estudar. O carinho com o qual criei meus filhos me faz ser uma professora mais atenciosa e dedicada aos meus alunos.

Agora mais uma oportunidade bate à minha porta, uma pós-graduação na UFOP. Confesso que a princípio pensei em não fazer, mais 2 anos estudando, já tenho tantos cursos, porém em uma conversa na sala dos professores de Rio Doce veio à luz que faltava.

Uma professora disse: “não se pode comparar uma graduação da UFOP com qualquer outra instituição, pois essa é a melhor”. Pensei no quanto de conhecimento e aprendizado iria perder.

Então aqui estou pronta para mais um desafio e escrever mais um capítulo da minha vida acadêmica. Agradeço a todos pela oportunidade de colocar a UFOP na minha história. A busca pelo conhecimento depende do querer de cada um.

SAFIRA 7

Márcia Soares Gomes

Eu me chamo Marcia Soares Gomes. Sou fruto e retrato da intensa mistura e miscigenação que é o Brasil. Sou parda, estatura mediana, vinte e cinco anos e posso dizer que minha característica marcante é o meu sorriso. Trago comigo uma enorme vontade de fazer as coisas darem certo e a força de continuar sempre com determinação e esforço.

Nasci e fui criada na zona rural do município de Santa Cruz do Escalvado/MG e, mesmo diante de todas as adversidades e dificuldades, tive uma infância e adolescência muito felizes, claro que minhas brincadeiras e diversões eram muito diferentes das de hoje e por isso sou grata.

Da Educação Infantil ao Ensino Médio, estudei nas escolas públicas municipal e estadual do município de Santa Cruz e desde sempre a leitura e a escrita me cativaram. Tive alguns desafetos com a matemática, o que me fez me dedicar ao máximo e chegar ao ensino médio como fã nº 1 da disciplina.

Tenho lembranças maravilhosas dos meus professores. Recordo-me de que em minha formatura do pré-escolar quando perguntaram “o que você quer ser quando crescer?”, minha resposta rápida e sem dúvida foi “quero ser professora” e o desejo tomou meu coração e passou a ser minha meta profissional.

Na adolescência, ajudava todas as crianças da vizinhança com as atividades de Para Casa e nessa mesma época meu avô materno me pediu que lhe ensinasse a ler e escrever. Ele queria aprender a ler e escrever para controlar melhor o corte da cana-de-açúcar na fazenda em que trabalhava. Sem metodologia e didática apropriadas, consegui ajudar a melhorar a escrita do nome completo e infelizmente não foi possível lhe ensinar a ler. Meu avô se foi, mas deixou viva em mim a vontade de aprender para ensinar.

Anos mais tarde ingressei na faculdade de Pedagogia em uma universidade particular por meio de bolsa do ENEM. E o sonho finalmente se tornou realidade. Desde que terminei o ensino médio, tentei bolsas de estudo para o ensino superior e só conseguia para universidades distantes e com a pouca informação, e pelas condições financeiras que tínhamos onde eu morava era inviável estudar, até que consegui e conquistei minha bolsa na faculdade de pedagogia na cidade de Ponte Nova/MG.

Como me senti realizada e feliz! Durante toda a graduação, estive envolvida na condução de projetos e práticas pedagógicas, fiz alguns cursos de extensão e, diante das vivências e aprendizados já no primeiro período da faculdade, decidi abandonar meu trabalho no comércio para ter experiências na área da Educação e aprender mais sobre a profissão que escolhi para a vida.

Trabalhei em uma escola particular da cidade de Ponte Nova, onde tive oportunidade em sala de aula na Educação Infantil e posteriormente no setor administrativo. E posso dizer que meu caminho profissional até aqui foi marcado por oportunidades maravilhosas, que me proporcionaram muito aprendizado.

Sou completamente apaixonada pela Educação em todas as etapas, em todos os setores e em diferentes situações. Sou conhecedora das falhas, das lacunas, da necessidade de melhorias, afinal a educação pública me trouxe até aqui, mas o poder de transformação é maior e me faz acreditar que Educação é o caminho para alcançarmos um mundo melhor.

E numa dessas voltas que o mundo dá, passei num concurso público da Prefeitura de Rio Doce para o cargo de monitor escolar. Exerci o cargo por pouco tempo e tive uma oportunidade ímpar, em que pude viver e experienciar o que é o setor administrativo de uma escola e Secretaria de Educação.

Exerci o cargo comissionado de Coordenadora de Educação e Gestão Escolar e tive contato direto com as mais variadas situações escolares e administrativas que permeiam o universo da Educação pública municipal. Assumi o cargo com insegurança e medo de não dar conta e no fim descobri o setor administrativo como minha vocação.

No ano passado, recebi uma proposta para assumir o cargo de diretora escolar no município de Santa Cruz do Escalvado e fui, cheia de medo e insegurança de assumir um desafio que sabia ser enorme.

Estive na gestão da maior escola do município e encarei o período de atividades escolares não presenciais e o consequente retorno presencial cheio de restrições. Foi uma experiência transformadora, cresci muito como pessoa e profissional. Que experiência incrível!

Nesse ano, retornei a Rio Doce para assumir mais um desafio, agora o cargo de Chefe de Departamento de Pedagogia, atuando diretamente na supervisão da Escola Municipal e demais assuntos pedagógicos da SME. Amo a equipe com a qual trabalho e todos os dias aprendo um pouco mais e desejo continuar contribuindo com as minhas potencialidades e aprender sempre.

Essa sou eu e minha trajetória na Educação. Muito feliz pela oportunidade de poder cursar essa especialização e cheia de expectativas e anseios quanto às vivências e aprendizados que teremos.

SAFIRA 8

Maria Cristina Eduardo Souto

Meu nome é Maria Cristina Eduardo Souto, tenho 58 anos, nasci e vivi até meus 10 anos (mais ou menos) na antiga Usina Ana Florência, onde meu pai trabalhou a vida toda. Mudamo-nos para Ponte Nova onde terminei meus estudos e me formei em Magistério.

Em 1992, me casei e fui morar em São Paulo. Trabalhei um tempo numa metalúrgica e com vendas de livros esotéricos. Depois de cinco anos de casada, tive meu primeiro filho. Meu marido sempre me incentivou a fazer Pedagogia e seguir carreira de magistério, mas nunca me interessei. Não queria ser professora.

Em 2003, decidimos voltar para Minas, mais precisamente para Santa Cruz do Escalvado, terra natal do meu esposo. Grávida, tive minha segunda filha (05/06/2004), já com 40 anos. Cidade pequena, a melhor opção de emprego seria a escola como professora. Mais uma vez meu esposo me incentivou, mas agora me vi envolvida. Comecei a me interessar e busquei ajuda com minha cunhada que já exercia a profissão havia algum tempo.

A família do meu marido tinha muito conhecimento com o prefeito daquela época e logo eu estava empregada (sou muito grata a ele por isso), trabalhando numa escola próxima de uma casa recém-construída num pequeno distrito de Santa Cruz do Escalvado, chamado Nova Soberbo. Num primeiro momento foi difícil. As mães ainda não conheciam meu trabalho e por isso sofri muito preconceito até mesmo pelos (as) meus (minhas) colegas de trabalho. Em alguns momentos, pensei em desistir, mas sempre tive muito apoio do meu esposo.

Devido a uma exigência da educação, que surgiu no final de 1999, para atender à Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) de 1996, determinando que todos os professores precisariam ter diploma de graduação até 2007, tive que retornar aos estudos.

Em 2005, entrei na Universidade Presidente Antônio Carlos — UNIPAC. Trabalhava na parte da manhã e estudava à noite. Meus filhos ficavam com o pai, minha filha tinha então um aninho. A partir daí, não parei mais de estudar.

Concluí minha graduação e logo após comecei uma complementação em Pedagogia pela Faculdade ISEIB – Instituto Superior de Educação, em Ibituruna. Hoje, vejo que foi a melhor decisão da

minha vida. Sou apaixonada pelo que faço e tenho certeza de que nasci para ser professora.

SAFIRA 9

Maria do Rosário Luz

Sou Maria do Rosário Luz, casada, nascida em 05 de outubro de 1982, filha de Joaquim da Luz, trabalhador rural e depois funcionário público, e Terezinha das Graças Santos Luz, do lar. Meu pai era morador de Rio Doce e minha mãe, de Dom Silvério, casaram-se em Dom Silvério e vieram morar num lugar denominado Fazenda das Lajes, em Rio Doce MG, onde permaneceram por um longo tempo.

Depois se mudaram para um lugar denominado Eixo ou Fazenda da Cerâmica onde nasci. Sou a quinta filha de 8 irmãos - 3 homens e 5 mulheres. Perdemos nosso pai muito cedo, quando eu tinha apenas 9 anos. Foi um momento de muita dor para todos nós.

Iniciei minha vida escolar na Escola Municipal Coronel João José em Rio Doce, onde estudei até o quarto ano, pois naquela época o quinto ano era na Escola Estadual Maria Amélia em Rio Doce, onde estudei até o 6ºano. Logo depois me mudei para trabalhar em Belo Horizonte como babá e concluí o ensino médio.

Retornei a Rio Doce com o objetivo de fazer faculdade, para muitos, algo impossível, pois não tínhamos condições financeiras para pagar a faculdade. Mas fui persistente, comecei a trabalhar como doméstica e com apoio da minha mãe e meus irmãos prestei vestibular na Faculdade de Ciências Humanas na cidade de Ponte Nova e passei em Geografia, pois desde que comecei a estudar tinha um fascínio pelos mapas, sempre quis ser professora de Geografia.

Foram 4 anos muito difíceis, pois o que ganhava era para pagar a faculdade. Depois de 2 anos estudando, consegui uma bolsa parcial da prefeitura de Rio Doce, que me ajudou muito a concluir meus estudos, e me formei em 2007.

Fui a primeira de 8 irmãos a ter um ensino superior completo, mas apenas em 2013 ingressei na sala de aula como professora. Trabalhei na escola Estadual Maria Amélia em Rio Doce, na qual um dia estudei, e tive como colegas professores que foram meus professores. Quando entrei pela primeira vez na sala de aula como professora, tive a certeza de que tinha feito a faculdade certa pois amo o que faço e tenho um prazer enorme em ver nos olhos dos meus alunos o brilho do aprendizado.

Trabalhando, continuei meus estudos e me formei no Normal em Nível Médio, participei de um processo seletivo e comecei a trabalhar como monitora de alunos especiais na Escola Municipal Coronel João José. Apaixonei-me pela alfabetização e fiz Pedagogia e esse ano tive o prazer de ser contratada para ser professora do primeiro ano do ensino fundamental.

Chegar até aqui foi muito desafiador, mas muito gratificante, pois agora olho para trás e vejo quantos desafios consegui vencer, mas ainda sinto que tenho muito a aprender.

SAFIRA 10

Maria Luíza de Freitas Santos

Meu nome é Maria Luiza, tenho 34 anos, sou casada e tenho duas filhas. Moro em uma pequena cidade do interior, na Zona da Mata Mineira, chamada Rio Doce.

Sou filha de professores e venho de uma família que tem muitos membros que se dedicaram à Educação, sendo uma delas minha tia avó materna Lucília, de quem o centro de Educação Infantil da cidade herdou o nome.

Quando pequena, vendo minha mãe e tias lecionarem, eu já manifestava o desejo de me tornar professora, sendo uma de minhas brincadeiras favoritas brincar de escolinha. Lecionei bastante para minhas bonecas.

Sempre gostei muito de ir à escola e tenho ainda pequenas recordações da Educação Infantil, de minha primeira professora e de minhas primeiras atividades. Uma recordação que trago com saudade é o uniforme da época, blusa branca e uma salopete azul plissada. Antes de ir para a escola, admirava as alunas mais velhas passando com seus uniformes e ficava ansiosa para que também chegasse a minha vez.

Muitas vezes retornam à minha memória algumas práticas pedagógicas mais tradicionais da época que hoje já caíram em desuso, como a prática de “tomar o ponto”. Tínhamos que decorar determinada parte da lição do dia anterior e quando chegávamos à escola, uma professora sentada no corredor chamava individualmente cada aluno para tomar a lição, que deveria estar na *ponta da língua*. O sentimento naquele momento era de aflição e medo de esquecer o que havia decorado.

Estudei em minha cidade natal, Rio Doce, até a quinta série. Logo após, me mudei para a cidade vizinha, Ponte Nova, onde meus pais acreditavam haver melhores oportunidades para minha formação. Lembro que me despedi de meus colegas com o coração partido! Como sofri para me adaptar! Mas segui em frente e me formei no Fundamental em uma escola pública e no Ensino Médio em uma escola particular.

Na época de prestar o vestibular, já não nutria tanto em mim o desejo de ser professora. Eu já conseguia perceber o quanto nossa profissão era desvalorizada pela sociedade e pelos poderes públicos. Prestei vestibular em duas instituições federais na época: Universidade

Federal de Viçosa – UFV, onde fiz a prova para o curso de Secretariado Executivo Trilíngue, e Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP para Letras, com o desejo de cursar o bacharelado em Tradução. Lembrando que na época o Enem não era ainda a forma principal de acesso às universidades. Fazíamos as provas nas instituições.

Fui aprovada na UFOP e fiquei na lista de espera na UFV, que era a opção que mais desejava. Iniciei então o curso na UFOP e acabei puxando algumas disciplinas da área da Educação, que causaram grande impacto na minha vida acadêmica, mas até então eu não sabia.

Seis meses depois de ingressar na UFOP, fui chamada na lista de espera da UFV. Abandonei então a primeira instituição e fui cursar o tão sonhado curso na UFV. Na primeira aula, percebi que havia feito a coisa errada e entrei em um desespero profundo.

Já então a Educação havia retomado seu lugar em meu coração. Coloquei então na cabeça o propósito de retornar à UFOP e prestei novamente vestibular, retornando então ao curso de Letras e concluí com imensa satisfação a Licenciatura em Língua Inglesa e o Bacharelado em tradução.

Encontrei em minha trajetória professores incríveis que transformaram minha maneira de pensar a Educação. Desde então cursei pós-graduação em Libras, Psicopedagogia e fiz complementação pedagógica em Pedagogia e Letras Libras.

Já atuei como intérprete de Libras e hoje atuo como professora de Inglês na Educação Infantil e anos iniciais. Minhas práticas pedagógicas trazem um pouquinho de cada professor que passou em minha vida. Práticas inovadoras propostas por um e uma pitadinha do tradicional (quando é necessário) incutida por outros formam a professora que sou hoje, com muito orgulho.

The background features a sunset over a body of water, with smooth, rounded rocks in the foreground. The sky is a mix of orange, yellow, and blue, and the water reflects these colors. The rocks are in the lower third of the frame, some in sharp focus and others blurred.

Agrupamento Turmalina:

Rio Doce



Prefácio do Agrupamento Turmalina:

a gema dos múltiplos

Fernanda Mara Fonseca Silva

Doutora em Biologia (UFOP)

Um agrupamento de sedimentos origina uma rocha se ela for sedimentar. Poderia explicar as diversas linhas descrevendo cada significado científico da frase supracitada, pois a vida acadêmica nos torna rígidos. Escrita sisuda, sabe? Tudo, absolutamente tudo deve ter uma, duas, três referências bibliográficas. Acostumei-me, posso dizer. Mas onde está o prazer da escrita? A analogia, tão importante como prática pedagógica? O ser individual é único, não um quadrado com 4 lados idênticos!

Pois é, a pedagogia te faz criar, escrever, citar e formas tantas que a ABNT não conhece. Quando se pesquisa um *currículo lattes*, lá não existem os passos que me fizeram chegar a três linhas digitadas, que originou um artigo. Não mostra a alegria, muito menos as tristezas pelo caminho percorrido. É a beleza do caminho com pedras que faz três linhas serem mais que um *lattes*, mas uma vida. A rocha antes bruta, inflexível, rígida, foi se lapidando, se moldando com os tropeços e percalços no caminhar.

Em uma de nossas reuniões, foi sugerido um agrupamento de estudantes por tutor (a) e que os grupos tivessem nomes de pedras. Meu doutorado em Geociências não me permitiu ficar calada e logo sugeri rochas, uma forma de falar pedra cientificamente. E assim escolhemos os nomes.

Turmalina, assim surgiu, com a imensa força que essa rocha passou para se transformar em gema e com enorme energia para que ela se lapide com a formação de cada discente ali presente. A gema Turmalina é formada principalmente por compostos de ferro, sódio, magnésio, cálcio e lítio (POMEROL *et al.*, 2013), sendo localizada no Brasil, Paquistão, Nigéria, Moçambique, Madagascar, Afeganistão, Tanzânia, encontrada em diversas cores (YARDLEY, 2004), o que representa a heterogeneidade do grupo.

A Turmalina tem dureza de 7-7.5 Mohs (BRANCO, 1997), e dureza é o valor arábico de quanto um material sólido resiste quando uma força é aplicada sobre ele (GUIMARÃES, 2005). Exemplificando, a escala Mohs compreende valores entre 1 (baixa dureza), representado pelo talco, e 10 (dureza elevada), representado pelo diamante. A dureza representa a força e a garra dos discentes, que, pelo dia a dia atarefado, ou em um (vários) fim de semana, conseguem acessar a plataforma e ler um, dois textos.

Toda essa diversidade em apenas uma única rocha transmite a analogia dos memoriais descritivos dos estudantes do grupo Turmalina. Cada palavra, cada vivência, cada superação faz a diversidade e a riqueza de um grupo que, em consenso, traz a valorização da vivência e o saber pretérito do estudante.

De acordo com Rego (1995, p. 120 *apud* Vygotsky), “concebe o homem como ser que pensa, raciocina, deduz e abstrai, mas também alguém que sente, se emociona, deseja, imagina e se sensibiliza”, isso é, para construir conhecimentos, alude-se a uma ação partilhada, já que é por intermédio dos outros, das trocas efetivas que as

relações entre sujeito e objeto de conhecimento são estabelecidas Para Gasparini (2007), quando são ampliadas as redes de influência mútua, maiores são as probabilidades de aprendizagem. O processo ensino-aprendizagem é construído valorizando a participação do estudante como meio de torná-lo protagonista do processo de aprendizagem, para que ele desenvolva autonomia na hora de aprender.

Os memoriais descritivos tiveram como um dos objetivos gerar perguntas, as quais, para responder, era necessário realizar uma retrospectiva, enfatizada por Freire e Faundez (1985), em que um ambiente adequado para a aprendizagem deve promover situações dialógicas, em que uma educação de perguntas é a única educação criativa e apta a estimular a capacidade humana.

Nesse processo de ensino – aprendizagem, a mediação pedagógica não deve se restringir apenas a aspectos didáticos e instrumentais, sem alcance epistemológico. Finalizamos esta apresentação na voz de Freire (1987, p.46):

Se alguém não é capaz de sentir-se e saber-se tão homem quanto os outros, é que lhe falta ainda muito que caminhar para chegar ao lugar de encontro com eles. Nesse lugar de encontro, não há ignorantes absolutos, nem sábios absolutos: há homens que, em comunhão, buscam saber mais.

REFERÊNCIAS

BRANCO, Pécio de Moraes. **Dicionário de mineralogia**. Porto Alegre: Sagra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987. Disponível em: <https://sites.google.com/site/ramospinto/home/sociologia-da-educacao/pedagogia-do-oprimido---paulo-freire>. Acesso em: 20 de Março de 2023.

FREIRE, Paulo.; FAUNDEZ, Antônio. **Por uma pedagogia da pergunta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GASPARIN, João Luiz. **Uma didática para a pedagogia histórico-crítica**. Coleção Educação Contemporânea. Campinas: Autores Associados, 2007.

GUIMARÃES, Edi Mendes. O mineral nosso de cada dia: tema para formação de habilidades previstas nos PCN. **Revista do Instituto de Geociências – USP**, São Paulo, v. 3, publicação especial, p. 83-87, set. 2005.

POMEROL, Charles.; LAGABRIELLE, Yves.; RENARD, Maurice.; GUILLOT, Stéphane. **Princípios de geologia**: técnicas, modelos e teorias. Porto Alegre: Bookman, 2013.

REGO, Tereza Cristina. **Vygotsky**: uma perspectiva histórico-cultural da educação. Coleção Educação e Conhecimento. Petrópolis: Vozes, 1995.

SILVA, Antonio Zaquiel Barbosa da. B. **As relações de mediação, aprendizagem e desenvolvimento humano: um diálogo entre Vigotski e Paulo Freire**. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Maranhão, Programa de Pós-Graduação Cultura e Sociedade. São Luís, 133 p, 2014.

YARDLEY, Bruce.W.D. **Introdução à petrologia metamórfica** (Tradução Reinhardt A. Fuck). 2. Ed. Revista. Brasília: Editora Universidade de Brasília, p.432, 2004.

Memoriais do Agrupamento Turmalina

TURMALINA 1

Ana Maria de Sousa Dias

Meu nome é Ana Maria. Moro em Rio Doce. Trabalho na escola municipal na Educação Fundamental, anos iniciais. Sou formada em Pedagogia. Estou gostando de participar do Curso de Pós-graduação em Práticas Pedagógicas. Creio que será muito bom, pois o saber não ocupa espaço, e é sempre bom aprender para tornar agradável nossa caminhada. Acredito que neste espaço terei grandes oportunidades para novas aprendizagens.

TURMALINA 2

Ana Rita Laino

Sou Ana Rita Laino, tenho 3 filhos e uma neta. Moro em Santa Cruz do Escalvado, onde leciono há 20 anos, leciono também no CMEI Lucília Lobo Pereira Martins no município de Rio Doce.

Fiz alguns cursos de especialização, incluindo Orientação Educacional e Supervisão Escolar. Fui tutora do Pró-Letramento de Matemática e do Pacto (Alfabetização na Idade Certa), ambos ofertados pelo Governo Federal.

Hoje trabalho na Educação Infantil nos dois municípios e o que mais me inspirou em fazer esta pós-graduação foi a oportunidade de aprender a desenvolver melhor a contação de histórias e a musicalidade, pois ambas são o alicerce da Educação Infantil.

TURMALINA 3

Carlos Eduardo Tenório

Meu nome é Carlos Eduardo Tenório da Silva, negro, nascido em 23 de janeiro de 1997, estou com 25 anos. Sou natural de Dom Silvério/MG, mudei-me para Rio Doce com 21 anos. Sou servidor público efetivo há seis anos, cinco deles trabalhando na Secretaria de Educação de Rio Doce/MG.

Minha relação com a educação sempre foi boa, desde a infância gostava de ir à escola, de aprender, de participar de tudo aquilo que era novo e diferente, foram muitas experiências maravilhosas, faria tudo de novo.

Fora da escola, participei de muitos projetos, incluindo banda, futebol, um projeto chamado PROJÓVEM com foco em preparar os jovens para o mercado de trabalho, entre outros. Fiz também alguns cursos, incluindo Auxiliar de Contabilidade, Informática Profissionalizante, Libras módulo I, Técnico em Segurança do Trabalho e consegui concluir todos.

Sou apaixonado por esportes, tive práticas muito boas e construtivas nas aulas de Educação Física, principalmente no ensino fundamental, acho que foi isso que me levou ao interesse pela graduação em Educação Física. Estou cursando o 8º período de Bacharel em EFI e, após terminar, pretendo completar a graduação com a Licenciatura.

Em relação ao meu emprego, trabalhava no setor de obras aqui na prefeitura de Rio Doce. E quando surgiu a oportunidade de trabalhar na área da Educação, não pensei duas vezes, apenas aceitei a proposta e vim, pois sabia que seria uma oportunidade única de crescimento pessoal e profissional.

A princípio, fui monitor escolar, acompanhava as crianças em tudo: recreio, projetos, merenda, idas ao banheiro. Tinha também a função de auxiliar uma colega de trabalho com uma criança autista de 6 anos, oportunidade ímpar que me proporcionou muito crescimento como pessoa, foram experiências maravilhosas, momento em que percebi que a educação é o meu lugar.

Com o passar dos anos, as oportunidades foram aparecendo e hoje sou coordenador de educação e gestão escolar. E não é que a educação foi tão generosa comigo que me trouxe até uma noiva! Muito linda, por sinal, vamos nos casar este ano.

A Educação trouxe-me muitas coisas boas e tenho somente a agradecer a Deus pela oportunidade, e quando digo coisas boas, não me refiro à área financeira, mas, sim, a amizades, experiências. Fiz bastante coisa até o momento, errei muito, também acertei, é uma área onde quero estar sempre para somar, aprender e contribuir para o crescimento de todos.

TURMALINA 4

Carola Lopes Moreira

Eu sou a Carola Lopes Moreira, tenho 40 anos, sou mãe de 03 rapazes, filha de professora, sempre morei no município de Rio Doce – MG. Tenho formação em Letras (licenciatura) pela Faculdade de Uberaba, onde consegui me formar com o incentivo de bolsa de estudo do PROUNI.

Meus estudos foram um pouco conturbados, tive um pouco de dificuldade para seguir uma rotina desejada, com isso logo no 3º ano do ensino fundamental, fui reprovada. Ainda me lembro dessa época em que a professora de português passava no para casa a conjugação dos verbos em todos os tempos e modos. Lembranças da época do ensino fundamental um!

No movimento de trocar de escolas passando da rede municipal para a rede estadual, foi o momento de pensar que poderia alcançar os caminhos e me expressar melhor. Encontrei nesta época professoras que permitiram que o desenvolvimento de habilidades como tomar iniciativas, criatividade e liderança se desenvolvesse.

Fiz vários trabalhos que tinha em mente, utilizei vários materiais, surgindo assim diversos trabalhos que chamaram atenção na escola. Ainda me lembro das aulas de ciências ocasião em que consegui representar uma célula, a partir de grãos de feijão, macarrão parafuso, gelatina, e o núcleo com uma metade de semente de abacate.

Lembro-me também de pintar o *mapa mundi* com tintas em vários cartazes colados e da professora de Inglês que, ao adentrar a sala de aula, sempre nos cumprimentava em inglês.

Foram lembranças excelentes, mas o mais importante foi reconhecer que os professores da minha época permitiam que os alunos criassem e desenvolvessem suas habilidades através de seus conhecimentos, e isso me emociona.

Seguindo para o ensino médio, logo no primeiro ano a primeira gravidez, o que me fez repensar um pouco sobre a necessidade de trabalho, pois meu filho já com 03 meses precisava de mim, assim fui buscar emprego, dando um tempo em meus estudos na rede regular e seguindo para o supletivo.

Em 2006, chegou meu segundo filho. Passados alguns anos, me vi presa ainda a algumas disciplinas e busquei concluir. Logo em

seguida, eu consegui me formar em 2008 no curso técnico de enfermagem, o qual me ajudou a trabalhar em diversos lugares e conhecer muitas pessoas boas, mas a vontade continuar a estudar nunca saiu da minha mente.

Em 2010, tive meu terceiro filho, o que me motivou a estudar ainda mais para alcançar uma profissão em que pudesse estar mais presente a realidade dos meus filhos. Iniciei o curso de direito em uma faculdade particular, em um ano e meio de curso, percebi que não me identificava com a rotina do bacharelado em direito, e a mensalidade alta também não cabia em meu bolso.

Em 2013, após fazer a prova do Enem, adentrei o curso de Letras pelo PROUNI, curso em que aprendi e conheci melhor sobre o universo de onde as letras vieram e como elas devem ser utilizadas para o desenvolvimento a nosso redor. Em 2016, iniciei meus trabalhos em uma escola estadual como assistente técnico de educação básica, voltando a viver realidade da escola através das secretarias, a conviver com os professores.

Após minha formatura, iniciei minha carreira como professora com as alunas do normal médio. Lecionar para uma turma de alunas superinteressadas na arte de lecionar me incentivou muito a buscar práticas pedagógicas que permitissem o desenvolvimento delas e meu crescimento como profissional.

Minha experiência com a docência foi excelente, consegui repassar a liberdade de criação para meus alunos, hoje desejo evoluir ainda mais para poder contribuir para o desenvolvimento de escolas e alunos.

Escrevi brevemente minha realidade na vida escolar, muitos fatos poderiam ser colocados neste relato, mas acredito que terei tempo para caprichar nas próximas páginas.

TURMALINA 5

Célia Aparecida Leandro

De repente uma grande dúvida pairou em meu caminho como se fosse uma enorme pedra da qual não iria me livrar tão facilmente: uma decisão deveria ser tomada em tempo recorde para descrever o porquê de estar agora iniciando este memorial.

Após um bom tempo longe dos estudos, por conta da aposentadoria e, também, da COVID 19, algo devastador iniciado em 2019 que separou uns dos outros e ceifou várias vidas da face deste Planeta chamado Terra. Depois de muita reflexão, começo aqui o início de mais uma caminhada que certamente apresentará vários obstáculos, porém tenho a convicção de que sanarei todos, pois jamais desisto daquilo que faz bem à minha vida, muito menos deste que trará um aprendizado diferente, um novo olhar para algo que fiz durante toda a minha vida de professora da rede pública de Minas Gerais.

De volta à sala de aula, percebo que quando se faz algo por amor, há sempre espaço para recomeçar. Educação sempre foi e será o maior amor de minha vida. Ensinar, conviver, abrir portas e tantas outras coisas que são feitas com aquele que nos chega com algum tipo de aprendizado, necessitando complemento para a abertura de novos caminhos.

Assim, entro em cena novamente, depois de ter formado tantos outros, recomeço com um ser ainda inocente, sincero e capaz de perceber que em mim ainda existe a alfabetizadora de 1986 quando iniciei no município de Rio Doce, no povoado do Matadouro, esta paixão de ensinar. Nesse ano, recém-formada em Magistério pela Escola Padre Felisberto em Dom Silvério, iniciei com duas turmas ao mesmo tempo, 1º e 2º ano.

Nessa época, as condições do município para a educação eram precárias e o trajeto até a escola que ficava a sete quilômetros de distância era feito a pé todos os dias. Nesse mesmo período, já escrevia meus poemas e surgia em mim uma vontade enorme de aprender mais, então decidi que deveria ir para uma faculdade, porém não existia aqui perto uma universidade pública, muito menos o ENEM, apenas vestibulares para faculdades particulares.

Fiz minha inscrição, fiz o vestibular e, em 1987, comecei a cursar uma faculdade em Ponte Nova à noite. Ia de ônibus. Saía da cidade às 17.30, dormia lá em Ponte Nova e voltava no outro dia às 9h, chegava e saía para o povoado do Matadouro. Com a troca de prefeitos, fui exonerada e, mais uma vez, tive que correr atrás de emprego para não parar a faculdade.

Então, por 3 anos fiquei distante da escola, fui conhecer outras áreas. Trabalhei em uma farmácia por um ano e depois em um escritório agropecuário. Terminada a faculdade de letras, já não queria mais mexer com números, queria mesmo voltar a ensinar, mas Ponte Nova já estava pequena para realizar este sonho, pedi demissão e fui para Juiz de Fora.

Em 1992, reiniciei na educação pelo estado com o 4º ano pela manhã e à noite com jovens e adultos com Língua Portuguesa e Artes. Nessa época, o estado nos ofertava muitos cursos de reciclagem.

Aproveitava cada um deles como se eles fossem os últimos. Daí uma oportunidade de fazer pós-graduação em Barra do Piraí, Rio de Janeiro, aos sábados. E assim, em 1995, mais uma vez, parto com tudo para esta pós que, além de ser uma melhora no salário, também é uma oportunidade de novos conhecimentos. Finalizada essa pós-graduação, passei mais um ano fazendo a complementação em Letras em Nova Iguaçu, no Rio de Janeiro, já fazendo, durante este período, aulas de conversação em inglês.

Em 1998, dei início à educação municipal em Juiz de Fora, primeiramente com Língua Portuguesa e depois com Língua Inglesa.

No ano de 2000, fui trabalhar na Escola Municipal Cecília Meireles com alunos com necessidades especiais, principalmente a surdez.

A partir daí minha área de conhecimento começa a construir um leque de diversidades. Na verdade, essa escola foi a minha oficina. Durante 8 anos, me dediquei à área da surdez, com cursos de Libras e alfabetização aos pequenos surdos aos sábados numa igreja Metodista. Por esse trabalho, ganhei vários prêmios acumulados junto à escola e um individual feito com alunos da EJA, surdos e ouvintes, “Palavras Cores e Formas”.

Já na rede estadual, fui eleita vice-diretora em 2007 e fiquei até o ano de 2011. Nessa etapa de trabalho, outros aprendizados foram introduzidos e assimilados na minha carreira de magistério.

Em 2017, aposentei-me e em 2018 voltei para Rio Doce para morar com meus pais idosos. E quando pensava em montar uma sala de aula para redação e aulas particulares, veio a pandemia. Desde então, nada mais além de leitura, vídeos, música, também me dediquei mais aos meus poemas.

Por fim, em fevereiro de 2022, surgiu a oportunidade de voltar a trabalhar na rede municipal como professora de Inglês e, mesmo sendo criticada por algumas pessoas, peguei o cargo e o abracei com todas as forças. Resultado disso é esta oportunidade de fazer uma pós-graduação por um desejo de reciclar, mesmo sabendo que, em termos financeiros, nada me trará. Porém, sei que terei a possibilidade de estar novamente na roda de conversa e ver a educação hoje, depois deste vazio deixado pela Covid 19.

Por fim, acredito que tudo o que tenho a dizer é que nada nesta vida acontece por acaso e que, de alguma forma, essa substituição, que parecia ser de 3 meses, pode durar mais do que eu esperava e que irei me desdobrar para concluí-la com o mesmo empenho com que finalizei as outras. Afinal, grandes coisas acontecem a partir de pequenas ações!

TURMALINA 6

Cinthia Virginia Gomes

Meu nome é Cínthia, nasci em 03/08/74, sou casada, tenho dois filhos lindos e moro em Rio Doce. Estou como diretora, mas sou professora da Rede Municipal de Ensino de Rio Doce. Amo trabalhar na educação.

Fiz Pedagogia/Licenciatura na Universidade Luterana do Brasil - São Paulo e logo depois pós-graduação em Coordenação e gestão escolar, Inclusão Social, Inspeção Escolar e em supervisão escolar na faculdade Promove de Janaúba.

Estou bem animada a começar a fazer a pós em Práticas Pedagógicas. Peço a Deus que me dê sabedoria e força para concluir.

TURMALINA 7

Cláudia Lopes Pereira Ângelo

Meu nome é Cláudia Lopes Pereira Ângelo, sou casada e tenho dois filhos, moro em Rio Doce. Trabalho na Escola Municipal Lucília Lobo Pereira Martins na Educação Infantil com a qual me identifico.

Tenho formação em magistério, Normal Superior, pela FUPAC, em Ponte Nova, pós-graduação pela Faculdade Promove em Coordenação e Gestão Escolar, Supervisão Escolar, Inclusão Social e Inspeção Escolar.

Estou participando de todos os seminários e isso está enriquecendo minha prática pedagógica.

TURMALINA 8

Danielle Taynara Rosa Costa

Meu nome é Danielle Taynara Rosa Costa. Sou psicóloga formada pelo Centro Universitário de Viçosa, concluí o curso em dezembro de 2021. Concluí o ensino médio em uma escola Estadual na cidade de Ponte Nova em 2017, onde sou naturalizada. Consegui fazer a graduação com a bolsa de estudos FIES.

O curso foi uma conquista muito grande, pois sempre fui apaixonada pela profissão e, durante os estágios, descobri minha paixão pela área escolar/educacional. Fiz estágio em uma escola municipal de Viçosa, também na paróquia da igreja católica da cidade, onde ficavam as crianças.

Fiz também estágio juntamente com a equipe da sala recreativa em Ponte Nova, para onde eram encaminhadas crianças pelas escolas e pelos PSFs da cidade. Juntamente com uma equipe multidisciplinar, eram feitos atendimentos às crianças e aos responsáveis.

Com essa grande experiência, me vi cada dia mais interessada pela área, bem como enxergava e ainda enxergo a necessidade de buscar sempre o melhor dentro da profissão, sendo a especialização uma grande oportunidade para eu poder me aprofundar nesta área.

TURMALINA 9

Eloisa Helena da Silva Ângelo

Olá! Meu nome é Eloísa Helena. Sou natural de Sem Peixe, com fortes raízes aqui em Rio Doce. Minha mãe nasceu aqui. Foi também aqui que, aos vinte e um anos de idade, voltei à sala de aula, não como professora, mas como aluna do 5º ano do ensino fundamental.

Casei-me e passei alguns anos em outras cidades. Retornei em 2011 e em 2016 comecei a trabalhar na E.E. Maria Amélia, a mesma escola que me acolheu como aluna. Trabalho como ATB e, devido ao contato diário com os alunos da escola, senti a necessidade de estudar mais para compreender melhor esse universo e acabei me apaixonando.

Concluí a licenciatura em Pedagogia em 2020 e estou cursando Educação Especial, também pelo mesmo motivo da Pedagogia. Considero um privilégio essa oportunidade de fazer pós-graduação com professores, mestres e doutores de uma universidade federal de renome como a UFOP.

Assim, as expectativas são enormes. Tenho certeza de que, apesar das minhas limitações, vou aprender muito.

Márcia Ambrósio

*Professora Associada do Departamento
de Educação e Tecnologias (UFOP)*

Conclusões provisórias:

pegadas da vida, das palavras
que voam, poetizam e encantam

As finalizações provisórias desta obra serão entrecruzadas com o texto do professor Alexandre Gomes Soares. Ele faz uma releitura da crônica de Rubem Alves “Borboletas”, da obra “Alegria de Ensinar”, mostrando, em suas palavras, que dele - remete a Rubem Alves, mas aqui as palavras são do prof. Alexandre um “momento literário, poético e afetivo permeia, inicialmente, a condição humana e a importância da leitura na formação humanística dos sujeitos”.

Outrossim, trazemos mais duas poesias: uma da cursista Célia Leandro (1998), “Chegada e partida” e “Pelo retrovisor”, com o intuito de fechar nossa obra com as bonitezas e sabedezas estéticas. Tais poesias, por meio da “dança das palavras”, podem traduzir e encantar nosso ofício docente e, além disso, nossa forma de viver.

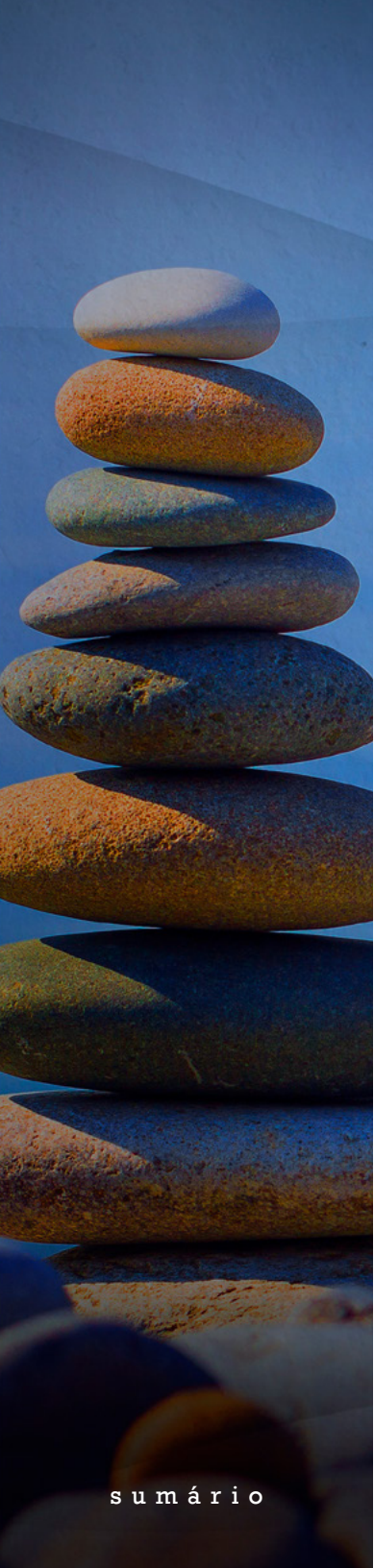
ENTRE

VIDAS

DAS

TECITURAS

DOCENTES



Palavras que mobilizam o fazer docente:

releituras de Rubem Alves

Alexandre Gomes Soares

*Professor Adjunto na Universidade Federal dos
Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM)*

O convite para interpretar a crônica de um corpo com asas de Rubem Alves foi tomado por sensações que atravessam a prática docente, a atuação no âmbito da gestão pedagógica e o compromisso com uma educação pública de qualidade, conforme Apêndice 1 - *Webdebate polissêmico da obra Alegria de Ensinar (Rubem Alves)*. Participar desse momento literário, poético e afetivo permeia inicialmente a condição humana e a importância da leitura na formação humanística dos sujeitos.

As vivências sentidas pelas narrativas de diversas educadoras e educador como “O sapo”, interpretado pela Psicopedagoga Érica Rezende; “Eu, Leonardo”, narrado pelo educador Wellington Paula; “Lagartas e borboletas”, apresentado pela Professora Stella Maria Peixoto de Azevedo Pedrosa; “Bolinhas de gude”, apresentado pela professora Ana Valéria de Figueiredo; e “Ensinar o que não se sabe”, exposto pela Professora Angelita Aparecida Azevedo Freitas.

Ao iniciar a leitura de um corpo de asas, somos envolvidos pelo desejo de voar para vários lugares. E o voo se dá pela palavra, pela formação das primeiras letras, sons. Palavras que nos levam para lugares do campo da imaginação onde os sonhos se tornam realidade. Sonhos que estejam marcados por um país equânime nas suas dimensões educacionais, sociais e culturais.

Rubem Alves nos convida a compreender uma narrativa de um corpo com asas. A provocação é lançada na direção dos múltiplos olhares em que acontece a visão do mundo pela percepção da existência de vários casulos ao redor do meio em que circulamos. Neste meio, estamos envolvidos por várias mudanças sociais e especialmente por transformações internas e externas que nos cercam. Alves proporá uma aproximação com o universo de Mariana. Uma criança que começa a conhecer o mundo letrado em especial passando pelas diversas fases da leitura e da escrita.

Mariana começa a vivenciar diversas fases da alfabetização e letramento, que envolvem o conhecimento do alfabeto, a consciência do tamanho das palavras e o conhecimento dos sons, da ortografia. É nessa experiência com o mundo que Mariana começa a vislumbrar a tecnologia da escrita, alçando voos para várias leituras de palavras, conhecimento da escrita. Alves (2007, p.56) destaca que nesta vivência Mariana aprendeu a falar.

Com esse aprendizado, ela ganhou o poder de voar pelos mundos que moram nas palavras. Palavras essas que no campo da psicanálise, da medicina, da poesia são percebidas de formas específicas.

Ao pensar nos voos de Mariana, relembro de imediato das crianças que estão no espaço escolar e buscam levantar suas primeiras “voaduras”, adejos. Crianças que podem ser conhecidas como Bintou, Lelê, Camila, Paola, Marcos e outros nomes. Crianças que vivenciam um cenário complexo em razão do contexto pandêmico, dos cortes

nos recursos da educação básica, expostas a diversos impactos da ingerência do governo federal por ausência de políticas públicas.

Por outro lado, tenho esperança de novos tempos e acredito que essas crianças vencerão esses obstáculos como aquele menino do rio na versão de Manoel de Barros (2010). Outra criança que também aprendeu a usar as palavras. Fez peraltices s com as palavras. Foi capaz de modificar a tarde botando uma chuva nela.

O menino fazia prodígios. Até fez uma pedra dar flor. É nessa perspectiva que compreendo essa atividade realizada neste formato síncrono que foi denominado como *webprosa*. A proposta desse evento deu a tônica do poder da palavra, que promoveu a reflexão docente, a sensibilidade pedagógica e a percepção de múltiplos olhares.

O convite permeou povoar os mundos pela narrativa, melodia e os voos por diversos mundos da palavra. Foi nas experiências das crianças com o mundo e o ato educativo que nossa afetividade se amplia e assim buscamos consolidar nossa prática docente.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rubem. **A alegria de ensinar**. São Paulo: Ars Poetica Editora Ltda, 2007.

BARROS, Manoel. **Poesia Completa**. São Paulo: Leya, 2010.

Apêndice 1

Webconferência: Debate polissêmico da obra Alegria de Ensinar (Rubem Alves)

COORDENADORA E MEDIADORA:
DRA. MÁRCIA AMBRÓSIO (UFOP)

Data: 05/10/2022

Descrição:

Este debate deu continuidade ao primeiro WebEncontro, intitulado de Ana(s), realizado em 05 de outubro de 2021 em que homenageamos docentes e discentes e outras pessoas que perderam a vida na pandemia causada pelo novo coronavírus. O formato da Webprosa estimula a sensibilidade pedagógica, a amorosidade docente trazendo para o debate o olhar de diferentes pensadores(as) da educação, em forma de prosas, versos, passos de dança, músicas, depoimentos, comentários de especialistas etc.. Estamos fazendo uma interpretação polissêmica das obras de Rubens Alves, a partir de um olhar do processo educativo que possibilita saber, aprender e refletir por meio das diferentes formas.

Capítulos e convidados:

“A lei de Charlie Brown” - Dra. Viviane Pimenta Raposo (UFOP);

“O sapo” - Psicopedagoga Érica Rezende (Clínica Institucional em Varzinha/MG);

“Eu, Leonardo” - Wellington Cardoso de Paula (Curso de Práticas Pedagógicas/UFOP);

“Lagartas e borboletas” - Dra. Stella Maria Peixoto de Azevedo Pedrosa (UNESA);

“Bolinhas de gude” - Dra. Ana Valéria de Figueiredo (UNESA/UERJ);

“Um corpo com asas” - Dr. Alexandre Gomes (UFMG);

“As Receitas” - Dr. Clayton José Oliveira (UFOP);

“Ensinar o que não se sabe” - Dra. Angelita Aparecida Azevedo Freitas (UFOP)



Leia o QR Code e veja a Webconferência.

Chegada e partida (Para cursos)

*Quando chegamos
Pensamos, agimos
Encontramos...
Tantos olhos, mãos
Falas, decisões.
Ideias e construções,
Conhecimentos, renovações.
Alegrias, tristezas;
Sonhos, fantasias,
Realizações e frustrações,
Princípios e fins...
O começo... novidade;
O meio... conhecimento;
O fim... realização.
A certeza.
Não somos totais.
Não somos únicos.
Somos princípio ...meio ... fim
De algo que chega
Que depende de nós*

*Pra nascer, crescer, frutificar...
Somos um todo no todo.
Emoção e razão,
Amor e participação.*

(LEANDRO, 2000, p. 44)

O retrovisor (A Juiz de Fora- cidade do coração)

*Tu vens chegando
Aproximando-se aos poucos
Mas, de repente, distancias,
Te perdes no tempo e então...
Perco a visão, a noção...
Outra vez te aproximas
Vais chegando devagar
Trazendo brilho e alegria
Fazendo o coração disparar
Vens surgindo como o sol
Uma maravilha entre as nuvens
Te cobrindo, uma neblina
Tão florida e aconchegante
Me acolhe em teus braços
Por vezes, me deixas só
Louca para de ti fugir.
Mas, tão louco é este amor
Que de ti, não me deixa sair.
Se enraizou, se aflorou
Tomou conta do meu ser.
E agora, quando te vejo
Surgir e desaparecer
Linda Manchester Mineira
Sei que já sou tua
E que daqui não posso mais sair.
Faz-me saber enfim
que és parte de mim e eu de ti.*

(LEANDRO, 1985, p. 41)

REFERÊNCIAS

LEANDRO, Célia Aparecida. Pelo Retrovisor. In: LEANDRO, Célia. **Além dos Sonhos**: Livro de Poesia, 1985 [mimeo].

LEANDRO, Célia Aparecida. Chegada e partida. In: LEANDRO, Célia. **Trilhas** Livro de Poesia, 2000 [mimeo].

Sobre as Autoras e as Organizadoras



Márcia Ambrósio Rodrigues Rezende

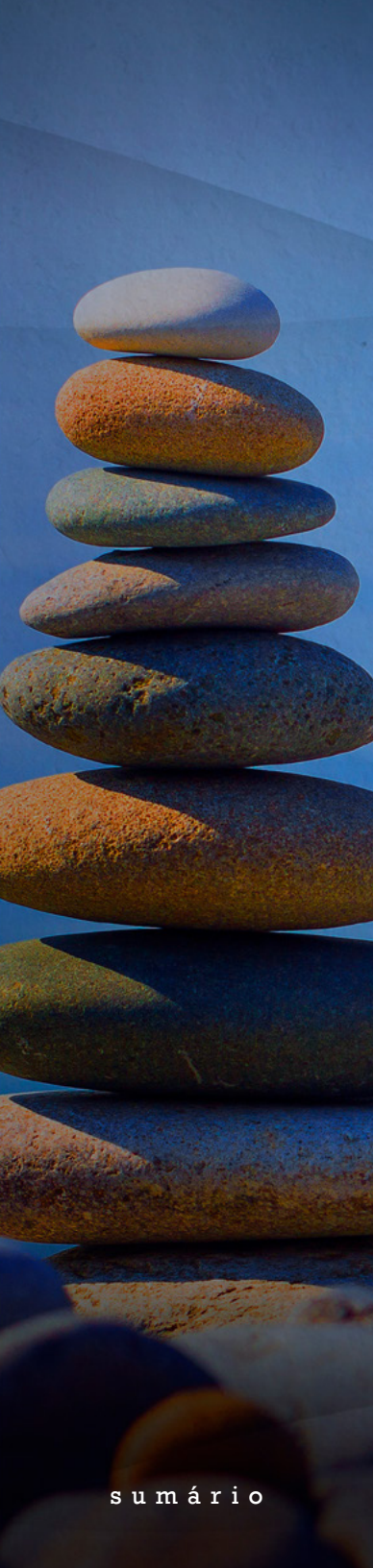
Mestra e Doutora em Educação pela UFMG, com Pós-Doutorado pela Universidade de Barcelona. É Professora Associada no DEETE/UFOP, Coordenadora e Presidente do Colegiado do Curso de Práticas Pedagógicas. Seus temas de estudos, pesquisas no CNPq e FAPEMIG, que resultaram em publicações de livros, artigos e cadernos didáticos e destacamos alguns, a seguir: É autora dos livros *O Uso do*

Portfólio no Ensino Superior (2013) e *Avaliação, os registros e o portfólio: resignificando os espaços educativos no ciclo das juventudes* (2015), publicados pela Editora Vozes. Organizou, com Hércules Toledo Corrêa, o livro *Mediação Tecnológica e formação docente*, publicado pela Editora CVR (2017). Ademais, com Eduardo Mognon Ferreira, mais duas obras foram publicadas, *O uso dos jogos de tabuleiro e do E-portfólio Brincante no processo educativo* e *Cadernos Didáticos: o uso dos jogos no processo educativo*, pela Editora CRV, em 2020. Publicou com Wagner Patrick Junqueira de Souza Coelho Nicácio o livro *O uso do webfólio e das tecnologias no ensino de Física*, pela Editora Pimenta Cultural (2021). É autora de 4 capítulos de livros sobre as pesquisas que realiza em formação de professores, a relação pedagógica, avaliação na modalidade presencial e a distância. Escreveu e organizou, também, vários livros didáticos nas seguintes temáticas: formação docente e a avaliação da aprendizagem, modernidade/avaliação da aprendizagem, as infâncias como construção social, jogos e brincadeiras, educação do corpo e do movimento, escritos para Curso de Pedagogia/EAD/DEETE/UFOP. Atua como docente em diferentes disciplinas no Curso de Licenciatura em Pedagogia (EAD) e nas seguintes disciplinas do Curso de Especialização em Práticas Pedagógicas: *Tendências da Pesquisa em Educação e Formação Docente*, *Seminário de Pesquisa e TCC*.

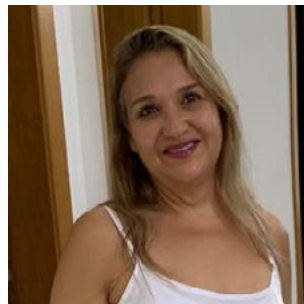
E-mail: marcia.rezende@ufop.edu.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5989203362946532>;

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2354-8306>



Viviane Raposo Pimenta



É natural de Uberlândia, interior de MG. Doutora em Letras – Linguística e Língua Portuguesa, tendo realizado PDSE na Université de Lorraine em Nancy - Fr, e em Direito. Professora Adjunta no Departamento de Letras, atuando na Graduação e Pós-Graduação. No Curso de Pós-Graduação em Práticas Pedagógicas do Departamento de Educação e Tecnologias da UFOP, atua como coordenadora de tutores e no Colegiado do Curso de Práticas Pedagógicas.

É membro das equipes fundadoras dos grupos de pesquisa Núcleo de Estudos em Linguagem Letramentos e Formação - NELLF - PUC - Minas, Laboratório de Linguagens e Formação de Professores - LALIN - ICBS - UFOP e Multiletramentos e uso das Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação na Educação - Multidics - CEAD - UFOP. Coordenadora do Centro de Línguas e Culturas da UFOP e do Núcleo de Línguas ISF da UFOP Rede Andifes. Dedicar-se à pesquisa em Linguística Aplicada com ênfase na Formação de Professores, atuando nos seguintes eixos: letramentos sociais, multiletramentos, ensino/aprendizagem de línguas materna e estrangeiras, profissionalização do professor, métier docente, análise do discurso, identidade docente, educação em direitos humanos. Autora de diversas publicações na área.

E-mail: viviane.pimenta@ufop.edu.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7362858178280764>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0613-1901>

Sobre os Autores e as Autoras



Alexandre Gomes Soares

É Doutor em Educação (USP). Mestre em Educação Tecnológica (CEFET/MG). Realizou estágio de pós-doutorado na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). É especialista em Gestão de Pessoas e Projetos Sociais pela UNIFEI e em Planejamento, Implementação e Gestão de Educação a Distância pela UFF. É Professor Adjunto na Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. É pesquisador no Grupo de Estudos e Pesquisas sobre

Currículos e Culturas (GECC/CNPq), da Faculdade de Educação da UFMG.

E-mail: prof.alexhis@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2280707646300775>

Orcid: [ORCID: 0000-0001-6835-1155](https://orcid.org/0000-0001-6835-1155)



Angelita Aparecida Azevedo Freitas

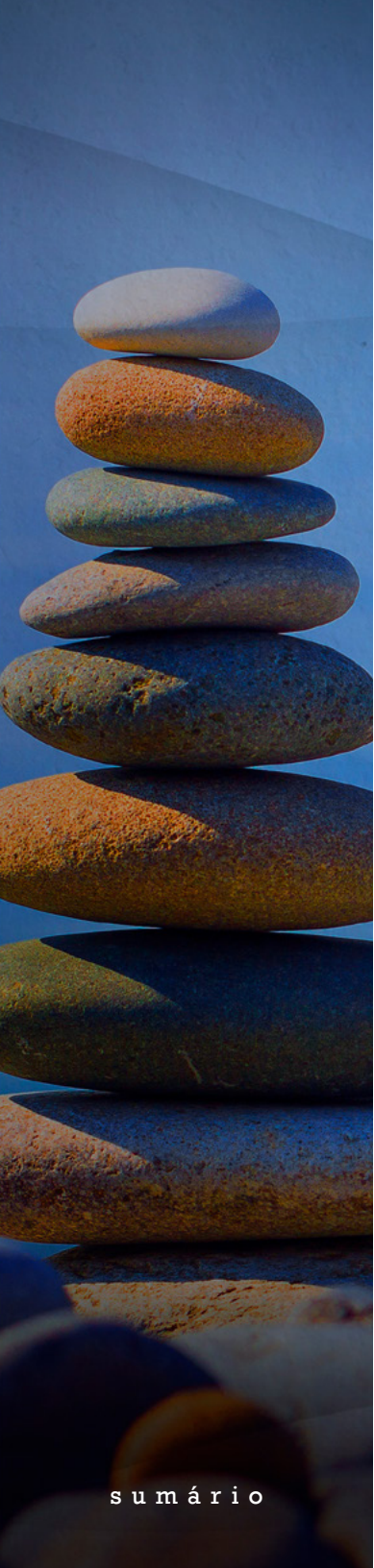
É natural de Mariana, MG. Doutora em Educação pela UFMG, mestre em Educação pela UFOP, pedagoga e professora. Investiga, principalmente, a formação de educadores e a Educação de Jovens e Adultos. Tem experiência na docência na Educação Infantil, no ensino fundamental e no ensino superior, na direção e coordenação pedagógica nas redes pública e privada. No curso de Pós-Graduação em Práticas Pedagógicas do Departamento de

Educação e Tecnologias da UFOP, desenvolve o seu trabalho como tutora.

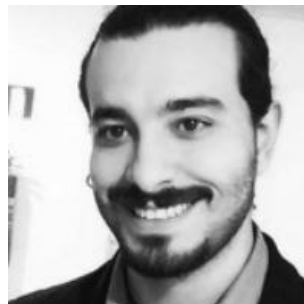
E-mail: posmra@yahoo.com.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6487985001762300>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-5578-7643>



Clayton Jose Ferreira



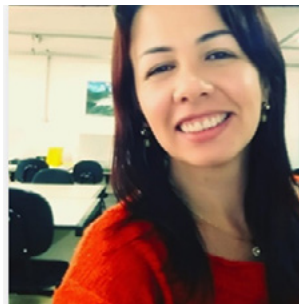
Pós-doutor, doutor, mestre, bacharel e licenciado em História pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) na área de concentração Poder e Linguagens. Formação complementar no curso *Atlantic Folds: Indigeneity and Modernity* na Universidade de Stanford, ministrado pelo professor PhD Vincent Barletta. Membro e secretário do Grupo de Pesquisa em História, Ética e Política (GHEP), que integra o Núcleo de Estudos em História da Historiografia e Modernidade (NEHM). Pesquisador vinculado à Linha de pesquisa “Poder, Espaço e Sociedade” do PPGHIS-UFOP. Membro da Sociedade Brasileira de Teoria e História da Historiografia (SBTHH).

E-mail: claytonjf15@hotmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8482025664983564>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6183-6288>

Fernanda Mara Fonseca da Silva



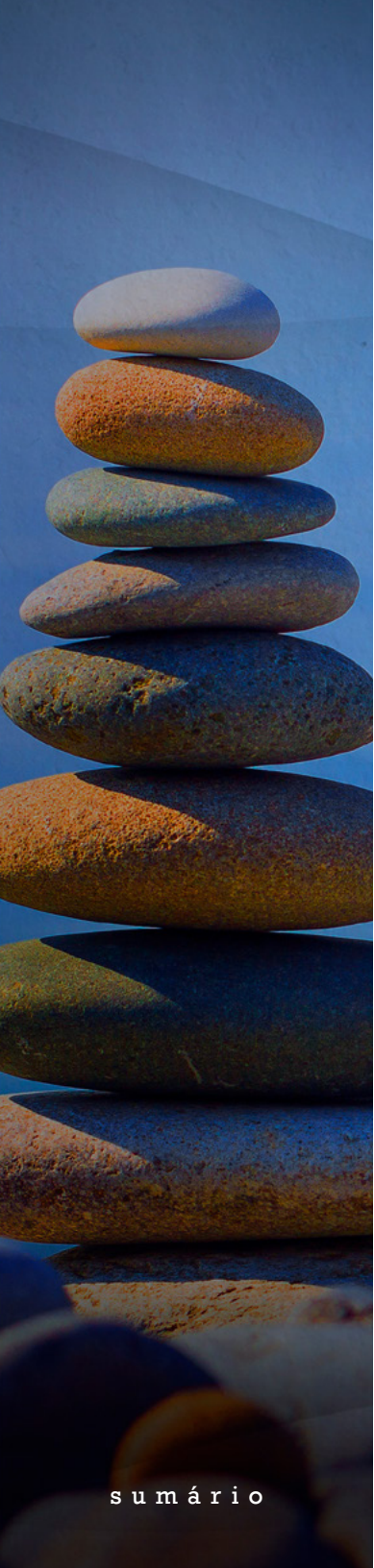
Graduada em Ciências Biológicas (Licenciatura) pela Universidade Federal de Ouro Preto. Doutora com ênfase em Meio Ambiente, pela mesma instituição. Experiência e amor na área educacional em Universidades federais e privadas, com mais de 10 anos de vivência no Centro de Educação a Distância/Universidade Aberta do Brasil (UFOP/CEAD/UAB), como Tutora, Orientadora, Coordenadora e Professora.

Docente em escolas públicas e privadas, atuando principalmente nas temáticas; Educação multidisciplinar (Crianças, Adolescentes e Adultos); Educação Inclusiva; Educação Socioambiental e do Campo; Programas de emissões e pegada de carbono, Desenvolvimento Sustentável (Agenda 2030), Geoconservação; Ecoturismo; Recursos Hídricos; Agricultura Familiar, Agroecologia, entre outros.

E-mail: fernandaceadufop@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8245895467816403>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2863-6193>



Karla Daniely Marques Raimundo



É natural de Ouro Preto, MG. É Especialista em Práticas de Letramento e Alfabetização pela Universidade Federal de São João Del Rei (2010). Tem pós-graduação lato sensu em Ciências das Religiões e é graduada em Pedagogia. Atualmente trabalha como professora efetiva da rede municipal de Itabirito, atuando no segmento de Educação Infantil. Atua como tutora a distância do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Ouro

Preto desde 2009 e como tutora a distância no curso de Especialização em Práticas Pedagógicas. Atuou também como Especialista em Educação na Escola Estadual de Ouro Preto-Polivalente (2009 a 2016) e na Escola Estadual Dr. Gomes Freire - Mariana (2004 a 2008). Tem experiência na área de Educação de jovens e adultos e atuou como coordenadora da Rede Cidadã na cidade de Ouro Preto no ano de 2013.

E-mail: karladaniely@yahoo.com.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0523627718340639>

Orcid: <https://orcid.org/0009-0008-2268-7751>

Helena Azevedo Paulo de Almeida



Bacharela, licenciada, mestra e doutora em História pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP). É pesquisadora integrante do Núcleo de Estudos em História da Historiografia e Modernidade (NEHM/UFOP), do Grupo de Pesquisa em História, Ética e Política (GHEP/NEHM/UFOP), do Laboratório de Ensino de História (LEHIS/UFOP), do Laboratório e Grupo de Estudos de História Política e das Ideias, da Universidade Federal do Espírito Santo (LEHPI/UFES), da HUMANAS - Pesquisadoras em Rede, do Grupo de Ensino, Pesquisa e Extensão sobre Matrizes Antropofágicas e Educação - GEPENAE na Universidade Federal da Bahia (UFBA) e do Instituto Histórico e Geográfico do Sul de Minas (IHGSM), onde desenvolve pesquisa em História da Educação, História do Ensino de História, Ensino de História, História Indígena e Ensino de Temática Indígena. Trabalhou no museu de Arqueologia e Etnologia Americana (MAEA/UFJF) da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), no Arquivo da Casa Setecentista de Mariana, sediado no Escritório Técnico do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), e, mais recentemente, na Universidade Federal de Ouro Preto como professora substituta, pelo departa-

mento de História, como tutora e professora no Centro de Educação a Distância (CEAD-UFOP) e como colaboradora externa do Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais (IFSUDESTE).

E-mail: helenoca@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2093922776141265>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6687-6289>



Hércules Tolêdo Corrêa

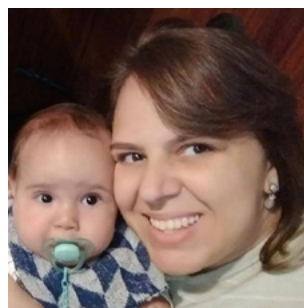
É doutor em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais, com pós-doutorado nas Universidades do Minho (Braga, Portugal) e de Toronto (York University, Toronto, Canadá). Professor Associado do Departamento de Educação e Tecnologias – DEETE do Centro de Educação Aberta e a Distância – CEAD da Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP. Líder do Grupo de Pesquisa MULTDICS Multiletramentos e usos das tecnologias digitais de in-

formação e comunicação na Educação. Áreas de ensino, pesquisa e extensão: multiletramentos, letramento literário, letramento digital, letramento acadêmico, ensino de português e de literatura, literatura para crianças e jovens, literatura e visualidade/materialidades.

Email: herculest@ufop.edu.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9999029041649489>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7368-5635>



Vivian Walter dos Reis

Tem graduação em Bacharelado e Licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Ouro Preto (2004), graduação em Pedagogia pelo Centro Universitário Internacional (2020), especialização em Planejamento Implementação e Gestão da Educação a Distância pela Universidade Federal Fluminense (2012), Mestrado em Engenharia Ambiental com ênfase em Saneamento pela Universidade Federal de Ouro Preto (2007). Atualmente

é técnica em laboratório da Universidade Federal de Ouro Preto, atuando no Laboratório de Imunobiologia da Inflamação e no Projeto de Extensão Abrace - grupo de acolhimento e Cuidado da Universidade Federal de Ouro Preto.

E-mail: vivianwr@ufop.edu.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7236187720994597>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5717-2880>

Ações do Programa Pedagogia Diferenciada: *Podcast e Playlist*

Todas as webconferências podem ser consultadas da obra *Tendências da Pesquisa em Educação* (AMBRÓSIO, 2023). Seguem os links do *Podcast* e das *playlists* para consulta e divulgação.

Playlist “Didática, multiculturalismo e saberes”

<https://youtube.com/playlist?list=PLg1jB-y3yIBnVFmElgSO5egCAECwfF7Vd>

QR Code:



Playlist O Corpo Brincante e o uso dos jogos

<https://youtube.com/playlist?list=PLg1jB-y3yIBn2XjtfXaxe9HzQyjcMS4Ze>

QR Code:



**3º Seminário Virtual “O Corpo Brincante e o
uso dos jogos no processo educativo”**

<https://youtube.com/playlist?list=PLg1jB-y3yIBk2jci27Rwx9DHTb4Qfc73n>

QR Code:



Playlist “Portfólio/E-Portfólio/Webfólio de aprendizagem”

https://youtube.com/playlist?list=PLg1jB-y3yIBlq3ls4EHpQXc5_m_rrRzHx

QR Code:



2º SEMINÁRIO VIRTUAL O CORPO BRINCANTE –
“Brincantes professores e o brincar das crianças”

https://youtube.com/playlist?list=PLg1jB-y3yIBmxMtysT8illZ75zWri_bjv

QR Code:



Playlist “Currículo escolar”

<https://youtube.com/playlist?list=PLg1jB-y3yIBnSZ9d0p0Mbu6DiraFeRcwt>

QR Code:



**Semana acadêmica do Curso de Licenciatura
em Pedagogia (EAD/UFOP)**

<https://youtube.com/playlist?list=PLg1jB-y3ylBmjdhAb42J58l8y2Ufp2urJ>

QR Code:



Webinário Ana(s)

QR Code:



**1º Webinário de Práticas Pedagógicas: “Vidas de professores(as)
e as múltiplas linguagens no processo educativo**

QR Code:



Webinário “O Corpo brincante no processo educativo”

QR Code:



Playlist do Webinário Pesquisa em Educação



Índice Remissivo

A

Ágata 40, 44, 79, 81, 82, 84, 88, 90, 92, 93, 96, 97, 104, 106, 107
agricultura 35, 101
alma 28, 64, 80, 210
Ametista 40, 44, 79, 81, 145, 148, 152, 154, 156, 158, 159
aprender 26, 36, 56, 71, 72, 81, 83, 93, 105, 111, 124, 135, 143, 146, 161, 163, 179, 181, 186, 189, 196, 202, 218, 219, 220, 223, 229, 231, 232, 233, 237, 241, 247
aprendizagem 23, 27, 43, 46, 53, 54, 64, 91, 95, 127, 145, 152, 157, 159, 198, 229, 230, 251, 252, 258

C

conhecer 28, 34, 37, 56, 61, 114, 123, 142, 143, 175, 176, 235, 237, 245
corazonando 73, 74
cursista 25, 27, 46, 60, 79, 166, 243

E

educação 21, 26, 29, 42, 45, 52, 56, 57, 62, 64, 65, 74, 80, 81, 82, 83, 84, 90, 92, 93, 95, 97, 98, 99, 100, 103, 106, 109, 110, 111, 112, 115, 117, 120, 121, 123, 130, 131, 135, 141, 146, 151, 152, 157, 158, 162, 164, 166, 167, 172, 181, 194, 195, 196, 198, 201, 202, 203, 204, 207, 208, 210, 211, 216, 219, 221, 229, 230, 232, 233, 235, 237, 238, 239, 244, 246, 247, 251, 252
emoção 28, 37, 61, 74, 119, 206, 208
enbonitando 74
ensino 23, 27, 46, 53, 57, 64, 73, 79, 82, 90, 93, 95, 98, 100, 101, 102, 105, 106, 115, 116, 120, 122, 125, 130, 131, 132, 133, 134, 145, 147, 150, 153, 156, 161,

175, 177, 178, 193, 195, 197, 198, 206, 207, 208, 214, 218, 219, 222, 223, 229, 232, 234, 240, 251, 252, 253
escre(viver) 27
Esmeralda 40, 44, 79, 81, 110, 111, 112, 113, 115, 117, 120, 122, 124, 127, 131, 134, 135, 137
estado de espírito 28
experiência 27, 28, 46, 55, 57, 59, 60, 62, 72, 79, 84, 86, 96, 97, 100, 104, 105, 128, 136, 146, 163, 167, 176, 181, 182, 184, 186, 190, 197, 205, 220, 235, 240, 245, 253, 255

H

história 27, 28, 29, 33, 53, 59, 60, 63, 64, 69, 71, 79, 82, 84, 86, 87, 100, 109, 115, 118, 123, 124, 126, 133, 148, 149, 161, 162, 163, 165, 166, 167, 172, 202, 204, 206, 210, 217

L

leitura 29, 69, 80, 84, 86, 92, 128, 132, 160, 176, 218, 238, 243, 244, 245
linguagem 26, 35, 46, 71, 72, 73

N

narrativa 26, 53, 63, 86, 87, 88, 166, 187, 245, 246

P

pausa poética 25, 50, 66, 68, 75, 79, 168
poema 25, 79, 167
prática pedagógica 54, 57, 68, 227, 239
pré-história 33
professor 26, 45, 46, 55, 59, 60, 67, 68, 70, 72, 73, 83, 92, 98, 100, 103, 105, 107, 109, 110, 111, 112, 143, 165, 167, 183, 185, 199, 225, 243, 252, 254

R

Rio Doce 21, 22, 23, 25, 38, 39, 42, 43, 44,
48, 50, 51, 65, 66, 68, 69, 70, 115, 116,
125, 126, 154, 155, 167, 168, 170, 171,
174, 177, 180, 181, 186, 190, 192, 194,
198, 200, 201, 204, 205, 206, 207, 208,
215, 216, 217, 219, 220, 222, 223, 224,
226, 231, 232, 233, 236, 238, 239, 240

S

sabedoria 49, 70, 71, 72, 73
Safira 40, 44, 171, 201, 204, 206, 207,
209, 212, 218, 220, 222, 223
Santa Cruz do Escalvado 21, 22, 23, 38, 39,
42, 43, 44, 69, 70, 76, 77, 79, 80, 81, 82,
85, 90, 92, 93, 96, 97, 101, 103, 104, 106,
107, 108, 113, 114, 116, 118, 121, 122,
124, 126, 127, 128, 134, 136, 137, 138,

140, 145, 148, 149, 151, 152, 153, 155,
156, 159, 162, 179, 190, 206, 207, 212,
213, 214, 220, 221, 231
sentimento 28, 72, 103, 112, 126, 166, 224
sentipensando 74

T

TPE 56, 57, 59
Turmalina 40, 44, 171, 172, 228, 231, 232,
233, 236, 239, 240
Turquesa 40, 44, 171, 176, 177, 178, 180,
182, 187, 190, 192, 193, 195, 196

V

vivência 28, 41, 86, 88, 103, 120, 128, 176,
187, 228, 245, 254

Coleção Práticas Pedagógicas

www.pimentacultural.com

Escre (vidas) docentes

as rochas do conhecimento



DEETE
Departamento de
Educação e Tecnologias

